

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

FERNANDA GALLINARI SATHLER MUSSI

CONSERVADORISMO E POLÍTICA:
CARLOS LACERDA EM SUAS OBRAS LITERÁRIAS (1964-1977)

Juiz de Fora

2020

FERNANDA GALLINARI SATHLER MUSSI

CONSERVADORISMO E POLÍTICA:
CARLOS LACERDA EM SUAS OBRAS LITERÁRIAS (1964-1977)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora, linha de pesquisa Narrativas, Imagens e Sociabilidades, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti

Juiz de Fora

2020

MUSSI, Fernanda Gallinari Sathler.

Conservadorismo e política: Carlos Lacerda em suas obras literárias (1964-1977)
/ Fernanda Gallinari Sathler Mussi. -- 2020.

157 f. : il.

Orientador: Rodrigo Christofolletti

Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de História. Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

1. Carlos Lacerda; 2. Trajetória política; 3. Literatura lacerdista; 4. *A casa do meu avô*; 5. Direita. I. Chrstofolletti, Rodrigo, orient. III. Título.

FERNANDA GALLINARI SATHLER MUSSI

CONSERVADORISMO E POLÍTICA:
CARLOS LACERDA EM SUAS OBRAS LITERÁRIAS (1964-1977)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora, linha de pesquisa Narrativas, Imagens e Sociabilidades, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti

BANCA EXAMINADORA

Professor convidado: Prof. Dr. Márcio de Paiva Delgado

Professor interno: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti

Juiz de Fora

2020

A meus queridos pais, meus grandes amores.

AGRADECIMENTOS

A sensação de me tornar mestre é uma das mais gratificantes que já senti em toda a minha vida. Apresentam-se aqui os resultados da pesquisa historiográfica que desenvolvi entre os anos de 2018 e 2020, tendo como objetivo a obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A hora, agora, é de agradecer.

Agradeço ao PPG em História, que acreditou no meu projeto e trabalho, abrindo as portas para eu ingressar no programa. Estendo o agradecimento a todos os professores do Departamento de História da UFJF, em especial aos professores do PPG, Silvânia Barbosa, Jorge Ferreira e Cláudia Viscardi, pelas aulas ministradas durante esse período; o conhecimento adquirido foram essenciais para a pesquisa. Agradeço ainda à Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo investimento, pois sem as bolsas o trabalho investigativo não seria possível.

A meu querido orientador e amigo, Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti, que acreditou em mim quando eu já duvidava dos meus sonhos. A ele dedico meus sinceros agradecimentos. Às vezes, uma única palavra de apoio nos momentos de desânimos era o suficiente para eu enfrentar as dificuldades e seguir em frente. Obrigada, professor!

À banca de qualificação, professores doutores Leandro Pereira Gonçalves e Márcio de Paiva Delgado. Agradeço pelas sábias palavras que ajudaram a “lapidar” o meu trabalho. O Prof. Dr. Márcio, especialista no *Lacerdismo*, incansavelmente contribuiu para a formação de cada capítulo. É um espelho! Sua dissertação e tese também foram fundamentais para o avanço nos conhecimentos e referências.

Agradeço, especialmente, ao Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves, meu futuro orientador no doutorado. Meu profundo agradecimento pelo apoio, suporte e amizade. Gratidão sempre!

À Universidade de Brasília, principalmente em relação ao “Arquivo de Obras Raras” e o “Fundo Carlos Lacerda”, localizados em sua Biblioteca Central. Aos funcionários, responsáveis pelo arquivo, obrigada. As visitas e o tempo dedicado ao arquivo foram essenciais e contribuem profundamente para a veracidade do trabalho.

Com carinho especial, à instituição em que eu leciono, Colégio Cristo Redentor, (Academia de Comércio - AC), que sempre incentivou as minhas pesquisas, sem medir esforços, mesmo quando precisei me ausentar para a realização de alguma prova, pesquisa ou

apresentação. O AC sempre vai estar no meu coração. Tenho orgulho de trabalhar em uma escola humana, onde o aluno está em primeiro lugar.

Estendo meus agradecimentos a cada aluno, que com muitos abraços, carinho e palavras sinceras me apoiaram nessa reta final. Em alguns dias, o estresse falava mais alto. A preparação para o doutorado e a finalização do mestrado me deixavam exaustas. Mesmo assim, eles ficaram do meu lado. Tenho certeza de que continuar estudando é a única forma de melhorar cada dia mais as minhas aulas. É para vocês esse título!

De ordem pessoal, agradeço incondicionalmente à minha família. Meus pais, Fernando e Nena, e meu querido irmão, Gabriel, que sempre me encorajaram a continuar estudando e a acreditar na profissão de professor. Em especial a minha mãe, que não mediu esforços para eu chegar até aqui. Orou, confiou e me ensinou a orar e a confiar. Obrigada, Deus, pelos meus pais. Agradeço também a meus amigos, não citarei nomes para evitar esquecimentos. Não posso esquecer de minha minicompanheirinha, Sophie Charlotte.

E, por fim, mas não menos importante, pelo contrário, agradeço ao meu grande amor, Leandro, que com muita paciência esteve a todo momento ao meu lado. Você é meu sorriso diário, amor.

Aproveito para me desculpar pelos momentos de ausência, que foram dedicados a muitos estudos para chegar até aqui. Enfim mestre! Obrigada.

A todos os professores, Avante!

Eu tinha vontade de ser escritor, político não. Não gosto de política, acho conversa política uma conversa chatíssima, acho os interlocutores em gerais muito chatos, no que já estou fazendo injustiça a vários deles. Gosto é do poder, política para mim é um meio de chegar ao poder. Acho que ser oposicionista é muito mais difícil do que ser governo. Exatamente na medida em que oposicionista de verdade, quer dizer cumprir seu dever de oposição, vigilância, de crítica, é muito mais frustrante do que ser governo. (LACERDA, 1978, p. 402).

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo estudar a trajetória do escritor e político Carlos Lacerda, em produções pós-Golpe Civil-Militar de 1964. Lacerda foi político e escritor, além de jornalista, literato, tradutor, produtor, editor e admirador das flores e da botânica. Conseguiu ter o seu nome vinculado a vários movimentos políticos, além de ter centralizado de tal maneira a atenção nacional, seja ela pela oratória, escrita, seja pelo empoderamento com que lutava pelo que acreditava. O presente trabalho não trata apenas de mais uma narrativa histórica do personagem; a dissertação foi construída a partir das obras literárias produzidas por esse intelectual, e as escolhidas foram as publicadas pós-1964. A delimitação deve-se ao fato de a relevância do período não ser apenas nacional, mas pessoal: Lacerda, em 1964, acreditava que seria eleito à Presidência em 1965, e participou, portanto, do Golpe Civil-Militar. Entretanto, após as primeiras medidas tomadas pelo presidente Castello Branco, como a adiamento das eleições, Lacerda percebeu que os direcionamentos políticos não sairiam conforme o seu planejamento. As produções de 1965 foram escritas, portanto, em um período no qual Lacerda havia se decepcionado com a política e com os políticos. Dessa forma, serão discutidas algumas obras relevantes de autoria desse personagem, sobretudo sua última publicação, *A casa do meu avô*, considerada o seu último suspiro, já que faleceu no ano de publicação da obra (1977), autobiografia que ajuda a defender a hipótese de que a literatura lacerdista estava sendo feita propositalmente para expor suas concepções sobre a política vigente, mesmo em meio às censuras impostas pelos militares. Em resumo, interessa aqui construir a trajetória do discurso político de Lacerda pós-Golpe Militar, utilizando, contudo, as obras literárias do sujeito aqui abarcado para estudo. Para isso, além das autorias de Carlos Lacerda, serão avaliados os registros da pesquisa feita no Arquivo Carlos Lacerda – Biblioteca Central da UnB – Brasília/DF, como os periódicos (jornais e revistas) de grande circulação nacional no período, destacando-se a *Tribuna da Imprensa*. Mas, como um dos objetivos dessa pesquisa é também realizar uma reunião do saber já produzido sobre Carlos Lacerda, será realizado um levantamento bibliográfico acadêmico, além de memorialista, sobre o personagem, buscando-se realizar uma síntese desse conhecimento.

Palavras-chave: Carlos Lacerda; Trajetória política; Literatura lacerdista; *A casa do meu avô*; Direita.

ABSTRACT

This dissertation aims to study the trajectory of the writer and politician Carlos Lacerda, in 1964 Civil-Military postcoup productions. Lacerda was a politician and writer, as well as a journalist, literary, translator, producer, editor and admirer of flowers and botany. He managed to have his name linked to several political movements, in addition to centralizing national attention, whether by the oratory and written, whether by the way he fought for what he believed. The present work is not simply about another historical narrative of the character; this dissertation was built from the literary works produced by this intellectual, and the works chosen were those published after 1964. The delimitation is due to the fact that the relevance of the period is not only national but personal: Lacerda, in 1964, believed that he would be elected to the presidency in 1965, and therefore participated in the Civil-Military coup. However, after the first decisions taken by President Castello Branco, as the elections postponing, Lacerda noticed that his political directions did not come out as planned. The 1965 productions were therefore written at a time when Lacerda was disappointed with politics and politicians. In this way, some relevant works by this character will be discussed, especially his last publication, *A casa do meu avô*, considered his last inspiration, since he died in the year of publication of the book (1977), an autobiography that helps us to defend the hypothesis that Lacerdist literature was being made on purpose to expose his conceptions about the current politics, even throughout censorship imposed by the military government. In short terms, we are interested in building the trajectory of Lacerda's political discourse after the military coup, using, however, the literary works of the character included here for study. For this, in addition to the authorship of Carlos Lacerda, the research records made in the Arquivo Carlos Lacerda – Biblioteca Central da UnB – Brasília/DF, will be analyzed, as periodicals (newspapers and magazines) of wide national circulation in the period, being highlight *A Tribuna de Imprensa*. But, as one of the objectives of this research is also to gather the knowledge already produced about Carlos Lacerda, it was made an academic bibliographic research, memoirist, about the character, and we looked to make a synthesis of this knowledge.

Keywords: Carlos Lacerda; Political trajectory; Lacerdist literature; *A casa do meu avô*; Right wing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - “O corvo”, Carlos Lacerda.....	44
Figura 2 - Da série: Hotel Brasil. Ala-Mir. A Marcha, 27/04/1957.....	58
Figura 3 - Charles de Gaulle toma chá com Castello Branco enquanto é observado por Carlos Lacerda. Ala-Mir. A Marcha, 13/05/1957.....	76
Figura 4 - Contribuição de Lacerda para a obra de Lobato.....	82
Figura 5 - Capa da primeira edição da obra <i>A casa do meu avô</i> , publicada pela Editora Nova Fronteira em 1976.....	145
Figura 6 - Contracapa da primeira edição da obra <i>A casa do meu avô</i> , publicada pela Editora Nova Fronteira em 1976.....	146
Figura 7 - Capa e contracapa da segunda edição da obra <i>A casa do meu avô</i> , publicada pela Editora Nova Fronteira, em 1977.....	147
Figura 8 - Capa e contracapa da edição especial comemorativa dos 40 anos da editora Nova Fronteira, em 2005.....	150

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI	Ato Institucional
AIB	Ação Integralista Nacional
ANL	Aliança Nacional Libertadora
AORCL	Arquivo Carlos Lacerda – Biblioteca Central da UnB – Brasília/DF
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PAEG	Plano de Ação Econômica do Governo
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrata
PSP	Partido Social Progressista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
UDN	União Democrática Nacional
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A TRAJETÓRIA DE CARLOS LACERDA: CAMINHOS DE UM PROTOESCRITOR	24
1.1 SURGIMENTO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO.....	27
1.2 A EXPULSÃO DE LACERDA DO PCB.....	30
1.3 A IMPORTÂNCIA DO SURGIMENTO DA UDN NA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE CARLOS LACERDA.....	33
1.3.1 Nasce o “rato fiúza”	37
1.4 O RETORNO DO GETULISMO: A VITÓRIA DO POPULISMO.....	38
1.4.1 Samuel Wainer e a <i>Última Hora</i>	42
1.4.2 As diversas faces das relações entre Carlos Lacerda e JK/Jango: o retorno de Getúlio sem Getúlio	53
1.4.3 Estabilidade/instabilidade política no governo JK	56
1.4.4 De inimigos a parceiros: a criação da Frente Ampla	59
1.5 JÂNIO QUADROS: AMIGO OU INIMIGO?.....	61
1.5.1 As dificuldades para a posse de Goulart	68
1.6 A CONCRETIZAÇÃO DE UMA CONSPIRAÇÃO: A DITADURA MILITAR.....	73
1.6.1 Reação familiar pós-falecimento de Lacerda	79
2 O POLÍTICO QUE ERA ESCRITOR OU O ESCRITOR QUE ERA POLÍTICO?	81
2.1 UM ESCRITOR EM FORMAÇÃO.....	81
2.2 A TRAJETÓRIA DO GOLPISTA QUE FOI GOLPEADO (1964-1977).....	84
2.2.1 Quando ainda era amor: as maravilhas da “Revolução”	87
2.2.2 A transformação do amor em ódio: nem tantas maravilhas assim	91
2.2.3 O <i>Cão Negro</i>: o fim	102
2.3 TRADUZIR TAMBÉM É UM MEIO DE CHEGAR AO PODER.....	105
2.3.1 <i>Júlio César</i> (1966)	106
2.3.2 <i>Em cima da hora: a conquista sem guerra</i> (1964)	108
2.3.3 <i>O Triunfo</i> (1968)	112
2.4 A PRAGMÁTICA PUBLICIDADE: A IMPORTÂNCIA DOS JORNAIS E DA EDITORA NOVA FRONTEIRA.....	114

3 A CASA DO MEU AVÔ: UM ACERTO DE CONTA COM O PASSADO.....	121
3.1 ANÁLISE DA OBRA A <i>CASA DO MEU AVÔ</i> : OS SUBENTENDIDOS.....	125
3.1.1 Os anos de chumbo e a cassação.....	127
3.1.2 Seus maiores incentivadores.....	131
3.1.3 Uma tristeza que nunca passava.....	136
3.1.4 Algumas revelações.....	139
3.2 CAPA, CONTRACAPA, PREFÁCIOS E ORELHAS.....	144
3.2.1 Edição especial: 40 anos da editora Nova Fronteira.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS.....	155

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, ser um investigador *Lacerdista* causava desconfiança. Ainda não havia um olhar especial para a História Política, além do fato de que não era muito comum estudar a direita brasileira, uma vez que o país havia passado por dois grandes momentos ditatoriais, sendo que o último ainda era muito recente, o Golpe Civil-Militar de 1964. Portanto, não se compreendia a relevância de estudar pensamentos voltados para a direita, como os estudos sobre o *Lacerdismo*. Hoje, mesmo com o aumento de pesquisas acadêmicas nesse âmbito, ainda há lacunas que precisam ser preenchidas, sendo o caso do protagonista dessa pesquisa, Carlos Lacerda.

Antigamente, as pesquisas acadêmicas nunca traziam Lacerda como protagonista. Seu nome aparecia muito nos estudos *Getulistas*, já que este foi considerado o seu maior inimigo, isso após o episódio da Rua Tonelero¹. Ele foi “protagonista de uma trajetória tumultuada, dono de uma personalidade contraditória e de um alto temperamento, intempestivo e oscilante, além de ter um carisma incomum”². Conseguiu ter o seu nome vinculado a vários movimentos políticos, além de ter centralizado de tal maneira a atenção nacional, seja ela pelo seu dom da fala ou da escrita, seja pelo empoderamento com que lutava pelo que acreditava. Hoje, Lacerda é personagem central em várias pesquisas, mas ainda há muito o que pesquisar, inclusive sua extensa produção literária, que passou a ser frequentes pós-1964.

Talvez o Lacerda escritor seja algo infrequente, desconhecido. Talvez seja difícil de acreditar que Lacerda também foi escritor no mesmo período em que participava intensamente da política brasileira. Ele participou de sucessivas crises políticas, muitas delas criadas por ele mesmo, “Ninguém sozinho influenciou tanto no processo político histórico brasileiro como Carlos Lacerda”³. Essa fama foi conquistada após inúmeros episódios políticos nos quais ele logrou intensa participação, sendo o da Rua Tonelero o mais conhecido. O peso de ser conhecido como o “demolidor de Presidentes”⁴, ou apelidado como “o corvo”⁵, marcou sua história e caracteriza

¹ Na ocasião, Lacerda foi alvo de uma tentativa de assassinato que culminou com a morte do Major das Forças Armadas Rubens Vaz, que havia sugerido que Lacerda amenizasse seus mordazes ataques, mas o político insistiu em defender seu estilo agressivo. As consequências do episódio foram associadas ao suicídio de Getúlio Vargas.

² MENDONÇA, 2002. p. 24

³ RODRIGUES, José Honório. **Carlos Lacerda**: Discursos Parlamentares. Rio de Janeiro, 1982, p. 26.

⁴ De acordo com Marina Gusmão de Mendonça (2002), Carlos Lacerda foi considerado o “Demolidor de Presidentes” por ter sido contrário a vários presidentes que passaram pelo governo do Brasil. Ela o considerava incompatível com a democracia “Sua concepção de democracia era extremamente fluida, variando aos sopros do vento” (2002, p. 317).

⁵ O apelido “Corvo” se deve a uma charge de autoria do cartunista Lan, publicada na *Última Hora*, em 25 de maio de 1954, a pedido de Samuel Wainer.

sua má fama na política pelo vigoroso opositor aos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e também com a Frente Ampla na Ditadura Civil-Militar.

Lacerda foi um escritor (além de jornalista, literato, tradutor, produtor, editor, admirador das flores e da botânica). O desejo de procurar mais detalhes sobre o Lacerda escritor moveu significativamente essa pesquisa. O objetivo desse estudo será, portanto, estudar toda a trajetória do escritor-político Carlos Lacerda; esse entendimento biográfico foi feito no primeiro capítulo da presente pesquisa. É importante que se diga desde já que esse trabalho não trata apenas de mais uma narrativa histórica desse personagem, pois a dissertação foi construída a partir das obras literárias produzidas por esse intelectual, sendo este o diferencial desse estudo. As obras escolhidas foram as publicadas pós-1964. A delimitação deve-se ao fato de a relevância do período não ser apenas nacional, mas pessoal. Lacerda, em 1964, acreditava que seria eleito em 1965, e participou do Golpe Civil-Militar, já sendo Governador de Guanabara. Entretanto, após as primeiras medidas tomadas pelo presidente Castello Branco, como o adiamento das eleições, Lacerda percebeu que a situação não sairia conforme o planejado. As produções de 1965, portanto, são escritas em um período no qual Lacerda havia se decepcionado com a política e com os políticos. Assim, interessa-se por construir a trajetória do seu discurso político antes e Pós-Golpe Militar, utilizando suas obras literárias.

As obras que serão discutidas no segundo capítulo dessa pesquisa, com o objetivo de defender a hipótese de que a literatura *Lacerdistas* estava sendo feita propositalmente para expor suas concepções sobre a política vigente, são *Desafio e Promessa, o Rio São Francisco* (1964); *Uma Rosa, é uma Rosa, é uma Rosa, é uma Rosa* (1965); *Ideias políticas: Brasil entre verdade e a mentira* (1965); *Palavras e Ação* (1965); *O Cão Negro* (1971); *Em vem* (1975); e a principal delas, *A casa do meu avô* (1977), sendo esta a última publicação desse intelectual e a sua produção mais relevante. Por isso, o último capítulo será dedicado a entender os “subentendidos” dessa obra, que é uma espécie de autobiografia, pois pensa-se que escrevê-la foi um ato de fuga. Era como se pela primeira vez ele fosse conseguir falar tudo aquilo que lhe causava muita inquietação. Mesmo sabendo que correria o risco de ter a obra censurada, ele não deixou de publicá-la; e além de publicá-la, não deixou de fazer uma incansável campanha de venda de sua primeira edição. Lacerda parecia não temer mais aos militares. A obra alcançou um período extenso: seus pensamentos começam nos anos de 1920, quando ele ainda era muito jovem, um simpatizante do pensamento comunista, e se prolonga aos anos finais de sua vida, Pós-Golpe de 1964.

Sobre o nosso protagonista, Lacerda era filho de Maurício de Lacerda e Olga Caminhoá Werneck, teve o nome escolhido pelo seu pai, para homenagear Marx e Engel. Nasceu no dia trinta de abril de mil novecentos e quatorze, na Primeira República (1930-1964) no Rio de Janeiro, mas seu pai, preferiu registrá-lo em Vassouras, município próximo. Uma região especial para os Lacerdas, “a lealdade da família Lacerda ao município montanhoso igualava-se à lealdade que o povo de Vassoura demonstrava aos Lacerdas”⁶. Ele faleceu, devido a um ataque cardíaco, treze anos após o início da Ditadura Civil-Militar, em 1977.

Lacerda já nasceu em um meio político, seu pai Maurício de Lacerda escrevia críticas ao governo de Getúlio Vargas no *Diário de Notícias*⁷, logo após, seus tios, Fernando e Paulo serem perseguidos por fazerem parte do Partido Comunista Brasileiro. Aprendeu que naturalmente o jornalismo estava ligado a política, e tinha uma espécie de compromisso importante: “a força de dizer todos os dias, como é que devem ser feitas as coisas e a fazer oposição, acaba-se, de certo modo, comprometido a fazê-las.”⁸

Durante a faculdade de Direito, destacou-se como exímio orador e participou ativamente dos movimentos estudantis da esquerda. Acabou abandonando o curso em 1932 e passou a se dedicar ao jornalismo e a política. Durante o governo de Vargas, influenciado pelos seus familiares despertou seu interesse pelo Partido Comunista Brasileiro, iniciando-se, portanto, sua trajetória política. Ele ainda se associou a Federação Vermelha dos Estudantes⁹, e era visto como “a menina dos olhos da federação”¹⁰ já haviam percebido seu dom da escrita e da fala, e suas peculiares táticas de convencimento.

Sua relação com o partido comunista brasileiro não terminou de forma amigável. Ele acabou sendo expulso, depois de uma notícia sobre a história do Partido que não agradou seus principais membros. A história havia sido encomendada pela DIP em comemoração ao aniversário do Estado Novo. Ela foi redigida pelo Lacerda e publicada pela revista *Observador Econômico e Financeiro*¹¹. Lacerda nega ter ingressado no partido, de fato não foi encontrado nenhuma “carta de filiação”. Ele afirmava que teve apenas aproximações e simpatias pelo partido, mas membro feito ele não chegou a ser. “Apesar de assíduo frequentador de reuniões

⁶ DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 05.

⁷ O *Diário de Notícias* foi um matutino de tamanho *standard* lançado no Rio de Janeiro (RJ).

⁸ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 28.

⁹ Dulles (1992) acredita que Carlos Lacerda apenas tenha se associado à Federação Vermelha dos Estudantes, entretanto, a intensa participação de Lacerda nas lutas esquerdistas brasileiras remete-se sim à sua virada a membro e, além disso, posteriormente, à entrada na Federação da Juventude Comunista, a ala jovem do PCB.

¹⁰ DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 41.

¹¹ *Observador Econômico e Financeiro* foi criada por um grupo da Direita e era dirigida por um dos diretores da DIP, Olímpio Guilherme.

e aplicado executor de tarefas partidárias”¹². Considerando-se as perseguições da época aos comunistas, era comum os próprios militantes não se assumirem, como precaução.

Lacerda havia apoiado a revolução de 30, mas tendo em vista os rumos que foi tomados pelo governo, logo passou a fazer oposição. O rompimento com Getúlio foi porque ele passou a fazer uma “política igualzinha à de antes e 30, só que então com pessoal dele”.¹³ Ele acabou envolvendo-se na organização da frente popular que deu origem à Aliança Nacional Libertadora (ANL)¹⁴ e utilizou também o jornalismo como veículo de críticas ao governo. Exemplo disso, foi a entrevista¹⁵ concedida do José Américo a Lacerda, considerada como marco da queda do Estado Novo.

Era a primeira vez que Lacerda aparecia fora do meio comunista. As inúmeras tentativas de restabelecer a democracia, movido pelo ódio e indignação, fez com que ele abandonasse de vez qualquer relação com a esquerda e fosse em busca de soluções para o governo. Então, ele participou da formação da União Democrática Nacional, a UDN, que havia surgido, inicialmente, “como uma conspiração, e não como um partido, principalmente devido a indignação de como se encontrava a atual situação política brasileira que já havia sofrido com um golpe da ditadura do Estado Novo”¹⁶. Lacerda foi o único jovem, inexperiente, no meio de grandes nomes políticos¹⁷, porém com a fama de ser o “jornalista que conseguiu ultrapassar as barreiras da DIP”. Oficialmente, o partido da “eterna vigilância”¹⁸ surgiu em 1945, e passaram a estimular manifestações pelo imediato restabelecimento da democracia. A UDN, portanto, marca a sua guinada para Direita. E dentro do partido Lacerda não é mais apenas um jovem jornalista ambicioso, ele se torna um político que tinha um grande espírito de liderança. E vai fazer jus, a essa qualidade.

¹² MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002, p. 239.

¹³ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 27.

¹⁴ A ANL, fundada em 1935, foi uma organização formada a partir da resolução do *Comintern* (Internacional Comunista) e tinha como objetivo promover frentes populares antifascistas.

¹⁵ José Américo de Almeida, então ministro do Tribunal de Contas da União – indicado ao cargo pelo presidente Getúlio Vargas – e profundo conhecedor dos bastidores da política brasileira, rompeu com o silêncio imposto pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A censura prévia do Estado Novo foi, naquele momento, quebrada por um ministro do próprio governo. Menos de um mês depois da publicação, Vargas decreta anistia geral para todos os condenados por crimes políticos desde 1934. Em seguida, permitiu a fundação de partidos políticos banidos desde 1937 e convocou eleições gerais e diretas para os Poderes Executivo e Legislativo, a serem realizadas em dezembro de 1945.

¹⁶ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 79.

¹⁷ Ingressaram na UDN políticos como José Américo de Almeida, Juarez Távora, Antônio Carlos, Juraci Magalhães, Carlos de Lima Cavalcanti e Flores da Cunha. Havia ainda liberais históricos, como os irmãos Virgílio e Afonso Arinos de Melo Franco, Raul Pilla, Pedro Aleixo, Odilon Braga, Milton Campos, entre outros.

¹⁸ “O espírito de luta contra o Estado Novo e contra Getúlio Vargas, em suas várias encarnações, das mais idealistas às mais pragmáticas, formou, plasmou e reuniu os diversos grupos que se comporiam no partido da “eterna vigilância”. Portanto, como lema: “Nossa mística é a da liberdade, e seu preço é a eterna vigilância” (p.4).

A primeira atuação de Lacerda na UDN, foi na campanha de Brigadeiro Eduardo Gomes¹⁹. Seus inimigos declarados, a partir de agora, eram os comunistas, principalmente Yedo Fiúza, que ele apelidou de Rato Fiúza, candidato à presidência do PCB escolhido pelo próprio Prestes. Lacerda fez uma intensa campanha contra Fiúza, no *Diário Carioca*, jornal que ele trabalhou um pouco antes de entrar no *Correio da Manhã* onde escrevia a coluna “na Tribuna da Imprensa”. Esses artigos vão ser o marco na sua profissão como jornalista, e vai ajudá-lo a conquistar o seu próprio jornal, o *Tribuna da Imprensa*.

Apesar da derrota do Brigadeiro para o Presidente Eurico Gaspar Dutra, a UDN conseguiu implantar sua marca nas diretrizes econômicas adotadas durante a primeira fase do governo, com a participação de alguns ministros como Raul Fernandes e Clemente Bittencourt, aliados da UDN. Lacerda, insatisfeito com a vitória de Dutra, de acordo com Marina Gusmão, foi um dos líderes do grupo de resistência ao governo e organizou o chamado “movimento renovador” do partido, cujo o real objetivo era a defesa incondicional da manutenção de sua linha oposicionista.²⁰ Portanto, partindo-se da sua posição de liderança, Lacerda discordava de decisões tomadas pelo partido e fazia críticas, demonstrando seu posicionamento.

Nesse mesmo período, nasceu o *Tribuna da Imprensa*, uma espécie de “arma ameaçadora dos governos”, seu maior alvo de críticas inicialmente foram o PTB e Vargas. Com a possível vitória, o retorno de Vargas, para Lacerda, era sinônimo de um perigo maior, uma Guerra civil. Nesse momento, Lacerda já tinha divergências dentro da UDN. Discordou da segunda candidatura do Brigadeiro, e pretendia fazer o que fosse preciso para que Vargas não assumisse novamente a presidência. Apesar de todos os esforços somados pelos grupos que vigoravam dentro da UDN, Vargas assumiu a presidência, e com um final trágico, o seu suicídio, que aparentemente, parecia que a UDN havia chegado “no poder”, foi entretanto, segundo Benevides²¹ a sua derrota. E a nova frustração, fugazmente dissipada no governo Café Filho — quando a UDN aparentemente "está no poder" — transforma-se em novo ânimo golpista, com a perspectiva da vitória dos herdeiros (JK - Jango) da tradição getulista nas eleições presidenciais de 1955. Em novembro de 1955 o paradoxo se desfaz, quando ganha novamente a aliança getulista, e os militares do 24 de agosto são derrotados pela "novembrada legalista" do General Lott.

¹⁹ Eduardo Gomes, personagem de ativa participação política no Brasil. Atuou desde a Primeira República até os primeiros anos da ditadura militar. Consagrado patrono da Força Aérea Brasileira, em torno da figura pública de Gomes, construiu-se a imagem de um herói, representando as aspirações de uma sociedade.

²⁰ MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002. p. 89.

²¹ BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 66.

Lacerda participou intensamente como oposição ao novo governo, Juscelino Kubitschek (1956-61), ele defendia a necessidade de pôr em ordem a República antes das eleições, caso contrário perderíamos a República. Ele passou então a exigir, a renúncia de todos os governantes, propondo, novamente, um regime de exceção. Proibido pelo Ministro da Justiça, ele não podia mais se expressar, nem na rádio e na televisão. Também foi decretado o fechamento da “frente de novembro”²² e do clube da lanterna. Esses foram os meios que JK esperançosamente, acreditava, que impediria as falas de desaprovação de Lacerda sobre seu governo. Entretanto, os chamados “comícios em casa”²³, manteram líderes contrários ao governo, além dos periódicos, que não apoiavam o presidencialismo de JK e ajudavam a condenar todos os problemas decorrentes daquele período.

Em 1959, aproximando-se de novas eleições, os boatos acerca da situação econômica do Brasil devido às contas externas feitas por Juscelino Kubitschek abriram novas esperanças para a UDN, que cansada das sucessivas derrotas articulavam uma nova estratégia de entrada para o governo com o Juracy Magalhães como candidato pelo partido. Entretanto, Lacerda preferiu apoiar Jânio Quadros, que tinha um histórico de vitórias significativas pela urna de São Paulo,

Confesso que a essa altura eu já estava cansado dessa fama de derrubador de governos e não tinha mais nenhuma vontade de contribuir para derrubar ninguém [...] No dia seguinte embarquei e, antes de entrar no avião, disse a minha mulher: Eu acho que na volta nós vamos recuperar nossa liberdade, porque quando voltar acho que não serei mais o governador da Guanabara. [...] Eu acho que é a única forma decente que eu tenho de pedir desculpas ao povo e de me desobrigar da parcela de compromissos que assumi com ele ao ajudar a eleição do Jânio. Eu disse ao povo que Jânio ia ser um grande presidente. Ele não é um grande presidente. E eu estou com muitas dúvidas sobre suas intenções (LACERDA, 1977, p. 247).

O “paladino da democracia, vítima e missionário, disposto aos maiores sacrifícios pelo bem da pátria”²⁴, mais uma vez fez parte de uma crise dentro do governo, que levou à renúncia de um dos presidentes eleito democraticamente com uma alta porcentagem pela população

²² Movimento fundado em março de 1956 pelo coronel Nemo Canabarro Lucas, com o objetivo de “dar conteúdo político ao Movimento do 11 de novembro de 1955”, liderado pelo general Henrique Lott para garantir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart na presidência e na vice-presidência da República. Definindo-se como nacionalista e legalista, a frente foi acusada de subversiva e comunista pelos partidos e jornais da oposição, sendo fechada por Juscelino em 24 de novembro de 1956.

²³ Reuniões com cerca de cinquenta pessoas, realizadas em residências particulares, durante as quais conclamavam os participantes a resistir, pois quaisquer meios, ao governo de Juscelino Kubitschek e à sua política econômica (MENDONÇA, 2002, p. 194).

²⁴ MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002. p. 258.

brasileira, Jânio Quadros. O Congresso Nacional ao receber a carta de renúncia não propôs negociações políticas com Quadros. O preço seria o Legislativo abrir mão de poderes, em nome de uma crise institucional criada inteiramente pelo próprio Executivo. Entretanto, o PSD e o PTB queriam ver Quadros fora da presidência e sua base parlamentar não conseguiu defendê-lo. O Presidente do Congresso havia lido a carta e alegou que se tratava de um ato unilateral e portanto só os restava aceitar. João Goulart era o novo presidente do Brasil e quando recebeu a notícia, estava em Cingapura, “com serenidade no olhar falou: Brindemos, antes, ao imprevisível”²⁵.

Jango conseguiu assumir a presidência do Brasil, com a condição do parlamentarismo. De acordo com Gomes e Ferreira, o país encontrava-se frustrado, ameaçado por um conflito armado. A possibilidade iminente de uma guerra civil fez com que aceitasse o regime parlamentarista, mesmo a contragosto²⁶.

Quando houve o Golpe Civil-Militar, parecia que Lacerda havia conseguido o que queria, entretanto, não penduraria, a unanimidade udenista na euforia da vitória. Em breve Carlos Lacerda faria oposição a Castello Branco, numa linha tão feroz ao ponto do rompimento. Segundo Benevides, a Convenção Nacional da UDN é marcada para novembro justamente para reforçar a liderança lacerdista (contra as pretensões de Magalhães Pinto) já lançado candidato à sucessão presidencial. Carlos Lacerda opunha-se às iniciativas do presidente Castello Branco quanto à antecipação da Constituinte Nacional, e, sobretudo, quanto a prorrogação do mandato²⁷. No Ato Institucional nº2, feito pelos militares em 1965, Lacerda acabou renunciou à sua candidatura presidencial, ocasionando o enfraquecimento do partido. A necessidade de interferir no que estava acontecendo, fez com que ele fosse um dos líderes da Frente Ampla, de acordo com Márcio Delgado²⁸, as diretrizes da Frente constituem em programa básico para uma política de reforma e estrutura e orientações nacionais. Resumem-se no tema central: paz, liberdade e desenvolvimento.

Portanto, sendo caracterizado como um movimento de resistência ao golpe, liderado por ele e por seus antigos opositores João Goulart e Juscelino Kubitschek. A ideia da Frente Ampla seria “restabelecer o clima de lei e de ordem. Uma coisa que não seria hostil à Revolução, pois

²⁵ FERREIRA, Jorge e GOMES, Ângela de Castro. **1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 30.

²⁶ FERREIRA, Jorge e GOMES, Ângela de Castro. **1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 44.

²⁷ BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 102.

²⁸ Delgado. Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de doutorado. UFMG. p. 250.

ela já era algo consumado, seriam medidas tomadas a partir de agora, que mudaria o Brasil”²⁹. De acordo com Jango³⁰, ela, de tal maneira vem ao encontro dos anseios do povo que já existe, hoje, em todo o país, na união dos trabalhistas, juscelistas, janistas e lacerdistas que lutam ao lado do povo pela restauração das liberdades democráticas e pela emancipação nacional.

Poderia parecer cedo a criação da Frente, em função da posição de Lacerda de procurar os antigos adversários. No entanto, “é evidente, e os fatos comprovam mais tarde, que nem Lacerda, nem JK e Jango tinham mais tempo de esperar”³¹. Os meses seguintes conheceriam o fechamento total do Regime até o AI-5 e a cassação de praticamente todos os membros da Frente Ampla, dentre eles Carlos Lacerda.

Lacerda faleceu antes de terminar seu período de cassação, acreditando que o número de pessoas que tinham o conhecimento do seu mandato de cassação era muito menor das que não tinha, o que então, não influencia na sua possível candidatura à presidência. Os jornais tiveram como manchetes e as capas principais a notícia vinculada: “A morte do homem que derrubava presidentes”³². Essa foi a manchete principal do jornal Diário de São Paulo no dia vinte e dois de maio de mil novecentos e setenta e sete. Vários outros periódicos de importância no País se manifestaram acerca da sua morte. Seu velório: “Ao som do Hino Nacional entoados pelos presentes”, atraiu multidões, que foram dar adeus a esse personagem central da política brasileira.

Nesse ínterim, a pesquisa foi desenvolvida a partir das obras literárias autorais do protagonista desse estudo, Carlos Lacerda, sobretudo a obra *A casa do meu avô*, de 1977. Além delas, os registros (fotográficos) da pesquisa feita no Arquivo Carlos Lacerda – Biblioteca Central da UnB – Brasília/DF, como os periódicos (jornais e revistas) de grande circulação nacional no período, em destaque a *Tribuna da Imprensa*. Mas, como um dos objetivos dessa pesquisa é também realizar uma reunião do saber já produzido sobre Carlos Lacerda, realizou-se um levantamento bibliográfico acadêmico e memorialista sobre o personagem, com o intuito de realizar uma síntese desse conhecimento.

Entre esse levantamento bibliográfico e memorialístico, destaca-se o biógrafo John Dulles, amigo pessoal de Carlos Lacerda, que publicou, pela editora Nova Fronteira, a obra *Carlos Lacerda. A vida de um lutador*, que foi dividida em dois volumes. No *Arquivo Carlos*

²⁹ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. pág.123

³⁰ CARTA DE JOÃO GOULART AOS SEUS CORRELIGIONÁRIOS SOBRE A FRENTE AMPLA (Outubro de 1966, sem data exata).

³¹ LACERDA, Cláudio. **Carlos Lacerda e os anos sessenta**: Oposição. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 190.

³² Jornal Diário de São Paulo, ano XLIX, n° 14.765 (Jornal encontrado no *Arquivo Obras Raras*).

Lacerda, há algumas correspondências trocadas pelos dois, em que se percebe um laço de amizade e de interesse, por ele já ter escrito biografias sobre outros políticos, como Getúlio Vargas e Castello Branco. Acredita-se que Lacerda solicitou essa produção. Ela traz importantes informações que contribuem para esse projeto. *O demolidor de presidentes. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968*, da professora Marina Gusmão, também faz um aparato geral da vida de Lacerda. Além de livros memorialísticos: *Carlos Lacerda e os anos sessenta: Oposição*, de Cláudio Lacerda; *Meu tio Carlos Lacerda*, de seu sobrinho Gabriel Lacerda; *A República das abelhas*, também de outro parente, Rodrigo Lacerda; o próprio *Depoimento*, escrito por Carlos Lacerda; e *Carlos Lacerda: O Sonhador Pragmático*, do seu amigo pessoal Mauro Magalhães.

1 A TRAJETÓRIA DE CARLOS LACERDA: CAMINHOS DE UM PROTOESCRITOR

Meses após a divulgação intensa da primeira edição de *A casa do meu avô*³³, em 1976, os mesmos jornais que haviam publicado notícias sobre essa edição especial, que haveria pouquíssimos exemplares para vender, tiveram como manchetes e capas principais a notícia “A morte do homem que derrubava presidentes”³⁴. Essa foi a manchete principal do jornal Diário de São Paulo no dia 22 de maio de 1977. Vários outros periódicos de importância no país se manifestaram acerca da morte do “homem que derrubava presidentes”: Carlos Frederico Werneck de Lacerda. As manchetes vinham acompanhadas de calorosos textos, que sequenciaram o motivo da morte, um infarto do miocárdio³⁵. Informavam como a família, seus filhos e sua esposa Letícia tentaram salvá-lo, levando-o até o hospital. Logo, descreve como foi o velório: “Ao som do Hino Nacional, entoadado pelos presentes”. Mais do que justo, afinal, morreu o “incansável”, adjetivo utilizado para descrevê-lo pelo jornal *Folha de Londrina*³⁶, o jornal do Paraná, ou, o “País perde um dos seus maiores vultos políticos”, descrito pelo jornal *Correio do Povo*, periódico de Porto Alegre. O *Jornal da Bahia* preferiu a manchete “A morte cala de vez a voz do grande líder Carlos Lacerda”.

Quem foi Carlos Frederico Werneck de Lacerda? Filho de Maurício de Lacerda e Olga Caminhoá Werneck. Teve o nome escolhido pelo seu pai, para homenagear Marx e Engel. Nasceu no dia 30 de abril de 1914, na Primeira República (1889-1930), na cidade do Rio de Janeiro, mas seu pai, Maurício de Lacerda, preferiu registrá-lo em Vassouras. Para Lacerda, a cidade era sempre associada a momentos inesquecíveis, devido a seu avô, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, e a sua chácara, a mesma descrita em *A casa do meu avô*.

³³ Escrever *A casa do meu avô* foi um ato de fuga para Lacerda. Como se, pela primeira vez, ele fosse conseguir falar tudo aquilo que lhe causava muita inquietação. Mesmo sabendo que correria o risco de ter a obra censurada, ele não deixou de publicá-la. Além de publicá-la, não deixou de fazer uma incansável campanha de venda de sua primeira edição. Lacerda parecia não temer mais aos militares. A obra é uma espécie de autobiografia, é uma literatura de memória (MUSSI, Fernanda).

³⁴ Jornal Diário de São Paulo, ano XLIX, nº 14.765 (Jornal encontrado no *Arquivo Obras Raras*).

³⁵ A morte de Lacerda é contestada pelos seus familiares, porque ele havia morrido inesperadamente. Em uma notícia concedida à revista Istoé, no dia 04/06/2000, Cristina Lacerda, filha do ex-governador, desconfia que ele tenha sido vítima da mesma operação que teria eliminado JK e João Goulart. Os três lideravam os maiores partidos extintos pelo Golpe de 1964 e morreram quando ainda articulavam o retorno às eleições diretas, após a frustrada tentativa de montagem da Frente Ampla, de oposição ao regime militar. Jango seria o candidato do PTB, JK concorreria pelo PSD e Lacerda pela UDN. “Imagino que tenham localizado o hospital e se organizado para se infiltrar lá e matar meu pai. Assim como há suspeitas de que trocaram o remédio de Jango, há a hipótese de que tivessem acompanhado meu pai durante a doença. Ele era um homem saudável”, recorda Cristina. Carlos Heitor Cony, jornalista, amigo pessoal de Lacerda, afirmou: “Durante a madrugada, na Clínica São Vicente, localizada na parte alta da Gávea, ele fora internado com uma febre e indisposição que abateram havia cerca de uma semana. Os médicos decidiram, contra a vontade dele, fazer exames num ambiente hospitalar. Chegaram à conclusão, tarde demais, de que ele fora vítima de um quadro de septicemia. Não conseguiram diagnosticar a “porta de entrada” (CONY & LEE, Anna. **O beijo da morte**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 20).

³⁶ *Jornal Folha de Londrina*, o jornal do Paraná.

Lacerda foi criado em um meio político, “Com os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, os Lacerdas seriam prisioneiros do mesmo destino: o avô Sebastião, o filho Maurício e o neto Carlos”.³⁷ João Pinheiro Neto acreditava que os três foram escolhidos para as “mesmas escassas alegrias e não tão escassos tormentos”, que eles tinham muita vontade de melhorar o país, porém, pouca disposição para o diálogo, além de oscilações de temperamento.³⁸

“A política era assunto de todos os dias”³⁹. Lacerda via a sua geração como uma geração muito politizada desde cedo. O surgimento de Lacerda na cena política coincidiu com a época da Revolução de 1930⁴⁰: ele havia ingressado na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde, logo nos primeiros tempos, ligara-se a um grupo liderado por professores marxistas, Edgard Castro Rebelo e Leônidas Rezende, composto por outros membros, como Mário Lage e Antônio Chagas. Nessa trajetória, Lacerda percebeu sua capacidade oratória e seu dom para o jornalismo, e ambos eram usados para promover a luta esquerdista em um período tumultuado no país⁴¹.

No período de maior radicalização de sua vida⁴², 1934, Lacerda participava da militância da Federação da Juventude Comunista, órgão vinculado ao Partido Comunista Brasileiro⁴³: “Ao mesmo tempo em que se dedicava à tradução do livro *Fevereiro Sangrento*, de Ilya Ehrenburg, sobre a repressão aos movimentos revistas na Áustria, iniciava uma luta

³⁷ NETO, João Pinheiro. **Um raio sobre o Brasil**. Gryphus, 1998. p. 16.

³⁸ *Ibid.*, p. 17.

³⁹ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 27.

⁴⁰ De acordo com Thomas Skidmore “o líder civil foi Getúlio Vargas, que tornou-se presidente do Brasil, com ajuda dos militares, em caráter provisório em 1930. Os militares mais graduados dez dias antes, haviam deposto o governo legal do presidente Washington Luís, com isso impedindo-o de dar posse ao candidato Júlio Prestes que pelos resultados oficiais, havia derrotado Vargas, na eleição presidencial de março. Pela primeira vez, desde a proclamação da república. Em 1889, o candidato “do governo” não conseguiu chegar a presidência” (SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Castello a Tancredo**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 21).

⁴¹ De acordo com Marina Gusmão de Mendonça, o país vivia uma era de perturbação. “A vitória da Revolução de 1930 trouxera a necessidade de reorganização do Estado em moldes diferentes dos que haviam vigorado durante toda a República Velha. Contudo, essa reorganização não se daria de uma hora para outra, e as oligarquias derrotadas em breve voltariam a pressionar o governo com o objetivo de retomar o arranjo jurídico-político anterior. Essa seria uma das motivações para a Revolução de 1932, que aconteceu em São Paulo (MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002. p. 33).

⁴² Nesse mesmo período, Lacerda havia redigido seu primeiro livro. Através do pseudônimo de Marcos, produziu um livreto de 50 páginas contando a história do quilombo de Manuel Congo. Ele havia colhido informações sobre a escravidão na região de Vassouras no século XIX. Ele concluiu que a escravidão no Brasil ainda existia, porque a história do Brasil tem sido a “história das classes dominantes”. Apesar do viés de propaganda comunista juvenil, o livreto resultou da primeira pesquisa histórica (DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 38).

⁴³ O professor John Dulles acreditava que Carlos não havia entrado na Federação, na ala jovem do PCB. Que apenas se sentiu atraído pela federação, devido aos exemplos em casa de seus tios Fernando e Paulo, que eram membros efetivos do partido (*Ibid.*, p. 41).

contra o nazismo e seus adeptos no Brasil, ou seja, os membros da Ação Integralista Brasileira (AIB)”⁴⁴.

Lacerda afirmou que sua primeira participação política importante foi seu trabalho na ANL⁴⁵. Como orador oficial dos estudantes da diretoria local da ANL, ele não perdia um comício. Em 1934, após a promulgação da Constituição, o Brasil retornou aos moldes democráticos, e a Comintern aproveitou a situação para classificar o governo Vargas como reacionário e opressor, e esperava utilizar da ANL para gerar uma revolta. Não apenas Lacerda fazia parte da ala juvenil da ANL: seu pai Maurício já havia declarado que era um fiel soldado da aliança⁴⁶.

Com a literatura sua aproximação foi aos 16 anos de idade. Seu interesse foi intensificado depois de algumas oportunidades de trabalho (a princípio com sua contratação por Carlos Alberto Nóbrega⁴⁷ para ajudar Cecília Meireles a escrever uma coluna diária sobre educação). Posteriormente, Lacerda criou uma revista chamada *Rumo* no âmbito da entidade estudantil *Casa do Estudante do Brasil*. Ele impôs uma aparência modernista à publicação e fez dela um veículo por meio do qual escritores conhecidos e estudantes expressavam claramente seus pontos de vista. Promoveu também palestra com escritores, como Mário de Andrade, que colaborava academicamente com a revista. Após uma série de conflitos políticos, a revista chegou ao fim.

Lacerda teve ainda a oportunidade de adaptar a literatura para as rádios. Em São Paulo, aproximou-se de Edgar Cavalheiro, amigo de Monteiro Lobato. Depois de muita insistência, Lacerda conseguiu autorização de Lobato para compor diálogos para sua maior obra, *Sítio do pica-pau amarelo*, e transmitir as histórias para um programa na rádio *Gazeta*.

O auge da sua carreira como escritor é após o Golpe Militar de 1964. Suas obras, apesar de não serem inteiramente uniformes, tratavam quase sempre de temas políticos. Paralelamente, fez traduções de obras com aspectos políticos, preferencialmente de obras que refletissem a tradição democrática liberal.

⁴⁴ DULLES, 2002. p. 38.

⁴⁵ LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras do meu caminho**. Nova Fronteira, 2001, p. 25.

⁴⁶ DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 43.

⁴⁷ Um dos fundadores do Diário de Notícias, jornal fundado numa época conturbada, 1930, ano que levou Getúlio Vargas ao poder, foi acompanhado por intensas mudanças políticas. O periódico era um jornal patriota, mas, sobretudo, independente, que nunca se curvou às pressões do poder e rejeitou com dignidade ofertas de subvenções (LACERDA, 1978, p. 45).

1.1 SURGIMENTO DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

O que se pode chamar de esquerda política brasileira construiu-se pela soma de alguns bem definidos “surto históricos”⁴⁸. Essa teoria compactada pelo Historiador Gildo Brandão se resume a três “surto históricos”⁴⁹, sendo que interessa aqui o primeiro: a ANL, de Luís Carlos Prestes, em 1937. Sabe-se que o Partido Comunista, o então agrupamento político com maior ligação com a classe operária, é uma herança do monopólio marxismo. O Partido nasceu em 1922:

Na esteira da Revolução de Outubro, automeado destacamento de exército internacional, fora do estado, a partir da junção de reduzido número de intelectuais e sindicalistas sem prévia experiência parlamente e partidária, e leito de Lênin e Stálin de preferência a Marx, o PC é um dos raros partidos nacionais, quase exclusivamente urbano num país de predominante agrário, o único que sobreviveu tanto tempo minimamente organizado, agência que conseguiu dar alguma fundamentação teórica ao vasto movimento nacionalista e democrático que toma corpo a partir dos anos 50⁵⁰. No Brasil, o PCB nunca chegou a nem ser legalmente registrado. Porém, “uma peça significativa no sistema partidário institucional⁵¹, num país onde a atividade política foi sempre uma prerrogativa de elite, onde a classe dominante utilizou vários partidos ao longo do tempo e , de fato, fez do Estado o seu verdadeiro partido, o comunista é um dos raros sobre os quais se pode dizer que se trata de uma formação social permanente no sentido de Gramsci, ou seja, uma atividade política que nasce enraizada na economia, uma paixão organizada de modo permanente, uma forma política que é índice da entrada das massas na vida política- elementos que estão na base de sua longevidade e capacidade de sobrevivência.⁵²

Lacerda era um atuante militante da esquerda política brasileira; ele e seus familiares lutavam para mudar a história do país. Seus tios, Fernando e Paulo, eram ativantes do partido, e seu pai um dos grandes nomes da ANL. No começo de 1935, Lacerda foi convidado para fazer o famoso discurso em que Prestes tornou-se o Presidente de honra da ANL, que

⁴⁸ BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva** – as duas almas do Partido Comunista (1920-1964). São Paulo: Hucitec, 1997, p. 21.

⁴⁹ De acordo com o Historiador Gildo Marçal Brandão, “o que se pode chamar de esquerda política brasileira construiu-se pela soma de alguns bem definidos surto históricos: o da ANL, de Luís Carlos Prestes, em 1935, o de 1945, nascido da vitória na guerra e ainda predominantemente prestista, mas já com suave dissidência democrática, a dos socialistas, com Hermes Lima e João Mangabeira; esse segundo surto seria marcado (e ampliado) fortemente pelo nacionalismo da campanha do petróleo. Um terceiro surto (que hoje está produzindo deputados aos borbotões) seria o da década de 1960, cuja origem foi a fúria do romantismo revolucionário que o barbudo fidel desencadeou entre os jovens e as elites políticas desta nossa Latino-América” (Ibid., p. 21).

⁵⁰ RODRIGUES, Leôncio Martins. **O PCB: os dirigentes e a organização**. 1986, p. 123.

⁵¹ BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva** – as duas almas do Partido Comunista (1920-1964). São Paulo: Hucitec, 1997, p. 25.

⁵² Ibid., p. 26.

influenciou no aumento de membros do grupo. Lacerda chamou de o “seu grande erro: comunicar demais uma frente única e popular”⁵³. Os discursos declamados pela ANL se resumiam em palavras de ódio a Vargas e seu governo: “Abaixo o governo odioso de Vargas”, “Por um governo popular nacional revolucionário”, “todo poder à ANL”⁵⁴. Lacerda organizou manifestações a favor da ANL, que nesse momento já era controlada inteiramente pelo PCB.

Entretanto, é preciso ressaltar que o PCB não era uma ameaça para o país⁵⁵: “Não houve nenhuma participação da massa nos acontecimentos de 35. Sequer o partido teve conhecimento antecipado e participação no levante”⁵⁶. O fato é que, no tormento quadro entre 1930 e 1935, não havia, no Brasil, uma situação revolucionária.

A primeira luta de Lacerda pela esquerda foi na tentativa de impedir o levante de 1937. O golpe de 10 de novembro foi a concretização do desejo, há muito tempo evidente, de Vargas, de permanecer no cargo além do seu prazo legal, que deveria expirar em 1938. De acordo com Skidmore, “ele vinha manobrando seus adversários para coloca-los em posição de poder desacreditá-los ou reprimi-los, ao mesmo tempo que cultivando cuidadosamente o apoio dos grupos de poder solidamente estabelecidos”⁵⁷.

Com o pseudônimo de Júlio Tavares, logo depois de largar a faculdade de Direito para se dedicar mais ao PCB, uniu-se à União Democrática Estudantil (UDE), que na época defendia a candidatura presidencial de José Américo de Almeida⁵⁸, que teve que fugir para a Bahia para não ser preso. As famosas “revoltas” usadas por Vargas para impor consequentemente o estado de sítio e o Estado Novo aconteceram apenas no nordeste brasileiro, sendo controladas em poucos dias⁵⁹. As notícias chegadas no Rio de Janeiro não eram muito claras, o Congresso já havia declarado estado de sítio e perseguição total a todos os participantes, líderes e membros da ANL e do PCB, e o nome de Lacerda já tinha sido anunciado para ser preso.

⁵³ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 42.

⁵⁴ DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 45.

⁵⁵ Nessa época teve início, sob o estímulo da Internacional Comunista, um processo de mudanças no PCB caracterizado pela crítica à política de alianças promovida nos anos anteriores, o que levou à dissolução do BOC e à substituição dos intelectuais que estavam na direção do partido por trabalhadores. Esse processo de “proletarização” foi responsável pela rejeição das iniciativas de Luís Carlos Prestes, que desde o início da década de 1930 buscava aproximar-se do partido (CPDOC).

⁵⁶ BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva** – as duas almas do Partido Comunista (1920-1964). São Paulo: Hucitec, 1997, p. 100.

⁵⁷ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Castello a Tancredo**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 50.

⁵⁸ De acordo com a constituição de 1934, o mandato presidencial de Vargas deveria acabar em maio de 1938. No início de 1937 já foram lançadas três candidaturas: Armando de Salles, José Américo e Plínio Salgado.

⁵⁹ A famosa intentona comunista, que pela sua obtusa compreensão dos fatos pouco duraria, eclodiu no Nordeste brasileiro. No dia 27 de novembro, Luiz Carlos Prestes e o dirigente comunista Antônio Maciel Bonfim, com precárias informações sobre a abortada rebelião nordestina, acionaram o levante no Rio. O Congresso prontamente declarou o estado de sítio e o levante comunista, cujos planos eram conhecidos do Governo Vargas, via serviço Secreto Inglês, foi liquidado (NETO, João Pinheiro. **Um raio sobre o Brasil**. Gryphus, 1998. p. 13).

Lacerda foi preso em Salvador quando o plano do Estado Novo foi concretizado. Vargas, anunciou a descoberta do Plano Cohen⁶⁰, estopim para que o governo conseguisse a aprovação do estado de guerra. Alguns dias depois, Lacerda acabou sendo preso. Em março de 1938, ele foi solto⁶¹, casou-se com Letícia e começou uma nova vida no Rio de Janeiro. Esse episódio é bastante lembrado por ele, sendo um dos mais citados nas diversas obras literárias produzidas pelo autor⁶², sempre em tons de desgosto ao ex-presidente Getúlio Vargas. Sem emprego e ainda com medo das perseguições que o Estado Novo poderia lhe proporcionar, aproveitando do seu talento como jornalista, começou a colaborar em várias publicações, entre elas a revista *Seiva*, surgida na Bahia logo após o golpe de 1937, e que constituía, na época, o único periódico antifascista de circulação legal. Nela, utilizava o pseudônimo de Marcos Pimenta⁶³. Assumiu, também, o cargo de secretário de redação de *O Jornal*, permanecendo nele até 1944. Por fim, escrevia para *Diretrizes*, revista lançada por Samuel Wainer, o mesmo que se tornou um dos seus maiores adversários políticos na década de 1950.

Logo depois, Lacerda associou-se a um grupo da Direita, conhecido como *Observador Econômico e Financeiro*⁶⁴, revista criada por Valentim Fernandes Bouças e dirigida pelo economista Olímpio Guilherme, um dos diretores da DIP⁶⁵, com quem Lacerda teve boas relações.

⁶⁰ Documento divulgado pelo governo brasileiro em setembro de 1937, atribuído à Internacional Comunista, contendo um suposto plano para a tomada do poder pelos comunistas. Anos mais tarde ficaria comprovado que o documento foi forjado com a intenção de justificar a instauração da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937 (CPDOC).

⁶¹ “Um amigo de Maurício persuadiu Filinto Muller a permitir que Carlos passasse a véspera de Natal com a família na casa de Vinoca, no Rio, sob a condição de que ele fosse imediatamente para a chácara dos Lacerda e não saísse mais de lá” (DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 57).

⁶² *A casa do meu avô* e *o Rio São Francisco* são exemplos de obras em que ele relata esse episódio da prisão em 1937.

⁶³ MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002. p. 45.

⁶⁴ *O Observador Econômico e Financeiro* é o título de uma revista extinta brasileira, de periodicidade mensal, sediada no Rio de Janeiro e fundada em fevereiro de 1936 por Valentim Bouças, tendo por redator-chefe Olympio Guilherme. Era escrita por técnicos (economistas, engenheiros e militares) que se associaram no projeto editorial, sendo publicada até dezembro de 1962.

⁶⁵ DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda. A partir da criação do DIP, todos os serviços de propaganda e publicidade dos ministérios, departamentos e estabelecimentos da administração pública federal e entidades autárquicas passaram a ser executados com exclusividade pelo órgão, que também organizava e dirigia as homenagens a Vargas, constituindo o grande instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e das autoridades em geral. O DIP tornou-se o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão durante o Estado Novo e o porta-voz autorizado do regime.

1.2 A EXPULSÃO DE LACERDA DO PCB

Quando Lacerda foi preso na Bahia, ele era “um ativo militante do Partido Comunista Brasileiro”⁶⁶. Os membros do PCB não viviam dias tranquilos no Estado Novo, eram perseguidos, torturados e exilados e, por isso, muitas das vezes a necessidade de omitir a informação de que pertenciam ao partido era uma questão de proteção e segurança.

Foi trabalhando no *Observador Econômico e Financeiro* que Lacerda passou a se aproximar de um importante grupo político da Direita. O diretor da revista, Olímpio Guilherme, solicitou a Lacerda um texto sobre a história do PCB, que seria publicado pelo governo brasileiro em comemoração ao primeiro aniversário do Estado Novo. A matéria não precisava ser assinada, e como ele mantinha boas relações com o partido, nasceria um bom texto. Lacerda, inicialmente, não aceitou o convite, já que era uma publicação a pedido do governo, para expor o “comunismo no Brasil, o inimigo externo”, o mesmo que o perseguiu, levou à prisão e o tinha deixado em uma situação financeira difícil. Até aconselhou Olímpio Guilherme a contratar um possível jornalista da Direita; depois, percebeu que uma matéria escrita por pessoas que odiavam o PCB poderia piorar ainda mais a situação do partido, que já não estava muito boa.

Ele aceitou escrever a matéria e, antes de ela ser publicada, o artigo foi submetido ao dirigente comunista Astrogildo Pereira, que analisou e considerou a matéria como razoável. A reportagem foi nomeada *A exposição Anticomunista*, e havia críticas consideráveis acerca do PCB. Lacerda teve o cuidado de não incluir nomes de comunistas, “à exceção de Prestes e de agentes estrangeiros do *Comintern* no Brasil, dos quais encontrava-se nas prisões brasileiras”⁶⁷:

[...] Carlos Lacerda revelou suas fontes de consulta: documentos comunistas apreendidos pela polícia depois da Intentona de 35 e depoimentos prestados perante o Tribunal de Segurança Nacional. Alguns dos documentos citados por Lacerda, continham críticas a Luiz Carlos Prestes, feitas pelo PCB em 1930. Havia também referências a uma suposta interferência da legação russa em Montevideú, que teria patrocinado a criação da ANL, o que representava grave intromissão de uma nação estrangeira em assuntos internos do Brasil. E concluiu: o PCB teria se transformado em partido pequeno burguês, deixando de ser o partido da classe trabalhadora. No regime de então, com a centralização política do poder, o prestígio de seu líder Vargas e a união de todas as forças, favorecendo o progresso e a paz, era pouco provável que o comunismo pudesse se desenvolver novamente.⁶⁸

⁶⁶ MAGALHÃES, Juracy. **O último tenente**: um depoimento. 1996. p. 165.

⁶⁷ DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 54.

⁶⁸ NETO, João Pinheiro. **Um raio sobre o Brasil**. Gryphus. 1998. p. 28.

Lacerda afirmou que houve partes reeditadas da sua matéria. A DIP, satisfeita com o texto, imprimiu centenas de cópias e o distribuiu no aniversário do Estado Novo; era a semana de carnaval. Lacerda recebeu um convite para encontrar um membro do comitê local do PCB, o Baby Face⁶⁹, em que ficou sabendo que o partido estava chateado com a publicação escrita por ele. Uma semana depois, Lacerda recebeu uma visita de Samuel Wainer e de outro colega, que levou a notícia de que havia uma notinha circulando, informando que ele era “agente da Gestapo, trotskista a serviço do imperialismo, traidor da causa proletariado, delator, etc.”, e o resultado foi a sua imediata expulsão do partido:

Até então eu era, digamos, perplexo, para ser exato. Não acreditava mais na solução comunista. Eu tinha sido levado para próximo do comunismo porque acreditava que era um regime libertador, mas fui me convencendo de que era uma ditadura, pior do que as outras, porque muito mais organizada e, portanto, mais difícil de derrubar. A derrota do Brigadeiro acabou de me abrir os olhos, porque eu vi que uma ditadura bárbara, como foi a do Getúlio, conseguia ter o apoio das grandes massas populares, na medida em que lhes dava algumas coisas de que elas precisavam e que não tinham; e portanto bastava melhorar um pouco materialmente a vida do povo para você conseguir que ele abrisse mão da liberdade. [...] O apoio de Prestes ao getúlio - o famoso telegrama do Prestes de dentro da prisão reconhecendo no Getúlio “inclinações democráticas” - , aquilo foi me dando um certo horror e, [...] me sentia mais radicalmente contra tudo aquilo (LACERDA, 1977, p. 46-47).

Lacerda, expulso do PCB por traição⁷⁰, afirmou que essa foi uma das fases mais difíceis da sua vida: “amigos de infância, amigos de todo dia, amigos de café, amigos de confiança, amigos desde os tempos de namoro, amigos de tomar chope”⁷¹ viraram-lhe a cara. Lacerda procurou se reintegrar ao partido diversas vezes. Diante do insucesso, passaria a se apresentar como vítima de uma verdadeira conspiração e toda essa tristeza transforma-se em revolta, que vai ser difundida em textos, artigos e notícias feitas por ele. Essa versão de que houve uma verdadeira conspiração contra ele vai ser sustentada durante toda a sua vida e após sua morte, pela família⁷².

⁶⁹ O mensageiro do PCB atendia pelo nome de Baby Face, por suas feições de menino. E estava lá, de acordo com Lacerda, para saber se ele foi ou não membro do PCB e também para alertá-lo de que o partido estava com muita raiva da matéria escrita por ele.

⁷⁰ Por ter revelado nomes e segredos do partido, o que levou a novas prisões e torturas, o que não condiz com a realidade da matéria, que havia nomes apenas conhecidos, como o do Prestes. O que fica subentendido é o fato de ter uma “pré-aprovação” do texto por um dirigente do Partido; portanto, não houve intenção de atingir o partido.

⁷¹ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 50.

⁷² De acordo com Marina Mendonça, seu sobrinho, Cláudio Lacerda, dedicou-se a escrever memórias do tio, “Segundo o qual, quando da publicação do Depoimento (ocorrida logo depois do falecimento do jornalista, em maio de 1977), buscou-se encontrar a matéria, o que se revelou extremamente difícil, “pois [...] apesar de seu texto inodoro, insípido e incolor, fora arrancada do exemplar que a Biblioteca Nacional possui de O Observador Econômico de janeiro de 1939. Foi necessário recorrer-se à fundação Getúlio Vargas.” [...] Essa informação é

Logo após a sua expulsão, Samuel Wainer vai estender-lhe a mão, oferecendo um cargo de crítico literário na *Diretrizes*, ainda um dos primeiros contatos com a literatura presentes na lista de Lacerda, que não durou muito tempo, pois a intelectualidade esquerdista pressionava Wainer a demiti-lo, já que Lacerda ainda vivia o luto da expulsão do PCB. Wainer escreveu, em 1987, que acreditava que foi após esse último contato com Lacerda que ele tomou ódio dele e começaria a se vingar.

Um exemplo da angústia de Lacerda ao PCB, ou a intitulada “esquerda Festiva”, está registrada em *Depoimento*, quando ele difama artistas/intelectuais importantes do período: “eu nunca seria capaz de fazer o papel do Chico Buarque de Holanda, cuja música eu aprecio muito e cujo caráter não aprecio nada”⁷³, ele acredita que a “esquerda festiva” é apenas contrária ao governo vigente, mas não faz nenhum sacrifício, e o único são as censuras em música. Não há dificuldades, “é uma forma parasitária de declarar guerra a uma sociedade da qual se beneficia e participa integralmente”⁷⁴. Para Lacerda, quem realmente fazia sacrifícios eram pessoas como ele, que já havia sido preso e torturado por algo que não havia feito, e pior, “expulso de um partido sem ter feito nada”⁷⁵.

O Estado Novo havia trazido mudanças irreversíveis às instituições da vida política e da administração pública, e “Mais importante ainda, Vargas transformou as relações entre o poder federal e estadual e, com isso, aproximou muito mais o Brasil de um governo verdadeiramente Nacional”⁷⁶. Porém, em 1943, a ditadura do Estado Novo já dava sinais de cansaço, e grupos de intelectuais pediam a redemocratização do país, e várias ondas de protestos tomaram as ruas do Brasil.

Lacerda teve uma participação significativa nesse processo. Conseguiu burlar a DIP e publicou uma entrevista concedida do José Américo, que foi considerada um marco da queda do Estado Novo. José Américo, então ministro do Tribunal de Contas da União e indicado ao cargo pelo presidente Getúlio Vargas, sendo profundo conhecedor dos bastidores da política brasileira, rompeu com o silêncio imposto DIP. A censura prévia do Estado Novo foi, naquele momento, quebrada por um ministro do próprio governo.

falsa. O exemplar foi encontrado sem nenhuma dificuldade. Enfim [...] esse dado corrobora o empenho de Lacerda e da sua família em divulgar sua imagem de vítima traída” (MENDONÇA, 2002, p. 55).

⁷³ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 54.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 54.

⁷⁵ Lacerda afirmou inúmeras vezes que membro do PCB ele nunca foi: “Não. Membro do Partido Comunista nunca fui. Você sabe bem minhas aproximações, simpatias, tudo isso, mas membro efetivo do Partido Comunista eu não cheguei a ser.” (*Ibid.*, p. 49).

⁷⁶ SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: De Castello a Tancredo. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 55.

Menos de dez dias após a entrevista, estudantes universitários filiados ao Centro Acadêmico Onze de Agosto promoveram um comício na Praça de Sá, na cidade de São Paulo. As faixas e cartazes pregavam “Liberdade de palavra”, “Anistia aos presos políticos”, “Nunca se poderá enganar toda a multidão todo o tempo” e “fora ao getulismo”: “Os oradores, com veemência, davam vivas à democracia e pediam a morte do Estado Novo e do ditador”⁷⁷.

O cenário atual não era favorável para o governo. A perda do apoio das Forças Armadas e a consequente rearticulação dos diversos segmentos da sociedade brasileira decorrente, até mesmo do clima de liberalização reinante no final da guerra, levaria ao início da reorganização partidária com o surgimento de três grandes partidos nacionais: a UDN, o Partido Social Democrata (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nesse período ocorreria também a reconstrução do PCB, que havia sido totalmente desarticulado depois do levante de 1935⁷⁸.

Com o surgimento desses partidos, significava a retomada da luta entre os dois grandes modelos de desenvolvimento existentes na sociedade brasileira. Assim, sua articulação apontava claramente para o fim próximo do Estado Novo e a redemocratização parecia o único caminho a seguir. Um mês depois da publicação, Vargas decretou anistia geral para todos os condenados por crimes políticos desde 1934; em seguida, permitiu a fundação de partidos políticos banidos desde 1937 e convocou eleições gerais e diretas para os Poderes Executivo e Legislativo a serem realizadas em dezembro de 1945.

1.3 A IMPORTÂNCIA DO SURGIMENTO DA UDN NA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE CARLOS LACERDA

As inúmeras tentativas de restabelecer a democracia, movidas pelo ódio e indignação, fizeram com que Lacerda abandonasse de vez qualquer relação com a esquerda e fosse em busca de soluções para o governo. Então, ele participou da formação da União Democrática Nacional, a UDN, que havia surgido, inicialmente, “como uma conspiração, e não como um partido, principalmente devido a indignação de como se encontrava a atual situação política brasileira que já havia sofrido com um golpe da ditadura do Estado Novo”⁷⁹. Lacerda foi o único jovem,

⁷⁷ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964.** Civilização Brasileira, 2005, p. 24.

⁷⁸ MENDONÇA, 2002, p. 73.

⁷⁹ LACERDA, Carlos. **Depoimento.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 79.

inexperiente, no meio de grandes nomes políticos⁸⁰, porém com a fama de ser o “jornalista que conseguiu ultrapassar as barreiras da DIP”.

Oficialmente, o partido da “eterna vigilância”⁸¹ surgiu em 1945, passando a estimular manifestações pelo imediato restabelecimento da democracia. A UDN, dessa forma, marca a sua guinada para a Direita. Dentro do partido, Lacerda não é mais apenas um jovem jornalista ambicioso: ele se torna um político com grande espírito de liderança, fazendo jus à qualidade de “potrinho da UDN”.

A UDN caracterizou-se, desde o início, como uma grande frente de oposição à ditadura do Estado Novo: “Havia uma definida bandeira política: a reconquista das liberdades democráticas⁸²”. A primeira atuação de Lacerda na UDN⁸³ foi na campanha de Brigadeiro Eduardo Gomes⁸⁴. Seus inimigos declarados, a partir de agora, eram os comunistas, principalmente Yedo Fiúza, que ele apelidou de Rato Fiúza, candidato à presidência do PCB escolhido pelo próprio Prestes. Lacerda fez uma intensa campanha contra Fiúza, no *Diário Carioca*, jornal que ele trabalhou um pouco antes de entrar no *Correio da Manhã*, onde escrevia a coluna *Na Tribuna da Imprensa*. Esses artigos tornaram-se o símbolo da sua profissão como jornalista, ajudando-o a conquistar o seu próprio jornal, o *Tribuna da Imprensa*.

Apesar da derrota do Brigadeiro para o Presidente Eurico Gaspar Dutra, a UDN conseguiu implantar sua marca nas diretrizes econômicas adotadas durante a primeira fase do governo, com a participação de alguns ministros, como Raul Fernandes e Clemente Bittencourt, aliados da UDN. Lacerda, insatisfeito com a vitória de Dutra, de acordo com Marina Gusmão, foi um dos líderes do grupo de resistência ao governo e organizou o chamado “movimento renovador” do partido, cujo o real objetivo era a defesa incondicional da manutenção de sua

⁸⁰ Ingressaram na UDN políticos como José Américo de Almeida, Juarez Távora, Antônio Carlos, Juraci Magalhães, Carlos de Lima Cavalcanti e Flores da Cunha. Havia ainda liberais históricos, como os irmãos Virgílio e Afonso Arinos de Melo Franco, Raul Pilla, Pedro Aleixo, Odilon Braga, Milton Campos, entre outros.

⁸¹ “O espírito de luta contra o Estado Novo e contra Getúlio Vargas, em suas várias encarnações, das mais idealistas às mais pragmáticas, formou, plasmou e reuniu os diversos grupos que se comporiam no partido da “eterna vigilância”. Portanto, como lema: “Nossa mística é a da liberdade, e seu preço é a eterna vigilância” BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo: Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965)**. p. 9.

⁸² *Ibid.*, p. 10.

⁸³ “Havia, sobretudo, um herói-candidato, o Major-Brigadeiro Eduardo Gomes. Sobre este, um ponto curioso: em torno de uma candidatura às eleições ainda hipotéticas, forma-se um partido político, ao inverso da tradição, ou seja, surgir um candidato de um consenso partidário (Essa marca de criação seguira à trajetória do partido, frustrado nas grandes derrotas eleitorais, porém empedernido na união — muitas vezes espúria — em torno de um candidato à Presidência da República)” (*Ibid.*).

⁸⁴ Eduardo Gomes, personagem de ativa participação política no Brasil. Atuou desde a Primeira República até os primeiros anos da ditadura militar. Consagrado patrono da Força Aérea Brasileira, em torno da figura pública de Gomes, construiu-se a imagem de um herói, representando as aspirações de uma sociedade.

linha oposicionista⁸⁵. Portanto, partindo-se da sua posição de liderança, Lacerda discordava de decisões tomadas pelo partido e fazia críticas, demonstrando seu posicionamento.

Lacerda acreditava que as eleições foram forjadas: “morto do nosso lado era difícil votar: nós não tínhamos muitos mortos para votar”⁸⁶. Lacerda foi um dos líderes do grupo de resistência ao governo Dutra, e com o “movimento renovador” do partido teve como “principal objetivo a defesa incondicional da manutenção de sua linha oposicionista”⁸⁷.

Nesse mesmo período, um pouco antes da inauguração da *Tribuna da Imprensa*, Lacerda foi eleito vereador pela UDN no Distrito Federal. Bateu recorde de votação e, de acordo com ele, foi seu primeiro recorde. Ainda participante do movimento renovador da UDN, não dava uma trégua ao partido, principalmente à UDN carioca, e afirmava que “não apoiava as decisões do partido e que não estava com ele”. Sua fama de ser opositor estava sendo construída, e essas divergências com a própria UDN permitiam a percepção de que ele era um político de opiniões fortes, não medindo suas palavras e conduta. Isso pode ser comprovado pelas suas próximas atitudes: a renúncia do cargo de vereador, cargo que ele tanto almejou. Lacerda insistiu com o movimento renovador uma intensa campanha exigindo mudanças dentro da UDN e contra o governo de Dutra.

Diante da situação, Lacerda, via-se na obrigação de alimentar a sua coluna *Na Tribuna da Imprensa* para apontar “os erros, às corrupções do governo. Era mais uma questão pessoal do que defensoria, pois, visto que, ele não poupava acometimentos aqueles que, de alguma forma, tivessem qualquer vínculo a Vargas e ao comunismo. Ele como um verdadeiro líder da UDN”⁸⁸. Encontrou uma oportunidade quando escreveu um artigo a respeito das “refinarias de petróleo que, no governo Dutra, tinham sido, segundo Lacerda, dadas pelo Estado de presente a particulares, entre eles o Grupo Soares Sampaio”⁸⁹.

Lacerda articulou um artigo denunciando todo esse esquema da refinaria para ser publicado na sua coluna *Na Tribuna da Imprensa*, mas Paulo Bittencourt, o dono do jornal, não quis que a publicação saísse, para evitar possíveis conflitos com o Governo Dutra. Entretanto, esse episódio vai transformar totalmente a vida de Lacerda que, desapontado, precipitou-se e preferiu pedir demissão. Como era amigo de Bittencourt, tomou a liberdade para pedir o nome

⁸⁵ MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002. p. 89.

⁸⁶ LACERDA, 1977, p. 70.

⁸⁷ MENDONÇA, 2002, p. 89.

⁸⁸ MAGALHÃES, Mauro. **Carlos Lacerda: O Sonhador Pragmático**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 15.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 119.

Na Tribuna da Imprensa para criar seu próprio jornal: “Uma luta vencida, acompanhada pela família com todo entusiasmo possível”⁹⁰.

Lacerda não agiu sozinho. Toda essa ação para o nascimento o *Tribuna da Imprensa*⁹¹ foi movida por amigos que se preocupavam não só com o bem-estar de Lacerda e de sua família, mas também com a ideia de ter um jornal em que Lacerda poderia expor, livremente, as suas ideias e concepções, ou seja, ser oposição e defender seus ideais. As próprias circunstâncias de sua criação apontavam para outra direção. Segundo Marina Gusmão, o *Tribuna da Imprensa* teria sido resultado da mobilização de grupos empresariais vinculados ao capital externo. O jornal seria transformado em um instrumento para as mais violentas campanhas de eliminação de opositores e “alicerçava em sólidas bases a carreira política, deixando a nu, a partir desse momento, sua fase de grande tribuno dos interesses burgueses ligados ao capital internacional”⁹².

Empenhou-se em fazer do *Tribuna da Imprensa* um jornal de sucesso⁹³. Funcionários e amigos relataram que várias vezes, ao chegar na sede do jornal pelas manhãs, Lacerda havia virado a noite fazendo reportagens, “coisas que diretor de jornal não deveria fazer, mas ele fazia”⁹⁴.

Portanto, o *Tribuna da Imprensa*, que foi uma espécie de “arma ameaçadora dos governos”, teve como maior alvo de críticas inicialmente o PTB e Vargas. Com a possível vitória, o retorno de Vargas, para Lacerda, era sinônimo de um perigo maior, uma guerra civil. Nesse momento, Lacerda já tinha divergências dentro da UDN: discordou da segunda candidatura do Brigadeiro e pretendia fazer o que fosse preciso para que Vargas não assumisse novamente a presidência⁹⁵.

⁹⁰ LACERDA, Gabriel. **Meu tio Carlos Lacerda**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017. p. 18.

⁹¹ Foi concedido um empréstimo pelo Banco de Crédito Real de Minas Gerais e lançada uma campanha nacional de subscrição de 3.500 ações. A campanha foi suficiente para comprar o imóvel onde ficaria o *Tribuna da Imprensa*. Lacerda o comprou por 700 cruzeiros, à prestação, além da máquina de moer cana em que ele imprimia o jornal.

⁹² MENDONÇA, 2002, p. 102.

⁹³ “*Na tribuna* não foi realmente uma grande empresa, mas foi a melhor escola de jornalismo que nós tivemos. Ao ver que hoje todos aqueles que passaram pela *Tribuna* estão aí em excelentes situações. Você tem, por exemplo, o Luiz Garcia, que hoje é editor do *O Globo*, você tem Carlos Lemos, que foi diretor da Rádio Jornal Brasil [...] Castello Branco, que foi secretário do jornal. [...] é tanta gente, que não me lembro assim, mas os que lá começaram, realmente, você vê apreenderam jornalismo e quase todos tiveram depois uma situação profissional muito boa” (MAGALHÃES, Mauro. **Carlos Lacerda: O Sonhador Pragmático**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 117).

⁹⁴ Trechos da carta do jornalista Walter Cunto, amigo e assessor pessoal e de imprensa de Carlos Lacerda. Cunto foi inicialmente o grande responsável por produzir e guardar parte substantiva da documentação referente à atuação política e à trajetória biográfica de Carlos Lacerda – sendo, então, essencialmente, a figura-chave para a existência do acervo relacionado à administração de Lacerda à frente do Executivo carioca devido às suas atividades de Assessor-Chefe de Imprensa do Palácio Guanabara no período.

⁹⁵ Apesar de todos os esforços somados pelos grupos que vigoravam dentro da UDN, Vargas assumiu a presidência, e com um final trágico, o seu suicídio, parecia que a UDN havia chegado “no poder”. Isso foi,

1.3.1 Nasce o “rato fiúza”

Yedo Fiúza foi importante na história profissional de Lacerda. Os artigos produzidos sobre ele vão construir a fama de Lacerda como bom jornalista e sua carreira começa a alavancar. Ele tornou-se um “jornalista Udenista”. O adjetivo, rato fiúza⁹⁶, difundiu muito rapidamente, e Fiúza teve que conviver com essa caracterização negativa a seu respeito. Lacerda sabia do tamanho do perigo que ele representava nas eleições de 1945; não que ele pudesse sair vitorioso pelo PCB, mas que ele retiraria votos dos não simpatizantes com Vargas, que poderiam ser destinados ao Brigadeiro, candidato por parte da UDN. Lacerda começou uma intensa campanha de desmoralização e denúncias contra Fiúza, utilizando um “estilo agressivo e iracundo na sua principal arma política”⁹⁷.

Lacerda descobriu, através do seu primo Nestor Barbosa, que Fiúza havia sido corrupto quando foi prefeito de Petrópolis, e que havia conquistado bens devidos a essas más atitudes. Lacerda então lançou a campanha “Yedo Fiúza, nem capaz, nem honesto” no *Diário de notícias*. Esses artigos foram publicados posteriormente em forma de livro, *O rato fiúza*. Estavam esses dizeres direcionados a comprovar que Fiúza não foi um bom prefeito para Petrópolis, e pior: havia roubado muito dinheiro, pois havia-se descoberto que Fiúza tinha muitos bens, e que quando somava não dava “um dinheiro que ele não podia ter ganho nunca na vida, nem como prefeito em Petrópolis, nem como engenheiro, com um modestíssimo escritório de engenharia”⁹⁸. A campanha buscava não apenas destruir o nome de Fiúza e sua candidatura no PCB, mas também atingir Luís Carlos Prestes⁹⁹. Apesar da grande repercussão da campanha,

entretanto, segundo Benevides, a sua derrota. A nova frustração, fugazmente dissipada no governo Café Filho — quando a UDN aparentemente “está no poder” — transforma-se em novo ânimo golpista, com a perspectiva da vitória dos herdeiros (JK-Jango) da tradição getulista nas eleições presidenciais de 1955. Em novembro de 1955, o paradoxo se desfaz, quando ganha novamente a aliança getulista, e os militares do 24 de agosto são derrotados pela “novembrada legalista” do General Lott.

⁹⁶ O apelido rato fiúza havia nascido do primeiro artigo escrito por Lacerda, que foi publicado em 22 de novembro de 1945. O título é “Fiúza a serviço do integralismo”. Segundo Lacerda, o candidato apresentado como democrata e antifascista militante “já em 1945 arvorava o sigma na sua residência em Petrópolis” foi responsável pelas eliminações dos bondes em Petrópolis. Além disso, referia-se a Fiúza, em vários momentos, como a “Gueixa de Petrópolis”, insinuando, inclusive, que o engenheiro fosse homossexual. No segundo artigo, publicado no dia 23 de novembro, Lacerda declarou que era falso o argumento de que Fiúza não tinha passado político, e assim explicou seu ingresso na Prefeitura de Petrópolis: em dezembro de 1930, o Sr. João Daudt de Oliveira obteve, com seu amigo pessoal, o sr. Getúlio Vargas, a nomeação de seu primo Yêddo Fiúza para a prefeitura de Petrópolis [...] (OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara de. **O candidato civil do PCB: a Trajetória Política do engenheiro Yêddo Fiúza (1930-1947)**. p. 169).

⁹⁷ MENDONÇA, 2002, p. 78.

⁹⁸ LACERDA, 1977, p. 68.

⁹⁹ Conforme destaca a historiadora Marina Gusmão, “acusam-me de paixão, se quiserem. Sim, sou um jornalista movido pela paixão, a dor de ver como se mente e se ilude o povo do meu país (...) participei pela campanha de anistia sabendo que havia nela um lado secreto, o compromisso de Preste como ditador. E hoje, diante de um

ela não conseguiu atingir seu maior objetivo: tirar os votos do PCB e levá-los ao Brigadeiro, candidato da UDN.

O inconformismo com a volta de seu grande adversário no poder levou Lacerda a uma grande campanha de resistência, principalmente porque seus adversários chamavam a *Tribuna* de “a lanterninha”, comparando-a com a lanterna que se pendura no final dos trens, pois, diziam, “era a última em circulação na imprensa carioca, mas é esse pequeno jornal que derrubou o governo do homem que dominou o Brasil durante quinze anos”¹⁰⁰.

O *Tribuna da Imprensa* era uma espécie de arma ameaçadora dos governos e dos que ainda pretendiam ser governo, mas, apesar da intensa campanha de resistência, Lacerda admitia claramente a possibilidade de vitória de Getúlio, não hesitando em pregar até mesmo o uso da força para impedir seu retorno ao poder, acreditando que a vitória do PTB e o retorno de Vargas eram sinônimo de um perigo maior, uma guerra civil. Portanto, “O Sr. Getúlio Vargas senador não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar”¹⁰¹, o que fornecia, na visão lacerdista e udenista, reais motivos para a preparação de um golpe de estado.

1.4 O RETORNO DO GETULISMO: A VITÓRIA DO POPULISMO

Com a vitória getulista, de acordo com Benevides¹⁰², a UDN lidera a oposição através da brilhante “Banda de Música”, grupo formado pelos bacharéis (Aduino Lúcio Cardoso, Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro, Bilac Pinto, José Bonifácio, entre outros) que, “sentados na primeira fila do plenário, com sua oratória inflamada e muitas vezes violenta, apartavam ou discursavam diariamente contra o governo.” No extremo oposto da “Banda de Música” atuava um grupo de parlamentares udenistas — geralmente do Nordeste — sensíveis às possibilidades de aproximação com o governo, os chamados “chapas-brancas”. Já a UDN do então Distrito Federal, segundo Benevides, influenciada pela pregação golpista de Carlos Lacerda e reforçada

to que desfaz a própria honra nas mãos de um rato e de uns quatro imbecis, como escrever sem paixão?” (MENDONÇA, 2002, p. 79).

¹⁰⁰ LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. 2001, FUNDAMAR, editora da UNB. p. 236. Livro organizado por Túlio Vieira da Costa, com intuito de “apresentar Lacerda para o mundo” (Prefácio da obra). Foi utilizado o arquivo ARORCL e foram reunidas informações dadas por ele e presentes no jornal da época, *Manchete*, do período de 1967-1977.

¹⁰¹ Referência do livro de Marina Gusmão de Mendonça (13. idem, 1/6/1950 - jornal *Tribuna da imprensa*). (MENDONÇA, 2002 p. 115.)

¹⁰² BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 66.

pela “Banda de Música” no Congresso, passa a exercer a hegemonia dentro do partido. Data desta época a criação do “Clube da Lanterna”, que reunia militares e civis inspirados na liderança lacerdista, radicalmente anti-getulistas e anti-comunistas; a atuação opositora da UDN foi essencial para a queda do governo Vargas, e, de certa forma, no seu suicídio:

O processo conspiratório e de concentração de pressões civis e militares que culminaram no suicídio de Getúlio Vargas é considerado um "golpe branco" que, orquestrado pelas forças antigetulistas, teria beneficiado especificamente a UDN. Na realidade, o trauma provocado pela morte do seu principal inimigo — mais do que inimigo, a "razão de ser" de um partido fundado pelos que se lhe opunham — causou nos udenistas um sentimento ambíguo de depressão e euforia, fatais para a coordenação de uma ação política eficiente, no sentido de gerir os frutos da vitória. Em seu primeiro discurso na Câmara, após o suicídio (31 de agosto) Afonso Arinos faz questão de ressaltar, por exemplo, que a UDN "não derrubara Getúlio, que ele caíra vítima de seus próprios erros", assim como afirmar que a UDN não governava, "apesar de estar com alguns membros no governo" e desejar que se consiga "sopitar os destinos do ódio e fazer com que vicejam as flores da fraternidade brasileira"¹⁰³.

Lacerda havia acreditado fielmente na ideia de que a segunda candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes teria sido o maior erro político da UDN; mas, durante a campanha, esse “erro” não foi observado: ele supunha que dificilmente alguém que já foi derrotado uma vez poderia ganhar na próxima eleição. Em um primeiro momento, Lacerda não acreditava que Vargas ia se candidatar, que Nereu Ramos¹⁰⁴ ou Carlos Luz¹⁰⁵ seriam os possíveis candidatos. Todavia, logo Ademar Barro foi a São Borja, convenceu Getúlio a ser o candidato e assegurou o apoio a ele. A única solução admitida por Lacerda foi tentar um acordo¹⁰⁶ com o candidato do PSD, Dr. Cristiano Machado¹⁰⁷.

A resposta havia sido negativa, ele não abriria mão do seu eleitorado. Mesmo acreditando na vitória getulista, Lacerda preferiu apoiar a candidatura de Brigadeiro, já que não tinha outra alternativa. Participou dos comícios e usou a *Tribuna da Imprensa* como veículo da

¹⁰³ BENEVIDES, 1965, p. 350.

¹⁰⁴ Nereu de Oliveira Ramos foi um advogado e político brasileiro. Foi vice-presidente do Brasil, eleito pelo Congresso Nacional, de 1946 a 1951. Foi presidente da República durante dois meses e 21 dias, de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956.

¹⁰⁵ Carlos Luz assumiu a Presidência da República por ser presidente da Câmara dos Deputados, em função do afastamento, por motivos de saúde, do presidente Café Filho (vice-presidente de Getúlio Vargas, que cometeu suicídio no ano anterior). O suicídio do presidente Getúlio Vargas e o afastamento do seu sucessor constitucional, o presidente Café Filho, resultou na vacância do cargo mais alto do Poder Executivo.

¹⁰⁶ O acordo, segundo Lacerda, era: “[...] ou é o Brigadeiro desistir da candidatura dele em seu favor ou é o senhor desistir da sua candidatura em favor de Brigadeiro. A segunda hipótese me parece melhor, não por nenhum despreço ao senhor, mas é porque é muito mais fácil levar o seu eleitorado para o Brigadeiro do que trazer o do Brigadeiro para o Senhor” (LACERDA, 1977, p. 100).

¹⁰⁷ De acordo com Lacerda, Dr. Cristiano Machado foi um dos próceres da Revolução de 30, em Belo Horizonte. Era irmão do escritor Aníbal Machado. Era um homem tímido, prudente (LACERDA, 1977, p. 100).

campanha udenista. Pelos dados numéricos da eleição de 1950¹⁰⁸, se Brigadeiro e Cristiano tivessem juntado forças, provavelmente teriam saído vitoriosos da eleição. Foi nesse mesmo período que Lacerda conquistou a fama de “golpista” e “fascista”, isso porque ele começou a defender a tese de que não se “substitui uma ditadura por uma democracia em 24 horas”:

[...] a máquina da ditadura foi montada em anos de trabalho. Montada tecnicamente, através da censura, através da propaganda, através do monopólio do rádio, através dos órgãos de comunicação de massa, e através sobretudo de uma impossibilidade de a oposição se comunicar porque eram velhos políticos que tinham ainda as mesmas técnicas do tempo em que as oligarquias ganhavam votação: dividiam o país entre si e ganhavam eleição. Um ganhava aqui, outro ganhava acolá, etc. [...] Getúlio utilizava a técnica moderna de comunicação de massas, que tinha usado como ditador, através de Lourival Fontes, que era um homem fascista, [...] o criador do “mito Vargas”. [...] Toda gente, mal ou bem, devia algum momento da sua vida ao Getúlio. [...] Por isso é que defendi a tese de que é preciso: primeiro, reformar a legislação eleitoral, segundo desmontar a máquina da ditadura, depois, convocar as eleições¹⁰⁹.

A indignação levou Lacerda a lançar-se, de corpo e alma, a uma implacável campanha de denúncias e raiva contra o presidente Getúlio. Ele transformou Vargas na própria “encarnação do demônio”¹¹⁰, o culpado por todo mal que pudesse acontecer à nação brasileira¹¹¹. Ele não conseguia compreender como um ex-ditador conseguiu ser eleito democraticamente. O “populismo”¹¹² consegue explicar a política brasileira de 1930 a 1964; Getúlio tem toda a imagem desse político “populista”. Surge como um personagem que agiria de má fé, mentindo e enganando o povo, sobretudo nas épocas de eleições, prometendo tudo e nada comprimindo:

¹⁰⁸ Nas eleições de 1950, Getúlio Vargas teve 3.849.040 votos, Brigadeiro 2.343.384 votos e Cristiano Machado 1.679.193 votos. Se juntassem os votos de Brigadeiro e Cristiano, teríamos 4.022.577, ou seja, 173.537 a mais que Getúlio Vargas obteve (Dados registrados no *Depoimento*, p. 102).

¹⁰⁹ LACERDA, 1977, p. 101-102.

¹¹⁰ Terminologia utilizada por Marina Gusmão de Mendonça (MENDONÇA, 2002, p. 125).

¹¹¹ “[...] Tenho muitas dúvidas se ele seria, realmente, uma criatura humana, consciente da violência dos golpes com que procurava esmagar seus adversários. Parecia mais uma força da natureza, impetuosa e irresistível, uma espécie de pororoca da planície amazônica, arrastando na sua passagem as árvores que encontrava, por entender que aquela era a sua missão de todos os dias. As forças da natureza não têm obrigação de possuírem sensibilidade ou de respeitarem o talvez criados para os períodos normais, quando se limitam a refletir o encanto das paisagens, namorando as árvores encontradas no seu percurso. [...] Por uma questão de temperamento, confesso que não gostava de seu estilo pessoal de fazer política. Mas era difícil não admirar a força da inteligência com que desabafa em cima de seus adversários, como que para esmagá-los para todo sempre (SOBRINHO, Barbosa Lima. Trechos do jornal guardado no AORCL).

¹¹² O “populismo”, como noção para explicar a política brasileira de 1930 a 1964, tornou-se uma das mais bem-sucedidas imagens que se firmaram nas Ciências Humanas no Brasil. O ano de 1930 seria o início do “populismo na política brasileira”; 1945 marcaria rearranjos institucionais que teriam permitido a sua continuidade na experiência democrática; 1964, finalmente, significaria o seu colapso (FERREIRA, Jorge. Org. **O populismo e sua história**: debate e crítica. 2017, p. 07).

As elites liberais que perderam o poder em 1930, contrariadas com o intervencionismo estatal na economia, o cercamento do regionalismo político, os ataques à tradição liberal individualista, a elevação dos trabalhadores à categoria de cidadãos e as arbitrariedades da ditadura do Estado Novo, mas sobretudo assustadas com o movimento “queremista”, passaram a explicar o apoio dos assalariados a Vargas ressaltando a demagogia, a manipulação, a propaganda política, a repressão policial, entre outros fatores, sugerindo uma relação destituída de reciprocidade: o Estado, com Vargas, surgia como todo-poderoso, capaz de influenciar as mentes das pessoas; a sociedade – os trabalhadores em particular – amedrontada com a polícia e confundida pela propaganda política estatal do DIP, era transformada em massa de manobra e, portanto, vitimizada.¹¹³

Porém, naquela época, ser um líder “populista”, tanto para os trabalhistas quanto para seus adversários, não descrevia um político que utilizava como recursos a manipulação, a demagogia e a mentira. A palavra tinha outro significado do atual – o oposto. A expressão pode ser traduzida no que se chama de “líder popular”, de alguém que representa, autenticamente, os anseios políticos “populares” ou dos “movimentos populares”¹¹⁴. Getúlio passava confiança para os trabalhadores, assim como o Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB. Segundo a professora Lucília de Almeida Neves, o PTB é o partido que pode ser identificado como expressão melhor acabada do trabalhismo brasileiro, e desde a sua fundação apresentou um programa pautado por princípios e objetivos que permitem inferir que as preocupações básicas daquela agremiação partidária relacionavam-se a temas como direitos trabalhistas, garantia de emprego, previdência social ampla, entre outros¹¹⁵.

Com isso, apesar das intensas campanhas feitas pela UDN para que Vargas e Café Filho não assumissem os postos de Presidente e Vice-Presidente, o STF diplomou, em 18 de janeiro de 1951, a entrada imediata dos dois na direção do país. Lacerda, fazendo parte do grupo da UDN conhecido como a “Banda da Música”, engajou-se em uma campanha, utilizando do *Tribuna da Imprensa*, para difamar o Congresso e todos aqueles que apoiaram a entrada de um ditador na Presidência do Brasil. Manchetes como “Erro Jurídico a eleição de um Presidente pela minoria”; “Hitler eleito por maioria relativa”; “A maioria absoluta nas Constituições Brasileiras”¹¹⁶ demonstravam a rebeldia de Lacerda ao ver seu maior inimigo novamente no poder.

A imagem de Vargas construída pela UDN estava vinculada ao “chefe de uma quadrilha que, empenhada em se apropriar do país, assaltava os cofres públicos em benefícios próprio”¹¹⁷.

¹¹³ FERREIRA, 2017, p. 07.

¹¹⁴ Ibid., p. 116.

¹¹⁵ Ibid., p. 175.

¹¹⁶ Manchetes da *Tribuna da Imprensa*, de janeiro de 1951.

¹¹⁷ MENDONÇA, 2002, p. 124.

Para Lacerda, a vitória de Getúlio não era uma vitória democrática, mas “uma vitória da máquina que a ditadura montou”¹¹⁸. Ele não teria condições de fazer um novo Estado Novo porque as condições já eram ultrapassadas, “mas um peronismo, um populismo de fundo ditatorial também, baseado em uma popularidade autêntica, e a partir dela uma programação autoritária”¹¹⁹. Getúlio era incompatível com a democracia. Lacerda não se enxergava como um golpista, antidemocrático; para ele, Vargas era o único golpista¹²⁰.

1.4.1 Samuel Wainer e a *Última Hora*

Os ataques estavam direcionados também a todos aqueles que apoiassem o governo, como o jornal *Última Hora*¹²¹, dirigido pelo seu arqui-inimigo Samuel Wainer: “Os Lacerdistas voltaram a animar-se quando começou a famosa campanha da *Última Hora*”¹²².

Carlos Lacerda acreditava que o jornal era um veículo financiado pelo governo e, por isso, passou a acusar Getúlio Vargas de manipular recursos públicos em benefício de Wainer. Argumentou ter provas de que Wainer não havia nascido no Brasil, o que, de acordo com o artigo 160 da Constituição, vedava o direito de ser proprietário de uma empresa jornalística, e cada descoberta foi “comemorada como um gol ou uma jogada de efeito em uma partida de futebol”¹²³. Todos exigiam providências legais imediatas para que o jornal inimigo se enquadrasse na Constituição.

No discurso de inauguração, o jornalista fez um discurso em que saudava o jornal e ouviu frases como: “... é verdade que com a ajuda do governo federal”. Wainer ficou aborrecido com a situação e retrucou, falando, em forma metafórica, críticas a donos de jornais de sucesso daquela época. Lacerda já fazia parte desse clube dos “donos de jornais”, já que ele

¹¹⁸ “[...] depositário de todo o “mal”, de todas as forças deletérias [...]. Caudilho, corrupto, ambicioso, desonesto, violento, imoral e assassino, os adversários não apenas manejam aqueles bens simbólicos mais caros à legitimidade do poder, criando uma representação extremamente negativa do presidente, como ainda formulavam outras, também assustadoras, que ameaçavam o quadro político e, sobretudo, moral da nação (FERREIRA, Jorge Luís. O carnaval de tristeza: os motins urbanos de 24 de agosto In: GOMES, Ângela Maria de Castro. Org. **Vargas e a crise dos anos 50**, 1994, p. 65-66.

¹¹⁹ LACERDA, 1977, p. 110.

¹²⁰ Vargas mantinha um atributo no qual ninguém o excedeu: a capacidade de seduzir o adversário, corrompendo os corruptos, conquistando os que se deixassem vencer pela sua simpatia irresistível e por certos traços bem marcados de honestidade pessoal e de apreço pela inteligência (LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. FUNDAMAR: Editora da UNB, 2001, p. 238.

¹²¹ *Última Hora* foi um jornal carioca fundado pelo jornalista Samuel Wainer em 12 de junho de 1951.

¹²² LACERDA, Gabriel. **Meu tio Carlos Lacerda**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017. p. 31

¹²³ LACERDA, Gabriel. **Meu tio Carlos Lacerda**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017. p. 33.

tinha fundado o *Tribuna da Imprensa*, e, de acordo com Wainer, havia conseguido se juntar ao clube por duas razões:

Primeiro, porque estava evidente desde o início que a *Tribuna da Imprensa* jamais seria uma grande publicação. Depois, porque Lacerda há muitos anos defendia, e continuaria a defender, os interesses e pontos de vista dos barões da imprensa. Estava longe, portanto, de ser um estranho naquele meio. Lacerda sabia polemizar, tinha uma riqueza verbal avassaladora, mas não era um grande jornalista, na medida em que desconhecia setores vitais da atividade profissional. Gostava de passar horas sentado diante da máquina de escrever, datilografando furiosamente, mas nunca se interessou, por exemplo, em conhecer por dentro uma oficina. tampouco sabia cuidar de uma primeira página, escolher a melhor foto, retocar uma diagramação. De qualquer forma, ele conseguiu forjar uma imagem de grande jornalista [...] Carlos havia tornado em tão pouco tempo, a menina dos olhos da direita brasileira [...] Carlos não perdia a chance de me atacar.¹²⁴

Wainer sentiu-se incomodado com “ódio que Lacerda tinha dele”, principalmente depois que surgiu o *Última Hora*. Ele confiava que o jornal representaria uma ameaça à imprensa brasileira. Lacerda afirmou que a relação de Wainer e Getúlio Vargas começou quando Chateaubriand mandou Wainer a São Borja para entrevistar Vargas para o *Diário de Notícias*. Wainer, que a vida inteira tinha combatido Vargas, passou a ser jornalista dele na segunda fase, “o jornalista da fase da velhice”¹²⁵. Quando Vargas retornou ao poder, convenceu Wainer de ter um jornal que seria o porta-voz de seu governo, e foi então que o *Última Hora* tornou-se o jornal do governo Vargas, financiado pelo Banco do Brasil, portador de uma boa equipe, com máquinas modernas e recursos exuberantes.

Wainer não aceitou as repressões escritas por Lacerda e tentou, a todo tempo, golpear duramente a imagem de Lacerda no jornal¹²⁶. Mesmo após a morte de Lacerda, ele afirmou não ter conseguido perdoá-lo por alguns motivos: primeiro, porque ele, em todas as oportunidades, o difamou, e ainda obteve a ousadia de colocar o nome de sua esposa no meio, insinuando que ele só se casou para ter um filho brasileiro e não ter problemas de cidadania aqui no Brasil. Segundo, Wainer havia o ajudado com os problemas pessoais que ele passou na ditadura Varguista¹²⁷, mas Lacerda nunca havia reconhecido a importância da amizade dos dois, desse

¹²⁴ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 138-139.

¹²⁵ LACERDA, 1977, p.124.

¹²⁶ Notícias como: “Vigiamos estreitamente seus passos, e, principalmente, não perdíamos chances de ridicularizá-lo. Algumas vezes falhavam, outras davam muito certo como o episódio nacionalmente conhecido como ‘o corvo’” (WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 180.

¹²⁷ Wainer arrumou um emprego para Lacerda no jornal em que dirigia, *Diário de Notícias*, pois Lacerda passava por uma situação difícil: sua saída do PCB e sua guinada para a Direita. Entretanto, não durou muito tempo: Lacerda, mordido pela situação da sua expulsão do PCB, ao querer publicar no jornal artigos polêmicos sobre o

companheirismo; ele foi o responsável pela criação da adjetivação mais conhecida de Lacerda, “o corvo”¹²⁸.

Figura 1 - “O corvo”, Carlos Lacerda.



Fonte: Caricatura do livro **Arquivos em imagens**: n 3. Série *Última Hora* (ilustrações); 1999, p. 42.

A caricatura surgiu depois de um lamentável fato ocorrido no Rio de Janeiro. O repórter policial do jornal *Última Hora*, Nestor Moreira, em 1954, após um atrito com um policial, foi espancado e morto. Em seu velório, na Câmara Municipal, contou com a presença de vários políticos, entre eles Carlos Lacerda. Vestido da cabeça aos pés da cor preta, Lacerda lamentava muito o ocorrido e olhava atentamente para o corpo de Nestor. Porém, Lacerda não o conhecia

partido, acabou sendo demitido, depois que Wainer foi pressionado por colegas de trabalho que não queriam que o jornal se transformasse em um veículo polêmico do governo.

¹²⁸ [...] “Ao ver Lacerda vestido de preto e com um aspecto solene, Wainer chamou Lacerda de Corvo e disse a Edmar Morel que Carlos não era jornalista e nunca havia visto Nesto em sua vida. [...] O desenho apareceu na *Última Hora* nos dias 25 e 26 de maio juntamente com dois editoriais. O primeiro dizia que Nestor, cercado pela família e companheiros, “exalava o último suspiro, surgia à porta do hospital a figura do Corvo. Até então, ele estava apenas à espreita, aguardando o momento oportuno para, já à beira do túmulo, saciar a sua negra alma de abutre exibicionista e hipócrita” (DULLES, 1992, p. 170).

e não tinha nenhum apressado pelo jornal *Última Hora*, pelo contrário: já havia feito de tudo para fechá-lo.

Segundo Wainer, sempre que ocorria alguma morte interessante, lá estava Lacerda. Era um corvo¹²⁹. Imediatamente, vendo a situação, chamou o caricaturista Lan e pediu que desenhasse Lacerda como um “corvo” e, logo em seguida, escreveu um editorial com tons violentos a respeito da situação ocorrida. O apelido gerou uma enorme repercussão e nunca mais deixou de acompanhá-lo. Nos comícios, era comum ouvir pessoas gritando: “cala a boca, corvo!”.

Lacerda, apesar de não se agradar da adjetivação, não conseguiu ter sua imagem não associada ao animal. A caricatura foi reproduzida em diferentes momentos e ligada a vários acontecimentos da política brasileira. Até nos dias de hoje algumas notícias mencionam essa adjetivação, ainda em tons comparativos, com os políticos novos do século XXI. Em 2010, por exemplo, a *Revista Forum* estampou nas capas a seguinte manchete: “como Serra¹³⁰ virou o Lacerda, o Corvo.”

Lacerda aparentemente alcançou seu objetivo: “a *Última Hora*, apesar de conseguir manter as vendas, passaria a enfrentar graves dificuldades financeiras, decorrentes da debandada dos anunciantes em direção a outros jornais”¹³¹. Em meio a esse período conturbado, cheio de denúncias contra a presidência, houve o crime da rua Tonelero. As consequências do episódio foram associadas ao suicídio de Getúlio Vargas, já que Lacerda era um dos principais opositores do governo e o maior inimigo do então presidente.

O autocídio de Vargas o deixou como o grande mártir de seu rival, construindo a imagem de “salvador da pátria”. A de Lacerda, no entanto, estaria ligada sempre ao “inimigo do salvador da pátria” que o levou à morte. O atentado na rua Tonelero, que deixou uma morte, Major Vaz, um dos líderes do clube da Lanterna¹³², amigo pessoal de Lacerda, que ficou com

¹²⁹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 181.

¹³⁰ A notícia fez comparações a todo momento: “Atacar governo trabalhista usando essa expressão é como atacar gays usando a expressão “pederasta”. Nos anos de 1960, era ofensivo. Hoje, chega a ser cômico – mas ajuda a identificar o grau de conservadorismo de quem utiliza a expressão. É algo mofado, ultrapassado... É como chamar vocalista de *crooner*. Serra resolveu utilizar a tal expressão – “república sindicalista” – para atacar Lula. Virou um fantasma de Carlos Lacerda. Lacerda era dono de jornal. Serra não precisa, tem todos com ele. Lacerda tinha sido comunista na juventude. Serra não chegou a tanto, mas flertou com a esquerda e subiu no palanque de Jango em 1964. Lacerda parecia acreditar no que dizia. Já Serra parece uma sombra a vagar atrás de um discurso”. (REVISTA FORUM, 15 de julho de 2010).

¹³¹ MENDONÇA, 2002, p. 138.

¹³² O “Clube da lanterna” foi criado em agosto de 1953 e era uma organização liderada pelo jornalista Fidélis dos Santos Amaral Neto. Congregava diversos parlamentares, notadamente udenistas, e adversários de Vargas, a maioria deles intimamente ligados a Lacerda. Apesar de todas as evidências a respeito da ligação de Lacerda ao Clube, ele sempre negou ter participado. Mas, sempre teve muito proveito da situação, como, por exemplo, a defesa fervorosamente da sua candidatura à Câmara Federal; na minissérie *Agosto*, um guarda de Getúlio fazia

uma ferida no pé esquerdo depois de ter levado um tiro, é o episódio mais lembrado quando se trabalha com as relações entre Getúlio Vargas e Lacerda. Algumas perguntas a respeito dessa noite jamais foram esclarecidas, tais como: de que maneira uma pessoa que levou um tiro no pé consegue correr uma distância significativa em direção ao assassino para continuar atirando? Como o seu pé não teve nenhuma sequela, apesar do tiro ter sido de uma bala calibre 45? Por que Lacerda se recusou a entregar sua arma para o engajamento das investigações? Apesar de ele ter se negado a entregar, por que não foi aberta uma perícia balística da arma? Por que não foi realizada, ao corpo do Major, uma autópsia?

Há algumas hipóteses sobre o atentado. Sobre ele, resumidamente, Lacerda voltava de uma Formatura na Tijuca, acompanhado pelo seu filho Sérgio e pelo Major Rubens Florentino Vaz. O major o acompanhava justamente para lhe proteger de um possível ataque. Dois indivíduos o esperavam em frente ao prédio em que morava, na rua Tonelero, e logo um deles abriu o paletó, sacou uma arma e começou atirar. Nas palavras de Lacerda:

Eu tinha o tal revólver de cano curto, para tiro à queima-roupa. Não gostava de andar armado, mas naquela época era preciso. Eu o levava no bolso da calça, porque ele era pequeno e cabia ali. Na hora pensei no revólver, mas o Sérgio se agarrou em mim. E o assassino atirando. [...] Nessa altura senti um negócio no pé. O pé esquerdo pesando, uma dor violenta. Quando olhei, estava saindo sangue pelo cordão do sapato. “Que diabo, fui atingido aqui no pé.” E não vi mais o Vaz.¹³³

O Major Vaz estava preocupado com a vida de seu amigo e já o havia alertado sobre estar exagerando nos ataques ao presidente. Logo após o atentado, Lacerda e o Major foram levados para o Hospital, mas Vaz já chegou morto. De acordo com a versão oficial, o episódio resultara de uma ordem do tenente Gregório Fortunato¹³⁴, que havia decidido matar Carlos Lacerda devido à intensa campanha contra Vargas. Gregório havia comentado tudo com o irmão de Vargas, Benjamin Vargas, o que gerou indignação aos *Lacerdistas*:

Eu me pergunto, hoje, só para argumentar, o que aconteceria neste país se um irmão de um presidente da República, qualquer que seja ele, mandasse matar

parte do “Clube dos lanternas”, mas não assumia essa posição, pois era perigoso. Na época, as pessoas temiam ter a imagem vinculada ao clube.

¹³³ LACERDA, 1977, p. 133.

¹³⁴ Gregório Fortunato nasceu em São Borja (RS) em maio de 1900. Filho de Damião Fortunato e de Ana de Bairro Fortunato. Negro, de origem humilde e sem instrução, Gregório trabalhou durante muito tempo como peão nas fazendas de gado da região de São Borja. Aproximou-se da família Vargas em 1932, quando se destacou no combate à Revolução Constitucionalista de São Paulo, integrando uma unidade comandada por Benjamin Vargas, irmão do presidente Getúlio Vargas. Com a eleição de Getúlio para a presidência, em outubro de 1950, e a posterior posse em janeiro de 1951, coube-lhe a tarefa de reorganizar e chefiar a nova guarda pessoal do presidente (Dados do CPDOC).

o líder de oposição, também qualquer que seja ele. Foi isso que aconteceu em 1954. Mas a versão é muito simples, e os imaginários são capazes de julgá-la pouco criativa. Ninguém pára pensa que, se não tivesse havido o atentado da Tonelero, não teria acontecido o suicídio de Getúlio. Ficou mais fácil inventar lendas capazes de gerar votos dos que precisavam da morte de Getúlio para se eleger. Chegaram até dizer que foi Lacerda que matou o Vaz, a polícia tentou insinuar isso, o que gerou uma grande irritação em Lacerda.¹³⁵

Vargas soube rapidamente que Gregório Fortunato, o chefe de sua guarda pessoal, havia sido o mandante imediato do atentado. Ele havia confessado ao próprio presidente: “inocente nesse crime, mas irremediavelmente comprometido nele por gente de sua imediata confiança”¹³⁶. Gregório negou, em um primeiro momento, as acusações à Comissão de Inquérito Policial Militar, mas, logo depois, alguns dos implicados no crime denunciaram Lutero Vargas, filho do presidente Getúlio Vargas, como um dos mandantes¹³⁷. Gregório havia contratado Climério Euribes de Almeida, também membro da guarda, para contratar o pistoleiro, que seria Alcino João do Nascimento¹³⁸. Quem os levou até o cenário do crime foi o motorista de táxi Nelson Raimundo de Souza, que também trabalhava ao redor do Catete.

Essa versão oficial foi contestada pelo cientista político Luiz Roberto Guimarães da Costa Jr., que acredita que, na verdade, naquela noite acontecera um crime comum: “às perguntas feitas nos interrogatórios visavam a resposta de conteúdos implicitamente predeterminadas em busca do mandante ou mandantes do crime”¹³⁹. Outras teorias foram formuladas, como a qde Tancredo Neves¹⁴⁰ e do coronel aviador Adhemar Scaffa Falcão¹⁴¹. Lacerda aproveitava a situação e utilizava-se da *Tribuna da Imprensa* para denunciar o governo como o único culpado pelo atentado. O crime conseguiu alcançar uma imensa comoção,

¹³⁵ MAGALHÃES, 1993, p. 149-150.

¹³⁶ LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. 2001, p. 235.

¹³⁷ Benjamin Vargas comunicou ao irmão presidente a triste verdade: o atentado fora tramado no Palácio do Catete e executado por aquela sub-humanidade que, atrás da guarda pessoal, vivia nos desvãos do palácio presidencial; de envolta com funcionários regulares da polícia, facínoras, foragidos da Justiça e aventureiros desclassificados (LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. FUNDAMAR: Editora da UNB, 2001, p. 235.

¹³⁸ Alcino, em 1977, contestou a versão oficial do atentado. De acordo com ele, Gregório Fortunato apenas o comendou-lhe uma investigação sobre Lacerda, com o objetivo de descobrir algo desabonador contra o jornalista. Lá na rua Tonelero foi Vaz que o agarrou e, como legítima defesa, ele atirou no Major.

¹³⁹ COSTA, Jr. Luiz Roberto Guimarães da. **O crime da rua Tonelero e o suicídio de Getúlio**. Leitura n° 147, 13/8/1994, p. 14 (Nota de rodapé: MENDONÇA, Marina Gusmão. **O Demolidor de presidentes**. 2002, p. 150).

¹⁴⁰ Acreditava, o ex-ministro da Justiça do Governo Getúlio Vargas, quando aventuou a possibilidade “de ter sido uma parte de estratégia da *Central Intelligence Agency* (CIA) para derrubar Getúlio” (MENDONÇA, 2002, p. 150).

¹⁴¹ “Subcomandante da Base Aérea do Galeão e prefeito da Aeronáutica da Ponta do Galeão, acreditava que estava tudo preparado para o atentado, porque as providências tomadas para que se desse realce político ao atentado foram muitas, como a missa de corpo presente no Clube Aeronáutica, o velório do clube da Aeronáutica, o transporte, a pé, do cadáver até o Cemitério de São João Batista [...] O objetivo não era bem apurar a morte do major Vaz, e sim transformar o atentado em motivo para uma modificação política, e assim foi feito” (Coronel Aviador Adhemar Scaffa em entrevista a Hélio Silva, 1978, p. 233).

principalmente a indignação dos setores anti-getulistas, o que gerou uma imensa organização para resolver esse crime em todo país.

Esses acontecimentos estão ligados ao suicídio de Getúlio. Sua morte, enfim, parecia solucionar a crise política, que, em verdade, só estava começando. Lacerda não esperava que isso fosse acontecer, e sua imagem, a partir desse momento, estaria vinculada à “morte do pai dos pobres”. Vargas estaria para sempre no imaginário popular, na condição de vítima, “tomada de surpresa pelo drama do seu suicídio, a nação absolveu-o de culpas”¹⁴²; já Lacerda, fora atingido pela própria violência¹⁴³, sofreria as consequências, tendo que ir embora imediatamente do Brasil.

Antes disso tudo acontecer, ocorreu uma imensa campanha em apoio à renúncia de Vargas por todo o país, e Lacerda participou intensamente desse movimento. Canrobert, ministro da Justiça do governo Vargas, encontrou-se com Lacerda em meio à campanha e foi convencido de que a normalidade não voltaria. Se Vargas não renunciasse, ele teria que voltar a ser um ditador, o país estava em uma crise, num “mar de lama”¹⁴⁴. Canrobert não estava disposto a botar tanques na rua, como foi feito em 1945, para depois ser chamado de fascista, e só faria isso se fosse apoiado por todos.

Lacerda, além de encontrar com o ministro da justiça, havia encontrado também, escondido, com Café Filho, um dia antes do suicídio de Vargas. Ele tentou convencê-lo de que agora seria a vez de ele assumir a presidência, mas ele preferia que ambos renunciassem, ele e Vargas, embora Lacerda não visse necessidade para isso¹⁴⁵. Apesar de dar apoio a Café Filho, Lacerda não acreditava que ele estava pronto para governar. Na verdade, Lacerda enxergava nas Forças Armadas a melhor opção para o Brasil naquele momento: tratava-se de “limpar” a democracia brasileira que estava manchada pela máquina constituída por Vargas.

¹⁴² LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. 2001. p. 233.

¹⁴³ Lacerda afirmou: “evidentemente, não procuro justificar ou contestar a tese de que fui o assassino de Vargas, mas sim tentar uma explicação que sempre procurei para o fenômeno do suicídio. Quer dizer, havia antecedentes de que a derrota para ele significava o fim de uma carreira no qual ele só admitia êxitos. Ele não se matou em 1945 porque não saiu derrotado. Ele saiu gloriosamente do Palácio do Catete para a fazenda de São Borja. Sem apoio nenhum para ficar mais no governo, saiu e foi ficar num compasso de espera. Ele seria, naquela altura, compreensível. Saiu para a fazenda, para um período de descanso. Mas toda a máquina ficou de pé. E ele de braços cruzados, assistindo ao fracasso do Exército, que o substituiu” (LACERDA, 1977, p. 117).

¹⁴⁴ Expressão utilizada pelos opositores do presidente Getúlio Vargas para designar a corrupção que teria caracterizado seu segundo governo. A expressão é atribuída ao próprio presidente Vargas, ao tomar conhecimento das transações ilícitas realizadas por Gregório Fortunato, chefe da sua guarda pessoal. Essas irregularidades vieram à tona em agosto de 1954 durante os inquéritos conduzidos pela polícia e pela Aeronáutica para descobrir o mandante do Atentado da Tonelero, no qual foi assassinado o major-aviador Rubens Vaz e ficou ferido o jornalista da oposição Carlos Lacerda, dono do jornal *Tribuna da Imprensa* (Dados do CPDOC).

¹⁴⁵ “Você foi eleito vice-presidente, e vice-presidente é para essas ocasiões” (LACERDA, 1977, p. 142).

Lacerda, aproveitando-se do trágico fim de Vargas, atacava a ideia de eleições livres. Ele desejava uma “reforma na democracia brasileira para instaurar a legalidade legítima”. Nesse momento, desejava um “regime de emergência”, que impedisse aos getulistas a tomada do poder.¹⁴⁶ Esse regime deveria ocorrer, se possível, por base parlamentarista, necessitando-se ainda do adiamento das eleições, da revisão das listas de eleitores e de um estatuto político que desse aos partidos seu verdadeiro papel na vida democrática¹⁴⁷.

A famosa carta testamento deixada pelo ex-presidente Vargas foi pronunciada pela primeira vez no seu funeral a um fundo musical melancólico, sendo transmitida em todas as emissoras existentes no país para que, assim, todos pudessem ouvir e ter conhecimento sob as circunstâncias em que o presidente havia falecido. Alguns acreditam que a carta testamento foi escrita por José Maciel Filho¹⁴⁸, amigo e conselheiro de Vargas. Sua filha, Alzira Vargas, esclareceu que não pode afirmar que a carta havia sido redigida por ele, ou ditada, mas que tinha certeza de que a assinatura era do pai¹⁴⁹. O suicídio havia “santificado” o ex-presidente Vargas e, por isso, foi uma decepção para Lacerda: “ele puxou a toalha debaixo da nossa festa, ele queria deixar o país um caos”¹⁵⁰, como um ato de vingança.

Grupos de populares, indignados, passaram a percorrer as ruas com paus e pedras, e irigiam seu rancor particularmente contra todo e qualquer material de propaganda política da oposição. Os símbolos políticos mais visados e destruídos com certa fúria aludiam aos candidatos da UDN. Um desses atos de fúria foi a tentativa de ataque à sede da *Tribuna da Imprensa*, mas a invasão foi impedida pela Polícia Especial. Entretanto, toda a edição do jornal foi queimada na rua em frente¹⁵¹.

Lacerda registrou no *Depoimento* que, ao saber da tragédia, o seu primeiro pensamento foi ir à Igreja e rezar: “Rezei por sua alma, profundamente chocado com aquele desenlace que não desejaria jamais”¹⁵². A tentativa dele de se tornar uma vítima em cima da morte de Vargas não deu muito certo e as pessoas foram para as ruas protestar, entristecidas, com a morte do presidente que havia feito mudanças significativas no país, o que afetava a classe trabalhadora. Naquele momento, ninguém queria ter qualquer ligação com o pedido de renúncia, com as

¹⁴⁶ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castello**. Editora Paz e Terra, 1982. p. 185.

¹⁴⁷ FERREIRA, Jorge **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 218.

¹⁴⁸ José Maciel Filho era jornalista e havia escrito grande parte dos discursos proferidos por Vargas. Era amigo pessoal e conselheiro do ex-presidente.

¹⁴⁹ Lacerda julgava que a carta havia sido assinada sem ele ler (LACERDA, 1977, p. 144).

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 147.

¹⁵¹ FERREIRA, Jorge **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 178.

¹⁵² LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. 2001. p. 249.

denúncias contra o ex-presidente, ao suicídio, e todos queriam ser “bons moços”¹⁵³. Lacerda acreditava ter sido o único que absorveu toda essa responsabilidade:

Foi aí que comecei a defender a tese que me valeu o título de golpista e até de fascista. Comecei a defender a tese de que a eleição de outubro de 1955 - a sucessão de Café Filho - não poderia ser realizada com a lei eleitoral em vigor, toda cheia de defeitos, como esse do vice-presidente poder ser adversário do presidente eleito. Eu dizia que era necessário não só uma reforma da lei eleitoral, mas uma reforma profunda no país, e que essas reformas, além de necessárias, ainda teriam a vantagem de dar um tempo para desintoxicar o Brasil, que vinha de vários anos de ditadura, de vários anos de demagogia, de vários anos de propaganda pessoal de um mito. Convocar eleições para o ano seguinte só porque estava marcada, era da minha opinião um erro gravíssimo, que consistia em levar um povo traumatizado por um drama daquela ordem a tomar uma decisão que tomaria num tempo normal. Portanto, longe de ser um ato democrático, era profundamente totalitário, esse ato de levar um povo, não pela razão, mas pela força de uma emoção incoercível, a tomar uma decisão contra si mesmo, decisão que não tomaria se tivesse condições normais de raciocinar.¹⁵⁴

Lacerda passou a ser caçado por populares nas ruas do Rio de Janeiro. Temeroso, preferiu refugiar-se na Embaixada dos EUA e, quando esta foi atacada, fugiu em um helicóptero militar que o levou, em segurança, para a bordo do cruzador *Barroso*, navio de guerra ancorado na baía de Guanabara¹⁵⁵. A morte inesperada de Vargas foi vivenciada pelos trabalhadores como um verdadeiro trauma, ao mesmo tempo político, social e simbólico. As pessoas temiam o que poderia acontecer:

A desestruturação repentina de representações sociais estabelecidas, de utopias que de longa data se formavam com promessas diversas, de mitos políticos onde elementos “arcaicos” se mesclavam com “modernos”, enfim, de todo um conjunto simbólico que permitia a leitura imaginária do presente, do passado e do futuro da coletividade, tornou o mundo, naquela manhã, repleto de incertas, angústias e incompreensões.¹⁵⁶

Mesmo com tamanha pressão, Café Filho assumiu a presidência e teve um governo marcado pelas medidas econômicas liberais e pela neutralidade: “havia um falso ar de tranquilidade, de normalidade, que não tinha haver com a realidade”¹⁵⁷. Na presidência, ele

¹⁵³ LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. 2001. p. 249.

¹⁵⁴ LACERDA, 1977, p. 147-148.

¹⁵⁵ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 201.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 180.

¹⁵⁷ Lacerda acreditava que o nosso país, naquele momento, corria o risco de ter um colapso total, já que as pessoas não se posicionavam, ou pelo menos mudavam de opiniões sucessivamente: “A mesma multidão que aclamava Brutus e os que mataram César, quando Marco Antônio fez seu discurso com o cadáver nos braços, e

organizou um ministério com personalidades antigetulistas, como Eugênio Gudim, na Fazenda, e o udenista Prado Kelly, na Justiça; o Brigadeiro no comando da Aeronáutica e Juaréz Távora na Casa Militar era praticamente uma cúpula formada por adversários do ex-presidente¹⁵⁸.

Segundo Thomas Skidmore, embora políticos udenistas e militares antigetulistas estivessem em preeminência no novo governo, não havia perspectivas de um expurgo anti-Vargas nos moldes solicitados anteriormente por extremistas como Lacerda. Sabia-se que Café Filho era adepto fervoroso dos princípios da “legalidade”. Desde a posse, ele fez ver que considerava seu governo como um regime interino, que tinha a responsabilidade primordial de continuar a estabilização econômica e presidir a eleição de seu sucessor constitucional. O primeiro teste dessa resolução presidencial foi a realização das eleições para o Congresso, programadas para outubro de 1954. Muitos dos líderes udenistas, receosos do impacto psicológico do suicídio de Vargas, exigiam que as eleições fossem adiadas. Os líderes petebistas denunciavam as propostas udenistas como tentativas disfarçadas para a suspensão do governo constitucional¹⁵⁹. A nova frustração, fugazmente dissipada no governo Café Filho — quando a UDN aparentemente “está no poder” — transforma-se em novo ânimo golpista, com a perspectiva da vitória dos herdeiros (JK-Jango) da tradição getulista nas eleições presidenciais de 1955. Café Filho negava-se a participar do golpe formulado pelos udenistas ligados a Lacerda. Lacerda intitulava o golpe de “desintoxicação”, pois via a necessidade da reformulação da lei. A vitória PTB-PSD foi suficiente para causar um clima de instabilidade crescente na política do país.

O ministro de guerra, o general Lott, foi uma figura central para que a presidência fosse entregue ao novo presidente eleito, e, para isso, continuou ao lado da Constituição. A UDN exigia que o caso fosse para a Justiça Eleitoral, argumentando que, pela Constituição, os candidatos vencedores necessitavam da maioria absoluta dos votos. Um episódio foi decisivo nesse momento: a morte do general Conrobert Pereira da Costa. No funeral, o coronel Jurandir Memede pronunciou um discurso desafiador de hierarquia e da disciplina militar, o que não agradou a alguns, como o general Lott:

Sem constar no cerimonial, Memede, num ato de insubordinação, tomou a palavra e homenageou o general falecido. Após elogiar sua conduta militar, o coronel lembrou que, em vida, ele desejou o fortalecimento das instituições

começou a pedir a morte dos que tinham assassinado César” (LACERDA, 1977, p. 149). Ele pressupunha que foi assim que ele tinha passado de vítima para assassino de Vargas.

¹⁵⁸ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 215.

¹⁵⁹ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castello**. Editora Paz e Terra, 1982. p. 182.

“através da verdade e da moralidade democrática, contra a corrupção e a fraude” dos oportunistas e totalitários que se arrogam o direito de oprimir a Nação. Continuação do discurso: (...) não será por acaso indiscutível mentira democrática um regime presidencial que, para a enorme soma de poder que concentra em mãos do Executivo, possa vir a consagrar, para a investidura do mais alto mandatário da Nação, uma vitória da minoria?¹⁶⁰

A vontade do general Lott, naquele momento, era de dar voz de prisão ao coronel Mamede, mas, em respeito ao funeral, conteve-se. Sua maior surpresa foi ver o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, cumprimentar Mamede com muito entusiasmo¹⁶¹. Carlos Lacerda também animou-se com o discurso, e defendia que existiam algumas formas de fazer a Revolução que era necessária. Lott esperou passar o feriado do dia 2 de novembro para pedir audiência ao presidente, porém, para sua surpresa, outro episódio veio para agravar a crise política: Café Filho teve que se afastar do cargo por “motivos de saúde”¹⁶², assumindo, na linha de sucessão, o ministro Carlos Luz. Ele era reconhecidamente partidário, ao contrário de Café Filho, sendo líder da facção dissidente do PSD que se opôs à indicação de Kubitschek¹⁶³.

Em sua primeira reunião ao gabinete, Lott anunciou que queria falar sobre a situação com o Mamede e exigia uma punição diante do ocorrido. Luz recusou a atender a exigência de Lott, de transferir Mamede, e como sinal de protesto Lott renunciou ao cargo de Ministro de Guerra. Lacerda continuava a campanha do “regime emergencial”; já as lideranças da UDN não apoiavam publicamente um golpe contra a posse de JK e Goulart. A sua atitude era ambígua.

Quando a tensão cresceu após o período eleitoral, a posição ambígua da UDN tornou-se cada vez mais evidente. A *Tribuna da Imprensa* lançou uma campanha de ataques exigindo que as Forças Armadas deveriam tomar providências no país e que “esses homens não podem tomar posse, não devem tomar posse, não tomarão posse”¹⁶⁴. O Rio de Janeiro estava agitado com tantos boatos em relação à possível “revolução” que poderia acontecer no país. Com o apoio das guarnições do Exército na capital da República, o general Lott sentiu-se fortalecido para insurgir-se contra Carlos Luz. Em sessão extraordinária, houve voto suficiente para o *impeachment* de Luiz, que seria substituído mediamente na linha sucessória por Nereu Ramos:

Sentindo perder o controle do poder, Carlos Luz, acompanhado de mais 11 pessoas, seguiu para o Arsenal de Marinha. Ali, o grupo golpista embarcou no cruzador *Tamandaré*, sob o comando do almirante Sílvio Heck, junto com o

¹⁶⁰ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 245.

¹⁶¹ Ibid.

¹⁶² Café Filho sofreu uma grave crise cardiovascular.

¹⁶³ SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: De Getúlio a Castello. Editora Paz e Terra, 1982. p. 191.

¹⁶⁴ Ibid., p. 193.

Coronel Mamede, o ministro da Justiça Prado Kelly e Carlos Lacerda. O objetivo era seguir para Santos e, em território paulista, estabelecer o governo. As ordens de Lott eram impedir a saída do cruzador da baía de Guanabara. As orientações dadas ao comandante da Artilharia da Costa foram claras: “primeiro de tiros de pólvora seca, depois mais tiros de intimidação, se ele continuar então tem que atirar na frente do navio, finalmente, atirar em cima. Para Lott, a chegada do cruzador dos Santos poderia significar o início da guerra civil. (...) receosos dos tiros de canhão, outros almirantes resolveram não arriscar. O *Tamandaré* ficou só.”¹⁶⁵

Em novembro de 1955 o paradoxo se desfaz, quando ganha novamente a aliança getulista e os militares do 24 de agosto são derrotados pela “novembrada legalista” do General Lott. Através de um contragolpe, Lott declarou a legalidade das eleições de outubro com o apoio das Forças Armadas, garantindo a posse do presidente eleito. A *Tribuna da Imprensa* alegou “que se eclipsaram a 24 de agosto despejados no mar de lama e sangue”.

1.4.2 As diversas faces das relações entre Carlos Lacerda e JK/Jango: o retorno de Getúlio sem Getúlio

A relação de Lacerda e JK foi de um extremo a outro. Quando ele lançou sua candidatura, Lacerda fez de tudo para que ele não fosse eleito, e se eleito fosse que não assumisse a presidência. Após o Golpe Militar, a necessidade levou-os a formar uma grande parceria em prol de um bem maior: a criação da frente ampla os uniu.

Em outubro de 1954, Juscelino Kubitschek lançou sua candidatura à Presidência da República para a eleição de 1955. JK apresentou um discurso desenvolvimentista e utilizou como *slogan* de campanha “50 anos em 5”, em uma aliança formada por seis partidos, e seu companheiro de chapa foi João Goulart¹⁶⁶. De acordo com Benevides, dificilmente um candidato à Presidência da República enfrentou uma campanha eleitoral em situação tão desfavorável, numa conjuntura de intensa efervescência política após a crise de agosto de 1954¹⁶⁷.

¹⁶⁵ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 252.

¹⁶⁶ De acordo com Lacerda (1977), Gouthier, cônsul-geral em Nova York e amigo pessoal de Juscelino, ofereceu a ele a prefeitura do Rio em troca da neutralidade sob a campanha dele. Lacerda ficou surpreso com a tentativa de suborno, mas não exitou em fazer uma campanha ferrenha em cima de Juscelino.

¹⁶⁷ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. 4 ed. Paz e Terra, 1976. p. 23.

Lacerda descrevia JK como “um homem sorridente, um homem afável, um homem que se dava bem com todo mundo”¹⁶⁸. Que, se fosse necessário, ele seria capaz de fazer piruetas na frente do público. Na campanha eleitoral, ele conseguiu se candidatar pelo PSD como um líder popular e carismático, colocando como vice-presidência o herdeiro natural de Getúlio, João Goulart. Ofereceu, portanto, ao PSD a vitória eleitoral: unindo PSD e PTB, a mesma manobra feita por Getúlio em 1945. Lacerda acreditava ser o retorno de Getúlio sem Getúlio:

Afinal, JK era sucessor de Vargas, não só porque foi o primeiro presidente eleito após sua morte, como porque deu continuidade, evidentemente com transformações, às diretrizes políticas e econômicas do getulismo, sintetizadas no que se convencionou chamar de nacional-desenvolvimentista. Mas JK não era o herdeiro político de Vargas. Essa posição, demarcada pelo próprio Vargas, era de João Goulart, o então presidente do PTB. Jango também gozava de grande popularidade.¹⁶⁹

Dar continuidade à política Varguista era algo inadmissível para Lacerda. De acordo com Cláudio Bojunga, JK estava livre da suspeita de nutrir ambições ditatoriais e inclinações continuístas. Mas, era necessário administrar com habilidade uma aliança, em princípio, contraditória “entre um partido conservador de base rural e outro populista de base urbana. Esse tipo de orquestração era sua especialidade”¹⁷⁰. JK traçava um roteiro republicano e democrático; era outra diferença de estilo em relação a Vargas.

Lacerda fazia questão de espalhar boatos, como uma possível relação de JK e Jango com o Partido Comunista Brasileiro, de que havia uma possível promessa ao comunista Pedro Pomar que legalizaria o PCB, o que foi intensificada com a divulgação da “Carta Brandi”¹⁷¹. Na *Tribuna da Imprensa* as manchetes eram utilizadas como tentativa de expor o quanto era inviável eleger dois políticos que exigiam a legalidade do PCB, e que se eles fossem eleitos, a única solução, segundo Lacerda, era uma intervenção pelas forças ansiosas por preservar o Brasil da putrefação, e se essa medida fosse tomada rapidamente, outras mais drásticas, como a ditadura pura e simples, teriam de ser adotadas. Nos últimos dias de campanha, começou a clamar por uma revolução que “estabeleceria um governo de gabinete”. Este deveria libertar o

¹⁶⁸ LACERDA, 1977, p. 151.

¹⁶⁹ FERREIRA & CASTRO. **1964** - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 45.

¹⁷⁰ BOJUNGA, Cláudio. **JK, o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 431.

¹⁷¹ Carta divulgada em setembro de 1955, endereçada a João Goulart, candidato a vice-presidente da República, e atribuída ao deputado argentino Antônio Jesús Brandi. O documento aludia a supostas articulações de Goulart com o governo argentino, chefiado por Juan Domingo Perón, visando à deflagração no Brasil de um movimento armado de cunho sindicalista. Um inquérito policial-militar, instaurado em outubro do mesmo ano, comprovou tratar-se de um documento apócrifo, forjado por falsários argentinos para ser vendido aos opositores de Goulart.

Brasil de bandidos políticos e usar uma linguagem franca e leal, mesmo que rude, para desintoxicar o povo.¹⁷²

Lacerda, junto a seus apoiadores, fez de tudo para que JK e Jango não assumisse a Presidência do Brasil. Outros jornais, além do *Tribuna da Imprensa*, ajudaram com a campanha para impedir a posse de JK e Jango, *O diário de notícias* e o *Estado de S. Paulo*. O *Correio da manhã*, como resposta, denunciou Lacerda, escrevendo “tudo em Lacerda é pequeno, mesquinho, desprezível [...] falso jornalista, falso deputado, falso católico, falso comunista [...]”¹⁷³. Lacerda introduziu um discurso lógico, o que mais tarde foi encampado pela constituição de 1988: “um candidato não obtém a maioria absoluta dos votos é porque metade mais um dos brasileiros não votou a favor, mas contra ele e seria necessárias novas eleições”. JK tinha conseguido cerca de 30% dos votos.

JK e Jango assumiram seus postos. Anunciavam constantemente que o Brasil havia de progredir cinquenta anos nos cinco anos de seus governos: “JK certamente era mais gastador do que Getúlio”¹⁷⁴. Tancredo costuma dizer que Vargas “tinha medo da inflação”, enquanto Juscelino “participava de uma emissão com volúpia”. Ele ainda acreditava que o desenvolvimento deveria ser perseguido a qualquer custo, privilegiava o quantitativo sobre o qualitativo e achava que, no final, tudo valeria a pena¹⁷⁵. É dessa coragem que vem o seu plano mais ambicioso: a construção de uma nova capital para o país, Brasília.

JK tinha urgência de recursos para mudar estruturalmente a capacidade produtiva do país, através de planos de execução e datas predefinidas:

Não era fácil impor aceleradamente a industrialização num quadro de subdesenvolvimento como o do Brasil de 1956, marcado pela injustiça social e por graves tensões políticas. JK teria de retirar de sua cartola algo para os diversos segmentos sociais que se digladiavam -, créditos para empresários, favores para recalcitrantes -, além de evitar um conflito direto com seus ferozes inimigos políticos. Teria de ajeitar e cooptar, praticar o getulismo sem o autoritarismo e mitigar o populismo com a fidelidade às liberdades públicas e à ordem constitucional.¹⁷⁶

Lacerda, mesmo nos EUA, via as coisas de outra maneira. Em sua correspondência para *O Estado de S. Paulo*, expunha opiniões venenosas sobre o novo governo brasileiro. Em *O Globo*, sob o pseudônimo Júlio Tavares, não se cansava de atacar JK e criticar a visão que

¹⁷² DULLES, 1992, p. 222.

¹⁷³ Ibid., p. 223.

¹⁷⁴ BOJUNGA, Cláudio. **JK, o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 438.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ Ibid., p. 441-442.

julgava distorcida da imprensa americana sobre sua atuação. Escrevia absurdos do tipo: “jornais como o *The New York Times* estão profundamente interessados no êxito da corrupção do Brasil¹⁷⁷. Havia sido decretado o fechamento da “frente de novembro”¹⁷⁸ e do “Clube da lanterna”. Entretanto, os chamados “comícios em casa”¹⁷⁹ mantiveram líderes contrários ao governo. Porém, como consequência da revogação do estado de sítio e da suspensão da censura, o “Clube da lanterna” foi reaberto.

Lacerda voltou para o país com a sua esposa Letícia e a filha Maria Cristina, que ainda não tinha um ano de idade. JK não queria correr o risco de assistir, de braços cruzados, às pregações que já haviam derrubado um presidente antes. Ele, então, tomou providências para impedir que Lacerda falasse nas rádios e na televisão. Não era um ato rigorosamente democrático, mas era uma questão de sobrevivência. O próprio Lacerda recusava-se a aceitar a legitimidade do governo e não se embaraçava com métodos. Como disse o Marechal Cordeiro de Farias em suas memórias, “os que o ouviram algumas vezes sabiam que era muito difícil resistir à força de suas palavras, era um gênio como tribuno, arrastava a audiência”¹⁸⁰.

1.4.3 Estabilidade/instabilidade política no governo JK

JK não sonhava com mudanças sociais radicais: buscava o investimento estrangeiro público e privado para satisfazer as necessidades que lhe eram subjacentes; ele era mais pragmático do que nacionalista¹⁸¹ e acreditava que era preciso quebrar o tabu de que o Brasil estava condenado a ser um país agrícola. Há diversas opiniões em torno, se houve ou não estabilidade política no governo de JK. Benevides, ao analisar a situação, concluiu que apesar da maioria dos estudos sobre a política brasileira, o período (embora parcialmente analisado) é apontado como um exemplo de estabilidade política, contrariando o padrão de “instabilidade crônica” que caracterizava a vida política nacional desde a Revolução de 1930. A historiadora não concorda com essa tese, acreditando que ela é fundamentada apenas ao fato de, mesmo com

¹⁷⁷ BOJUNGA, Cláudio. **JK**: o artista do impossível. Edição de bolso, 2010. p. 441-442.

¹⁷⁸ Movimento fundado em março de 1956 pelo coronel Nemo Canabarro Lucas com o objetivo de “dar conteúdo político ao Movimento do 11 de novembro de 1955”, liderado pelo general Henrique Lott para garantir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart na presidência e na vice-presidência da República. Definindo-se como nacionalista e legalista, a frente foi acusada de subversiva e comunista pelos partidos e jornais da oposição, sendo fechada por Juscelino em 24 de novembro de 1956 (Dados do CPDOC).

¹⁷⁹ Reuniões com cerca de cinquenta pessoas, realizadas em residências particulares, durante as quais conclamavam os participantes a resistir, pois quaisquer meios, ao governo de Juscelino Kubitschek e à sua política econômica (MENDONÇA, 2002, p. 194).

¹⁸⁰ BOJUNGA, Cláudio. **JK**: o artista do impossível. Edição de bolso, 2010. p. 499.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 529.

as crises profundas do começo ao fim da era JK, ele ter sido o único presidente civil que, entre 1930 e 1964, se manteve até o fim do mandato presidencial por meios constitucionais¹⁸².

Em contrapartida, Thomas Skidmore acreditava que “o sucesso da política econômica de JK foi o resultado direto de seu sucesso no sentido de manter a estabilidade política. Ele foi capaz de manter isso apenas por um *tour de force* político. O segredo residia em encontrar alguma coisa para cada um, enquanto evitava qualquer confronto direto com seus inimigos”¹⁸³. Ou seja, a sua essência seriam as diversas “manobras dentro do sistema presidencial”. Essa hipótese das “manobras” também é o argumento de Hélio Jaguaribe, que discutia “as conquistas altamente satisfatórias” e “as extraordinárias realizações”¹⁸⁴ de JK.

Para Marina Mendonça Gusmão, apesar das diversas crises, o governo de JK se caracterizou como a fase de maior estabilidade política no período de 1945 e 1964:

Apontamos ainda os principais elementos que contribuíram para a manutenção da normalidade democrática: de um lado, a atitude conciliatória do presidente, que procurou acomodar todos os focos de conflito, e, de outro, a enorme expansão econômica verificada na época. [...] Dois fatores marcaram esse período de desenvolvimento: 1) o aumento dos investimentos do Estado, por meio do estabelecimento de um programa de metas setoriais, que procurava garantir um mínimo de racionalidade à expansão industrial 2) a entrada maciça de capital externo, em consequência da Instrução 113 da Sumoc. A conjugação desses fatores permitiu a continuidade do processo de substituição de importação que, se de um lado, levaria à aceleração do desenvolvimento, por outro, a longo prazo, agravaria as pressões inflacionárias e os desequilíbrios regionais, que estariam na base da crise do início da década de 1960.”¹⁸⁵

Nesse contexto, a caricatura abaixo faz uma crítica a essa política, considerada desenvolvimentista, da era JK.

¹⁸² BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. 4 ed. Paz e Terra, 1976. p. 22-23.

¹⁸³ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castello**. Paz e Terra, 1982. p. 207.

¹⁸⁴ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. 4 ed. Paz e Terra, 1976. p. 25.

¹⁸⁵ MENDONÇA, 2002, p. 219.

Figura 2 - Da série: Hotel Brasil. Ala-Mir. A Marcha, 27/04/1957.



Fonte: Christofolletti, R. *A Enciclopédia do Integralismo: o dogma do sigma*, 2020.

Durante todo o governo, denúncias voltadas principalmente ao vice-presidente João Goulart e sua relação com o governo argentino abalou as possíveis decisões articuladas pelos majoritários. Nenhuma prova concreta foi encontrada, e Lacerda acreditava que havia mensagens sigilosas acerca dessa suposta relação. O governo tomou algumas medidas mais drásticas, como um pedido de licença para processar Lacerda com base na Lei de Segurança Nacional, sob o argumento de que a divulgação da mensagem abriria caminho para a decifração do código secreto do Itamaraty. As manchetes dos jornais, no outro dia, eram “Expulsão ao traidor”, “Mais uma vez Lacerda traía a nação”, a *Tribuna da Imprensa* teve papel fundamental para suas defesas. Esse tipo de contestação e ataques foram comuns durante os cinco anos de mandato de JK.

Lacerda encarregou-se de sua defesa e começava a reafirmar sua condição de vítima, cujo heroísmo estaria sendo punido com uma verdadeira perseguição por parte das forças maléficas que haviam se apoderado do poder naquele momento. Lacerda eximia-se de qualquer responsabilidade no episódio da Carta Brandi e também do Código do Itamaraty¹⁸⁶. Livrou-se

¹⁸⁶ Já líder da UDN na Câmara, Lacerda foi acusado pelo governo de fornecer elementos para a decifração do código secreto do Itamaraty. O Ministério das Relações Exteriores enviou mensagem à Câmara, acompanhada de um ofício da Procuradoria Geral da Justiça Militar, pedindo à Câmara Federal licença para processar o deputado por crime contra a segurança nacional. O "caso Lacerda" ganhou intensa repercussão na sociedade. Na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, o parecer do deputado Martins Rodrigues, pela licença para processar o deputado, foi aprovado, o que permitia a quebra da imunidade parlamentar de Lacerda. A defesa apresentada pelo deputado Carlos Lacerda, no dia 15 de maio de 1957, durou dez horas. Ele respondeu às acusações. Sonora:

das acusações quando o plenário da Câmara, em votação secreta, negou o pedido de licença para processá-lo. O governo perdeu a batalha, apesar de ter a maioria do Parlamento a favor dele.

Depois dessa vitória, Lacerda intensificou as suas acusações sobre o governo em meios a discursos e notícias publicadas na *Tribuna da Imprensa*, tudo para mantê-lo no centro das atenções nacionais. A agressividade no tom das notícias no *Tribuna da Imprensa* sobre o governo era tão aguda e baixa que chegaram a ser nomeadas, por exemplo, como, “O cafajeste Máximo”, isso em junho de 1957. Lacerda queria atingir a honra de JK e do General Lott, que eram “Cafajeste sem escrúpulos” e “Traidor cheio de remorso”, respectivamente.

1.4.4 De inimigos a parceiros: a criação da Frente Ampla

A relação de Lacerda e JK vai mudar com a criação da Frente Ampla, movimento caracterizado como resistência na Ditadura Militar. Quando houve o Golpe Civil-Militar, parecia que Lacerda havia conseguido o que queria; entretanto, não penduraria a unanimidade udenista na euforia da vitória. Em breve ele faria oposição a Castello Branco, numa linha tão feroz ao ponto do rompimento. Segundo Benevides, a Convenção Nacional da UDN é marcada para novembro justamente para reforçar a liderança lacerdista (contra as pretensões de Magalhães Pinto), já lançado candidato à sucessão presidencial. Carlos Lacerda opunha-se às iniciativas do presidente Castello Branco quanto à antecipação da Constituinte Nacional e, sobretudo, quanto à prorrogação do mandato¹⁸⁷. No Ato Institucional nº 2, feito pelos militares em 1965, Lacerda renunciou à sua candidatura presidencial, ocasionando o enfraquecimento do partido. A necessidade de interferir no que estava acontecendo fez com que ele fosse um dos líderes da Frente Ampla, de acordo com Márcio Delgado¹⁸⁸: as diretrizes da Frente constituíam em um programa básico para uma política de reforma, estrutura e orientações nacionais. Resumem-se, dessa forma, no tema central: paz, liberdade e desenvolvimento.

“Senhor presidente, impedido de votar, estou no dever de depor. Não como acusado. Porque não vejo acusação digna de honesta consideração. Até agora tenho ouvido apenas as razões do lobo de uma alcatéia faminta. Cujos argumentos, La Fontaine tornou clássicos. Venho a esta comissão como testemunha de um tempo de subversão de valores no qual, como na sátira de George Orwell, fala-s’ e em liberdade para matá-la, em democracia, para destruí-la, em legalidade, para negá-la na sua própria essência O depoimento de Lacerda também tinha o objetivo de revidar o que denominou de ação esmagadora da maioria contra a oposição.

¹⁸⁷ BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 102.

¹⁸⁸ DELGADO, Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p. 250.

Sendo caracterizado como um movimento de resistência ao golpe, liderado por ele e por seus antigos opositores João Goulart e Juscelino Kubitschek, a ideia da Frente Ampla seria “restabelecer o clima de lei e de ordem. Uma coisa que não seria hostil à Revolução, pois ela já era algo consumado, seriam medidas tomadas a partir de agora, que mudaria o Brasil”¹⁸⁹. De acordo com Jango¹⁹⁰, ela vinha ao encontro dos anseios do povo, naquele momento, em todo o país, na união dos trabalhistas, juscelinistas, janistas e lacerdistas, que lutavam ao lado do povo pela restauração das liberdades democráticas e pela emancipação nacional.

Poderia parecer cedo a criação da Frente, em função da posição de Lacerda sobre procurar os antigos adversários. No entanto, “é evidente, e os fatos comprovam mais tarde, que nem Lacerda, nem JK e Jango tinham mais tempo de esperar”.¹⁹¹ Os meses seguintes conheceriam o fechamento total do Regime até o AI-5 e a cassação de praticamente todos os membros da Frente Ampla, dentre eles Carlos Lacerda.

Há correspondências trocadas entre eles nesse período. A relação conflituosa de Lacerda e JK, que agora estavam unidos para a tentativa de modificar o cenário atual da política ditatorial brasileira com a criação da frente ampla, fez com que JK escrevesse uma carta a Lacerda, esclarecendo os motivos para o início desse grande movimento que seria a Frente Ampla:

O que motivou o início de nosso movimento? a grave preocupação de ajudar a restabelecer no Brasil a paz política e o desenvolvimento, o que só seria possível, através da restauração da democracia. Ainda teremos que lutar algum tempo, contra a incompreensão daqueles que consideram mais importante manter o País sob o regime que está, do que superar divergências pessoais para atingir a grande finalidade que propusemos¹⁹².

Ainda na mesma correspondência, na terceira página, ele completou dizendo que o “movimento não nasceu para combater ninguém, ou emitir assuntos pessoais e sim restaurar a democracia no nosso País”. Lacerda respondeu pontuando as primeiras necessidades da Frente Ampla:

- 1) Apressar a formação da primeira comissão destinada a orientar a frente ampla.
- 2) promover todas as medidas necessárias à fundação do novo partido.
- 3) Conservar em torno do novo governo um ambiente de simpatia que lhe permita superar as graves dificuldades que vai encontrar
- 4) Não fugirmos aos compromissos originais do pacto de Lisboa, isto é, estabelecer para a Frente

¹⁸⁹ LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 123.

¹⁹⁰ CARTA DE JOÃO GOULART AOS SEUS CORRELIGIONÁRIOS SOBRE A FRENTE AMPLA (Outubro de 1966, sem data exata).

¹⁹¹ LACERDA, Cláudio. **Carlos Lacerda e os anos sessenta**: Oposição. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 190.

¹⁹² Carta arquivada no AORCL.

Ampla, a PAZ DEMOCRACIA DESENVOLVIMENTISTA, como legenda definitiva¹⁹³.

Desses momentos difíceis, de lutas, a relação deles, de acordo com Lacerda, passou a ser uma grande amizade que pode ser comprovada ao número de cartas e telegramas trocados por eles. As outras cartas arquivadas no AORCL possuem os mais diversos assuntos: como a dedicação da obra escrita por Lacerda, *Em vez*, a JK e a sua esposa; noutra correspondência JK metaforiza sua relação com Lacerda: “Discordamos no modo de agir e interpretar sempre os houve na terra, em todos os espaços e em todos os tempo. Discordaram de Platão ao definir o belo como o esplendor do verdadeiro. E do Cristão também. Renan negou-lhe a divindade. Por isso, o que hoje particularmente me surpreende é que não tenhamos sido amigos a mais tempo (04/09/1975)”¹⁹⁴.

Apesar da maioria das correspondências terem relações políticas, nem sempre chegou a ser o principal assunto. A literatura foi temática de algumas delas. Lacerda não foi o único a dedicar sua vida a diversas carreiras, sendo a de escritor uma das mais estimada. Kubitschek também produziu algumas obras literárias, intituladas, por exemplo, *Meu caminho para Brasília*, *Como construir Brasília* ou *mensagem para o Congresso Nacional*, nas quais fez questão de enviar cópias para o então amigo Lacerda, com direito a dedicatória e pedidos de opiniões sinceras. Lacerda fazia questão de responder, agradecendo e fazendo apontamentos das partes que mais o marcavam. As passagens em que eram mencionados os avós sempre comoviam Lacerda: “às vezes dá impressão que vai ficar com os olhos cheios d’água” (14/10/1975 - de Lacerda para Juscelino). Havia também menções à Vargas, ao Comunismo e à Frente Ampla. Lacerda fazia questão de descrever o quanto gostou da escrita, parte por parte, e essa semelhança o fez convidá-lo a publicar na sua mais nova editora, a *Nova Fronteira*.

1.5 JÂNIO QUADROS: AMIGO OU INIMIGO?

Em 1959, aproximando-se de novas eleições, os boatos acerca da situação econômica do Brasil devido às contas externas feitas por Juscelino Kubitschek abriram novas esperanças para a UDN que, cansada das sucessivas derrotas, articulava uma nova estratégia de entrada para o governo com Juracy Magalhães como candidato pelo partido. De acordo com Ricardo

¹⁹³ Carta arquivada no AORCL.

¹⁹⁴ Trecho da carta de JK para Lacerda, escrita da época.

Arnt, com a vitória em São Paulo, a UDN correu a anunciar sua disposição de apoiar Jânio. Ele era a chance de os udenistas chegarem ao poder enfrentando a coligação PSD-PTB com a campanha popular após a sucessão das “derrotas gloriosas” (e dolorosas) das eleições de 1946, 1950 e 1955¹⁹⁵. Lacerda também preferiu apoiá-lo, já que ele tinha um histórico de vitórias significativas pela urna de São Paulo:

Confesso que a essa altura eu já estava cansado dessa fama de derrubador de governos e não tinha mais nenhuma vontade de contribuir para derrubar ninguém [...] No dia seguinte embarquei e, antes de entrar no avião, disse a minha mulher: Eu acho que na volta nós vamos recuperar nossa liberdade, porque quando voltar acho que não serei mais o governador da Guanabara. [...] Eu acho que é a única forma decente que eu tenho de pedir desculpas ao povo e de me desobrigar da parcela de compromissos que assumi com ele ao ajudar a eleição do Jânio. Eu disse ao povo que Jânio ia ser um grande presidente. Ele não é um grande presidente. E eu estou com muitas dúvidas sobre suas intenções.¹⁹⁶

Em 1961, Jânio Quadros assume a presidência da República e, de acordo com Benevides, inaugura, pouco depois, uma violenta campanha contra o governo de seu predecessor. Preparava-se para presidir de maneira extremamente personalista e autoritária (num estilo que Jaguaribe chamaria de “bonapartismo tzarista”¹⁹⁷) num breve governo de sete meses, marcado pela crise decisiva da renúncia, cujos desdobramentos, pela iminência da posse do vice-presidente João Goulart, quase levam o país à guerra civil.

Lacerda definia Jânio Quadros como um “raro homem público brasileiro”, que tinha “gosto pela política, e interesse em resolver os problemas”. Esse interesse em resolver os “problemas” foi o que os aproximou. Entretanto, logo após a consagração da presidência, Lacerda temia que, na verdade, Quadros não conhecia o Brasil e sua nação. Acreditava que ele “tinha uma inexperiência quase infantil do Brasil, tipo uma criança que entra na escola com sete anos, começa a ter uma noção do Brasil como um conjunto, do Brasil como nação, muito parecida com a que o Quadros tinha quando chegou ao governo”¹⁹⁸. Essas conclusões vieram depois de algumas conversas que ele teve com o presidente sobre o governo, e também por não providenciar nenhum suporte à Guanabara, apesar de ouvir os problemas que dominavam o Estado que Lacerda governava; nada acontecia. Em uma das conversas, Lacerda mencionou que ele chegou a perguntar se ele estava conseguindo governar o governo da Guanabara. Ele o

¹⁹⁵ ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros** – o prometeu de vida mariana. São Paulo: Ediouro, 2004, p. 123.

¹⁹⁶ LACERDA, 1977, p. 247.

¹⁹⁷ BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 81.

¹⁹⁸ LACERDA, 1977, p. 239.

explicou que tinha acabado de começar e que ainda estava fazendo a Constituição, mas que era difícil, principalmente porque havia muita gente despreparada para a função pública. Foi nesse momento que Quadros confessou que Magalhães Pinto¹⁹⁹, Juraci²⁰⁰ e Aluísio²⁰¹ não estavam conseguindo governar os estados respectivos e finalizou afirmando que seria muito difícil chefiar o Brasil com o Congresso. Não a este Congresso, aos deputados e senadores que o compunham, mas à instituição Congresso. Lacerda criou uma enorme insegurança em relação ao presidente Quadros devido ao desprezo dele pelo Congresso.

Lacerda começou a tomar atitudes para mudar a conjuntura que não o agradava como governador da Guanabara. Ele afirmou que, naquela altura, sentia-se culpado por ter contribuído com as eleições de Quadros, mas, em contrapartida, era a primeira vez que a UDN havia conquistado a presidência. O governo mal havia iniciado e a essa altura ele já estava extremamente decepcionado e receoso. Lacerda acreditava que mais uma vez havia sido eleito um presidente e um vice incompatíveis com a democracia, ou melhor, “não sabe governar em um regime democrático”²⁰². Quando ele fez os decretos, como a proibição das “brigas de galo” ou a “proibição de biquínis nas praias cariocas”, afirmava ainda mais, na cabeça de Lacerda, que Jânio havia chegado ao governo como se aquilo fosse um prêmio de loteria, algo inteiramente inesperado, e ele não tinha preparo algum para aquele cargo.

Outras situações aconteceram, como a ida deles a Porto, e no discurso feito por Quadros em Portugal ele apenas demonstrou indignação a uma situação acontecida lá, a respeito de uma família que havia deixado seu cão preso, com fome e sendo maltratado, o que Lacerda afirma não ter ocorrido. Entretanto, a questão era que Quadros, ao invés de discursar sobre a real situação do Brasil, seus planos com a presidência, etc., apenas mostrou sua ira sobre o episódio do cão, e Lacerda considerou aquilo uma infelicidade. Há inúmeros episódios discorridos no *Depoimento* que demonstram essa inaptidão de Quadros.

Todo o estilo peculiar de Jânio criou anedotas na imprensa em geral. As fotografias escolhidas eram as mais pitorescas e desgastantes: “óculos e ternos desalinhados, olhos esbugalhados, cabelos revoltos, desengonçado”²⁰³ o tornavam famoso. O que Lacerda acredita ser um péssimo governo precisava ser analisado dentro da situação do país quando Quadros entrou na presidência, num “total desequilíbrio financeiro e a falta de base parlamentar”:

¹⁹⁹ Governador de Minas Gerais eleito em 1961 junto com Jânio Quadros.

²⁰⁰ Governador da Bahia eleito em 1961 junto com Jânio Quadros.

²⁰¹ Governador do Rio Grande do Sul eleito em 1961 junto com Jânio Quadros.

²⁰² LACERDA, 1977, p. 241.

²⁰³ FERREIRA & CASTRO. 1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 25.

[...] do ponto de vista econômico-financeiro [...] estabeleceu acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e, seguindo à risca os padrões da ortodoxia monetária, encontrou recursos para rolar a dívida externa. Em contrapartida, deu início a um rígido controle das contas públicas. Desvalorizou o cruzeiro em 100% em relação ao dólar, estabelecendo o que chamou de verdade cambial. Também cortou os subsídios ao trigo e à gasolina, o que se refletiu no cotidiano da população. A segunda dificuldade era de natureza política: Jânio não tinha maioria parlamentar no Congresso Nacional [...] ²⁰⁴.

Essas medidas eram vistas por Lacerda como incoerentes. Ele acreditava que Jânio superestimava o Brasil do ponto de vista de política exterior: queria tratar o país como se fosse uma superpotência e, ao mesmo tempo, internamente, queria tratar o Brasil como um menor de idade do qual ele se incumbia da função de preceptor, de tutor ²⁰⁵. Todavia, a oposição ao presidente se fazia, assim, cada vez mais acirrada, notadamente por parte do PSD e do PTB, mas também de certos setores da UDN, especialmente o lacerdismo, “cuja base eleitoral era principalmente a classe média tradicional, ocupada em cargos públicos, e que se via prejudicada com a política de enquadramento do funcionalismo” ²⁰⁶. Jânio foi perdendo completamente toda a sua base de apoio, até daqueles que o haviam apoiado em suas eleições:

[...] para compensar tal perda, ele se voltaria para setores intelectuais, nacionalistas e de esquerda que, embora discordassem integralmente da política econômica e de suas atitudes moralistas, procuravam influenciá-lo para que voltasse atrás nas medidas recessivas, além de apoiá-lo, mas questões diplomáticas. Portanto, se internamente a política do governo Quadros era marcada pelo conservadorismo e pelo moralismo demagógico, as diretrizes foram completamente inversas quanto à política externa, tornando-se, aparentemente, uma marca da ambiguidade do presidente, pois lhe carregava certo apoio dos setores nacionalistas e de esquerda. ²⁰⁷

Lacerda, quando tomou posse do governo da Guanabara, em 1960, iniciou uma obstinada campanha contra o governo de Jânio. Segundo Lacerda, houve uma tentativa de conversa quando ele foi a Brasília, com intuito de convencer Quadros de que suas atitudes não eram as melhores para o país. Sua ida a Brasília foi frustrada. Predispõem-se que ele chegou à noite e o presidente Quadros estava o esperando para jantar. Na versão de Lacerda:

Jânio, vim aqui porque tenho uma conversa muito séria com você. Estou achando a sua conduta estranha e gostaria de conversar para saber quais são

²⁰⁴ FERREIRA & CASTRO. **1964** - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 24.

²⁰⁵ LACERDA, 1977, p. 244.

²⁰⁶ MENDONÇA, 2002, p. 250.

²⁰⁷ MENDONÇA, 2002, p. 250-51.

realmente suas intenções. Por outro lado, estou numa situação moral muito difícil, porque tenho uma certa dose de responsabilidade na sua eleição [...]”²⁰⁸.

Ao ser questionado, Quadros, na tentativa de “fugir” das perguntas, o convidou para ir até a sala de cinema e assistir a um filme, para depois conversarem. Achando aquilo uma completa falta de consideração e respeito, novamente Lacerda tentou dialogar sobre os “problemas” do governo com Quadros: “Jânio, com cinema ou sem cinema, realmente preciso falar com você muito seriamente, porque estou disposto a renunciar ao governo, como uma forma de dar uma satisfação ao povo e de poder dizer que me arrependo de ter contribuído com sua eleição”²⁰⁹.

Lacerda ainda tinha esperança de que Quadros fosse ouvi-lo e mudar de atitude, ou pelo menos repensar as questões que fossem ser tratadas naquele momento, as mais urgentes. Mas não foi o que aconteceu: ele o encaminhou para uma conversa com o ministro da Justiça²¹⁰, o Sr. Oscar Pedroso Horta, e mesmo descontente com a situação, Lacerda expos suas divergências:

Olha, Horta, acho que o país precisa de uma reforma muito séria e profunda realmente e foi a razão por que votei em Jânio. Agora acho que as condições em que ele ganhou a eleição e as condições em que está o país permitem que essa reforma seja feita pelo processo normal, pelo processo democrático. De modo que essa conversa com um ministro militar não está me cheirando bem! [...] por isso paramos por aqui, preciso ouvir do presidente algo que me tranquilize, do contrário vou deixar o governo da Guanabara e vou voltar a tomar conta do meu jornal.²¹¹

Subentende-se que Horta tentou suborná-lo, oferecendo dinheiro para a melhoria do seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*. Lacerda foi embora da casa do ministro e quando chegou ao Palácio do Catete foi convidado a ir dormir em um hotel. Aquilo foi o ápice para ele, perceber que a atual configuração não iria mudar, brotando-lhe uma sensação de que “carregava o Brasil dentro do peito, e aquilo estava-lhe sufocando com tamanha responsabilidade”. Lacerda enxergava o governo como um regime de exceção, já que Jânio acreditava que era impossível governar com o Congresso e pretendia fazer uma reforma na Constituição que reforçasse o Poder Executivo de maneira que ele pudesse fazer reformas profundas no país.

²⁰⁸ LACERDA, 1977, p. 249.

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ Lacerda, no *Depoimento*, confundiu-se e afirmou que ele era ministro de guerra, mas, na verdade, o Sr. Oscar Pedroso Horta era ministro da justiça (a contradição encontra-se na p. 251).

²¹¹ LACERDA, 1977, p. 251.

Lacerda insistia que as reformas no Brasil poderiam ser feitas com o Congresso, e acreditava que o que eles estavam querendo fazer era uma “espécie de Estado Novo novamente”²¹². Mais uma vez Lacerda se contradiz: anteriormente, no governo de JK ele era a favor do fechamento do Congresso, já que queria que os militares tomassem uma atitude mais agressiva e assumissem a Presidência da República, em uma espécie de “limpeza da democracia” e não num regime de exceção. Agora, quando ele é o único que acredita que Quadros estava disposto a fechar o Congresso, e o expõe de forma apática, ele já não o queria mais.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, reuniu os principais representantes da UDN para explicar a situação que passou e a conjuntura na qual se encontrava a política brasileira; entretanto, percebeu que estava sozinho e que as decisões deveriam ser tomadas por conta própria²¹³, já que os representantes da UDN presente preferiram a omissão.

Alimentando o seu rancor, Lacerda pediu a uma estação de televisão para falar tudo que estava acontecendo. Chegando lá, deparou-se com cartazes escritos: “Cuba sim, Lacerda Não! Jânio sim, Lacerda Não, Fora o Fascista Lacerda”²¹⁴, e o tumulto no auditório era grande, mas mesmo assim ele conseguiu falar. Depois dessa primeira exposição na mídia, Lacerda afirmou que Jânio tentou aproximação, convidando-o e à sua família para passar um final de semana em Brasília. Eles não foram porque Letícia lhe convenceu de que seria incoerente da sua parte depois das denúncias, que começaram a ter repercussões imediatamente²¹⁵.

As próximas falas de reprovação ao governo Quadros foram na TV do Rio. Lacerda chamou de lance final “Essa fama de derrubador de governos não me tolheu porque derrubar maus governos, eu acho, não chega a ser um demérito”²¹⁶. Os fatos demonstram que tudo foi planejado de forma crucial por Lacerda, começando pela data do discurso²¹⁷, estopim para a renúncia de Quadros, que foi no dia 24 de agosto. Lacerda afirmou que não esperava renúncia.

Lacerda, mais uma vez, foi o estímulo para a renúncia de um dos presidentes eleito democraticamente com uma alta porcentagem pela população brasileira, Jânio Quadros. Em

²¹² LACERDA, 1977, p. 253.

²¹³ Ibid., p. 256.

²¹⁴ Ibid., p. 254.

²¹⁵ Ibid.

²¹⁶ Ibid., p. 258.

²¹⁷ Nesse caso, a hipótese de uma eventual coincidência dificilmente poderá ser aceita, principalmente porque Lacerda estava no Rio desde do dia 19. Ou seja, cinco dias para planejar o “golpe final”. Foi no dia 24 de agosto que Lacerda conseguiu vencer seu maior adversário: Getúlio Vargas, que se suicidou deixando uma carta testamento, dias após a um episódio marcado com Lacerda (MENDONÇA, 2002, p. 256).

menos de 7 meses, Jânio acirrara as contradições até o limite da ingovernabilidade. Subestimara os políticos, Lacerda e a UDN ²¹⁸. De acordo com Leôncio Basbaum,

a UDN acreditava que Jânio no poder seria uma espécie de Café Filho, medroso, maleável, fácil instrumento em suas mãos. E esse precisamente foi o seu maior erro. Jânio poderia ser um aventureiro, mas tinha ideias próprias. E, o mais estranho e surpreendente, é que ele pretendia pôr em execução as ideias que defendera como candidato, e que precisamente o levaram à vitória²¹⁹.

Lacerda, acreditava que a renúncia poderia ser uma estratégica de Quadros. Havia vários históricos de renúncias que, ao retornar, era ditaduras²²⁰. Poderia ser a mesma manobra. João Goulart havia sido deslocado para uma missão na China, do outro lado do continente²²¹, justo nesse período de extrema conturbação. O neto de Jânio Quadros disse ter ouvido de seu avô que

quando assumi a presidência, eu não sabia a verdadeira situação política econômica do país. A minha renúncia era para ter sido uma articulação. Nunca imaginei que ela teria sido de fato aceita e executada. Renunciei à minha candidatura à presidência em 1960 e ela não foi aceita. Voltei com mais fôlego e força. Meu ato de 25 de agosto de 19 foi uma estratégica política que não deu certo, uma tentativa de governabilidade. Também foi o maior fracasso político da história republicana do país. O maior erro que já cometi²²².

Centenas de milhares de brasileiros, em campanha liderada pelo Movimento Popular Jânio Quadros, fizeram abaixo-assinados pela volta de Quadros. A medida por ele tomada, retratando-se em conflito com os políticos, aumentou ainda mais a sua popularidade, e havia

²¹⁸ ARNT, p. 161.

²¹⁹ BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República, de 1961 a 1967**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, p. 15.

²²⁰ Jânio Quadros Neto escreveu um livro, junto com Eduardo Gualazzi, em que faz algumas revelações sobre a renúncia de seu avô. Em uma dessas revelações, ele disse que o avô lhe contou que não queria ser um ditador: “Eu poderia ter sido, mas não o quis. Se eu tivesse mandado os militares fecharem o Congresso, eles teriam me obedecido. Charles de Gaulle renunciou na França e o povo foi às ruas exigir a sua volta, A mesma coisa ocorreu com Fidel em Cuba. Era isso que eu esperava. Eu jamais teria sido um ditador militar. Cheguei à Presidência com mais de 5 milhões de votos, um recorde, uma vitória esmagadora. Eu nunca fui nomeado em nada na minha vida. Sempre fui eleito. Eu absolutamente nunca teria sido um presidente colocado e sustentado por militares” (QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo. **Jânio Quadros, Memorial à História do Brasil**. São Paulo: Rideel, 1996, p. 46.

²²¹ “Tudo foi muito bem planejado e organizado. Mande o Goulart em missão oficial á China, no lugar mais longe possível, assim ele não estaria no Brasil para assumir ou fazer articulações políticas. Escrevi a carta da renúncia no dia 19 de agosto e entreguei para o Ministro da Justiça, Horta, no dia 22. Eu acreditava que não haveria ninguém para assumir a Presidência. Pensei que os militares, os governadores e principalmente o povo nunca aceitariam a renúncia e exigiriam que eu ficasse no poder” (QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo. **Jânio Quadros, Memorial à História do Brasil**. São Paulo: Rideel, 1996, p. 45.

²²² Ibid.

um clamor pelo seu retorno. Na *Tribuna da Imprensa* Lacerda escreveu, “[...] que Quadros não era o único a atingir o “limite da náusea”, também eu. E muitos outros²²³”.

O Congresso Nacional havia recebido a carta de renúncia, porém não propôs negociações políticas com Quadros. O preço seria o Legislativo abrir mão de poderes em nome de uma crise institucional criada inteiramente pelo próprio Executivo. Entretanto, o PSD e o PTB queriam ver Quadros fora da presidência e sua base parlamentar não conseguiu defendê-lo. O presidente do Congresso havia lido a carta e alegou que se tratava de um ato unilateral e, portanto, só os restava aceitar; João Goulart era o novo presidente do Brasil.

As coisas não saíram como Quadros havia planejado. Iniciou-se uma profunda crise política nas instituições democráticas brasileiras. Como Jango estava em Cingapura, uma junta militar se reuniu para organizar quem seria o presidente enquanto ele não voltava do exterior, e Ranieri Mazzilli²²⁴ assumiu a presidência. Sem declaração formal, o Brasil encontrava-se em estado de sítio, e medidas seriam tomadas para a tentativa de não deixar Goulart assumir a presidência do país.

1.5.1 As dificuldades para a posse de Goulart

Havia se formado uma ampla aliança entre os partidos políticos pela defesa da ordem constitucional. Todos apoiaram a posse do vice-presidente e repudiaram a intimidação militar. Porém, os ministros militares se opuseram à posse, pois viam nele uma ameaça ao país. Liderada por Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul e cunhado de Jango, iniciou-se a campanha da legalidade, que exigia a posse de Goulart. Ele havia confidenciado a um amigo que “dessa vez não darão o golpe por telefone²²⁵”, referindo-se à prática comum na América Latina de se desferir golpes militares. A ideia central de Brizola era trazer Jango à capital gaúcha e defender, a todo custo, seu mandato presidencial, sem violência.

²²³ DULLES, 1992, p. 339.

²²⁴ Mazzilli, como presidente da Câmara, assumiu a presidência da República algumas vezes, duas delas em circunstâncias extremamente dramáticas da vida política nacional. Por ocasião da renúncia do presidente Jânio Quadros (25/08/1961), o vice-presidente João Goulart, seu substituto legal, encontrava-se em missão oficial na China Popular. Por conta disso, Mazzilli, o segundo na linha sucessória, assumiu o governo interinamente. A perspectiva da investidura de Goulart na presidência agravou a crise política já em curso, uma vez que os ministros militares vetaram a sua posse, alegando que ela representava uma ameaça à ordem e à segurança nacional. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ranieri_mazzilli.

²²⁵ FERREIRA & CASTRO. 1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 35.

Brizola fez algumas ligações para oficiais militares com a esperança de conseguir ajuda para esse conflito que já estava traçado. Entre a lista de militares que Brizola recorreu, destaca-se o marechal Henrique Teixeira Lott, o mesmo que havia garantido a posse de JK, que orientou Brizola, indicando as pessoas que ele deveria procurar e as medidas emergenciais que ajudariam a resistir ao golpe militar. Liderada por Leonel Brizola, a campanha da legalidade exigia a posse de Goulart. Brizola e o general Machado Lopes, comandante do III Exército, baseado no Rio Grande do Sul, mobilizaram o estado em defesa dessa causa. Usando uma cadeia de mais de cem emissoras de rádio, o governador gaúcho clamava que a população saísse às ruas para *defender a legalidade*. A campanha logo recebeu o apoio dos governadores Mauro Borges, de Goiás, e Nei Braga, do Paraná.

Há também registros de manifestações populares em apoio à posse de Goulart. E, embora não houvesse declarações oficiais, o Brasil estava em estado de sítio. O congresso resistia, mas o circo aumentava cada vez mais. A implantação de violenta censura à imprensa foi uma das primeiras medidas tomadas pelo governador Lacerda, procurando impedir a circulação, no Estado, dos jornais que denunciasses a tentativa de golpe contra Jango, ou que traziam notícias da resistência criada no sul por Brizola. A *Tribuna da Imprensa* foi um dos poucos periódicos que continuou circulando durante esses dias intensos de conflitos:

Os proprietários de jornais e a ABI chegaram a enviar telegramas para a Associação Interamericana de Imprensa, nos quais denunciavam a atitude do governador da Guanabara e pediam, até sua expulsão da entidade. Lacerda, todavia, parece ter conseguido interceptar as mensagens, pois estas nunca chegaram ao destinatário. Além disso, valendo-se de um completo controle sobre os meios de comunicação, tentou convencer a população de que o Parlamento decretou estado de Sítio, fato que, como é notório, não ocorreu. Dessa forma, considerou-se livre para determinar à polícia que invadisse sindicatos e entidades estudantis.²²⁶

Inconformado com a probabilidade da ascensão de um herdeiro do getulismo ao poder, Lacerda tentou, de várias formas, legais ou ilegais, impedir que Jango tomasse posse da presidência do Brasil. Dessa maneira, em um primeiro momento, procurou manter uma postura de respeito às leis e à ordem institucional, apesar de apoiar integralmente a tentativa de golpe militar para impedir a posse de Jango, discurso este bastante diferente do guardado em *Depoimento*, em que afirmou que a sua primeira decisão foi comunicar ao seu secretariado que estaria a favor da posse de Goulart:

²²⁶ MENDONÇA, 2002, p. 269.

[...] muita gente pensa que conspirei contra a posse de Jango. Até aquele momento a minha decisão era a favor da posse. O que me importava acima de tudo, embora eu soubesse que isso ia dar realmente as piores consequências para o país, eu achava pior ainda era, primeiro, ficarmos sem governo e, segundo quebrar definitivamente o processo democrático que Jânio havia interrompido. Vamos empossá-lo, vamos vigiá-lo e vamos combatê-lo. E na primeira que ele fizer vamos tirá-lo, não será a primeira vez que isso acontece. Mas vamos ver se ele assume, se assume compromissos, se cumpre, vamos ver Em todo caso é melhor do que essa situação de uma junta militar, que não é sequer uma junta [...]”²²⁷.

Lacerda insinuava que não havia participado da conspiração contra Jango; entretanto, não estaria tranquilo caso ele tomasse posse da presidência do Brasil. Em outro trecho ele define Goulart como aquele que “tinha gosto do poder. Mas não o tal gosto do poder a que me refiro, não era o poder para fazer as coisas; era o poder pelo poder, era o poder para beneficiar os amigos, era o poder para fazer “cosquinhas” nos adversários, era o poder, enfim, que eu acho de provinciano”²²⁸. *O Provinciano* é o título de uma obra literária escrita por Lacerda e que não chegou a ser publicada, sendo guardada no AORCL²²⁹. Provinciano significa: atrasado, de mau gosto, superado, sem elegância e sofisticação. Por não ser um adjetivo comum no vocábulo brasileiro, de imediato não se percebe possível ligação entre a obra e o presidente Goulart. Desqualificar Goulart assim mostrava o inconformismo que Lacerda estava acerca da possibilidade de se “defrontar novamente com o espectro de Getulismo a assombrar seu caminho”²³⁰.

Lacerda tentava também vincular Jango aos comunistas para assim incentivar um clima de pânico que pudesse legitimar a tentativa de golpe de Estado. De acordo com Gabriel Lacerda²³¹, todos familiares o aconselharam na época a largar essa situação, pois acreditavam que os militares não tinham forças para conseguir nada, que a melhor opção era ele se pronunciar ao público em favor da posse do Jango. Em meio a um possível golpe militar, Brizola percebeu que, para resistir, era necessário ter também o apoio popular e, para isso, conseguiu burlar a censura por meio da Rádio Guaíba. Defendeu a legalidade do mandato de Jango, mobilizando imediatamente a população da capital e do interior do sul do país. O governador gaúcho clamava que a população saísse às ruas para *defender a legalidade*. Lacerda

²²⁷ LACERDA, 1977, p. 267.

²²⁸ Ibid., p. 269.

²²⁹ Sigla criada para diminuir o nome do arquivo: Arquivo de obras raras. O arquivo encontra-se na UNB, universidade de Brasília, sob domínio público. Todas as informações são reeditadas dos documentos guardados no arquivo.

²³⁰ MENDONÇA, 2002, p. 266.

²³¹ LACERDA, Gabriel, p. 45.

o difamou, dizendo que ele apenas conseguiu fazer sua campanha pela rádio em troca do perdão das dívidas que o filho desse proprietário havia construído.

Com o apoio do general Marechal Rocha, que havia rompido com Denys, o ministro de guerra, Brizola voltou a ter a esperança de que conseguiriam ajudar Goulart a assumir seu posto. Enquanto isso, Jango retornava da sua extensa viagem, sem saber direito a proporção da crise que o Brasil enfrentava:

Inicialmente pensou em renunciar e convocar eleições presidenciais, para evitar uma tensão maior que desembocava em conflito armado. Mas a radical rejeição dos ministros militares a seu nome, somada à atitude em relação a Brizola, teriam impedido que ele tomasse tal decisão. E havia o Congresso, onde uma frente de partidos políticos não se curvava à Junta Militar.²³²

Na volta da China, Goulart aguardou em Montevideú, capital do Uruguai, a solução da crise político-militar desencadeada após a renúncia de Jânio. Como os militares não retrocediam, o Congresso fazia uma proposta conciliatória: a adoção do parlamentarismo. Essa solução, para Lacerda, era falsa, não iria funcionar e serviria apenas para dar a posse a Goulart, que depois passaria ao regime presidencialista de novo e a ditador. Ele afirma que foi a partir daí que ele começou a combater a posse de Jango, “combatê-lo por sua falsidade”²³³.

O presidente tomaria posse, preservando a ordem constitucional, mas parte de seu poder seria deslocada para um primeiro-ministro, Tancredo Neves, que chefiaria o governo. Tancredo Neves foi nomeado pelo próprio Goulart assim que este assumiu a presidência, e foi ele quem convenceu Goulart da necessidade de aceitar o parlamentarismo, já que o país se encontrava frustrado e ameaçado por um conflito armado. A possibilidade iminente de uma guerra civil fez com que o presidente aceitasse o regime parlamentarista, mesmo a contragosto²³⁴. Apesar de Brizola querer tomar atitudes mais radicais com a tentativa de um governo presidencialista, Goulart preferiu algo mais tranquilo, sem guerra e derramamento de sangue. Preferiu a paz e conduziu sua administração de forma pacífica, exercendo seu mandato dentro dos apertados limites que o sistema parlamentar o proporcionava.

A posse de Jango não alterou substancialmente o clima de radicalismo político que cresceu durante a crise político-militar. Ele enfrentou muitas dificuldades para governar o país,

²³² FERREIRA & CASTRO. 1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 39.

²³³ LACERDA, 1977, p. 268.

²³⁴ FERREIRA & CASTRO. 1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 44.

principalmente por se tratar de uma situação peculiar, o parlamentarismo. A posse tinha garantido o restabelecimento da legalidade no país, e a nova tentativa de um golpe militar, com apoio civil, havia fracassado, e os conspiradores, como Lacerda, já estavam se rearticulando para que, na primeira oportunidade, pudessem tomar o poder.

De acordo com o historiador Jorge Ferreira, o que se pode verificar é que, em seus dois primeiros anos, ao menos, não havia ambiente propício a golpes e rupturas institucionais²³⁵. Ele fazia de tudo para demonstrar sua posição política: “anticomunista e democrática”²³⁶, e assim ganhava tempo para recuperar seus poderes presidenciais e principalmente a confiança e a aprovação popular. O governo divulgou o Plano Trienal, elaborado pelo economista Celso Furtado, para combater a inflação e promover o desenvolvimento econômico (e em um passo seguinte, implementar as reformas, sobretudo no aparelho administrativo, no sistema bancário, na estrutura fiscal e, em particular, na agrária²³⁷). O Plano Trienal falhou, após enfrentar forte oposição, e o governo brasileiro viu-se obrigado a negociar empréstimos com o Fundo Monetário Internacional, o que exigia cortes significativos nos investimentos. Nesse mesmo período, sancionou-se a Lei 4.130 que, no seu artigo 2º, eliminou a idade mínima para se aposentar.

A emenda constitucional nº4, que implantou o parlamentarismo, dizia, no seu artigo 25, que, a critério do Congresso Nacional, um plebiscito poderia ser convocado para que o povo se manifestasse sobre sua continuidade ou o retorno do presidencialismo²³⁸. Em 1963, houve o tão esperado plebiscito e o parlamentarismo foi amplamente rejeitado, graças a uma forte campanha publicitária promovida pelo governo. A situação era que Goulart já havia conquistado um prestígio, porém, não se pode eliminar o fato de que lideranças políticas como JK e Lacerda tinham muito interesse ao retorno presidencialista, pois estavam de olho nas eleições de 1965²³⁹.

Goulart sofria fortes influências da frente liderada por Brizola, e mesmo com o fracasso do Plano Trienal, implementou as reformas de base - medidas econômicas e sociais de caráter nacionalista que previam uma maior intervenção do Estado na economia. O Comissão das Reformas, ocorrido no dia 13 de março de 1964, e o Levante dos Marinheiros, em 25 de março

²³⁵ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 63.

²³⁶ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castello**. Paz e Terra, 1982. p. 265.

²³⁷ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 331.

²³⁸ FERREIRA & CASTRO. **1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 113.

²³⁹ *Ibid.*, p. 141.

do mesmo ano, levaram alguns jornais, como *o Jornal do Brasil*, *o Diário de Notícias*, *o Correio da Manhã* e outros tantos, a intensificar a campanha contra Goulart. O presidente parecia fazer de tudo o que seu adversário pedia a Deus que fizesse para facilitar o golpe²⁴⁰:

Depoimentos de pessoas próximas a ele, como Amaral Peixoto e o chefe do Serviço Federal de Informações e Contrainformações do governo, o capitão de mar e guerra Ivo Corseuil, mostram que Goulart não dava atenção aos frequentes alertas que lhe faziam sobre os riscos políticos de muitos de seus atos. Nomeavam generais não confiáveis para o comando de postos-chave, como os do III exército, mantinha, às vésperas do golpe, no Ministério de Guerra, um general hospitalizado e, no Gabinete Militar, outro general vítima de alcoolismo a que fora levado por crise familiar, não ouvia os conselhos para agir com mais firmeza na manutenção da disciplina militar ameaçada por rebeliões de sargentos e marinheiros.²⁴¹

Segundo Thomas Skidmore²⁴², a derrubada de Goulart provou que os processos constitucionais habituais tinham falhado no Brasil. A queda de Goulart havia sido tão rápida que até os “revolucionários” ficaram surpresos. Em vez de armar uma resistência, o ex-presidente preferiu fugir do país, deixando seus perplexos partidários isolados em face aos revolucionários que se mobilizaram rapidamente. Embora fossem os militares que haviam interferido para salvar o Brasil da “corrupção” e do “comunismo”, os civis também acreditavam ter sido eles os vencedores, tais eram os “antigetulistas civis de ideias neoliberais”²⁴³.

1.6 A CONCRETIZAÇÃO DE UMA CONSPIRAÇÃO: A DITADURA MILITAR

Havia uma conspiração que estava sendo preparada desde 1954, quando Vargas, pelo suicídio, a derrotou. De acordo com José Murilo de Carvalho²⁴⁴, não havia dúvidas de que havia uma conspiração da direita em andamento desde 1954, que foi intensificada com a renúncia de Jânio Quadros e a subida de Goulart em 1961. Depoimentos dos principais militares e civis envolvidos não deixam dúvidas a respeito. No entanto, esses mesmos depoimentos mostram as dificuldades encontradas pelos conspiradores; havia a problemática de convencer os colegas da

²⁴⁰ CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Edição revista e ampliada, 2018. p. 178.

²⁴¹ Ibid.

²⁴² SKIDMORE, p. 367.

²⁴³ Ibid., p. 369.

²⁴⁴ CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Edição revista e ampliada, 2018. p. 175.

necessidade de derrubar o presidente: “Havia um legalismo inercial nas Forças Armadas”²⁴⁵. Afinal, envolver-se em ação golpista comportava um grande risco e o fracasso poderia significar o comprometimento da carreira.

Até as vésperas do golpe, “o grosso da tropa” não estava preparada para ele. Havia muitos militares ainda em dúvida. Houve, nos últimos meses, uma polarização das forças políticas; grandes manifestações²⁴⁶ se verificaram a favor e contra Goulart, e a maior delas foi a chamada “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada primeiramente em São Paulo. Concentrou-se na Praça da República e inúmeras famílias, cerca de oitocentas mil pessoas, entre mães, mulheres donas de casa, maridos, chefes de família e as crianças, protestavam, com bravura, contra o comunismo e contra o governo geral, com gritos como “Um, dois, três, Brizola no Xadrez. Aqui não, João. Comuna não tem vez! Tá chegando a hora de Jango ir embora”²⁴⁷. Nada poderia ser mais expressivo sobre “heroica resistência paulista ao autoritarismo”. A gota d’água, nesse ínterim, foi a famosa rebelião dos marinheiros²⁴⁸.

O golpe militar, avalia com razão Maria Celina D’ Araújo, “foi contra o PTB, sua prática política e suas lideranças. O partido surgia aos olhos dos militares como um inimigo a ser combatido”²⁴⁹. A questão imediata era depor Goulart e depois fazer uma “limpeza” política. No início da ditadura militar, quando Castello Branco foi escolhido para ser o primeiro militar a assumir a presidência, ele fez um acordo com Carlos Lacerda e o enviou como representante do governo federal à Europa e aos EUA para explicar os objetivos da “Revolução”. Segundo o historiador Márcio Delgado, enquanto Lacerda ainda estava fora do país, o mandato e os direitos políticos de Juscelino Kubitschek eram cassados por 10 anos pelo presidente Castello Branco. A cassação de Kubitschek provou um verdadeiro racha no PSD. Com isso, Lacerda não encontraria adversário dentro do grupo político formado no pré-1964 para a presidência da

²⁴⁵ CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Edição revista e ampliada, 2018. p. 175.

²⁴⁶ De acordo com José Murilo de Carvalho, apesar das ondas de manifestações, “há motivos para crer que a polarização atingia apenas as cúpulas políticas e os setores mais politizados da população” (CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Edição revista e ampliada, 2018. p. 176).

²⁴⁷ FERREIRA & CASTRO. **1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 303.

²⁴⁸ Dois mil marinheiros e fuzileiros navais liderados por José Anselmo dos Santos, o “cabo” Anselmo, compareceram à sede do sindicato naquele dia, a despeito da proibição do ministro. O ato contou com a presença de representantes dos sindicalistas e líderes estudantis, além do deputado Leonel Brizola e do marinheiro João Cândido, líder da Revolta dos Marinheiros de 1910. Na abertura da solenidade, o cabo Anselmo afirmou a disposição da associação de lutar a favor das “reformas de base, que libertarão da miséria os explorados do campo e da cidade, dos navios e dos quartéis”. Durante o encontro, os marinheiros reivindicaram o reconhecimento de sua associação, a melhoria da alimentação a bordo dos navios e dos quartéis e a reformulação do regulamento disciplinar da Marinha. Finalmente, exigiram que nenhuma medida punitiva fosse tomada contra os que ali estavam. Entretanto, o ministro Sílvio Mota emitiu ordem de prisão contra os principais organizadores do evento.

²⁴⁹ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 368.

república, já que era considerado virtualmente o candidato da UDN desde a convenção, de finais de 1963, realizada em Curitiba quando derrotara Magalhães Pinto. O era, no entanto, que à primeira vista seria uma boa notícia para Lacerda – a retirada do nome de seu principal adversário para a presidência nas eleições que, em tese, aconteceriam em 1965 – na verdade, marcaria um novo passo no processo de afastamento das lideranças civis da política brasileira, iniciado-se nas primeiras listas de abril de 1964 e que em breve atingiria o próprio Lacerda²⁵⁰.

Segundo Benevides, a Convenção Nacional da UDN é marcada para novembro justamente para reforçar a liderança lacerdista (contra as pretensões de Magalhães Pinto), já lançado candidato à sucessão presidencial. Carlos Lacerda opunha-se às iniciativas do presidente Castello Branco quanto à antecipação da Constituinte Nacional, e, sobretudo, quanto à prorrogação do mandato²⁵¹. Lacerda renunciou à sua candidatura, ocasionando o enfraquecimento do partido. As pesquisas mostram que ele tinha chances reais de vencer:

John W. F. Dulles reproduz uma pesquisa do IBOPE acerca dos embates entre Lacerda e Castello junto à população da Guanabara, que ainda era considerada a “caixa de ressonância nacional”. Os números da pesquisa mostram o enorme prestígio de Lacerda. Por exemplo, na pesquisa sobre “Quem venceu os debates?”, o nome de Lacerda representava 46% dos entrevistados, enquanto apenas 14% declararam ter sido o marechal. O restante optou pela opção “sem opinião”. Isso não chegou a ser uma surpresa dada a longa experiência de Lacerda como orador apaixonado e polemista contundente, ainda mais e em relação ao estilo discreto de Castello.²⁵²

Lacerda também entrou em conflito com o governo por não se agradar do novo programa econômico. O desespero era tanto que ele acabou publicando um livro²⁵³, explicando o tanto que esse programa econômico traria em prejuízo ao país. O rompimento definitivo dele com os militares foi quando Castello Branco decretou o Ato Institucional nº2, que instituiu a eleição indireta para presidente da República, dissolvendo os partidos políticos existentes e reabrindo uma nova temporada de cassações.

Toda essa decepção com o governo Castello Branco é expressa pela caricatura inédita, reportada abaixo. Lacerda, em forma de corvo, sua adjetivação mais conhecida, como protesto

²⁵⁰ DELGADO, Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p.101.

²⁵¹ BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 102.

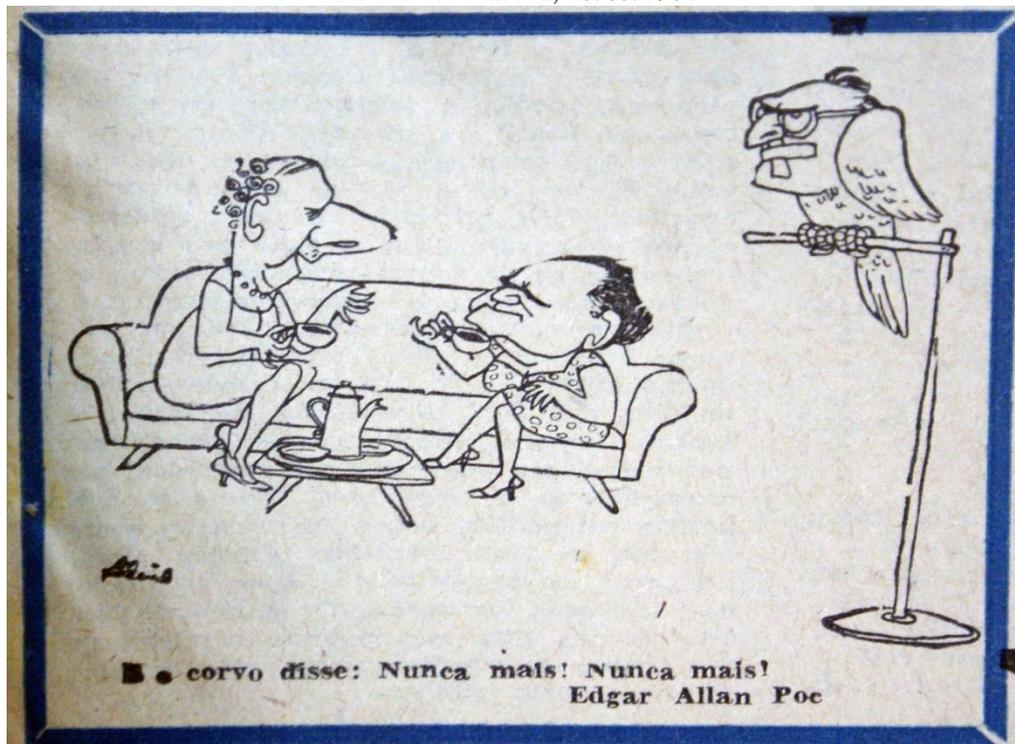
²⁵² DELGADO, Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p. 112.

²⁵³ O livro foi publicado em 1965 pela editora Nova Fronteira, sendo intitulado como *Ideias Políticas: Brasil entre verdade e mentira*. Lacerda inseriu na obra duas cartas enviadas ao presidente Castello Branco, oferecendo ajuda para administrar o governo.

(boca colada com adesivo), observava a conversa de Gaulle, primeiro presidente francês, e Castello Branco, primeiro presidente militar da Ditadura Militar. A frase é de Poe: “E o corvo disse “Nunca mais”, em um importante trecho do poema *O Corvo*, do autor Edgar Allan Poe, que foi traduzido por Machado de Assis. A charge fica mais clara quando se lê o poema. Num dos trechos mais significantes, o autor parece descrever a situação de Carlos Lacerda:

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lhe entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome: "Nunca mais".
(*O Corvo*. tradução Machado de Assis).

Figura 3 - Charles de Gaulle toma chá com Castello Branco enquanto é observado por Carlos Lacerda. Ala-Mir. A Marcha, 13/05/1957.



Fonte: Christofolletti, R. *A Enciclopédia do Integralismo*: o dogma do sigma, 2020.

O governo não parou. No início do ano de 1966 foi feito o Ato Institucional nº3, que acabou com as eleições diretas para os governos estaduais e para as prefeituras das capitais. Antes que Costa e Silva assumisse, o último Ato Institucional do governo Castello Branco foi decretado: O AI-4 convocou o Congresso Nacional extraordinariamente para a “discussão,

votação e promulgação do projeto de Constituição apresentado pelo Presidente da República”²⁵⁴. A nova Constituição foi promulgada em 24 de janeiro de 1967 sem que a maior parte das emendas propostas pelo Congresso fossem analisadas e votadas.

O que restava da democracia ia acabar com o Ato Institucional nº5²⁵⁵. Lacerda acabou sendo preso. Ele não imaginava que seria a sua última atuação no meio político. A greve de fome feita na prisão foi a forma que ele encontrou de protestar contra a revolução que ele próprio havia ajudado a construir, que terminou apenas depois que sua filha Cristina, na época ainda uma adolescente, escrevesse uma carta a Costa e Silva contando tudo o que estava se passando com seu pai, fazendo um apelo para que ele fosse solto. O receio de Lacerda era ser libertado por alguns dias e mandado para um exílio no estrangeiro logo em seguida. Se fosse para ser assim, ele não queria; afinal, ele não abriria mão facilmente de participar da Ditadura, já que havia compartilhado diretamente do golpe.

Foi nesse clima que Lacerda se convenceu da necessidade de uma imensa aliança política como única solução para salvar a democracia: a criação da Frente Ampla. A necessidade de interferir no que estava acontecendo fez com que ele fosse um dos líderes dessa frente. De acordo com Márcio Delgado²⁵⁶, as diretrizes da Frente constituíam-se em programa básico para uma política de reforma, estrutura e orientações nacionais. Resumiam-se, portanto, no tema central: paz, liberdade e desenvolvimento:

A Frente Ampla nasceria de duas “frentes” de conversações de grupos de oposição. Uma delas, envolvendo trabalhistas e comunistas, iniciada antes mesmo das eleições estaduais de 1965. A segunda, envolvendo juscelinistas e lacerdistas, começaria em meados de 1966 (com um breve ensaio em agosto de 1965), com Lacerda já em franca oposição ao governo federal. O processo de união destas duas “frentes” será apenas consolidado em finais de 1967 com a entrada oficial de João Goulart na Frente Ampla²⁵⁷.

²⁵⁴ DELGADO. Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p. 123.

²⁵⁵ Aí chegamos ao AI-5 [...] Fecharam o Congresso e veio o AI-5. Nessa ocasião eu estava fazendo um tratamento, fruto de cansaço e falta de exercício, cansaço mental, nervoso, tensão, etc. Estava fazendo uma meia sonoterapia, que dizer, me davam remédio para dormir mais que o tempo comum, mas eu me levantei, me lembro que ainda morava no Flamengo, sai do quarto onde estava e fui para a biblioteca. Ligamos a televisão. Estava lá em casa um sobrinho de minha mulher que morava conosco nesse tempo, e que era inteiramente apolítico, estava por fora de tudo. Ficamos os dois ouvindo a leitura do AI-5, pelo ministro da Justiça, o Gama e Silva. Quando acabou de ler [...] voltei-me para o rapaz, que tinha seus 16 ou 17 anos, e perguntei: “você, o que é que achou disso?” Respondeu-me: “Ah! não sei não tio, isso não é comigo não, isso é com esses jacarés aí que se entendem! Eu não tenho nada com isso” [...] aquilo me alarmou. O que é que vai acontecer com esse País quando toda uma geração ficar nesse estado de espírito? LACERDA, 1977, p. 364).

²⁵⁶ DELGADO. Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p. 250.

²⁵⁷ Ibid., p.138.

Lacerda, um dos fundadores da Frente Ampla, movimento que seria de resistência à Ditadura, teve como parceiros seus antigos opositores João Goulart e Juscelino Kubitschek. A ideia da Frente Ampla seria “restabelecer o clima de lei e de ordem. Uma coisa que não seria hostil à Revolução, pois ela já era algo consumado, seriam medidas tomadas a partir de agora, que mudaria o Brasil”²⁵⁸. Poderia parecer cedo a criação da Frente, em função da posição de Lacerda procurar os antigos adversários. No entanto, “é evidente, e os fatos comprovam mais tarde, que nem Lacerda, nem JK e Jango tinham mais tempo de esperar”²⁵⁹.

De acordo com Lacerda, a Frente Ampla foi quase que uma sugestão de JK²⁶⁰, e ainda assim o primeiro passo tomado por Lacerda foi convencê-lo da necessidade de colocá-lo na Frente para mudar, assim, o quadro que estava vivendo o Brasil. A Frente Ampla, inicialmente, foi lançada com um manifesto, assinado somente por Lacerda, publicado na *Tribuna da Imprensa*, agora já como seu ex-jornal. O manifesto pleiteava eleições diretas, reforma partidária, desenvolvimento econômico e adoção de política externa soberana, obtendo boa aceitação no MDB.

Houve também a emissão da *Declaração de Lisboa*, feita por Lacerda e Juscelino, em que garantiam a intenção de trabalhar juntos numa frente de oposição. Comprometeram-se e conclamaram o povo a participar da formação de um grande partido popular.

Lacerda passou a buscar entendimentos com Goulart, com os setores mais à esquerda do MDB e com o PCB ilegal. O PCB dividiu-se em um grupo favorável ao acordo e noutro grupo que acreditava que Lacerda seria o único beneficiado, já que Juscelino e Goulart estavam exilados. Lacerda viajou para o Uruguai para se encontrar com Jango. O representante de JK, Renato Archer, foi também para defender as ideias de JK e ajudar a Frente Ampla. O movimento começou a se expandir e aproximou-se do movimento estudantil e trabalhista. Segundo Delgado,

Goulart, em exílio no Uruguai, era informado das reuniões através de emissários e correspondências. Uma delas, provavelmente do início de agosto de 1966, mas sem data certa, assinada por José Vecchio, relata o encontro do deputado Oswaldo Lima e Filho com um dos emissários de Kubitschek (provavelmente Renato Archer). A carta defendia a aliança com Juscelino, mas se mantinha “em espera aguardando novos acontecimentos” em relação a Lacerda²⁶¹.

²⁵⁸ LACERDA,, 1987, p. 190.

²⁵⁹ Ibid.

²⁶⁰ LACERDA, 1977, p. 234.

²⁶¹ DELGADO. Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p. 144.

Em 1967, os ministros Magalhães Pinto e Hélio Beltrão tentaram convencer Lacerda a abandonar suas posições e a colaborar com o governo. Com a recusa de Lacerda e suas críticas públicas ao governo, o Ministro da Justiça proibiu a presença dele na televisão.

Desde o aparecimento na imprensa das primeiras notícias sobre a formação da Frente Ampla, o então governo Castello Branco desdenhava do movimento através de declarações públicas, marcando o tom das críticas com que os editoriais e colunistas da grande imprensa tratariam do assunto. A crença geral era de que a Frente Ampla era natimorta e que não conseguiria encontrar condições para consolidar o movimento. Entretanto, a despeito de todas as dificuldades em convencer os partidários das famílias políticas envolvidas a abraçarem tal movimento, o fato é que Frente Ampla era um assunto praticamente diário na maioria dos grandes jornais brasileiros há pelo menos 12 meses; a máxima “falem mal, mas falem de mim” pode ser claramente exemplificada com a Frente²⁶².

1.6.1 Reação familiar pós-falecimento de Lacerda

A família, a todo momento, criou justificativas para a participação de Lacerda no Golpe Militar. Afirmavam que se ele imaginasse que isso aconteceria, não teria apoiado, afinal, Lacerda estava lançado nas eleições seguintes e sem dúvida tinha possibilidades reais de ser eleito:

[...] Por isso, considero que nem eu nem tio Carlos verdadeiramente pecamos, em março de 1964, ao apoiar o movimento contra a ameaça comunista, para nós e para muita gente, bastante clara de introduzir aqui uma ditadura nas linhas propagadas por Che Guevara.²⁶³

Portanto, de nada adiantou ele assumir simpatias perante a classe média e os grupos militares assumindo, mais uma vez, “a postura de um missionário que luta contra todas as forças do mal”²⁶⁴, e principalmente contra o “fantasma do comunismo”, que amedrontava não apenas o Brasil. Lacerda, quando teve seus direitos políticos suspensos através da cassação, em 1968, foi levado preso para um Regimento de Cavalaria da Polícia Militar, onde ficou na mesma cela que o seu antigo companheiro do PCB Mário Lago, com quem não falava há décadas. Ele

²⁶² DELGADO, Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG. p. 144.

²⁶³ LACERDA, 2017, p. 98.

²⁶⁴ MENDONÇA, 2002, p. 255.

morreu antes de terminar seu período de cassação, acreditando que o número de pessoas que tinham o conhecimento do seu mandato de cassação era muito menor do que as que não tinham, o que então não influenciava na sua possível candidatura à presidência.

Não foi apenas Lacerda que sofreu as consequências de acreditar em uma possível “revolução” no país. Há um número significativo de pessoas que padeceram com exílios, torturas e mortes: “Viver a experiência do autoritarismo marcou gerações e precisa ser alvo de reflexões permanentes. Um aprendizado deixado por esse terrível período da História do Brasil é o da importância das instituições, práticas e valores do regime democrático, por mais incompletudes que ele possa ter”²⁶⁵. Apesar de a democracia não ser um regime perfeito, como todos os outros, ela não deve ser um valor inegociável, pois só ela pode garantir os direitos dos cidadãos.

²⁶⁵ FERREIRA & CASTRO. **1964** - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 391.

2 O POLÍTICO QUE ERA ESCRITOR OU O ESCRITOR QUE ERA POLÍTICO?

A trajetória de Carlos Lacerda às vezes se confunde entre a política e as suas produções literárias. Suas obras, apesar de não serem inteiramente uniformes, tratavam-se quase sempre de temas políticos. Lacerda foi um dos grandes nomes da política conservadora, com certo cunho liberal, do século XX. Participou decisivamente da derrubada de três importantes governos democráticos brasileiros: Getúlio Vargas (1954), Jânio Quadros (1961) e por último João Goulart (1964), que os ajudaram a construir “famas” de ser o maior “demolidor de presidentes”²⁶⁶, o “corvo” ou “o maior opositor político já visto no século XX”.

Ao publicar suas obras literárias, paralelamente fez traduções de obras com aspectos políticos, preferencialmente as que refletiam a tradição democrática liberal, além de ter iniciado a carreira como editor em 1965 com a fundação da Editora Nova Fronteira²⁶⁷, que vai ser importante nesse momento para publicar as obras que ele desejava.

2.1 UM ESCRITOR EM FORMAÇÃO

Lacerda foi um importante intelectual, possuindo uma vasta produção literária que inclui poemas, contos, crônicas, artigos, músicas, peças teatrais e ensaios críticos sobre autores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, além de participações especiais em livros, prefácios e declarações.

O político-escritor começou a escrever quando ainda era muito jovem. Ele se aproximou da literatura ao ter algumas oportunidades de trabalho. Aos 16 anos de idade, com sua contratação por Carlos Alberto Nóbrega²⁶⁸ para ajudar Cecília Meireles a escrever uma coluna diária sobre educação (DULLES, 1992). Logo, Lacerda ajudou na criação de uma revista chamada *Rumo*, no âmbito da entidade estudantil, na Casa do Estudante do Brasil. Ele impôs uma aparência modernista à publicação e fez dela um veículo combativo por meio do qual

²⁶⁶ Lacerda, em várias entrevistas, autointitulava-se “derrubador de presidentes”. Na obra *Palavras e ação*, ele metafizou a frase, afirmando que “havia um “derrubador de presidentes” mais ilustre que ele, o presidente da França, General De Gaule, que havia derrubado um presidente antes dele (LACERDA, Carlos. **Palavras e ação**. Nova Fronteira, 1965, p. 136.

²⁶⁷ A Editora Nova Fronteira é uma das maiores editoras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, fundada por Carlos Lacerda, em 1965. Ele deu esse nome em homenagem ao presidente Kennedy, dos EUA, já que Lacerda o havia conhecido pessoalmente e o considerava um dos melhores presidentes que os EUA já teve.

²⁶⁸ Um dos fundadores do *Diário de Notícias*, jornal fundado numa época conturbada, 1930, ano que levou Getúlio Vargas ao poder e foi acompanhado por intensas mudanças políticas. O periódico era um jornal patriota, mas, sobretudo, independente, que nunca se curvou às pressões do poder e rejeitou, com dignidade, ofertas de subvenções (LACERDA, 1978, p. 45).

escritores conhecidos e estudantes expressavam claramente seus pontos de vista, fazendo denúncias contra Alceu Amoroso Lima, secretário da Liga Eleitoral Católica, e contra o catolicismo²⁶⁹, além de ridicularizar figuras como Hitler, Mussolini e Plínio Salgado, principal líder da Ação Integralista Brasileira. Promoveu também palestra com escritores como Mário de Andrade, que colaborava academicamente com a revista²⁷⁰.

Ele ainda adaptou a literatura para as rádios. Em São Paulo, ao conhecer Edgar Cavalheiro²⁷¹, amigo de Monteiro Lobato, famoso escritor da época, conseguiu a autorização de Lobato para compor diálogos para sua maior obra, *O Sítio do pica-pau amarelo*²⁷², e transmitir as histórias para um programa na rádio Gazeta. Nesse mesmo período, escreveu também artigos para o *Jornal do Povo*, até ser considerado uma ameaça comunista em 1937, véspera do início do Estado Novo.

Figura 4 - Contribuição de Lacerda para a obra de Lobato.



²⁶⁹ Lacerda converteu-se ao catolicismo quando se casou com Letícia Azambuja; teve três filhos e se tornou um devoto assumido da referida religião.

²⁷⁰ **Depoimento.**

²⁷¹ Edgar Cavalheiro foi um escritor, editor, crítico literário e biógrafo brasileiro. É considerado o mais importante biógrafo de Monteiro Lobato.

²⁷² *O Sítio do pica-pau amarelo*, uma das principais obras de sucesso de Monteiro Lobato, teve coparticipação do Carlos Lacerda, através da criação dos personagens Narizinho, Emília, Pedrinho, Kuka, etc. No *Arquivo de Obras Raras* há os primeiros rabiscos deles.

Após esse período trabalhando para a revista *Rumo*, Lacerda começou a trabalhar na *Revista Acadêmica*, quando passou a ter mais contato com a literatura, pois fazia críticas literárias de clássicos brasileiros. Sua primeira produção literária, *O Quilombo de Manuel Congo*, foi publicada com o pseudônimo de Marcos, devido ao seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro. É um simples livreto que conta a história do quilombo de Manuel Congo; com viés de propaganda comunista juvenil, a obra resultou da sua primeira pesquisa histórica²⁷³.

Contudo, foi trabalhando no *Observatório Econômico e financeiro*, em 1938, que Lacerda passou a ser visto como um grande jornalista, além da sua participação na criação da União Democrática Nacional, a UDN, que marcou definitivamente sua guinada para a direita e o início de sua trajetória política na fase mais importante da sua carreira. A UDN, para ele, era o partido que tinha maior compromisso com a democracia²⁷⁴.

A trajetória jornalística continua intensamente. Redigiu alguns importantes artigos, trabalhando de forma *freelance* em importantes jornais da época, como o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*. Foi no *Correio da Manhã* que ele teve sua coluna diária, *No tribuna da imprensa*, que inspirou a criação do seu próprio periódico, o *Tribuna da Imprensa*. Em todos esses trabalhos, Lacerda utiliza suas produções como veículos de oposição ao governo Vargas e ao comunismo.

O *Tribuna da Imprensa* foi criado, com a ajuda de amigos ligados à UDN, após a conquista dos direitos do nome para o jornal, já que era o nome da coluna em que ele produzia no *Correio da manhã*, que, após uma sequência de desentendimentos, acabou demitindo Lacerda. Ele aproveitou o momento para ter seu próprio jornal, que viria a ser um dos maiores veículos de denúncias na luta contra o *getulismo*, o comunismo e semelhantes. Lacerda conseguiu ainda, em 27 de dezembro do mesmo ano, abrir o jornal *Tribuna da Imprensa*, graças a uma grande mobilização de políticos udenistas e intelectuais católicos conservadores, ligados ao grupo Dom Vital²⁷⁵.

O jornalismo, assim como a literatura e as traduções, foram instrumentos importantes para Lacerda, que, como um intelectual, não escrevia sem uma finalidade: “o escritor engajado não faria arte, concebida como algo universal e atemporal, mas sim textos que, por não privilegiarem a dimensão estética, estariam rapidamente fadados ao esquecimento, pois não teriam nada a comunicar as gerações futuras”²⁷⁶. A finalidade de Lacerda nas produções

²⁷³ Depoimento.

²⁷⁴ **Palavras e ação**, p. 94.

²⁷⁵ **O golpismo democrático**: Carlos Lacerda e o jornal *Tribuna da Imprensa* na quebra da legalidade (1949-1964). Dissertação de Mestrado. UFJF, ICH. p. 56.

²⁷⁶ FACINA, p. 10.

literárias²⁷⁷ publicadas a partir de 1964 giravam em torno da defesa da sua candidatura ou do seu apoio ao Golpe Civil-Militar dado em 1964, fazendo crer, portanto, que a literatura lacerdista era um veículo de exposição política e de memórias pessoais.

Algumas dessas obras são coleções de artigos ou notícias publicadas no *Tribuna da Imprensa* ou em outros jornais, como o *Correio da Manhã*; portanto, nem sempre elas foram escritas nesse intervalo de tempo (1964-1977). Sobre as obras traduzidas, há um número significativo: só de registros são mais de 30 traduções que estão reservadas na UNB, destacando-se *Júlio César* (1981); *Em cima da hora a conquista sem guerra* (1964); e *Triunfo* (1968), que possuem aspectos políticos e que refletem, principalmente, a tradição democrática liberal, sendo bem equiparadas ao estilo político/econômico que Lacerda desejava aplicar no Brasil. Interessava construir a trajetória do seu discurso político antes e após o Golpe Militar utilizando essas obras literárias. O Lacerda governador de Guanabara, ativante do Golpe de 1964, acreditava que seria eleito em breve. A decepção iniciou quando ele percebeu que haveria a extensão do mandato do presidente Castello Branco. Muito ainda ia mudar, inclusive sua posição política. As obras representam uma espécie de memória, e como são feitas em diários, vão guardar recordações de um período de extrema relevância no cenário nacional: a ditadura civil-militar. Nas primeiras produções literárias, Lacerda defendeu a importância dessa ação militar, que ele e outros denominavam de *Revolução*. Logo em seguida, ele começou a deflagrar a sua decepção com a situação política do governo do primeiro presidente militar, o General Castello Branco.

É importante ressaltar que serão analisadas as memórias do escritor e político Carlos Lacerda. Portanto, nos momentos em que o golpe é chamado de *Revolução* ou quando o conceito de democracia é extremamente peculiar, são as opiniões de Lacerda.

2.2 A TRAJETÓRIA DO GOLPISTA QUE FOI GOLPEADO (1964-1977)

O ano de 1964 parecia muito longo, e para Lacerda mais ainda. Era o governador da Guanabara quando participou do Golpe Civil-Militar. Apoiou o golpe, acreditando que a permanência dos militares no poder seria breve e que as eleições do ano seguinte estariam

²⁷⁷ Sete obras serão discutidas neste capítulo com o objetivo de defender a hipótese de que a literatura lacerdista estava sendo feita propositalmente para expor suas concepções sobre a política vigente. São elas: *Desafio e Promessa, o Rio São Francisco* (1964); *Uma Rosa, é uma Rosa, é uma Rosa, é uma Rosa* (1965); *Reforma e Revolução*; *Ideias políticas: Brasil entre verdade e a mentira* (1965); *Palavras e Ação* (1965); *O Cão Negro* (1971); *Em vem* (1975); e, por último, *A casa do meu avô* (1977).

asseguradas. Liderou, em São Paulo, a “Marcha da Família com Deus para a Liberdade”, com o objetivo de estimular o sentimento anticomunista. Lançou sua candidatura, pela UDN, à presidência da República. Porém, logo após que o golpe foi dado, em abril de 1964, foi enviado para missões fora do Brasil²⁷⁸, com o principal objetivo de explicar o que estava acontecendo na política brasileira.

Mas, antes disso, Lacerda havia viajado para os Estados Unidos, em 1963. Como governador da Guanabara, seu último cargo eletivo, havia proposto uma ampla mudança administrativa e já havia sido acusado por seus adversários de “Governador mata-mendigos”²⁷⁹, e em 1963 uma Comissão Parlamentar de Inquérito é aberta para apurar as acusações da oposição. Lacerda recusou-se a depor e os opositores pediram seu *impeachment*; a solicitação foi arquivada por “falta de bases concretas para a acusação”. Sua ida aos EUA foi memorizada na obra *Uma Rosa é uma rosa é uma rosa*, de 1965, em que Lacerda faz um relato sobre a arte de governar, além de detalhar seu encontro com o Presidente dos EUA John F. Kennedy²⁸⁰, sua admiração por Gaulle²⁸¹ e por Winston Churchill²⁸². No encontro com Kennedy, Lacerda tinha como um dos objetivos denegrir a imagem do atual presidente do Brasil, João Goulart. Sabendo que ficaria pouco tempo na presença do presidente dos EUA, preparou um curto memorando de cinco itens, no qual havia concentrado alguns pontos de vista sobre o interesse do Brasil em relação ao programa da “Aliança para o Progresso”, ou seja, a aliança entre os EUA e o Brasil, e sua posição em defesa de princípios fundamentais.

Lacerda afirmou que, ao entregar o memorando, “ele tirou o papel, rapidamente percorreu o texto [...] e passou a comentá-lo, ponto a ponto, como se tivesse decorado”²⁸³. A conversa fluiu em torno dos problemas enfrentados pelo Brasil, e Kennedy chegou a dizer que

²⁷⁸ Lacerda afirma isso em uma entrevista dada à rádio Europa: “realmente, recebi do meu Presidente a missão de representá-lo e de explicar aos governos das nações européias seus planos, seu programa e seus objetivos. Irei à Alemanha (...) Londres depois à América do Norte, onde fui convidado a proferir conferências em organizações culturais e para líderes trabalhistas da Organização Interamericana dos Trabalhadores (LACERDA, Carlos. **Palavras e ação**. Nova Fronteira, 1965, p. 143.

²⁷⁹ Lacerda adquiriu a fama de “Governador Mata-Mendigos”. Esse caso ficou conhecido internacionalmente. As denúncias acabaram sendo arquivadas por falta de provas que mantivesse essas acusações.

²⁸⁰ Kennedy foi uma das grandes personalidades do século XX, o segundo presidente mais jovem dos EUA. Eleito em 1960, chegou a governar o país até o seu assassinato que, de acordo com Lacerda, foi feito pelo “comunismo” em 1963.

²⁸¹ Gaulle foi presidente da França durante dez anos (1959-1969), além da liderança na Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial. Ele esteve no Brasil, um pouco antes do Golpe Militar. Lacerda tinha grande admiração pelo ex-presidente francês: “esse homem cheio de defeitos é um grande homem, um dos maiores do nosso tempo, dos maiores que a França teve até hoje” (LACERDA, Carlos. **Uma rosa é uma rosa é uma rosa**. 1965, p. 105).

²⁸² Winston Churchill também teve participação fundamental na Segunda Guerra Mundial, assim como o Gaulle. Era primeiro ministro do Reino Unido, conservador e liberal econômico. Amplamente considerado como um dos homens mais significativos da História do Reino Unido e uma das figuras mais importantes do século XX, porque desempenhou um papel fundamental no combate ao fascismo europeu.

²⁸³ **Uma rosa é uma rosa é uma rosa**. 1965, p. 46.

“não podemos resolver todos os problemas de uma nação grande como Brasil. No passado procuramos proporcionar ao Brasil créditos vultuosos para atender à situação grave de então, logo que o Presidente Quadros tomou posse, acho que não faltamos a esse dever”²⁸⁴; a ajuda havia sido concretizada. Depois iniciaram uma conversa sobre educação, em que ambos concordavam que era necessária uma melhoria na educação do Brasil, e que o problema não era a falta de dinheiro e sim a não compreensão da urgência dessa questão. Posteriormente, há um trecho no qual Kennedy, supostamente, defendia a necessidade de iniciar as privatizações: “é preciso que todos, aqui e lá, fiquem convencidos da necessidade de dar lugar à iniciativa privada”²⁸⁵, concordando, portanto, com as ideias de Lacerda, de fazer distinção entre empresas de serviços públicos e empreendimentos de capital privado propriamente dito.

Lacerda, aproveitando o “título” de governador, afirmou ao presidente dos EUA, sempresunção, que tinha certeza de que a população em geral confiava mais nele agora do que quando o elegeu, e ele conseguia comprovar isso com as idas às favelas de Guanabara: “a população dessas favelas vinha cordialmente nos abraçar e confiantemente conversar conosco, o que nem sempre acontecera antes”²⁸⁶. Essa autoconfiança aumentou, de acordo com ele, após a sua dedicação aos mais oprimidos. Construiu escolas, “derrotou o comunismo” e fez projetos para a integração dessas favelas na sociedade carioca, contradizendo os inúmeros escândalos que lhe foram atribuídos, como as supostas mortes de mendigos que habitavam as regiões centrais de Guanabara, além dos inquéritos que exigiam o *impeachment* do seu mandato.

Em relação ao presidente francês, Charles De Gaulle, era uma figura política que Lacerda tinha grande estima. Lacerda acreditava que da mesma forma que foram feitas injustiças contra ele, fizeram contra Gaulle: “poucos homens, em nosso tempo, deram tamanha medida de sua grandeza, poucas vezes alguém foi tão grande, quase à altura do seu tempo. Mas sem esperar que os outros reconheçam ele mesmo proclama: Eu sou a França!”²⁸⁷. De acordo com Lacerda, Gaulle havia recuperado a “honra” da França quando ela estava “desonrada”; ele era um “personagem histórico”.

No apogeu do seu prestígio, Lacerda analisou o governo de Gaulle, dizendo que ele havia implantado na França o que ele chama de ditadura disfarçada, e utiliza a metáfora para desenhá-la “o mais novo prato da cozinha política francesa: supremo de monarquia com molho de república”²⁸⁸. Lacerda também expôs que a ida de Gaulle ao Brasil foi preparada da pior

²⁸⁴ **Uma rosa é uma rosa é uma rosa.** 1965, p. 47.

²⁸⁵ Ibid., p. 49.

²⁸⁶ Ibid., p. 56.

²⁸⁷ Ibid., p. 104.

²⁸⁸ Ibid., p. 106.

maneira, pois nenhum problema pendente entre a França e o Brasil foi discutido e resolvido. Talvez seja por isso que o francês tenha saído do nosso país com uma péssima impressão. Muitos criticaram o presidente francês e alguns passaram a censurar todos os franceses, a tentar contradizê-los e a questioná-los sobre o que pensavam do Brasil.

Havia, porém, um reconhecimento geral por parte da maioria da população brasileira de certos absurdos que ocorriam no país em relação ao seu ambiente político, aos casos de corrupção, aos problemas na formação educacional, ao direcionamento dos gastos públicos e à atuação nas relações exteriores, que revelavam factualmente a falta de seriedade brasileira. Logo, a França gaulista não estava tendo a melhor postura possível com o Brasil naquele momento. Lacerda manifestou, ao publicar esse artigo na *Manchete*, em 1964, ainda com muita esperança de que Gaulle pudesse ajudar o Brasil de alguma maneira, independentemente de qualquer coisa.

2.2.1 Quando ainda era amor: as maravilhas da “Revolução”

Próximo ao Golpe Civil-Militar, Lacerda escreveu a obra *Palavras e ação*, publicada em 1965, na qual ele fez reflexões dos reais motivos que levaram ao Golpe de 1964. Ele explica que esse movimento foi gerado e deflagrado pelas forças armadas do Brasil e que os governadores democratas, incluindo ele, apenas apoiaram esse levante. O povo também estava cansado, havia chegado o “tempo da nitidez e da definição, porque o povo mudou e vem em nossa direção [...] o povo já não quer demagogos que os enganam e sim líderes que o ajudem a construir a nação com a verdade e a liberdade responsável, o trabalho e a honradez dos limpos e sinceros”²⁸⁹.

De acordo com Lacerda, a ideia do Golpe tem origens distantes e não nasceu em abril de 1964: “A revolução vem de Ruy Barbosa e do Brigadeiro, ela vem da legislação social de 1930 e da queda da ditadura”²⁹⁰. Para ela acontecer, foi necessário ter um governo revolucionário, um governo comprometido com seus objetivos: “A revolução exige uma política de transformação do Brasil. Essa transformação não pode ser apenas nos fins, mas igualmente nos meios, no estilo e até nos personagens”²⁹¹.

²⁸⁹ **Palavras e ação**. 1965, p. 16.

²⁹⁰ *Ibid.*

²⁹¹ *Ibid.*, p. 19.

A população estava assustada, pois um presidente eleito por uma maioria dos votos, Jânio Quadros, havia renunciado. Lacerda contou ao presidente Kennedy que não sabia as repercussões reais do povo. Sua primeira impressão não foi boa: “acredito que o próprio Jânio Quadros tenha tido certa decepção com o seu discurso”²⁹². Seu vice, João Goulart, “um aventureiro, profeta e propagandista de uma democracia que nunca praticou”²⁹³, com agentes cubanos e tchecos a seu lado, além de Lionel Brizola, conseguindo assumir a presidência do Brasil. Lacerda considerava a posse de João Goulart um perigo para a segurança nacional, mesmo que, para isso, se deixasse de ter um governo presidencialista e que passaria a ser parlamentarista. Afinal, ele escolhia seus ministros e planejava voltar o país ao presidencialismo. Durante três anos, o Brasil mergulhou em uma sequência de “enganos, embustes, equívocos”²⁹⁴:

Pois bem, João Goulart desenvolveu no Brasil uma campanha terrível, que custou rios de dinheiro, dinheiro da Petrobras, dinheiro dos institutos, dinheiro dos trabalhadores, arrancados ao seu magro salário, que a inflação devora, dinheiro arrancado pelo Sr. Hugo Faria, um dos sócios do Sr. João Goulart, e que havia sido, diga-se de passagem, nomeado anteontem para o Banco do Brasil, dinheiro arrancado pelo Sr. Hugo de Faria à indústria, aos magnatas da indústria, que o Sr. João Goulart amaldiçoava de dia e afagava de tarde (LACERDA, 1965, p. 112).

Lacerda também incriminou Goulart, afirmando que ele era corrupto: “logo ele, que tanto queria uma reforma agrária, era o maior latifundiário do Brasil”. Em pouco menos de três anos de governo, ele havia comprado 560.000 hectares de terra, que equivalia a quatro vezes a área do Estado de Guanabara, onde morava mais de quatro milhões de brasileiros, além das fortunas em dinheiro, que saía da do Palácio direto para sua casa e para o Partido Comunista Brasileiro.

O maior problema, na visão de Lacerda, era que as reformas passaram a ser o pretexto de Goulart para não governar: “não fazia escolas porque não tinha reforma agrária, não fazia hospitais, porque não tinha reforma agrária”²⁹⁵, e assim por diante. E pior: a reforma agrária era só um pretexto, porque, na verdade, ele queria era uma reforma na Constituição, ou melhor, ele não queria que o país tivesse uma Constituição. Ou se tivesse, seria feita pelos “pelegos,

²⁹² **Uma rosa é uma rosa é uma rosa.** 1965, p. 54.

²⁹³ **Palavras e ação.** 1965, p. 110.

²⁹⁴ *Ibid.*, p. 111.

²⁹⁵ *Ibid.*, p. 115.

redigida pelos pelegos, em Constituinte eleita pelo dinheiro dos Institutos, pelo dinheiro da Petrobrás”²⁹⁶. O país, de acordo com Lacerda, era “puro escândalo”.

O que se percebe é que Lacerda procurava enfatizar que ele era, sem dúvida alguma, a melhor opção para o país, sendo denunciando as práticas de corrupção, como fez a João Goulart, ou apelando para o trabalhador brasileiro (o que chega a ser repulsivo). Lacerda declarava-se a favor da Reforma Agrária, o que contradiz suas próximas críticas a várias assistências sociais incrementadas pelo governo, que, para ele, seriam “benéficas para poucos e prejuízos para muitos”²⁹⁷. O que é possível concluir é que um governo que não possui um tipo de assistência social seria um governo de caráter elitista. Seu possível mandato seria de fato, exclusivamente, elitizado:

ela aumentaria a produtividade do Brasil, melhora o padrão de vida dos trabalhadores, a estabilidade e a tranquilidade. A justiça social se atinge pelo melhor uso da terra e pela adequada distribuição e consumo dos seus produtos. Não pela utópica transformação de todos os brasileiros em pequenos proprietários de chácaras e quintas - uma boa revista, e não uma forma. São devaneios assim que fazem as panacéias e criam as desilusões que levam o povo brasileiro ao desespero²⁹⁸.

Ele era capaz, ainda, de escrever sobre redefinições de salários, pois dizia que era necessária uma “política de salários justos e não injusta”. Declarando que o povo não pode passar fome até que a moeda seja salva, “o povo não é cavalo-do-ínglês que morreu quando já se ia habituando a jejuar”²⁹⁹. E, para finalizar suas bajulações, ele concluiu que “o homem é o principal fator econômico e, portanto, o principal instrumento de transformação nacional³⁰⁰”.

Para ele, João Goulart, com a ajuda de terceiros (o apoio de Brizola), fez no Brasil uma campanha intensa para a reforma constitucional. De acordo com Lacerda (1965), ele havia falado que “ou reformam a Constituição, ou haverá sangue no Brasil”:

Ei o que João Goulart queria: ou o poder absoluto ou o sangue no Brasil. Graças a Deus, não teve nem poder absoluto, nem sangue no Brasil. É por isso que não se pode jogar fora, que não se deve desperdiçar, que não se deve perder um minuto da beleza deste movimento. Os riscos que corremos todos aqui, e em muitas partes do Brasil, são nada, diante dos riscos que esta nação correu, e que não queremos que ela corra mais (**Palavras e ação**, p. 125).

²⁹⁶ **Palavras e ação**. 1965, p. 117.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 54.

²⁹⁸ *Ibid.*, p. 29.

²⁹⁹ *Ibid.*

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 30.

Lacerda acreditava verdadeiramente que o Golpe tinha livrado o país da tirania e principalmente do comunismo. Para efetuar a “Revolução”, para ele foi necessário ter um nome para assumir a presidência. Precisava ser alguém que reunia em torno de si “respeito público, seriedade, respeito nacional e até internacional”³⁰¹. Depois que esse homem, que vinha sem ambição para continuar a vida pública, organizasse o Brasil, e não para agradar o povo, era necessário ter novas eleições. Portanto, não era a hora de misturar as situações: “não maculemos a beleza desse instante, o espetáculo de nossas ambições pessoais”³⁰². Na opinião de Lacerda, Castello Branco foi uma excelente escolha. Todos haviam deixado suas cobiças de lado para um bem maior, salvar o Brasil.

O Golpe precisava ser eficiente em um prazo muito curto. Afinal, em 1965 haveria eleições e Lacerda era o candidato oficial da UDN. De acordo com ele, a “Revolução” não poderia correr o risco de virar uma ditadura, como no caso de 1937, como fez Getúlio Vargas. Nesse período, Lacerda, ainda muito jovem, estava em uma intensa campanha pela candidatura de José Américo³⁰³ e contra o governo paulista de Armando de Sales Oliveira. Quando estava para ocorrer o golpe de 1937, Lacerda viajou à Bahia para fugir da polícia devido ao seu envolvimento com o comunismo³⁰⁴; ele afirma que era um “simpatizante, com ar de militante”³⁰⁵. Acreditava que o comunismo era a solução para os problemas daquele tempo. Mas foi ali, naquele momento, depois de ser preso em 1937, quando teve a oportunidade de começar a escrever para o *Observador Econômico e Financeiro*, em 1939, já casado e mais “maduro”, que ele percebeu o “charlatanismo” do Comunismo, e ele desabafa na obra *Desafio e Promessa: o Rio São Francisco* (1964) que “detestava o Comunismo exatamente pelo seu charlatanismo e pela sua falsa segurança na apresentação de fórmulas infalíveis para resolver os problemas e promover a justiça”³⁰⁶, e afirmava isso com total segurança, depois de anos de estudos e aprendizados que a própria vida lhe deu.

³⁰¹ **Palavras e ação**. 1965, p. 126.

³⁰² *Ibid.*, p. 127.

³⁰³ José Américo de Almeida, então ministro do Tribunal de Contas da União – indicado ao cargo pelo presidente Getúlio Vargas – e profundo conhecedor dos bastidores da política brasileira, rompeu com o silêncio imposto pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A censura prévia do Estado Novo foi, naquele momento, quebrada por um ministro do próprio governo. Menos de um mês depois da publicação, Vargas decreta anistia geral para todos os condenados por crimes políticos desde 1934. E, em seguida, permitiu a fundação de partidos políticos banidos desde 1937, convocou eleições gerais e diretas para os Poderes Executivo e Legislativo, a serem realizadas em dezembro de 1945.

³⁰⁴ Lacerda afirma, em uma entrevista dada para a rádio Europa, que “sempre me chamaram de comunista, e eu nunca fui membro do Partido Comunista, e sim, como todo mundo não-fascista, em um determinado momento, simpatizante do comunismo. Não me arrependo de ter sido um simpatizante, aprendi muito com os comunistas e, ainda hoje, emprego contra eles práticas que eles me ensinaram” (LACERDA, Carlos. **Palavras e ação**. Nova Fronteira, 1965, p.144).

³⁰⁵ **Desafio e Promessa**: o Rio São Francisco. 1964, p. 11.

³⁰⁶ *Ibid.*, p. 12.

Sua oposição se estendeu ao governo JK. Em 1956, Lacerda escreveu um artigo para o *Tribuna da Imprensa* e que foi publicado na obra *Uma rosa, é uma rosa, é uma rosa, é uma rosa* (1965), m que ele demonstrou sua indignação em relação ao governo do presidente Juscelino Kubitschek, principalmente por estar proibido de se manifestar na televisão, e sobre a fiscalização que existia nas publicações dos jornais, até mesmo no seu jornal, o *Tribuna da Imprensa*. Ele confessava que estava triste: “as alegrias são pouco exigentes, mas a melancolia é um agente poderoso de improvisações, capaz de criações extraordinárias”³⁰⁷ e preocupado com o destino da tal “construção misteriosa, desse brasil das improvisações geniais e da fugazes iluminações”³⁰⁸. O que mais lhe revoltava era que a geração que governa o Brasil era aquela que tinha sido comunista e fascista, “E agora, o Brasil, estava nas mãos desses fajutos”.

2.2.2 A transformação do amor em ódio: nem tantas maravilhas assim

A minha candidatura está sendo alvejada pelo silêncio e pelos ataques mais desleais. Inventa-se o que eu não disse, deforma-se o que eu digo, não se divulga o que realmente disse (LACERDA, Carlos. **Palavras e Ação**. 1965, p. 9).

Na obra *Ideias Políticas: Brasil entre a verdade e a mentira* (1965), Lacerda publicou duas cartas abertas escritas ao presidente Castello Branco. Desacreditado com o governo, ele utilizou o prefácio em defesa pessoal, afirmando que os insultos e difamações contra ele não importavam, pois a única coisa com que ele preocupava era com o povo: “pois meu aliado é o povo, meu instrumento é a opinião pública, minha ferramenta, a exposição dos fatos e a argumentação lógica”³⁰⁹. Ele afirmava que queria a nação tranquila, nem que, para isso, tivesse que denunciar o novo risco que corria o povo brasileiro, afinal “que adianta estar em paz comigo mesmo, por haver advertido e alertado, se o povo não estiver em paz, por ter sido enganado ou traído?”³¹⁰. Lacerda finalizou o prefácio afirmando que ainda restava uma esperança, a de que os líderes responsáveis pela “Revolução” tivessem mais patriotismo do que o amor-próprio, pois só assim o Brasil avançaria.

A primeira carta foi entregue a Castello Branco em 17 de maio de 1965. Lacerda teve como principal objetivo entregar o programa econômico financeiro do governo, programa esse

³⁰⁷ **Uma rosa é uma rosa é uma rosa**. 1965, p. 30.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 31.

³⁰⁹ **Ideias Políticas: Brasil entre a verdade e a mentira**. 1965, p. 13.

³¹⁰ *Ibid.*, p. 14.

que iria restaurar a economia do país. Ele considerava muito grave a situação econômica do Brasil:

[...] Mais grave, hoje, do que na véspera da Revolução. Pois então todos tinham certeza de que aquela situação ia acabar. Hoje, sabemos que ou se acaba com esse “plano” ou esse “plano” acaba com a Revolução e coloca o país num dilema insuportável: restauração ou ditadura. (**Ideias Políticas: Brasil entre a verdade e a mentira.** 1965, p. 18).

O plano de Lacerda iria “planificar sem estatística e sem ditadura”. O que estava acontecendo era que a proposta da tomada do governo pelos militares, que era “a ideia de utilizar a força positiva, a recuperação da confiança através de um governo que a inspire com a cessação do processo subversivo e corruptor, que devorava as energias da Nação”³¹¹, estava sendo distorcida; o Programa de Ação Econômica do Governo para 1964/66, que Lacerda chama de PAEG, também não estava funcionando. Dessa forma, Lacerda não lhe escreveu para propor um novo plano, e sim para ajudar o governo a ter um novo rumo para a política econômica. Ele tinha total interesse no êxito do governo Castello Branco, pois se orgulhava de como o governo havia surgido e como isso poderia beneficiar as eleições do ano seguinte. O Brasil precisava disso.

Lacerda explicou que a “Revolução” não teve nenhum compromisso com qualquer plano econômico ou doutrina escolástica. E ele também não tinha. Preferiu absorver o que havia de bom em cada corrente e juntá-las com a práticas para, então, colocá-las em ação: “Tratava-se de adotar um oportunismo econômico capaz de aproveitar os fatores favoráveis que sujam e não sofrer, por sua rigidez, o desgaste dos fatores contrários”³¹². É preciso ressaltar também que a inflação não estava sendo combatida e que a economia era praticamente toda controlada pelo Estado. Lacerda acreditava que a planificação da economia era incompatível com uma sociedade democrática, baseada na livre empresa e, portanto, era preciso mudar rapidamente. Nem mesmo a SUNAB³¹³ influenciou tanto na formação dos preços, das concessão ou não de créditos, de controle da produção e comércio quando o que estava acontecendo no PAEG. Os preços estavam altíssimos e a consequência disso era a queda do consumo de artigos básicos, a diminuição da compra de gêneros alimentícios, remédios e de consumo perecíveis e duráveis. Portanto, de acordo com Lacerda, se a diminuição do padrão de vida do povo fosse a meta da

³¹¹ **Ideias Políticas: Brasil entre a verdade e a mentira.** 1965, p. 21.

³¹² *Ibid.*, p. 24.

³¹³ A Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) foi um órgão do governo federal do Brasil criado em 1962 pelo presidente João Goulart e extinta em 1997, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso.

“Revolução”, poderia dizer que ela já havia sido atingida, embora nenhuma política econômica esteja certa quando não abrange o ser humano.

Nem sempre os planos econômicos brasileiros falharam. O do Campos Salles e Murtinho e do governo provisório da República e seu ministro da Fazenda Rui Barbosa foram de homens que acreditavam no desenvolvimento do Brasil:

Rui teve a intuição genial do sopro de produção que poderia ter feito o Brasil dar um salto com a República, enquanto Murtinho, no Governo Campos Salles, aplicou a política que, no afã de liquidar os excessos do encilhamento, por timidez acadêmica, reduziu o desenvolvimento brasileiro nos primeiros anos deste século, a alguns investimentos muito aquém de nossas possibilidades e necessidades.³¹⁴

Diferentemente, os planos econômicos de JK e João Goulart foram equívocos para o país. Os mesmos dirigentes fizeram o PAEG, que só funcionaria, segunda Lacerda, se fosse aplicado em uma ditadura, o que não era o desejo deles, afinal. Era essencial não agravar a estatização da economia. Lacerda tinha a concepção de que a economia que estava vigorando só poderia ser chamada de economia fascista, “pois esta não é nem liberal nem socialista, mantém a iniciativa privada mas pune o lucro e confisca o salário, amplia a área estatizada e não lhe dá, sequer, condições de eficiência”³¹⁵, e o que precisava ser feito era exatamente o contrário: seguir o caminho da desestatização de todos os setores, não se justificando o domínio do Estado.

De acordo com Lacerda (1965), mesmo se essa mudança fosse iniciada, quando ele fosse eleito, em 1967, haveria inflações, e sua luta seria contra ela. Ao fazer uma análise do PAEG na obra *Ideias Políticas: Brasil entre a verdade e a mentira* (1965), Lacerda realizou apenas críticas a esse sistema econômico, acreditando que nada estava sendo cumprido e tudo estava dando errado, ou seja, “esse programa só dá efeitos negativos”. Entretanto, ele afirmou que o objetivo não era dizer que estava tudo errado, que não havia solução e nem muito menos assustar o povo brasileiro. A alternativa era um novo modelo econômico, e como a única preocupação dele era com o povo brasileiro, ele tinha coragem de pronunciar para todos ouvirem que não estava dando certo:

Candidato eu já era, e não de mim mesmo, antes da Revolução. Se fosse um ambicioso, não precisaria tanto sacrifício para saciar ambições. Também sei ser hábil. Mas, o problema do Brasil não é de habilidade, é de coragem. Está

³¹⁴ **Ideias Políticas:** Brasil entre a verdade e a mentira. 1965, p. 29-30.

³¹⁵ *Ibid.*, p. 43.

faltando coragem para dizer ao Presidente e à nação o que somente alguns ainda não compreenderam: esse “Programa de ação”, errado na concepção, não está sendo cumprido, nem poderá ser porque é um amontoado de contradições. Nele até se encontram coisas certas. Mas com ele não teremos nem vitória nas eleições, nem eleições, nem governo de Revolução, nem governo, nem Revolução. Vamos perder a liberdade por causa dele, quer pela necessidade de obstinadamente impô-lo - o que obrigará à ditadura - quer pela necessidade de livrar-se tardiamente dele - o que também poderá levar à ditadura. Com ele teremos crise e desunião. Alguns liberais o apoiam ainda porque ele se exprime em língua liberam, veste roupa de liberal. Mas na prática, é estatizante sem ser socialista, Esse programa é a planificação da leviandade.³¹⁶

Lacerda utilizou a obra para pronunciar sua desilusão com o governo, repetidamente e em forma de vitimização, acreditando estar sofrendo incompreensões e diversos insultos. Ele reuniu 11 pontos que comprovam suas críticas, justamente para ser compreendido e ninguém duvidar do que ele estava dizendo. Fazia questão de mencioná-los anteriormente às propostas, que seria uma alternativa, um novo plano econômico.

Incessantemente, defendeu o Golpe Militar, argumentando que era a ajuda que o Brasil precisava, e se não fossem feitas as mudanças apontadas por ele, não valeria de nada o esforço criado pelos militares e apoiadores de 1964. Além da reforma no PAEG, ele explanou algumas medidas emergenciais, como a revisão dos impostos: “a mobilização pelo governo da iniciativa privada que não consegue sem lhe inspirar confiança e sem confiar nela”³¹⁷; o esvaziamento de órgãos como o Instituto Brasileiro do Café³¹⁸, que eram, na opinião de Lacerda, órgãos inúteis que davam muito prejuízo ao governo, além da preocupação com a alta taxa de desemprego (70 mil desempregados só em São Paulo):

[...] lidemos com o que existe, trabalhemos a matéria viva. Tenhamos a grandeza de parecer que somos medíocres. Tenhamos a vaidade de ser humildes diante da realidade. A realidade já condenou um programa que se condenou a si mesmo, pois, salvo, em pormenores irrelevantes, não atingiu

³¹⁶ **Ideias Políticas:** Brasil entre a verdade e a mentira. 1965, p. 51.

³¹⁷ Ibid., p. 58.

³¹⁸ “Durante o segundo governo Vargas (1951-1954), foi criado o Instituto Brasileiro do Café (IBC) por meio da Lei nº 1.779, de 22 de dezembro de 1952. O novo organismo foi originado para executar toda a política econômica do produto, correspondendo a um novo espírito de intervenção. Para Antônio Delfim Neto, “ao contrário do que ocorrera anteriormente, a defesa praticada [a partir da criação do IBC] se fez em nome da manutenção de um nível mínimo de receita de divisas, necessárias para assegurar o desenvolvimento da industrialização no país”. Competia ao IBC realizar a política cafeeira tanto em âmbito nacional quanto internacional. Suas atribuições incluíam a promoção de pesquisas e experimentações no campo da agronomia e da tecnologia do café, a fim de baratear seu custo e aumentar a produção por cafeeiro; a radicação do cafeeiro em zonas ecológica e economicamente mais favoráveis à produção; a defesa de um preço justo para o produtor, condicionado à concorrência da produção alienígena e dos artigos congêneres; e a realização de pesquisas e estudos econômicos para um melhor conhecimento dos mercados consumidores de café e de seus sucedâneos, objetivando a regularidade das vendas e a conquista de novos mercados”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-brasileiro-do-cafe-ibc>.

nenhum dos objetivos que se propôs, e restaura o tumulto, o desalento, os inequívocos sinais do desespero, véspera da volta de tudo aquilo contra que, juntos, lutamos, de tudo aquilo que se junta para lutar contra nós. Minha palavra é de otimismo. O que nos falta não é um plano. O que nos tem faltado é coragem de dizer que ele afundou, ainda a tempo de pormos em lugar de um “plano” que se destruiu a si mesmo, antes que ele destrua a revolução, o esforço conjugado de todos os brasileiros, em favor do Brasil.³¹⁹

Capta-se, na leitura da obra *Ideias Políticas: Brasil entre a verdade e a mentira* (1965), que Lacerda, meticulosamente, depreciava o Golpe, sabendo da possibilidade da extensão do governo Castello Branco. Pensa-se que, de fato, ele tinha receio do que lhe poderia acontecer: exílio, prisões e torturas, ou até mesmo a cassação do seu mandato. Portanto, seguiu evitando qualquer atrito diretamente com os militares, e continuou suas sugestões, ainda para o PAEG, que foi resumido em 8 argumentos, exemplificados através do “milagre alemão”³²⁰. Acreditar que a economia brasileira poderia ser equiparada à restauração feita na Europa após o período de Guerra era uma utopia. São localidades e situações distintas.

Já na metade da obra, há a cópia da segunda carta enviada ao presidente Castello Branco no dia 25 de maio de 1965. Ele inicia a epístola lembrando da primeira carta, que foi dedicada a alternativas, ou melhor, a soluções viáveis para o plano econômico vigente no governo, o PAEG, além de outras solicitações. Agora, escreve para contar sua decepção com algumas críticas feitas a ele em cadeia nacional de rádio e TV. De acordo com Lacerda, apesar das ironias, desaforos e infâmias feitas pelo Ministro da Justiça e o Ministro do Planejamento contra a sua vida pública, ele já estava acostumado e que o maior problema era que nenhum esforço havia sido feito para, pelo menos, analisar as propostas de melhoria do Brasil, e principalmente dar nova chance ao povo brasileiro. Ele acreditava que “a alternativa ofende, precisamente porque cria para o responsável imediato a desagradável situação de ter de dar uma explicação para uma política que não tem explicação”³²¹.

Ele deu sequência a seu depoimento, agora utilizando-se da carta para desabafar. Primeiramente, ele acreditava ter sido injustiçado em seu governo Guanabara, “o truque de dividir a carga tributária na Guanabara pelo número de habitantes e, assim, apresentá-la como excessiva [...] a mentira de apresentar como estatística empresas estaduais totalmente dedicadas a fomentar a iniciativa privada, como a COPEG [...]”³²², ou a covardia da falsa ideia de atribuir o crime de ter contribuído para o suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas, “que não

³¹⁹ **Ideias Políticas:** Brasil entre a verdade e a mentira. 1965, p. 62-63.

³²⁰ “Milagre alemão”: a Alemanha foi construída sobre os poucos itens de uma política que a reergueu, depois de destruída pela guerra, e que podia reerguer o Brasil devastado antes do Golpe.

³²¹ **Ideias Políticas:** Brasil entre a verdade e a mentira. 1965, p. 71.

³²² *Ibid.*, p. 71.

podendo acusar as Forças Armadas, atribuem a mim”³²³, ou ainda parte da culpa da renúncia do ex-presidente Jânio Quadros, e pela intensa oposição realizada ao governo do ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Vitimizando-se, Lacerda descreve a “fofoca” que o envolve sobre o impedimento da vinda de capital estrangeiro, o que, na realidade, era o que o governo não havia conseguido. Em defesa ao seu nome, Lacerda promoveu uma entrevista na TV:

[...] como condição de êxito de uma política de reconstrução; que estou escorçando de impostos o povo carioca: que vivemos, na Guanabara, da “ajuda” federal, aliás muito mais prometida do que recebida; que derrubei governos - sem cuja derrubada, feita pelas Forças Armadas com a minha modesta colaboração, não é resposta adequada. O seu ataque deveria ser feito às Forças Armadas, em última análise, a Vossa Excelência, que privou de direitos políticos esses grandes estadistas aos quais me opus, com escândalo e revolta do Ministro do Planejamento.³²⁴

Era comum o ato de se vitimizar, justamente para impressionar o povo brasileiro. Incessantemente ele continuava o seu apelo. Antes de finalizar a carta, ele evidencia novamente a sua disposição em ajudar o governo, afirmando que a sua aflição era real e sincera. Audaciosamente, ele afirma ao presidente Castello Branco que “[...] a Vossa Excelência é testemunha do meu desinteresse pessoal, da sinceridade dos meus propósitos, que nem os meus adversários mais ferrenhos negaram, a não ser alguns mais odientos [...] afinal não tenho nenhum problema pessoal acima do interesse do povo”³²⁵, e diz ainda que as duas cartas eram as maiores provas da sua confiança e apoio ao seu governo.

Isso tudo era paradoxal, já que Lacerda estava prestes a lançar sua candidatura à presidência da República, como pode ser comprovado em um dos últimos trechos da obra:

Como candidato, o meu interesse é calar e esperar. Se der certo, associar-me ao êxito. Se der errado, cobrar a minha advertência. Não é, pois, por ser candidato que lhe faço apelos. Nem por orgulho, pois tenho sofrido suficientes humilhações e não me importam nada. É por amor a este país e a convicção de que podemos ajudá-lo melhor juntos do que intrigados e separados.³²⁶

Essa preocupação contínua de reafirmação - que ele não sustentou o tempo todo, de que o “nosso amor ao Brasil deve ser maior do que o amor próprio”³²⁷, ou que a ideia não era apontar

³²³ **Ideias Políticas:** Brasil entre a verdade e a mentira. 1965, p. 72.

³²⁴ Ibid., p. 78.

³²⁵ Ibid., p. 82.

³²⁶ Ibid., p. 95.

³²⁷ Ibid., p. 88.

dedos para o governo e sim criar alternativas para ajudá-lo, fazia-o inseguro, e não era para menos: sua candidatura estava ameaçada e ele sabia disso. Finalizava a carta ressaltando que era tempo de reunir os companheiros da “Revolução” e examinar, com eles, de “alma aberta”, o que estava errado e o que estava certo. As críticas não visavam a ferir ninguém e nem a defender, o que interessava unicamente era o povo brasileiro.

Na obra *Palavras e ação* (1965), Lacerda, logo no prefácio, também defendeu sua candidatura. Ele afirma que ela estava sendo alvejada pelo silêncio e pelos ataques mais desleais, inventando-se mentiras e deformando as suas palavras: “inventa-se que agrediu um Padre, como se inventou que matou mendigos”³²⁸. As manchetes dos jornais faziam menções a esses ataques: “Terror nazista na Guanabara: pena de morte para mendigos”³²⁹. Lacerda passou a ser conhecido como “o nazista do corvo”, e o próprio vice-governador de Guanabara, Elói Dutra, também acreditava que Lacerda era um “insano menta cujos métodos são os mesmos de Hitler e Mussolini”. Entretanto, por falta de provas, todos esses inquéritos foram arquivados³³⁰.

Guanabara vivia seus dias de glória. “Não fazemos um governo populista, mas sim um governo popular”³³¹, baseando-se nas necessidades reais da população e “não nas pretensões que em seu nome formulam os demagogos aventureiros”. Em Guanabara, acontecia uma revolução administrativa, o que deveria acontecer também no restante do Brasil, a “verdadeira revolução”:

Nós somos um povo sem preconceito racial. Pois sejamos também um povo sem preconceito ideológico. (...) Temos de reconceituar a administração pública, libertando-a da rotina, do empirismo, da política cartorial, da clientela eleitoral, do pistolão e do empreguismo.³³²

Era tratado como um “rebelde” da “Revolução”, um verdadeiro “desmancha-prazeres, quase um inimigo, era um insulto. “Parecem não lembrar quem fez a resistência que levou ao golpe militar”. Lacerda estava à frente, a todo momento, das conspirações vinculadas ao Golpe Militar; entretanto, houve a desvinculação sobre o que ele pretendia alcançar e as eleições foram dissolvidas, logo em seguida, com o AI-2, e Lacerda não poderia se candidatar à presidência. Mesmo nessa conjuntura, ele ousava lutar em prol dos seus ideais, e escrevia em suas obras

³²⁸ **Palavras e ação**. 1965, p. 9.

³²⁹ **Jornal Semanário**. Rio de Janeiro, 31 de janeiro a 6 de fevereiro de 1963.

³³⁰ É necessário ressaltar que tal assunto foi alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa, do então Estado da Guanabara, onde Paulo Duque foi o seu relator. Lacerda demitiu o Secretário de Segurança e o envolvimento dos escalões superiores do governo nestes fatos nunca foi provado.

³³¹ **Palavras e ação**. 1965, p. 25.

³³² *Ibid.*

suas defesas e lutas: “defendo a ideia de que as empresas de serviços públicos, em vez de continuarem a ser confundidas com a iniciativa privada devem ser de propriedade dos usuários, os que se utilizam dos seus serviços [...] defendo a exportação de minérios do Brasil em regime de livre iniciativa [...]”³³³.

Acreditava que a reeleição de Castello Branco era um verdadeiro erro: “Dizem-me politicamente enfraquecido. Mas não se diz que os que me enfraquecem são os mesmos que pretendem, como mal menor, a reeleição do presidente Castello Branco pelo voto indireto do Congresso”³³⁴.

De acordo com Lacerda (1965), ele não tinha mais imprensa, TV, rádios e dinheiro para promover sua campanha à presidência da República. Mas que, mesmo assim, nada iria desanimá-lo, porque ele acreditava no povo e era o povo que iria elegê-lo: “era troca de companheirismo que o mantinha em sagacidade”. Afinal, Castello Branco era um “intruso” e um “renegado”; não foi o povo que o escolheu.

Lacerda pretendia candidatar-se pela União Democrática Nacional, partido que ele ajudou a fundar em 1945. Oficialmente, o partido da “eterna vigilância”³³⁵ marcava a sua guinada para a direita. Para ele, a UDN fez devolver ao povo o seu direito de votar, o partido que estava sendo “uma vanguarda da Revolução Brasileira”³³⁶ e, por isso, não poderia desaparecer, em governo nenhum. A decepção de Lacerda com a instauração do AI2³³⁷ veio com a certeza de que a UDN nunca mais seria a mesma. Além disso, dentro do partido Lacerda não era mais apenas um jovem jornalista ambicioso, já que ele se tornara um político que tinha um grande espírito de liderança, fazendo jus a essa qualidade. Ele continuou em defesa da sua candidatura, afirmando novamente que não seria fácil, principalmente devido às intrigas e distorções sobre os seus discursos:

Por que haveríamos de aplaudir, por que deveríamos aceitar esse candidato à Presidência da República? em que ele já revelou alguma vez a sua capacidade

³³³ **Palavras e ação**. 1965, p. 10.

³³⁴ *Ibid.*, p. 10.

³³⁵ “O espírito de luta contra o Estado Novo e contra Getúlio Vargas, em suas várias encarnações, das mais idealistas às mais pragmáticas, formou, plasmou e reuniu os diversos grupos que se comporiam no partido da “eterna vigilância”. Portanto, como lema: “Nossa mística é a da liberdade, e seu preço é a eterna vigilância” (LACERDA, Carlos. **Palavras e ação**. Nova Fronteira, 1965, p. 04).

³³⁶ O uso metafórico da palavra “vanguarda” data de inícios do século XX, referindo-se a setores de maior pioneirismo, consciência ou combatividade dentro de um determinado movimento social, político, científico ou artístico.

³³⁷ O AI-2 veio composto por 33 artigos que estipularam o uso definitivo das eleições indiretas para presidente, a dissolução de todos os partidos que atuavam na época e a ampliação do número de ministros do Superior Tribunal Federal. De acordo com Lacerda (1965), não era hora de ajustes de conta pessoal, era hora de tentar fazer o partido sobreviver: “aglutina-lo, motivá-lo e torná-lo irreversível no processo democrático que a revolução quis salvar e não destruir” (LACERDA, Carlos. **Palavras e ação**. Nova Fronteira, 1965, p. 95).

de administrar e homem de governo? Toda a sua obra política aí está: é a obra de um agitador, de um revolucionário, de um demolidor, não em luta pela vitória de uma dessas grandes e nobres aspirações que iluminam e dignificam a humanidade, mas de um agitador, de um revolucionário, de um demolidor que consome todas as suas energias em disputas estéreis para a satisfação egoística dos seus sonhos de incomensurável cobiça. Na imprensa, na tribuna, no governo, ele tem passado como um furacão devastador (...) seus discursos são um brado de guerra, um grito de despeito, uma explosão de ódio. Nenhuma de suas produções revela a amenidade das almas boas. Seus lábios não revezam louvores senão em divinização de sua excelsa pessoa, mas tropejam sempre nefandos impropérios contra todos os homens do seu país. A dignidade da nossa raça, o brio do nosso povo, a honra de nossa pátria, tudo ele tem buscado enxovalhar, nos acessos do seu mórbido rancor. (...) O Brasil, tantas vezes agitado pelas manobras subversivas da sua política odienta, agressiva e pessoal. (...) ³³⁸

A fama que Lacerda conquistou de “um agitador, de um revolucionário, de um demolidor que consome todas as suas energias em disputas estéreis para a satisfação egoística dos seus sonhos de incomensurável cobiça” foi devido aos 20 anos de oposição feita de forma incansável por ele. Foram três grandes governos: Getúlio Vargas, JK e Jânio Quadros. Lacerda afirmou que essas atribuições são feitas por pessoas que não entendem seus princípios e que, no Rio de Janeiro, as pessoas não pensavam assim, principalmente o povo da favela, pelo tanto já havia feito por eles.

A questão era que seria muito mais fácil ser um falso líder: “o falso líder se forma das omissões, ele se alista na reserva moral que nunca se arrisca, ele cumpre o seu dever na voz passiva. Ele não erra, porque não age (...)”³³⁹, características que não lhe são atribuídas. O mesmo acontece com a “falsa democracia”: o conceito de democracia para Lacerda era algo peculiar, afinal, para ele, tirar um presidente do poder não era uma ditadura, e sim um processo que salvaria toda a nação:

(...) A concepção de democracia de Carlos Lacerda continuava profundamente ambígua, pois, para ele, em determinadas circunstâncias uma ditadura seria, até certo ponto, suportável, uma que constituía “uma contingência da evolução de nosso povo”. Assim, o fato de ser uma eventualidade tornava os limites da tolerância extremamente fluidos, abrindo-se, portanto, a perspectiva de se poderem justificar ações golpistas e a quebra do jogo democrático (GUSMÃO, p. 261).

A democracia, para Lacerda (1965), não era um regime pronto que se podia encomendar aos juristas e entregar aos políticos, para simplesmente vesti-la, como roupa feita. A democracia

³³⁸ **Palavras e ação.** 1965, p. 13-14.

³³⁹ *Ibid.*, p. 14.

seria um processo de constante aperfeiçoamento ao qual o povo ascende à medida que se educa e adquire condições para se governar, “daí a importância de educar o povo, para fazer progredir e não regredir a democracia”³⁴⁰. Primeiro, a “revolução”, depois a democracia. Se a democracia viesse na hora errada, ela seria um “meio de destruição”, mas se viesse na hora certa, seria uma vitória, o fim de todos os problemas e do comunismo.

Depois do Golpe, que seria um regime de transição, “o Brasil seria transformado em uma grande nação, em uma democracia de verdade”³⁴¹. Porém, em 1975, percebe-se que Lacerda já não demonstrava mais o mesmo pensamento:

É preciso demonstrar a todos que nenhuma democracia poderá ser organizada e viver sem a participação de todos. Ensinemos a não confiar na coação em nome da ordem e na “civilização” do egoísmo. É possível unir operários e patrões, empregados e empregadores, desde que todos estejam convencidos de que o capitalismo, chegado ao ponto de egoísmo degenerado que chegou, já não tem sentido nem conteúdo.³⁴²

Era isso o que deveria acontecer: o seu mandato como governador de Guanabara acabaria em dezembro de 1965 para permitir que ele se preparasse para a campanha presidencial de 1966, alegando, de forma dissimulada, que se o povo não o quisesse como candidato e preferisse a continuação do Castello Branco, tudo bem³⁴³, já que ele estava ali, afinal, para servir a todos. Mas o que se nota é que ele não iria desistir facilmente de sua candidatura, quando, por exemplo, dedica-se exclusivamente a um capítulo de seu livro *Palavras e Ação*, publicado em 1965, para explicar “por que ele era candidato?”³⁴⁴.

Lacerda se via como “especialista em Brasil”³⁴⁵, e logo no início desse capítulo tenta fazer o leitor perceber que as suas ideias e metodologias já haviam sido experimentadas no governo de Guanabara e que o povo já havia as compreendido. Portanto, teria todo apoio popular que fosse necessário. Ele começa a mostrar a sua supremacia:

Tive dúvidas se devia ou não ser candidato. Desagradar alguns amigos, fazer mais alguns inimigos, não ver o meu neto, quase não ir a Petrópolis, são motivos para a gente pensar muitas vezes antes de querer ser presidente da República. Mas a estranha mobilização, a terrível ofensiva de todos os que há tantos anos exploram o Brasil, e a incompreensão dos que se propõem

³⁴⁰ **Palavra e ação.** 1965, p. 20.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 35.

³⁴² **Em vez.** 1975, p. 55.

³⁴³ **Palavra e ação.** 1965, p. 55.

³⁴⁴ Lacerda faz um capítulo do livro *Palavras e ação* intitulado *Por que sou candidato* apenas para defender a sua candidatura, o que demonstra que ele ainda acreditava que ela era possível. O capítulo começa na página 67 e termina na 78.

³⁴⁵ **Palavras e ação.** 1965, p. 68.

reformá-lo com apoio desses exploradores, convencem-me de que é preciso dar ao povo a liderança que lhe faltava - a liderança democrática, isto é, consentida. Eu não poderia jogar fora trinta anos de aprendizado. Tantos ficamos pelos caminhos, tantos desanimamos, tantos não resistimos ao desgaste e à coação. Já que pude resistir a tudo isto, tenho que dar alguma aplicação a essa resistência, a fim de que ela tenha um sentido útil. Essa aplicação é a candidatura. Eis por que sou candidato.³⁴⁶

Lacerda, mesmo sabendo da extensão do governo Castello Branco, insistia que seria eleito. Diferentemente das falas cautelosas presentes em outras obras, nesta ele faz questão de clarificar sobre a sua decepção com os militares, contradizendo a posição defendida anteriormente:

O Brasil nunca sofreu por causa de eleições, e sim por falta delas. Foi a falta de eleições, campanha eleitoral, candidatos verdadeiramente democráticos, que deseducou e despreparou o Brasil, entregando-o à demagogia. É um erro pensar que demagogia é um privilégio de candidatos. Os maiores demagogos do Brasil foram homens instalados no governo. Você conhece maior demagogia do que o estribilho da reforma agrária? prorrogaram o mandato do Marechal Castello Branco porque ele teria que tomar uma série de medidas impopulares agora, pois os bons resultados só seriam reconhecidos em 1966. Estou convencido de que em 65 ganharíamos as eleições. Nesse intervalo, estabeleceu-se a exigência da maioria absoluta, que veio dificultar ainda mais a nossa vitória.³⁴⁷

As situações saíram do controle de Lacerda, e a “Revolução” agora já não era mais bem vista por ele, afinal, a prorrogação em vez de eleição seria o que Lacerda chamou de “escamoteação”³⁴⁸. O presidente Castello Branco, que tinha o compromisso de honra com a nação, transformou-se em um verdadeiro “ditador, usurpador e rei da única República que proclama, por maioria de um voto, de madrugada a monarquia temporária”³⁴⁹. A “Revolução” saiu realmente fora do controle de Lacerda, a ponto de ele considerar Castello Branco um usurpador e a nossa República uma monarquia.

Incansavelmente, Lacerda continuava a martelar críticas à conduta militarista, a qual era por ele admirava e que agora não passava de um grande erro. Nesse momento ele, como defensor do povo, apoiava “o direito de lutar em praça pública, de reclamar nas escolas, nas fábricas, nas fazendas, nas cidades, nos campos, pela devolução a cada um do direito que ele

³⁴⁶ **Palavras e ação**. 1965, p. 68.

³⁴⁷ *Ibid.*, p. 70

³⁴⁸ Escamoteação: o furto ou o roubo praticado com habilidade. Utilizado no título da obra **Palavras e ação**, p. 102.

³⁴⁹ **Palavras e ação**. 1965, p. 103.

não delegou a ninguém - o de escolher o presidente da República”³⁵⁰. Lacerda, na realidade, estava preocupado com a prorrogação do mandato de Castello Branco, o que significava mais uma vez o adiamento e o desejo que ele tinha de alcançar o cargo de presidente do Brasil. Ele andava de acordo com os bons ventos e, naquele momento, ele se via com as mãos amarradas:

Termino reafirmando ao povo brasileiro a minha disposição de sofrer com paciência a traição e não me deixar transformar em vítima de meus traidores, nem algoz de ninguém. Continuarei meu trabalho na Guanabara. Continuarei à disposição do presidente da República para ajudá-lo, na medida de minhas modestas possibilidades. a conduzir a pesada tarefa que lhe cabe como presidente surgido do movimento revolucionário.³⁵¹

Escrever uma obra como *Palavras e Ação* significava uma verdadeira confissão de quem precisa se preservar e, ao mesmo tempo, se posicionar diante de uma nação que vivia dias de luta. Lacerda temia não conseguir mais ser candidato.

2.2.3 O Cão Negro: o fim

1964 foi o ano do Golpe Militar, da deposição do presidente João Goulart e da esperança de Lacerda em ser eleito no final de 1965, e 1977 o ano em que ele faleceu. Lacerda sofreu um infarto, logo após ser internado às pressas na cidade do Rio de Janeiro, onde vivia com sua família. Sua vida teve inúmeras reviravoltas que, analisadas uma por uma, permite concluir que ter seu mandato cassado, ou seja, seus direitos políticos suspensos, o que significava estender ainda mais o desejo de conquistar o maior cargo da política brasileira, a presidência, era o que mais lhe deixava triste.

Em várias passagens das suas obras, Lacerda faz menções à liberdade. Sempre metaforizando a questão de ele não poder mais exercer a sua liberdade como cidadão, político e mais, não poder expor suas opiniões, já que a Ditadura Militar tinha um sistema de censura muito eficaz, que fazia com que qualquer pessoa temesse as medidas de repressão:

A liberdade não é um bem que se adquire ou se aluga e portanto se pode alienar ou dispensar. É um atributo do homem, uma qualidade inseparável de sua natureza. Sem ela, a criatura não é mais humana, é uma besta como outra qualquer, e até mais do que outras que não trocam a liberdade por nenhuma razão balanceada. E não podendo livrar-se do freio, manifestam pelo coice o

³⁵⁰ **Palavras e ação**. 1965, p. 106.

³⁵¹ *Ibid.*, p. 107.

seu inconformismo. (...) Toda ditadura conduz necessariamente ao mais esterilizante materialismo, e é por isso que toda ditadura precisa inventar um sucedâneo da fé, no culto do Chefe ou da nação, ou do Patriotismo o mais vulgar, o mais tolo, o mais tacanho, o mais estúpido - esse que faz da pátria um ídolo que exige vítimas ou uma vítima que exige ídolos.³⁵²

Era muito comum também Lacerda fazer suas lamentações em terceira pessoa, caracterizando sua posição de vítima em várias situações, por exemplo, no trecho da obra *Cão Negro*, publicada pela primeira vez em 1971:

O jovem pagará muito caro a sua boa-fé, a confiança que tivera nos bons propósitos, nas declarações de confiança. Sua vida não se destruirá porque ainda tinha reservas de juventude, vale dizer, de generosidade para não se envenenar e não morrer do próprio veneno, como tantos da sua geração, empurrados, pelas decepções e as traições, aos mais trágicos destinos, aos rumos mais grotescos. Uma vez mais, porém, e desta pelas mãos de Caim estivera próximo da destruição.³⁵³

Essa “boa-fé” mencionada por Lacerda seria a sua esperança, que foi toda depositada nos militares em 1964. Sua frustração era imensa:

O esforço que sabia ter desperdiçado, a dedicação de sua vida, arriscada à toa por uma ideia traída, uma causa desnaturada, um ideal desfigurado em agora monstruoso, como um câncer no seio nu da verdade. Sentia-se leve, no entanto, pois estava livre da inveja, que durante tanto tempo o perseguira como uma espécie de maldição da inteligência. Não, a inteligência só servia para rima - e arrimo - de subserviência.³⁵⁴

Lacerda se identificava com Maquiavel pelas injustiças também sofridas por ele: “a arte de conquistar e usar o poder fez a fama e a infâmia de Maquiavel”³⁵⁵. Lacerda, assim como Maquiavel, acreditava que “todos querem o êxito mas não querem que se diga o preço que estão dispostos a pagar”, mesmo que esse preço fosse alto demais: ter sido preso e ter a cassação de seu mandato. Ele acreditava que “nada corrompe mais que a opressão”³⁵⁶. A situação não era das melhores para Lacerda, e em suas obras não era difícil identificar essa melancolia que tanto lhe fazia mal.

³⁵² **Em vez.** 1975, p. 92.

³⁵³ **Cão Negro.** 1971, p. 16.

³⁵⁴ **Cão Negro.** 1971, p. 18.

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 70

³⁵⁶ *Ibid.*, p. 78.

Lacerda chegou a ter sinais de depressão. E também em terceira pessoa, na obra *Cão Negro*, apelido que ele deu para a depressão que ele estava sofrendo³⁵⁷, relatou sobre esse momento difícil, “lutando, ele conseguiu ultrapassar a firmeza, a coragem, o ânimo dos demais, dos chamados normais, isto é, dos que não precisam esforçar-se para ser bravos, agressivos, firmes na luta contra o inimigo.”³⁵⁸ Ele ainda declarou que pouco se sabia dessa doença naquela época, que para alguns ela servia de “estímulo” e para outros ela se “recolhia a melancolia e uma inatividade”. Ele sabia da importância de evitar esse estado de melancolia e de tristeza.

A depressão é ainda uma doença pouco controlável e Lacerda sabia disso, e procurava reinventar-se várias vezes: afastou-se da vida pública, pintava, escrevia e trabalhava de pedreiro construindo muros de tijolos nas fazendas³⁵⁹, mas nem sempre isso tudo funcionava. O pior, para ele, eram as pessoas quem não podiam se dar ao “luxo de parar” e tinham que viver atrelados àquele “cão”. Se já era difícil para quem se reinventava, imagina os que não tinham essa possibilidade.

Lacerda ainda retratava que a vida parecia sempre vazia, aproximando-se do fim. Sentia culpada por ter pessoas que o amavam, como a sua família, pois não se sentia merecedor de respeito e admiração³⁶⁰:

Muitos depressivos só se julgam merecedores de amor quando realizam qualquer coisa que os enaltece, ou quando, por dar tanto a alguém, acham que em retribuição algo lhes é devido. A ideia de que alguém lhes possa dar amor apenas pela sua pessoa não passa pela cabeça do depressivo.³⁶¹

São muitos os que receberam a visita do Cão Negro. Em um relato, nessa mesma obra, Lacerda expressa seus sentimentos em um dia difícil:

(...) A surpresa e o medo me cortaram toda possibilidade de comunicação. Ali estou, paralisado, atônito, enquanto o animal me inspeciona como uma presa, uma propriedade, estranho objeto achado no escuro, cujos traços característicos mais se adivinham do que se vêem. Recupero os movimentos, subo a escada sem correr, na cadência cautelosa de um medo que progressivamente se converte em pavor. Não é um cão, é uma fera surgida da noite, um inimigo que surgiu do ruço e do escuro e vem no meio enalço, sem pressa, implacável. No alto do alpendre o animal me alcança. Abro a entrada que dá para uma espécie de corredor, ou estreito vestíbulo, e liga com a cozinha. O cão procura entrar pela porta apenas entreaberta. Então sim, todo

³⁵⁷ Na página 277 da referida obra, Lacerda menciona que a depressão tinha esse nome, cão negro, e “o fato de lhe dar um apelido mostra que a depressão já lhe parecia uma companhia familiar”.

³⁵⁸ **Cão Negro**. 1971, p. 276.

³⁵⁹ *Ibid.*, p. 280.

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 283.

³⁶¹ *Ibid.*

pavor, desencadeado do fundo da memória, do começo dos tempos, se apossa de mim. Bato com a porta, frenético, num susto precipitador de uma tensão que nem sei quanto durou, pois tudo isto se passou em intermináveis segundos, sob a chuva fina, na fria noite serrana.³⁶²

O relato continua, e Lacerda descreve cada segundo desse desespero: “que será de mim?”, e ele fazia essa pergunta constantemente: “o que o cão negro pretende?”. A depressão era vencida a cada dia e Lacerda logo percebeu isso. No dia posterior a esse relato, ele acordou com as esperanças renovadas, acreditando que o cão demoraria a voltar, mas isso não aconteceu. Dessa vez ele veio à luz do dia, e isso causou um sentimento maior de pavor.

Lacerda morreu alguns anos depois desse longo período da vida dele, em que ele teve que conviver com a depressão e com o sentimento de derrota que o perseguia desde 1965, quando houve a prorrogação do governo Castelo Branco. Os “santinhos” de Lacerda para a presidência de 1965 tiveram que ser guardados, e junto com eles a esperança que um dia reinou na vida do escritor-político e grande jornalista que tanto atuou no cenário político vigente em questão.

2.3 TRADUZIR TAMBÉM É UM MEIO DE CHEGAR AO PODER

Lacerda, como exímio político conservador-liberal, não daria um ponto sem nó ao intensificar sua carreira como tradutor em meados do Golpe Civil-Militar em 1964. Procurava sempre traduzir obras que refletissem seus ideais políticos. As traduções deveriam fazer sentidos dentro do cenário do país; portanto, deveriam realçar os problemas que Lacerda considerava grave do governo brasileiro. O ato de traduzir, para Lacerda, também era um ato político.

É preciso ressaltar que Lacerda, em algumas das obras, manipulava ou modificava as traduções em questão. Na maioria das vezes eram mantidos seus aspectos originais. Entretanto, ele articula as suas expressões em torno de sua estratégia política, como, por exemplo, pela escolha da obra publicada, e nelas conseguir trazer paratextos do seu trabalho no formato de prefácios, posfácios e nota de rodapé, mesmo que não haja, por fim, indícios de manipulação do texto original.

Os paratextos eram o que permitiam a Lacerda concluir seus ideais políticos e as subsequentes opiniões. A capa, contracapa, prefácio, posfácio, epígrafes, notas de rodapé,

³⁶² **Cão Negro**. 1971, p. 291-292.

enfim, todos os paratextos, contribuíram para seus objetivos: difamação dos governos anteriores e afirmação da necessidade do Golpe Civil-Militar. De acordo com Genette³⁶³, trata-se de uma zona entre texto e não texto, uma zona não só de transição, mas de transação; um local privilegiado, estratégico, de uma influência sobre o público que está a serviço de uma melhor recepção ou de uma leitura mais pertinente ao texto. Para compreender essa mensagem, é necessário saber quando o livro foi escrito, por quem e para quem foi escrito, etc.

Destacam-se três obras traduzidas nesse período: *Júlio César* (1966); *Em cima da hora: a conquista sem guerra* (1964) e *O Triunfo* (1968). É interessante notar que as traduções tinham momentos certos para serem publicadas, momentos esses que pudessem favorecer politicamente, beneficiá-lo na luta em que ele estava engajado.

2.3.1 *Júlio César* (1966)

Lacerda considerava a obra de Shakespeare, intitulada *Júlio César*, publicada em 1981, era muito complexa e que somente um especialista teria condições de apreciá-la sintaticamente. Trata-se de uma peça teatral de cunho político que conta o trágico fim de um grande guerreiro, estadista, orador e escritor que viveu no Império Romano de 100 a 044 a. C. O eterno conflito jamais resolvido entre a liberdade e a autoridade, entre o bem público e as ambições pessoais, entre o dever e o interesse. Os personagens desse universo shakespeariano transmitem um sentimento de grande atualidade e tem vitalidade exuberante. É uma obra muito importante para algumas nações, considerada uma “bíblia secular nos países da língua inglesa (...) patrimônio impecável da cultura humana”³⁶⁴.

De acordo com Eliane Euzébio³⁶⁵, a tradução de *Júlio César*³⁶⁶, de Shakespeare, é um exemplo desse “momento certo”: Lacerda publicou a sua tradução 10 anos após a sua

³⁶³ GENETTE, Gerard. **Paratexts**: thresholds interpretation. Cambridge University Press, 2001. p. 56.

³⁶⁴ Apresentação da obra de *Júlio César*, baseada na apresentação da 1ª edição da obra (distribuidora Record, 1965).

³⁶⁵ EUZÉBIO, Eliane. **O Poder das ideias** - as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda. 2007. Departamento de Letras Modernas do PPG em estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, 2007.

³⁶⁶ Como para as outras tragédias romanas, o material histórico de Júlio César foi tirado de *Vidas Paralelas*, de Plutarco. Júlio César, e é a primeira das grandes tragédias que Shakespeare iria escrever na primeira década do século XVII, e marca uma modificação decisiva na orientação artística do autor, que até então se ocupava com temas inocentes de comédias. Por volta de 1599, após as peças sobre a história inglesa, Shakespeare iniciou com Júlio César o ciclo das tragédias romanas. César, figura particularmente fascinante para os elisabetanos, é assassinado na primeira metade da peça, mas permanece no centro da ação por meio das atitudes e reflexões dos outros personagens. A tragédia fala de ironia, da cegueira do povo, das sangrentas lutas pelo poder, de vida privada e responsabilidade pública, e da imensa tensão entre política e moral.

realização, em 1965, em um momento, por assim dizer, “estratégico”, sendo que a impressão inicial é a de que seu objetivo ao traduzi-la foi um reflexo sobre o Golpe de 1964, com o qual João Goulart foi deposto do cargo da presidência da República: “[...] Lacerda se aproveitou para tecer paralelos com respeito a sua própria posição no panorama político de então, paralelos expressos por sua vez no paratexto do livro, e de modo mais velado na seleção de textos numa gravação de disco realizada por ele e em declarações esparsas³⁶⁷”.

O que se percebe foi que a tradução possui mais sentido quando está entrelaçada no mesmo período do suicídio de Getúlio Vargas, o que ele declarou em *Depoimento*:

[...] porque o que tinha acontecido no Brasil era o que aconteceu no drama de Shakespeare, e não foi à toa que traduzi esse drama: *Júlio César*. A mesma multidão que aclamava Brutus e os que mataram César, quando Marco Antônio fez seu discurso com o cadáver nos braços, e começou a pedir a morte dos que tinham assassinado César. Foi assim que passei de vítima a assassino de Vargas.³⁶⁸

Os conflitos com o ex-presidente Vargas haviam se iniciado no seu primeiro mandato. Lacerda foi perseguido por delação no Estado Novo, acusado de fazer campanha para o Partido Comunista, e se intensificou quando na edição de 22 de fevereiro de 1945 do jornal *Correio da Manhã*, que publicou uma entrevista concedida por José Américo de Almeida ao jornalista Carlos Lacerda, que ficou conhecida como “a reportagem que ajudou a derrubar Getúlio Vargas”³⁶⁹.

Apesar da intensa campanha de Lacerda para que Vargas não ganhasse as próximas eleições, ele acabou conquistando a presidência de forma democrática. Mas Lacerda não desistiu, fundando o Clube da Lanterna³⁷⁰ no Rio de Janeiro em 1953, para combater o governo

³⁶⁷ EUZÉBIO, Eliane. **O Poder das ideias** - as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda. 2007. Departamento de Letras Modernas do PPG em estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, 2007, p. 31.

³⁶⁸ **Depoimento**. p. 149.

³⁶⁹ José Américo de Almeida, então ministro do Tribunal de Contas da União, indicado ao cargo pelo presidente Getúlio Vargas e profundo conhecedor dos bastidores da política brasileira, rompeu com o silêncio imposto pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Menos de um mês depois da publicação, Vargas decreta anistia geral para todos os condenados por crimes políticos desde 1934. Em seguida, permitiu a fundação de partidos políticos banidos desde 1937 e convocou eleições gerais e diretas para os Poderes Executivo e Legislativo a serem realizadas em dezembro de 1945. Antes que pudesse realizar as eleições, Getúlio Vargas foi deposto por um golpe militar liderado pelo general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, marcando o fim da ditadura do Estado Novo. Em seguida, Eurico Gaspar Dutra, candidato do Partido Social Democrático, foi eleito democraticamente para a presidência da República.

³⁷⁰ Em agosto de 1954, o clube, como toda a oposição civil e militar a Vargas, conferiu grande importância ao chamado atentado da rua Tonelero, ocorrido no dia 5 daquele mês, no qual foi assassinado o major-aviador Rubens Vaz e saiu ferido Carlos Lacerda. O desenvolvimento do inquérito sobre o episódio revelou o envolvimento de membros da guarda pessoal de Getúlio no crime. No dia 19, o Clube da Lanterna dirigiu um

do presidente Getúlio Vargas. Congregava diversos parlamentares, principalmente da União Democrática Nacional (UDN), maior partido da oposição.

A situação de Vargas estava cada vez mais insustentável e, ao invés da renúncia, como todos imaginavam, ele acabou suicidando-se e deixando uma *carta testamento*. Lacerda, por medida de segurança, foi embora do Brasil por um tempo. A literária Eliane Euzébio faz uma analogia estabelecida por Lacerda a partir da peça shakespeariana e a *carta testamento*:

A imagem que Vargas constrói de si nos primeiros parágrafos da Carta é de um presidente perseguido politicamente, injustiçado, “vítima” de uma situação que já se repetiu no passado. (...) Já nos três últimos parágrafos, Vargas faz uso de um discurso político paternalista e apelativo, cujo objetivo principal é de persuadir o povo de sua magnitude, de sua capacidade de abnegação e de sua imagem de redentor. (...) se comparados a um trecho do elogio fúnebre da peça Júlio César, poderão servir para tornar patente a relação feita por Lacerda, principalmente no que diz respeito a referências a sacrifícios, sangue e traição.³⁷¹

Não apenas é possível traçar paralelos da peça com o governo Vargas, mas também no que tange a renúncia de Jânio Quadros, a deposição de Goulart e o Golpe de 1954, dado pelos militares, no qual Lacerda teve imensurável participação. Estes foram governos nos quais Lacerda teve intensa participação em formato de oposição.

2.3.2 *Em cima da hora: a conquista sem guerra (1964)*

A obra *Em cima da hora: a conquista sem guerra* (1964), de Suzanne Labin, é outro exemplo de uma tradução pensada e editada em mais um período de crise no país. Ela foi lançada em 1963, um pouco depois de o Brasil ter sofrido com a renúncia do presidente Jânio Quadros e pouco antes da deposição do presidente João Goulart, que levou o maior Golpe Civil-Militar já visto na história política do Brasil, em que Lacerda tem considerável participação.

A obra permitia a Lacerda fazer críticas consideráveis aos governos anteriores e à política demasiadamente esquerdista, seguida de suas defesas ao conservadorismo político e ao liberalismo econômico, contribuindo ainda sua opinião em relação à necessidade do livre

apelo ao ministro da Guerra, Euclides Zenóbio da Costa, para que as forças armadas promovessem a renúncia do presidente. A crise teve um desfecho dramático, com o suicídio de Vargas, em 24 de agosto.

³⁷¹ EUZÉBIO, Eliane. **O Poder das ideias** - as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda. 2007. Departamento de Letras Modernas do PPG em estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, 2007, p. 79-82.

mercado, ou seja, o Estado interferir menos na economia brasileira. Além da sua maior luta: o comunismo.

Ela é cercada de adulterações que, comparadas à versão original, ficam mais evidentes nos paratextos: capa e prefácio (criado e articulado pelo Lacerda), notas de rodapé, entre outros. O corpo textual é difícil reconhecer com exatidão o que pode ser considerado um acréscimo ou adulteração, sendo que a própria autora escreveu dois novos capítulos exclusivos para a tradução brasileira, o que seria já uma versão, portanto, atualizada.

Logo na capa da primeira edição da obra, Lacerda procura demonstrar que o país sofre com a ameaça comunista. Ele faz isso, por exemplo, já pela escolha do título e do subtítulo. O título possui letras garrafais, em vermelho, a cor do comunismo; já o subtítulo, letras um pouco menores, na cor branca, mas marcadas com uma faixa da cor vermelha. O desenho é ainda mais eloquente: a sombra do mapa do Brasil, com um machado e uma foice, caracterizando a “destruição” em que se encontrava o país devido ao comunismo. Ao redor a cor verde com sombras a lances em preto.

O prefácio, de forma insinuada, é utilizado por Lacerda para mostrar a “luta” tomada pelos brasileiros para terem uma democracia limpa no Brasil, o que contradiz “a ignorância e a candura com que se faz o jogo dos soviéticos”³⁷²:

(...) Os liberais arrependidos, os socialistas retardados, os religiosos tomados de surpresa, os ensaístas deslumbrados, os jornalistas alfabetizados, os intelectuais ressentidos, os desajustados da liberdade, os novos-ricos de certos bancos e os novos-pobres de certo espírito, formam as mais estranhas combinações para abrir caminho à propaganda, ao sofisma, às idéias-força da Guerra Subversiva que os soviéticos movem contra o mundo livre. As livrarias, os aeroportos, as bancas de jornais estão inundados de propaganda soviética. (...) Em nome da liberdade de cátedra, há professores que negam aos seus alunos a liberdade de escolha, pois lhes impõem a doutrinação comunista e, o que é pior, a falsa ciência dos slogans e o vírus da intolerância (...) centenas de jovens líderes, doutrinados e condicionados pelo treinamento comunista (...)

Sendo o comunismo uma ameaça inevitável para o Brasil, e os militares uma esperança, Lacerda claramente expõe sua opinião em relação ao “jogo dos soviéticos”:

A colonização do Brasil pelos Soviets já começou. (...) influentes no governo, os soviéticos promovem no Brasil uma revolução palaciana, oficializam a desordem, impedem a normalidade financeira e econômica, tumultuam a formação cultural, entroniza o charlatanismo, fomentam o oportunismo, conquistam o poder por meio de crises sucessivas, as naturais, desnaturadas,

³⁷² Prefácio da obra **Em cima da hora**: a conquista sem guerra (1964), escrito por Carlos Lacerda, em 1964.

as artificiais, naturalizadas. Sem defesa adequada, com os partidos em dissolução, as Forças Armadas intrigadas e perplexas, a própria Igreja Católica ameaçada de divisão e de se colocar, em vários setores, a serviço da subversão pensando que assim se renova, o que mais admira é como o Povo, o simples e bom Povo do Brasil ainda não se convenceu, de vez, que o regime soviético é o melhor. Pois, de todos os lados, os responsáveis pela sua formação cultural, espiritual, econômica, e pela sua defesa militar, ou tentam convencê-lo a se entregar ou se omitem, com o pavor de não serem admitidos no paraíso soviético que pretende abrir aqui uma sucursal. Um Presidente da República tem o desplante de dizer que a Constituição que jurou defender e nunca respeitou nem cumpriu, está superada. E contra ela mobiliza, numa aliança natural, os negociatas e os comunistas, igualmente interessados em saquear o Brasil, privando-o da ordem democrática, da ordem com liberdade, da liberdade com responsabilidade. (...) A estupidez dá as mãos à imprudência, a ingenuidade se abraça com a malícia, e nessa frente única de traição ativa e passiva, entregam o Brasil à força retrógrada e reacionária que é a ditadura comunista (...) é num momento assim que um livro como este pode salvar um povo. Se todos os que lerem este livro, o entenderem, o Brasil estará salvo.³⁷³

Esse ódio ao comunismo foi sendo articulado por Lacerda, emocionalmente, posterior a sua expulsão do Partido Comunista Brasileiro. Apesar de não haver provas de que ele chegou a fazer parte do partido, Lacerda foi um grande admirador quando ainda era jovem, chegando a fazer parte da Federação Vermelha dos Estudantes e até mesmo sendo convidado para fazer o famoso discurso em que Prestes tornou-se o presidente de honra da ANL, o que aumentou consideravelmente os membros do grupo naquela época. Lacerda havia sido expulso do PCB por traição, como delator, por ter revelado nomes e segredos do partido, o que levou a novas prisões e torturas. Lacerda chegou a afirmar que é uma das fases mais difíceis da sua vida, “amigos de infância, amigos de todo dia, amigos de café, amigos de confiança, amigos desde os tempos de namoro, amigos de tomar chope”³⁷⁴ lhe voltaram a cara. Esse repúdio representou um trauma do qual Lacerda jamais se recuperou.

Lacerda, a partir de então, começou uma campanha contra o comunismo. Seu ódio era perceptível nas suas produções jornalísticas, obras e entrevistas. Ele tinha uma necessidade imensa de “alertar” ao Brasil o quanto o comunismo era uma ameaça. Ele via em Suzanna Labin uma grande aliada nessa luta. Para ele, até então, ninguém havia escrito uma obra em combate a esse mal que merecesse a sua tradução, edição e publicação:

Só uma pessoa extremamente dotada e cuidadosamente preparada para esse tipo, o mais difícil, da luta pela liberdade, poderia dizer tanto, em tão poucas páginas, de modo tão claro e convincente. Para chegar a escrevê-la, a Sra Labin, terá passado por uma série de aperfeiçoamento, à custa de disciplina do espírito e do sacrifício do supérfluo, indignação contida, imaginação domada,

³⁷³ Prefácio da obra **Em cima da hora**: a conquista sem guerra (1963).

³⁷⁴ **Depoimento**.

paciência desdobrada. Só um grande conhecimento pode chegar a tamanha simplicidade. Depois deste livro, ninguém mais poderá alegar boa fé em tais confusões. Tão clara, tão evidente, tão inteligente e acessível é a explicação.³⁷⁵

Percebe-se uma imensa admiração de Lacerda por Labin. Eles haviam se conhecido, de acordo com ele, em 1948, no Rio de Janeiro, quando a autora veio lançar suas pesquisas sobre Stalin na editora Agir. Trocaram algumas correspondências desde então, até que Lacerda, em 1963, resolve traduzir uma das suas principais obras, *Em cima da hora: a conquista sem guerra*, e lançá-la nas vésperas do Golpe Civil-Militar.

As notas de rodapé, não sendo convencionais, também são insinuanes em vários momentos. A meticulosidade demonstrada pelo Lacerda faz crer que a hipótese de as traduções serem também um meio de chegar ao poder é evidentemente claro. O repúdio ao comunismo era esperado nas obras em questão, mas as articulações nas notas de rodapé, quando se trata dos “criptocomunista” dos grupos apoiadores do presidente Goulart, tanto criticado por ele, está presente, por exemplo, na nota a seguir:

Cripto: prefixo de origem grega que significa oculto. Diz-se de uma flor que é criptógama quando traz escondidos os órgãos de frutificação. Uma escrita é criptográfica quando é feita com código. Criptocomunista é o comunista que não diz que é comunista, uns porque escondem que o sejam, outros porque ninguém lhes pergunta se o são. (N.d.T.). Logomaquia: a confusão das palavras (baralhando ou invertendo o sentido). Paz quer dizer guerra, democrático quer dizer ditatorial, liberdade quer dizer escravidão. E assim por diante. Há estudos complexos sobre a “logomaquia” comunista (N.d.T., p. 34-39).

Ou ainda ousava mencionar o Brasil:

No Brasil há numerosos casos assim. Durante certo tempo, sob a Ditadura, o PC brasileiro funcionou dentro da tradicional liga da Defesa Nacional. Infiltrou-se nessa sociedade o Partido Comunista quando se reorganizar, depois da perseguição que lhe moveu o governo Getúlio Vargas, de 1936 a 1941. Em 1944 e 1945 uma das organizações de que se serviu foi... a Sociedade de Amigos da América. Hoje, o caso mais notório é o da União Nacional de Estudantes (UNE) “colonizada” pelo Partido Comunista (N.d.T., p. 48).

No Brasil esse sistema já se tornou tão usual que até magistrados tem feitos viagens pagas pela URSS, inclusive com diárias custeadas por órgãos ligados a um Partido de fora da lei pela Justiça a que pertencem (N.d.T., p. 48).

³⁷⁵ Prefácio da obra **Em cima da hora: a conquista sem guerra** (1964).

Esse paralelo com a realidade brasileira se repete em várias outras vezes nas notas de rodapé. É perceptível o cuidado de Lacerda na escolha dos exemplos para que o leitor não perceba suas teorias políticas presentes em uma obra francesa, em que, na prática, não traria sentido para o público brasileiro.

Sem receio de citar nomes, Lacerda atacava inúmeras vezes o governo Goulart e o próprio Goulart, acusando-o sempre de ser um grande aliado do comunismo. De acordo com Eliane Euzébio³⁷⁶, quando Labin se ocupa dos métodos “maquiavélicos” dos comunistas, citando, por exemplo, suas “atrocidades”, o fato de aliados republicanos terem sido literalmente “apunhalado pelas costas” durante a Guerra Civil Espanhola, Lacerda não perdeu a oportunidade de mencionar um caso brasileiro:

Foi o caso do capitão brasileiro Besouchet. Acusado de participar do movimento comunista de 1935 no Brasil, foi expulso do Exército (...) dissentindo dos comunistas, foi morto pelas costas. Um dos “comissários políticos”, representados na Rússia, na Brigada Internacional, era outro brasileiro. Chamado Roberto Morena. Tornou-se mentor sindical do Partido Comunista e tem sido um dos conselheiros mais chegados do Sr. João Goulart.³⁷⁷

2.3.3 *O Triunfo* (1968)

Por último e não menos importante, a obra *O Triunfo*, de John Kenneth Galbraith, lançada nos EUA em 1968 e traduzida por Lacerda no mesmo ano, momento em que foi decretado o último Ato Institucional dos Militares, o AI-5. A Frente Ampla também havia sido proibida e os direitos políticos de Lacerda haviam sido suspensos por 10 anos. Nada conspirou a seu favor naquele momento.

Nesse período, Lacerda intensificou suas produções literárias, traduções e as atividades no jornalismo, consideradas por ele “muito mais atrativas que a política”. A obra de Galbraith, apesar de fictícia, constrói um enredo que traz críticas à política externa dos EUA.

A exemplo das outras traduções, *O Triunfo* também foi traduzido para alertar o povo brasileiro de eminentes problemas que se passavam no governo, principalmente realçar críticas aos seus ex-colegas da “Revolução”, os militares, os mesmos que lhe deram a mão um dia e

³⁷⁶ EUZÉBIO, Eliane. **O Poder das ideias** - as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda. 2007. Departamento de Letras Modernas do PPG em estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, 2007, p. 73

³⁷⁷ LACERDA, 1963, p. 50.

que no outro, colocaram-no para escanteio. Lacerda acreditava que a política da “Revolução” havia perdido totalmente o sentido original, que seria salvar a nação de perigos maiores, como o comunismo. E que pior: os militares, estavam indo por um caminho perigoso, talvez sem volta.

Iniciando-se pela capa da 4ª edição da obra, chama a atenção a fala escolhida por Lacerda para estar em destaque “Momento antes de começar a escrever estas palavras, acabei o meu trabalho de tradução e prefácio de um dos livros mais extraordinários do nosso tempo. Chama-se *O Triunfo*, o autor é ninguém menos que John K. Galbraith o mais discutido e mais inquieto dos colaboradores do Presidente Kennedy”, e embaixo a sua assinatura. Eliani acredita que,

Como se pode notar, o comentário logo na capa não só põem em relevo a figura do tradutor do livro, cuja palavras por si mesmo já denotam autoridade e prestígio, mas também, é possível dizer, pode servir para ressaltar, por meio das qualidades atribuídas a Galbraith (“o mais discutido e mais inquieto”) certo sentido de identidade, ainda que tênue, entre tradutor e traduzido, de vez que o leitor da época de imediato poderia associar essas mesmas qualidades ao “polêmico” Carlos Lacerda.³⁷⁸

Percebe-se também que na orelha do livro, Lacerda fez várias insinuações que provocam no leitor um desejo de ler o livro o mais rápido possível. Irônico e sagaz, Lacerda, logo no primeiro trecho, levanta algumas questões: “num país latino-americano é derrubado um ditador. Por muitos anos apossou-se da riqueza do país, é um libertino, imoral. Seu sucessor é sincero na intenção de entregar ao povo as terras e as indústrias, quer abolir o analfabetismo e instalar um governo democrático de verdade”, e logo em seguida afirma que *O Triunfo* foi feito para “abrir os olhos” das pessoas. Mesmo sendo um ensaio americano, incrementam-se semelhanças com a conjuntura política que se passava no país, que vivia dias de censura, tortura e medo, sentimentos que prevaleceram durante toda a Ditadura Militar. Lacerda ainda metaforizava esses dias, fazendo uma comparação dos “aspectos da época atual que ainda não podem ser abordados pelo historiador”, e ele, como proprietário de duas editoras, conseguia fazer suas publicações mesmo que fosse arriscado naquele momento, embora não tenha sofrido nenhuma censura.

Ainda nas orelhas do livro, Lacerda faz um breve relato do que o leitor vai encontrar na obra que “analisa o dilema americano: como podemos manter a paz, sem provocar a guerra?”, e ainda afirma que esse tema é tratado com humor pelo autor, e Galbraith vai trazer sempre uma

³⁷⁸ EUZÉBIO, Eliane. **O Poder das ideias** - as traduções com objetivos políticos de Carlos Lacerda. 2007. Departamento de Letras Modernas do PPG em estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, 2007, p. 108.

crítica da vida atual do mundo, em particular do continente americano. Finaliza afirmando que “seus heróis são o homens, suas heroínas as mulheres, mas o seu vilão é o privilégio, mais conhecido como a ordem estabelecida”. Lacerda escreve um longo ensaio sobre Galbraith neste romance, de onde se sobressai com o seguinte trecho:

[...] intelectual é algo que em política é preciso se fazer perdoar por ser. Chega-se a ser perdoado mas sob condição de ser esquecido – pois sempre se fica mal visto; em política não há nada mais humilhante do que a inteligência. A não-inteligência ou é tranquila e é segura de si ou é invejosa e ressentida; em ambos os casos quem sai perdendo é o seu contrário. Em política, a inteligência é como a gagueiras no teatro, algo que se precisa superar para fazer carreira. Um intelectual chega a receber votos do povo mas raramente, ou nunca, o reconhecimento dos políticos e a confiança dos militares. Aqueles consideram a inteligência uma afronta, estes, uma insinuação. Em nossos países a inteligência é considerada um enfeite e não um instrumento. Ser inteligente é ser desobrigado de deveres e compromissos, nesses países cujos donos não sabem para que serve a inteligência. Nos Estados Unidos ela chegou a ser considerada uma ameaça. Hoje, digamos, encaram-na como uma mal necessário, como a bomba atômica – embora esta inspire menos temor por serem mais previsíveis os seus efeitos. Ao passo que a inteligência... Pois bem, o professor Galbraith ainda por cima se dá ao requinte de lembrar, a cada frase, a sua suspeita condição de intelectual.³⁷⁹

Portanto, conclui-se, que também como tradutor, Lacerda tem, em maior parte dessas obras, temas políticos, isso porque possuía grandes objetivos: tê-las como um veículo de exposição política e de memórias pessoais. Desenvolveu intensamente essa atividade principalmente pós-golpe militar. Os registros chegam a mais de 30 traduções, que estão reservadas na UNB, e destacam-se, portanto, as três obras mencionadas aqui, por possuírem aspectos políticos que refletem principalmente a tradição democrática liberal, estilo político/econômico que Lacerda desejava aplicar no Brasil.

2.4 A PRAGMÁTICA PUBLICIDADE: A IMPORTÂNCIA DOS JORNAIS E DA EDITORA NOVA FRONTEIRA

Apesar dos diferentes meios de comunicações já existentes em meados do século XX, como rádios, radiotelevisão, cinemas, teatros e casas mistas, os jornais continuavam sendo importantes veículos comunicadores, formadores de opiniões e partidários. Fosse pelo baixo

³⁷⁹ **O Triunfo**, p. 266-267.

valor, que permitia a qualquer cidadão adquirir o seu, ou pela cultura jornalística, muito forte e presente no país. É indiscutível a eficácia da publicidade presente nos jornais do período.

O jornal *Tribuna da Imprensa* inicia já em uma fase de modernização da imprensa, “inovando em questões de técnicas e gráficas, sem abandonar seu caráter opinativo”³⁸⁰. A produção literária foi tratada como uma “nova atividade”³⁸¹ para Lacerda, que passou a ser visto como um escritor de *Best Seller*³⁸². Ele fazia questão dos lançamentos dos livros, além da intensa divulgação nos periódicos. O que chama mais a atenção é a repercussão não apenas no sudeste do Brasil, mas em todas as outras regiões. Portanto, não era apenas o *Tribuna da Imprensa* que fazia essas divulgações, mas também jornais espalhados pelos quatro cantos do país.

As reportagens sempre faziam menções ao “grande político” que Lacerda havia sido, e relembram sua intensa participação de oposição aos ex-governos democráticos, além de ressaltarem que era uma “atividade passada”, principalmente, especialmente os jornais posteriores à criação da Frente Ampla, quando seu mandato já estava cassado e ele não podia manter nenhum elo político. Nesse mesmo período, ele era diretor do Banco Novo Rio, das editoras Nova Fronteira (seu carro-chefe) e Aguilar. Em diversas vezes, Lacerda declarou que suas intenções como escritor era poder “Não vou escrever sobre o mundo, quando não escrevo sobre o meu país”³⁸³, ressaltando, assim, seu imenso amor pelo país.

Lacerda já temia, nessa época, que os livros fossem substituídos pelos eletrônicos. Ele afirmou em uma entrevista que “sim, o livro é importante pelo menos para o autor. Antes que a eletrônica transforme livro em ficha, a matéria de livro é palpável e agradável. O que contém são momentos. Lembranças. Situações. O resto é silêncio, como se costuma dizer, toque de silêncio”³⁸⁴. Ele amava os livros e demonstrava essa paixão em todas as entrevistas concedidas, como: “Continuo a ter pelos livros um respeito reverencial. Não joga fora os que leio e gosto os que devolvam o que empresto. Tenho um prazer quase sensual em pegar um livro bem impresso. E me desespero com os que são mal feitos ou cheio de erros de revisão”³⁸⁵.

³⁸⁰ **O golpismo democrático:** Carlos Lacerda e o jornal *Tribuna da Imprensa* na quebra da legalidade (1949-1964). Dissertação de mestrado. Departamento do ICH, UFJF, p. 19.

³⁸¹ Título de reportagem do periódico de Curitiba, de 05 de outubro de 1975.

³⁸² Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB. Best-seller ou bestseller é um livro que é considerado como extremamente popular entre os que são incluídos na lista dos mais vendidos, sendo considerado como “literatura de massa”. Trata-se de uma expressão da língua inglesa para indicar os livros mais vendidos no mercado editorial. No caso de Lacerda ser chamado assim nas revistas/jornais, era reflexo do sucesso que suas obras estavam fazendo.

³⁸³ Trecho de reportagem do periódico de Curitiba, dia 05 de outubro de 1975.

³⁸⁴ Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB.

³⁸⁵ *Ibid.*

As notícias então se dividiam: “amor pelos livros” e o “ex-político opositor cassado pela ditadura militar”. Em outro jornal, a manchete foi “Entregue à literatura, Lacerda afirma não pensar em política”³⁸⁶. A reportagem inicia com pronunciamentos feitos por Lacerda sobre ter seu mandato cassado, e ele afirma que “o país é muito importante para se brincar a sua custa e proporcionar oportunidade a que se destilem pequenos ódios e antipatias, não se pode brincar com o destino de um povo (...) teria muito a dizer a respeito, mas estou proibido”. A hipótese é de que essas produções literárias foram utilizadas como meio de deixar viva a memória do “Lacerda opositor”, o qual não podia mais expor suas visões ideológicas como fazia antes.

Ainda nessa mesma entrevista, Lacerda expõe sua opinião sobre o mercado editorial, afirmando que anteriormente era muito difícil alguém viver apenas como escritor, editor ou produtor no país, e que naquele momento esse sonho já era possível:

O livro brasileiro é caro demais e ainda não foi definida uma política permanente em relação a ele; mas, de um modo geral, as editoras que tem cuidado do equilíbrio cultural tem conseguido se manter e até se expandir. Ele acrescentou, que as suas editoras no mês passado venderam 2 milhões líquidos, mesmo enfrentando as dificuldades que se manifestam sobretudo na distribuição e venda.³⁸⁷

Algumas estratégias, como a sua iniciativa em criar a chamada “Confraria dos amigos dos livros”³⁸⁸, fazia com que as editoras conseguissem pelo menos se manterem. A ideia central era a de construir uma rede de sócios que pagariam um valor estimado anualmente (Cr\$500,00) para poderem ter todos os lançamentos da editora em primeira mão, sendo que a única vantagem era a de poder adquirir as chamadas “edições de luxo”³⁸⁹, portanto, ante todo mundo, com imediato abatimento de 30% no preço.

Sobre as televisões, Lacerda as considerava como excelentes meios divulgacionais, mas que infelizmente ele não conseguiu bancar o preço que se pedia pelas propagandas. Quando a conversa voltava para os assuntos políticos, Lacerda, de certa forma, sempre tentava não estender o assunto. Perguntaram-lhe, nesse mesmo periódico³⁹⁰, se ele pretendia voltar à

³⁸⁶ Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB.

³⁸⁷ *Ibid.*

³⁸⁸ Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB. Lacerda cria estratégias para manter as editoras vivas.

³⁸⁹ As chamadas “edições de luxo” caracterizam-se por obras que possuem aspectos únicos, como *A casa do meu avô*, que em sua primeira edição trouxe uma coletânea de fotos exclusivas da família Werneck Lacerda, selecionadas por Lacerda, que se esgotou muito rapidamente como relatada no Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB

³⁹⁰ Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB.

política quando chegasse o fim de sua cassação, e ele respondeu “não sei se estarei vivo”, e ainda fez uma revelação inusitada, mas compreensível na real conjuntura em que ele vivia:

Não fiz vida pública por falta de coisa melhor, mas cumprir um dever. Não faço questão disso. Política nunca foi minha profissão. Graças a Deus tenho outras e melhores. Fui bom opositor e não fui mau governo. Hoje dirijo empresas que em conjunto representam 4 a 5 mil empregos. Tenho, portanto, responsabilidade sobre suas famílias. Basta. Estou satisfeito.³⁹¹

Lacerda já havia criado a Frente Ampla junto com JK e Goulart, que pareciam já ter deixado qualquer desavença de lado para lutarem em prol de algo muito maior: o Brasil. Eles desejavam a redemocratização do país, no formato anterior (eleições livres e diretas) e o retorno do crescimento econômico. Lacerda, nesse mesmo período, foi proibido de difamar o governo nas TVs e nas rádios, e depois o presidente militar Costa e Silva decretou a suspensão dos seus direitos. A produção literária seria um excelente meio de divulgação de seus ideais partidários que, ao certo, estavam sendo cassados pelos militares naquele momento.

Ele fazia questão de encaminhar exemplares das primeiras edições de seus livros para algumas pessoas, e esse ato se repetia a cada lançamento. Eram nomes como o do poeta, contista e cronista Carlos Drummond de Andrade, Lídia Besouchet³⁹², Erico Veríssimo, Gilberto Freyre, Médico Sanitarista Carlos Chagas, e políticos como Juscelino Kubitschek, Dulce Salles³⁹³, Afrânio de Oliveira³⁹⁴ e Bonifácio³⁹⁵, familiares e amigos em geral. Havia inúmeras correspondências de agradecimento pelo recebimento desses exemplares, as quais estão no AORCL. As cartas relatam palavras de afeto, justificativas por não poder ir até as tardes ou noites de autógrafos e também reconhecimento do excelente trabalho. Declarações como “você sabe que sou dos que vivem de sua saudade, procurando dentro do que posso copiar o seu exemplo”³⁹⁶, ou justificativas por não poder comparecer em dias de autógrafos: “seria uma

³⁹¹ Recorte de Revista guardado por Lacerda, no *Arquivo de Obras Raras*: Carlos Lacerda, em Brasília, na UNB.

³⁹² Escritora e ensaísta, suas atividades literárias tiveram início em Buenos Aires durante seu exílio nos anos 1920. Casada com Newton Freitas, viveu em diversas cidades de vários continentes. Sua produção intelectual apresenta ensaios sobre crítica literária, romances, contos, livros infantis e obras teatrais.

³⁹³ Amiga pessoal de Lacerda, Dulce Salles Cunha Braga (1924-2008) era Estrela de TV, cantora, escritora e professora de música e literatura. Dulce foi três vezes vereadora, três vezes deputada estadual e a primeira senadora paulista, indicada pelos militares.

³⁹⁴ Afrânio de Oliveira (1919-1986) foi um político brasileiro. Filho do fazendeiro João Aureliano de Oliveira e de Maria Reis de Oliveira. Casou com Vera Aparecida Vilela de Oliveira. Foi eleito deputado estadual por São Paulo nas eleições de 1958 e 1962.

³⁹⁵ Político e amigo pessoal de Lacerda, Bonifácio, após formado, iniciou a advocacia privada em sua cidade natal, na qual foi eleito vereador por um mandato (1954 a 1958) pela UDN. Foi deputado estadual em Minas Gerais por 4 mandatos consecutivos (1959-1975) pela UDN nos 2 primeiros, e pela ARENA nos demais

³⁹⁶ Carta guardada por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras*. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Escrita por amigos/autores que receberam as obras literárias de Lacerda em forma de agradecimento.

honra participar de sua tarde de autógrafos, todavia, impossibilitada de de aparecer, em virtude de estar com viagem marcada para Washington”³⁹⁷, eram comuns nas cartas enviadas pelos amigos que recebiam os exemplares.

Atenta-se a uma correspondência enviada pelo político Bonifácio, na qual, primeiramente, acabou desabafando. Ele relata um interessante episódio e, em seguida, pede um exemplar da obra *A casa do meu avô*, que já havia sido esgotada. A carta faz crer que as obras tiveram uma repercussão rápida, positiva ou não, dependendo do ponto de vista, mas realçada em um período conturbado da vida do autor e também do cenário político que vivia dias difíceis contemplados pela Ditadura Civil-Militar:

Carlos Amigo,
Num artigo do “Estadão” você me chamou de “oligarca”. Não meu aborreço com você, mas imponho-lhe uma multa pela injustiça e a multa é sempre lucrativa para quem recebe: quero o seu livro (o único que você até hoje não me enviou), “A casa do meu avô”.³⁹⁸

A obra *A casa do meu avô*, publicada em 1976 pela primeira vez, foi uma das que obteve muitos elogios. Drummond, que havia sido convidado para escrever uma das orelhas do livro, em uma das suas correspondências³⁹⁹ utilizou as seguintes palavras: “Ainda que você não tivesse outros títulos - e tem vários - a ser inscrito na memória de nossa terra gente, bastaria este, de autor de *A casa do meu avô* para garantir-lhe esse lugar, que importa mais que os lugares convencionais tidos como importante”. E os elogios continuam, ainda mais profundos e reflexivos: “seu livro não tem apenas o valor de refletir uma funda emoção que se enriquece de reflexão: é também um despertador de vivências brasileiras, provocando ecos, recordações e revelações em todo leitor que também teve ‘uma casa do seu avô’ e uma infância como parece não se usar mais, porque tudo é massificado ou proibido (inclusive subir na árvore)”⁴⁰⁰. Drummond foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX, além de um dos principais poetas da segunda geração do Modernismo brasileiro. Ter, portanto, um veredito desses, fazia com que Lacerda tivesse ainda mais visibilidade dentro do mercado promissório dos intelectuais do século passado.

³⁹⁷ Carta guardada por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras*. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Escrita por amigos/autores que receberam as obras literárias de Lacerda em forma de agradecimento.

³⁹⁸ Carta guardada por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras* do ex-político José Bonifácio. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Escrita por amigos/autores que receberam as obras literárias de Lacerda em forma de agradecimento.

³⁹⁹ Carta guardada por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras* do grande escritor e amigo Carlos Drummond Andrade. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Escrita por amigos e autores que receberam as obras literárias de Lacerda em forma de agradecimento.

⁴⁰⁰ Orelha do livro *A casa do meu avô* escrita por Carlos Drummond de Andrade.

Houve também cópias de correspondência enviadas pelo próprio Lacerda, como, por exemplo, ao político e escritor Newton Freitas⁴⁰¹, que teve a edição de *A casa do meu avô* antes da sua primeira edição, assim como Drummond e Gilberto Freyre. Lacerda lamentava a resposta ter demorado a chegar, pois já havia pedido a escritores como Drummond e Freyre para fazerem as orelhas do livro. Aproveitou também para falar sobre o sucesso da Confraria dos amigos dos livros, que já tinha mais de 500 membros⁴⁰², e finalizou relatando que estava com saudades e que iria vê-lo em breve.

O ex-presidente Juscelino Kubitschek, antigo rival de Lacerda, também lhe mandava correspondências agradecendo exemplares ou justificando a ausência em dias de autógrafos. Em uma das cartas⁴⁰³, JK afirma que havia chegado a hora de oferecer um exemplar feito por ele, e de antemão, já pediu desculpas por algo que pudesse lhe chatear. É possível imaginar que diante de uma relação turbulenta, possa haver algo na obra de JK que desagrade a Lacerda, já que, em vários momentos, Lacerda esteve em oposição a JK.

Os dias de lançamentos eram tratados com muito entusiasmo. Essa alecridade era refletida nas entrevistas concedidas a inúmeros periódicos, revistas e programas de rádios do país nas vésperas das estreias. Nas reportagens ou classificadas, vinham o dia, agora, o local e em alguns até o valor da obra, além, é claro, de um pequeno resumo do que o leitor poderia esperar daquele livro.

Esses lançamentos passaram a ser mais frequentes nas últimas obras compostas pelo autor, tendo *Em vez*, 1975, e *A casa do meu avô*, 1977, sendo essa última com a maior publicidade já constatada da relação de livros de Lacerda. Ele fazia questão de ressaltar nos classificadas ou entrevistas que essa última obra “era um livro mais literário que político” e que “não era política porque ele não podia falar de política”⁴⁰⁴. Vários periódicos fizeram questão de frisar essa parte, o que leva a concluir que, de fato, Lacerda temia que algo poderia acontecer, já que ele estava com seus direitos políticos suspensos e a obra era completamente voltada para inúmeros discursos/análises políticas do autor. Mesmo que sublinhados, com uma leitura repetitiva e atenciosa, é possível perceber características de suas ideologias políticas que tanto o perturbaram, principalmente, no final de sua vida.

⁴⁰¹ Newton Freitas foi um autor e funcionário público brasileiro, tendo trabalhado no Ministério das Relações Exteriores, atuando como adido cultural na Bélgica, Inglaterra, México, Argélia, França e Espanha. Foi ainda diretor da Agência Nacional.

³⁹⁹ Carta guardada por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras* Carlos Lacerda em Brasília, na UNB, redigida por ele e enviada a Newton Freitas.

⁴⁰³ Carta guardada por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras* Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Enviada por JK.

⁴⁰⁴ Recorte de Jornal guardado por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras*. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Divulga dia/hora/local do lançamento de mais um livro de Lacerda.

Ele ainda deixava claro nessas publicidades que não era um livro de memórias: “Não são memórias nem lembranças de infâncias. São justaposições de várias fases da minha vida. Não é política, porque não posso falar de política”⁴⁰⁵. Nessa mesma reportagem, o jornal cita nomes de “personalidades políticas” que foram na noite de autógrafo, sendo eles Afrânio de Oliveira, deputado Marco Antônio Castello Branco, Cunha Bueno e um telegrama do secretário geral do MDB, Thales Ramalho. Tratando-se de uma obra literária, espera-se que as “personalidades” que interessavam eram os literatos brasileiros e não políticos que atuavam no cenário da época.

A casa do meu avô, em sua primeira edição, teve duas versões: uma chamada de edição de luxo, porque havia fotografias exclusivas de Sebastião Lacerda; os sócios que faziam parte da Confraria dos amigos dos livros poderiam adquiri-la primeiramente, com um desconto de 30%⁴⁰⁶. A outra versão, mais simples, destinada ao grande público, teria um valor mais acessível, mas sem as fotografias.

Lacerda insistia em evidenciar que não se tratava de uma obra de memórias e sim de “pensamentos, palavras e obras”⁴⁰⁷ e que não versava sobre política, sendo que há várias passagens em que se consegue perceber que era uma obra de cunho político, o que pode ser comprovado com uma reportagem registrada na obra *Depoimento* (1978), em que Lacerda lembra que seus três filhos manifestaram suas opiniões sobre *A casa do meu avô*, obra citada por ele na autobiografia. Sérgio criticou o pai por ter feito alusões políticas na sua obra, indignou-se por ela ter pouca beleza literária e, além disso, acreditava que foi o melhor trabalho que o pai havia contemplado, e que merecia ter livrado a obra da política que o perseguiu em toda sua jornada.

⁴⁰⁵ Recorte de Jornal guardado por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras*. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Divulga dia/hora/local do lançamento de mais um livro de Lacerda.

⁴⁰⁶ *Ibid.*

⁴⁰⁷ Em outra entrevista, ele afirmou: “Trata-se de uma experiência de vida, não apenas escorrida como areia numa ampulheta, gastando o tempo, mas vivida dia a dia, hora a hora, a despeito do tumulto de alguns momentos.”; em uma crítica Paulo Ronái, na mesma entrevista disse “consegue, com irreverência, rir de si e dos outros, como um humorista temível”. Recorte de Jornal guardado por Lacerda no *Arquivo de Obras Raras*. Carlos Lacerda em Brasília, na UNB. Notícias sobre Lacerda e sua “nova atividade”, a literatura.

3 A CASA DO MEU AVÔ: UM ACERTO DE CONTA COM O PASSADO

Temos esta marca: Toda vez que se rejeita a liberdade, somos rejeitados.
A casa do meu avô

Depois de participar ativamente do Golpe Civil-Militar de 1964, Carlos Lacerda acreditava que ele e sua família possuíam uma marca: toda vez que se rejeita a liberdade, somos rejeitados⁴⁰⁸. A família Lacerda era formada por políticos⁴⁰⁹ que, em diferentes gerações, participaram intensamente política brasileira, seja no Estado Novo (1937), seja na Ditadura imposta pelos militares (1964). Lacerda acreditava ter sido vítima de conspiração, sendo que, para ele, em todo momento, seu único desejo era ser um bom cidadão e contribuir para a melhoria do país.

A vida desse político-escritor havia mudado completamente desde que os militares haviam tomado o poder através do Golpe de 1964. A “Revolução” aconteceu, pela avaliação de Elio Gaspari, porque eles consideravam que o Brasil estava “sujo” e o melhor detergente para a “limpeza” era a violência⁴¹⁰. As coisas não saíram como Lacerda imaginava, e as eleições de 1965/66 não aconteceram. Ainda no governo Castello Branco, por força do segundo e terceiro Ato Institucional, em 1965 e 1966, retrospectivamente, foram suprimidas as eleições diretas para a presidência da República, governadores de estados, capitais dos estados e municípios considerados áreas de segurança nacional. Os partidos políticos foram extintos, exceto dois (ARENA e MDB). Uma constituição foi outorgada em 1967, com a anuência de um Congresso Nacional acuada.

Nessa mesma época, Lacerda ainda tinha que lidar com a depressão. A doença o acompanhava desde que ele começou a sofrer perseguições do governo, chegando até mesmo a ser preso em 1968 quando foi decretado o Ato Institucional n° 5, e na cadeia acabou achando necessário fazer greve de fome, que durou 7 dias:

Sobre esse fundo de mariposas em cartolina projetava-se a minha insaciável inquietação. Hoje tenho tanto que dizer. O que fiz foi parte infinitamente pequena do que nasci disposto e talvez capaz de fazer. Predestinado, não. Mas, performado. Em todo caso, ao contrário do meu avô e do meu Pai, aos quais foi negada essa oportunidade, mercê dos que confiaram em mim, e não foram

⁴⁰⁸ *A casa do meu avô*, p. 119.

⁴⁰⁹ Tem um trecho em *Depoimento* que Lacerda fala sobre ter sido criado no meio político: “fui criado num meio político. Ouvir falar de política em casa desde que entendo por gente. Meu pai foi político a vida inteira, sempre de oposição e meu avô nessa época era um político em recesso, era ministro do Supremo, mas nem assim deixava de acompanhar pelo menos a política municipal de Vassouras” (p. 27).

⁴¹⁰ GASPARI, Elio. *Ditadura derrotada*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 222.

poucos, pude fazer pelo menos o suficiente para mostrar que podia fazer mais. Suspeito que isto tem muito que ver com as conversas como essa dos mosquitos. Outro dia um velho sábio me disse: custa-se muito a aprender quanto vale o silêncio. Aprendi a ouvir o silêncio enquanto as pessoas papagueavam. A inutilidade aparente e enganosa dos gestos parasitas, das palavras sobrepostas na frase. Nada é inútil. Nada é em vão. Há palavras que marcam uma pausa, sublinham uma hesitação. Como também há os gestos evasivos, que esboçam uma intenção. Há seres também assim. Contentam-se apenas com o êxito, não se preocupam com a eficácia. Espiralam-se. Diluem-se no calor da História ou, mais simplesmente, na quentura do asfalto (p. 167)

Lacerda afirmou não ter arrependimentos, mas os exames feitos no laboratório da Polícia Militar confirmou que ele corria o risco de ter uma crise mortal de acidose⁴¹¹, o que levou a família em desespero, que teve que interferir para que ele não acabasse morrendo na prisão. Sua filha, Maria Cristina Lacerda, na época com apenas 16 anos, escreveu para o presidente Costa e Silva:

Salvou-me a vida, além do corajoso protesto de dois médicos, Jayme Rodrigues e Antônio Rabelo Filho, uma pequena carta. Redigiu-a uma mocinha que não aceitou sugestões para alterar a redação tal qual surgiu, direta, de sua mão. Está datada de 20/12/1968.

“Sr Presidente Artur Costa e Silva.

Não há mais tempo para se disfarçar ou se permanecer alheio a um problema extremamente grave e urgente.

O fato é que meu pai, Carlos Lacerda encontra-se preso desde as 14:30 de sábado, dia 14, sem qualquer explicação plausível ou indicação de culpa.

Reconhecida a violência do ato, não tem ele outra forma de protesto que não a de não se alimentar, o que ocorre desde o momento de sua prisão.

Por esta razão, o seu estado de saúde é precário e se agrava a cada minuto que passa, segundo os médicos que o assistem e os exames realizados.

Ontem meu pai prestou depoimento e, pelo que sei, as perguntas que lhe foram feitas não revelaram qualquer indício de haver infringido lei vigente no país.

Por esta razão, trago-lhe neste momento, estes fatos cuja responsabilidade lhe é inalienável, como autoridade, intransferível como chefe de família e incompatível como cristão.

Li, ontem, a afirmação que o senhor fez de que “os que lutam e sofrem nada tem a temer”. Neste caso, senhor presidente, pergunto-lhe se o Senhor terá lutado e sofrido mais que meu pai, pelo Brasil e pela liberdade - até hoje. Ou o Senhor terá se esquecido de que, ao longo de todos esses anos da vida de meu pai, o resultado maior foi o senhor ter atingido a presidência da república.

Estas palavras são o protesto de uma filha, dentro do protesto do pai.

Receba-as, com as responsabilidades intransferíveis pelo que ocorrer agora com meu pai.

Maria Cristina Lacerda⁴¹².

⁴¹¹ **A casa do meu avô.** p. 167.

⁴¹² *Ibid.*, p. 168.

Mas de nada adiantaria, pois ninguém ficava sabendo das prisões, exílios e torturas. O sistema de censuras funcionava muito bem no país. Lacerda sabia disso, como bem lembrou das falas de seu irmão quando o visitou na cadeia: “te conheço, sei que não adianta te convencer a desistir. No entanto, não se esqueça que ninguém está tomando conhecimento, a censura não deixa e a praia está cheia”⁴¹³, mas Lacerda acreditava precisava agir, independentemente do povo brasileiro estar ciente ou não do que estava acontecendo.

A Frente Ampla foi um dos motivos das perseguições constantes a Lacerda. De acordo com Márcio Paiva Delgado, foi uma espécie de “movimento civilista”⁴¹⁴ de lideranças políticas contra o processo de militarização do governo em marcha desde do golpe de 1964. O movimento foi intenso durante os anos de 1966 até a sua proibição, em 1968, quando a Frente passou a existir ilegalmente. A proibição foi feita pelo presidente, o militar Costa e Silva. A Frente foi desenvolvida por Lacerda e os ex-presidentes João Goulart e Juscelino Kubitschek, além de grandes aliados e simpatizantes, sendo um dos movimentos mais relevantes de oposição aos chamados “anos de chumbo” vividos no país.

Esse regime civil e militar, repressivo e punitivo, necessitou de um vasto sistema de espionagem para combater movimentos como a Frente Ampla, além de políticos que foram descartados da “Revolução”, como o caso de Lacerda. De acordo com Jorge Ferreira, a peça-chave foi o Serviço Nacional de Informação (SNI), criado em 1964, que se tornou o órgão central do Sistema Nacional de Informações (SISNI), fundado em 1970⁴¹⁵. O AI-5 instituiu a censura prévia dos veículos de comunicação, cujas pautas deveriam ser aprovadas por censores do governo localizados nas Redações. Além da mídia, o cinema, o teatro, a música, a televisão e as obras literárias estavam sujeitas à uma censura prévia caso os inspetores acreditassem que fossem subversivas ou que atentassem contra a moral e os bons costumes.

Escrever *A casa do meu avô* foi um ato de fuga para Lacerda. Como se, pela primeira vez, ele fosse conseguir falar tudo aquilo que lhe causava muita inquietação. Mesmo sabendo que correria o risco de ter a obra censurada, ele não deixou de publicá-la. Além de publicá-la, não deixou de fazer uma incansável campanha de venda de sua primeira edição. Lacerda parecia não temer mais os militares. A obra é uma espécie de autobiografia, é uma literatura de memória⁴¹⁶. Assim, como as demais obras do autor, precisa ser analisada delicadamente, devido

⁴¹³ **A casa do meu avô**, p. 173.

⁴¹⁴ DELGADO, p. 14.

⁴¹⁵ FERREIRA, 2014, p. 387.

⁴¹⁶ Carlos Lacerda insiste que a obra não é um livro de memória. Entretanto, não é o que se percebe durante a leitura, que contém vários lapsos de memória. Ele prefere que a obra seja relacionada a “pensamentos, palavras e obras”.

à época da sua publicação, sendo, portanto, considerada o último suspiro do político-escritor Carlos Lacerda, a análise de suas edições, incluindo a original, guardada no AORCL, que é de imensa relevância para essa pesquisa.

Refere-se, portanto, a obra mais importante de sua carreira:

O romance essencial que me prometi deixar ao mundo antes de morrermos, o mundo e eu; o legado definitivo, inapagável sinal de minha presença, de tantas experiências acumuladas para nada a não ser o prazer ocasional de me sentir vivo? Eis chegado o tempo da descida, tão esperado, tão temido (p. 11).

A obra alcança um período extenso, pois seus pensamentos começam nos anos de 1920, quando ele ainda era muito jovem, um simpatizante do pensamento comunistas, e se prolonga aos anos finais de sua vida, pós-golpe de 1964. Lacerda, apesar de afirmar que *A casa do meu avô* não era uma possível literatura de memória, contradiz essa ideia ao falar sobre a dificuldade de escrever memórias, ou pelo menos organizar ideais para que elas tenham nexos:

O desejo de fixar múltiplas cenas, reproduzir em várias dimensões, mais do que simples relevo, a realidade e sua essência, mais importante do que a realidade mesma. A raiz. A razão de ser. A transparência. Creio que é a mesma ânsia da pintora: os planos que se prolongam nos seus quadros e se entrecruzam para reviver num só, que entra pela tela, pelo espaço adentro. Busca de coerência, denexo na aparente insensatez com que as coisas acontecem sem que ninguém lhes apreenda o oculto, indecifrável significado. E haverá um nexos? E será apenas aparente, o insensatez? (p. 55-56).

Estima-se discorrer as intencionalidades⁴¹⁷ do autor e a demanda de produzir uma reflexão estruturalista, além de um levantamento completo de todo material encontrado sobre a obra: sua repercussão nos jornais e manuscritos, cartas de agradecimentos pelo recebimento da primeira edição que havia sido vendida (no valor de Cr\$600), por dispor de fotografias exclusivas da casa e do avô, Sebastião Lacerda (nesse mesmo lançamento, também foi feita uma edição para o “grande público”, com o preço Cr\$70) e críticas (positivas e negativas). Não obstante, será necessário dar a devida atenção ao prefácio da edição comemorativa, que auxilia no mapeamento desse personagem pouco discutido na historiografia: o Lacerda escritor, buscando-se, ainda, construir sua personalidade como escritor, suas estruturas temáticas, metáforas e fraseios, comparando-o com o que há escrito nos compêndios da historiografia Lacerdista, colacionando a discrepância de concepções entre diversos autores relacionados

⁴¹⁷ Lacerda definia sua intencionalidade, de forma simplória, apenas como “evoca os anos de 20 e 30, as figuras da época, a vida de sua chácara, as conspirações, as revoluções a ilusões e desilusões” (Recorte de jornal da época guardado no AORCL).

para, dessa forma, compreender a ligação entre o político e o literário, duas faces do mesmo personagem, certificando-se de que a inspiração literária do autor adota “opiniões políticas” que podem ser analisados dentro do conceito de *Cultura Política*, o que contribui abundantemente para a compreensão da história da política brasileira.

3.1 ANÁLISE DA OBRA *A CASA DO MEU AVÔ*: OS SUBENTENDIDOS

Quem for incapaz de um desvario, resistente a todo esforço de imaginação, restrito e conforme às regras preestabelecidas, não entenderá nada da casa do meu avô, tão arrumada e tranquila na sua disposição externa e no seu ramerrão, no entanto agitada na alma, na ansiedade das pessoas que dali partiram para a vida.

A casa do meu avô, p. 185

Em todo seu acervo, o político-escritor Carlos Lacerda propôs escrever propositalmente, na maioria das vezes, desafiando os políticos e a política brasileira. Comparando-a com outras obras de sua autoria, percebe-se que *A casa do meu avô* possui declarações sobre a política brasileira, permitindo-se à conclusão que o autor também a escreveu premeditadamente.

Podendo ser considerada uma autobiografia, Lacerda havia prometido escrever um “romance essencial” que, apesar do título ser poetizado, não estava em conformidade ou em harmonia perfeita com as epígrafes do livro. A escolha da obra deve-se à descoberta dos chamados “subentendidos”, que são trechos nos quais o autor faz insinuações que nem sempre são diretas, ao contrário: a maioria é feita em forma de paródia, ou metaforicamente, por isso a nomeação “subentendidos”. O autor, no final da obra, afirmou que, sem imaginação, ou se a leitura for feita com “regras preestabelecidas”, nada será observado. Necessita-se ressaltar que a censura imposta pelo governo militar levava os intelectuais a terem um cuidado excessivo na hora da produção, já que o medo acalentava aqueles que não estavam favoráveis ao governo, como era o caso de Lacerda.

Além disso, considera-se o último suspiro do autor. A obra mais importante de sua autoria. Comprova-se essa hipótese, por ser a única obra citada por ele no maior livro de referência para o estudo do Lacerdismo, *Depoimento*, publicado, pela primeira vez, pouco tempo depois do seu falecimento (1977). Por se tratar de uma obra produzida em um período bastante sugestivo de sua vida, Lacerda estava se descobrindo novamente, não apenas profissionalmente (político ele não podia mais ser, devido à cassação de seu mandato), mas também aprendendo a lidar com a depressão (seu maior problema naquele momento). Estima-

se a investigação minuciosa de cada capítulo do exemplar, necessitando da transcrição dos trechos para que o leitor consiga entender os epílogos.

Lacerda foi mudando suas concepções políticas com o passar do tempo. Mas, assim como Márcio Delgado, não é possível concordar que tais aspectos são internalizados apenas por meio da escolha racional do indivíduo; acredita-se que parte significativa dessas questões possa ser respondida através das características culturais dessa sociedade em face aos fenômenos políticos⁴¹⁸. Por isso, é necessário analisar o texto dentro dos aspectos sociais da época para não cair no anacronismo.

Uma das expressões teóricas da união entre História Cultural e História Política, aliada à interdisciplinaridade com outras ciências sociais, foi a categoria multidisciplinar *Culturas Políticas*, que vem sendo utilizada nas duas últimas décadas para análise dos fenômenos políticos a partir de elementos culturais, o que definiu o chamado paradigma “culturalista”⁴¹⁹:

Não obstante, a sua multiplicidade, proíbe pensar que se exerce sobre um dado indivíduo uma influência exclusiva. A ação é variada, por vezes contraditórias, e é a composição de influências diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no seio do clima cultura em que mergulha cada indivíduo pela difusão de temas, de modelos, de normas, de modos de raciocínio que com a repetição, acabam por ser interiorizadas e o que o tornam sensível à recepção de ideias ou à adoção de comportamentos convenientes.⁴²⁰

É o caso de Lacerda, que foi adaptando seus comportamentos de acordo com o que era conveniente. Aproximou-se inicialmente do Partido Comunista, influenciado pelos seus familiares; entretanto, com a oportunidade de trabalho no *Observador Econômico e Financeiro* acabou se afastando do partido e passou a ser um dos seus maiores conspiradores. Sua filiação à UDN aproximou-o de grandes políticos, e ainda proporcionou auxílio para a criação de seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, um veículo de oposição aos governos que se formaram a partir de 1949. O jornal passou a representar as principais propostas da UDN e viria a fazer oposição às forças políticas vinculadas ao getulismo.

Após o atentado da rua Tonelero, Lacerda aproveitou-se da situação para responsabilizar o governo pelo atentado, e ainda, no dia 5, afirmou, na *Tribuna da Imprensa*, que “elementos

⁴¹⁸ DELGADO. p. 24.

⁴¹⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 14.

⁴²⁰ BERSTEIN, Serge. **A Cultura Política**. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (Org.). Op. cit. p. 357.

da alta esfera governamental” estavam implicados no crime. Todos esse fatores podem ser explicados, segundo Serge Berstein, pela renovação da História Política pelas vias culturais, e se faz, sobretudo, pela “evocação da cultura política”, pois seria por meio dela que os historiadores encontrariam respostas mais satisfatórias para a explicação dos comportamentos políticos, mais do que com qualquer categoria anterior⁴²¹. De acordo com Márcio Delgado⁴²², essa afirmação é polêmica, mas revela uma das características básicas da cultura política, que é exatamente não ser uma “chave universal que abre todas as portas”, mas que se trata de um fenômeno de múltiplos parâmetros.

De acordo com Rodrigo Motta⁴²³, as culturas políticas não são inofensivas à ação do tempo. Embora mantendo as características básicas que lhes garantem a identidade, elas podem adaptar-se às mudanças experimentadas pelas sociedades ao longo do tempo, que tornam determinados temas obsoletos e trazer à tona novos problemas. Por assim ser, através do estudo da obra *A casa do meu avô*, será possível compreender contextos de mudanças políticas a conjuntura social, as ideologias, expectativas, posições políticas e partidos nacionais, em especial a UDN, e o Golpe Civil-Militar de 1964.

3.1.1 Os anos de chumbo e a cassação

Em uma entrevista registrada na obra *Depoimento*, Lacerda mencionou que seus três filhos manifestaram suas opiniões sobre *A casa do meu avô*, única obra citada por ele nessa coletânea. Sérgio criticou o pai por ter feito alusões políticas na sua obra, indignou-se por ela ter pouca beleza literária e, além disso, acreditava que foi o melhor trabalho que o pai havia contemplado, e que merecia ter lido a obra da política que o perseguiu em toda sua jornada.

Em diversos jornais que circulavam no país, que divulgaram a primeira edição da obra e as noites dos autógrafos, Lacerda afirmou que a obra não falava de política porque ele não podia falar de política⁴²⁴, o que acabou se contradizendo logo no primeiro capítulo, *No país da infância*, em que Lacerda preparou o leitor para possíveis revelações sobre o Brasil, que várias

⁴²¹ BERSTEIN, Serge. **A Cultura Política**. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (Org.), Op. cit. p. 349.

⁴²² DELGADO. p. 30.

⁴²³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p. 22.

⁴²⁴ Trecho retirado de uma entrevista concedida por Lacerda à Gazeta de São Paulo, em abril de 1977. O recorte está no AORCL.

vezes ele declarou “amá-lo mais que tudo”⁴²⁵ e que tinha condições de crescer em todas as vertentes, entretanto, continuava sendo um país que não caminhava pelas “próprias pernas”, declarando inúmeras vezes que ele era a melhor opção para o Brasil. Lacerda começou um desabafo que, compreendido dentro do período, fazia muito sentido. Ele não contava com a situação em que estava, tendo seus direitos políticos cassados e, portanto, tendo que renunciar a sua vida política:

(...) Aos poucos mergulho numa certa indiferença, até dilacerante, por tudo o que me pretendia a cada dia do mundo. Será preciso renunciar até ao patético? Lembro-me de um moço que a certa altura redigiu uma mensagem de amor, perturbadora na sua pieguice grandiloquente; investido de missão messiânica cede ao convite da morte que o envolveu num rodopio de valsa antiga. De volta do abismo, entulhado de pesadelos, ele ainda falava muito. Mas o que dizia não tinha relação com seus olhos de tormento e pânico, que traziam em cintilantes cabeças de alfinete as imagens do terror que frequentava (p. 11).

Lacerda teve que se redescobrir, não apenas profissionalmente (o que não era a sua maior dificuldade), já que ele era um bom jornalista: estava se descobrindo como um grande escritor, além de administrador, editor e tradutor. Lacerda precisava arrumar um jeito de curar a depressão, que lhe causava muita angústia:

Hoje ressurgiu, descobriu a tolerante bondade, a felicidade do banal cotidiano. Mas, como esquecer tamanha angústia, as irrisórias tentativas de sair do vórtice? A espiral que engole a alma, como a moenda que tritura a cana, para libertar-se. O esforço para retomar o nado largo e compassado das vidas conforme a regra, sufocante regra que atocha as pessoas e delas faz um feixe seco na lenta, incessante fogueira sem lavaredas, de um fogo rampante, sub-reptício, após o qual nem cinzas restam, pois qualquer vento as dispersa (p. 11-12).

A depressão foi consequência de um conjunto de fatores, que começou com a decepção de Lacerda com o adiamento das eleições de 1965/66. Ele não se sentia livre e essa sensação era compreensível, já que não podia exercer nenhum cargo político. Sentia-se vulnerável, e era como se seus passos estivessem “demarcados”, o que o sufocava cada dia mais:

Desde que subi a montanha ouço lá fora um pássaro de primavera cujo canto se torna muito importante porque não desperdiça gorjeios e sabe quanto é falso dizer que os pássaros são livres. Ninguém é livre a não ser, talvez as aves de rapina, mas em todo caso nem os vagalumes. Talvez as aves de rapina, mas dependem de encontrar a presa. Nunca os pássaros canoros, pois tem lugar definido no espaço; seu vôo é demarcado pela vigilância dos demais. Algo

⁴²² LACERDA, 1965, p. 21.

semelhante se dá até com os objetos. O automóvel, por exemplo, é tal qual esses passarinhos pousados nos fios elétricos e telefônicos, as patas metidas na conversa alheia, o corpo isolado da terra senão seria a eletrocussão desses retardatários mensageiros de florestas extintas pelo fogo e pelas escavadeiras que ocupam o espaço do homem por sua vez domado, dopado, sonado. O automóvel só anda onde fizeram a estrada, E leva entre seus vidros fechados uma carga de solidão que se amontoam. Depende da gasolina - e está de um cisco no carburador. Bem pensado, afinal livre mesmo é o ser humano. “É o único produto da evolução que conseguiu dominá-la”. Pode escolher. Ou poderia. Mas não dá à sua liberdade o tratamento que lhe deve (p. 12).

Ter seus passos “demarcados”, de acordo com Lacerda, era como “poder andar apenas onde havia estradas”. A solidão o acompanhava em todos os seus dias. Seus familiares declararam inúmeras vezes que ela atrapalhou até o seu sono. Lacerda dormia muito pouco, e suas obras foram escritas muita das vezes à noite, quando todos já estavam dormindo: “Anoiteceu. O passarinho já não canta. Não posso me queixar de insônia, o que já seria uma proeza intelectual dessas que ilustram os eleitos da espécie. Durmo, simplesmente, sem remorso nem cuidado. A força que habitualmente me sustenta é que já não se sustenta” (p. 13).

A ideia de tornar o Brasil um lugar melhor, idealizado várias vezes por ele, o movia, embora tal desejo não fosse mais possível. O segundo capítulo, *De repente na pátria alheia*, clarifica ainda mais que seu desejo de chegar à presidência do Brasil já não parecia tão próximo, e que assim como os rios, em um determinado momento, não tem mais escolha, apenas uma direção para seguir: “Do alto do avião se vê bem como os rios inventam seus caminhos; e raramente improvisam. Seu curso caprichoso na baixada, seu festival de curvas na calmaria dos brejos não era bem assim na serra de onde veio; ali ele só tem um caminho para passar” (p. 15).

A sua pátria, o Brasil, já não era mais sua. O patriotismo que ele tanto prezava, já não era mais o mesmo, e era necessário lembrar da infância para se sentir em casa: “Não é à toa que aquele escritor francês diz: o patriotismo é o que a gente lembra da infância. Minha pátria são árvores enormes. (...) Minha pátria são cheiros e sons, são core ora vivas, ora desbotadas, monólogos de melancolia logo espantada por inopinados encontros” (p. 15).

A segunda vez que ele fala sobre essa angústia, que era não poder mais exercer seus direitos políticos, foi quase na metade do livro, no capítulo 10, *A medalha*. Diferentemente, agora ele conseguia ver uma “vantagem” em ser cassado:

Certo dia, já mais para o fim, começou a escrever memórias, amargas e incompletas. Não passou de dois ou três curtos capítulos, a lápis. Não dizem tudo o que foi, talvez apenas o que ela parecia ser. Escrever memórias não adianta, geralmente. A não ser para quem tem memórias mas não tem prevenções. Uma das vantagens de ser “cassado” foi não ter mais que participar daquele jogo cruel das pessoas que perguntam aos políticos em

campanha eleitoral: “vamos ver se se lembra: quem sou eu?”. Não, não me lembro e me deixe em paz, pelo amor de Deus. Antigamente essa pergunta só se fazia no carnaval. Mas as pessoas, então, usavam máscaras (p. 86-87).

Mais uma vez, Lacerda utilizou-se de uma paródia para analisar a situação do país. O capítulo 7, *Um olhar invasor*, foi feito em formato comparativo, através de uma paródia nomeada de “A paródia do morcego”⁴²⁶, como a antiga obra *O menino e o palacete*, de Thies Martins Moreira⁴²⁷. Lacerda comparou a Ditadura Militar com as velhas manias das antigas políticas brasileiras, e isso tudo para falar das falhas dentro do sistema democrático do país, que “nós que sonhamos com um Brasil democrático, soberano e justo, voltamos a sentir o quanto ainda são fortes os tais velhos donos da nossa terra”. Nossos morcegos são quase o mesmos,:

(...) Até hoje me parece que ali encontrei, rindo para mim mas cheio de ódio nos olhos assustados, o caçula de Satanás. Bem diferente dos morcegos inocentes no morro do Mundo Novo. Junto a um pé de sapoti eu fazia vibrar um bambu sob o qual vinham bater, com um choque fofo, os morcegos cujo radar era interrompido pelo zumbido do bambu no crepúsculo, quando seus vôos atrás de fruta apenas começavam, contra a tarde e o vento. Implacável na minha mão a vara zunia e os morcegos, um a um, vinham oferecer-se ao martírio como pelotões suicidas. Só mais tarde soube isso do radar. Então me parecia um sortilégio, apenas. Era bem mais simples a minha explicação. Uma relação romanesca entre o menino e o morcego, o menino com o bambu cantante, o morcego no seu holocausto. Aconselharam-me a ler, ultimamente “O menino e o Palacete”, de Thiers Martins Moreira. Lá estão os morcegos, também. Seu livro é belo. Mas nossos morcegos são quase os mesmos. Convenci-me de que o encontro do morcego como recado do demônio é um dos fatos capitais na descoberta da vida (p. 63).

Por fim, em três capítulos, o 17, *Tio Nun'álvares*, 18 *Ergue a luz da tua espada* e, por último, o 19, *Uma carta*, Lacerda procurou contar a origem de sua família, contestando a genealogia que os leva a alguns nomes como Forjas, Dom Afonso, Sábio, Dom Fernando de La Cerda e ao Condestável Dom Nuno Álvares Pereira. Nesses capítulos, que pareciam se livrar das articulações políticas, Lacerda, entretanto, faz uma crítica à democracia brasileira, reescrevendo-a como “demo-aristocracia”⁴²⁸, levando o leitor a entender que a democracia exercida no Brasil é elitizada, ou seja, apenas para a alta sociedade, as pessoas com sobrenomes vultosos eram as que participavam da política brasileira.

⁴²⁶ Denominação dada pela autora da presente pesquisa.

⁴²⁷ Comparação feita pela autora da presente pesquisa para que fosse possível compreender a ideia exposta em questão.

⁴²⁸ *A casa do meu avô*, p. 149.

Lacerda finaliza o capítulo 19 com a carta enviada pela sua filha Maria Cristina Lacerda ao presidente Costa e Silva pedindo a sua soltura; ele, que havia dedicado a sua vida ao Brasil e à liberdade⁴²⁹. Ironicamente, pergunta ao leitor, “com esta carta encerra-se o capítulo das genealogias. Encerra-se?”⁴³⁰, e ele, como o restante do povo brasileiro, sofria com a opressão de um governo que não fazia questão de ouvir o povo, acreditando que o uso da violência e a repressão ajudaria a melhorar um país que estava em crise:

Numa espécie de improviso, quando tive de redigir minha defesa perante a Comissão da Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, queriam me entregar à Justiça Militar como traidor da pátria - compus às pressas um texto que não me ocorre por acaso: “Creio que não vivi bem o meu papel - e me penitencio. Queriam que fosse réu de alta traição? Pois devera sê-lo, que para isto aqui estamos, Sr. Presidente, ao que parece, para divertir a plateia que quer ver sangue. Cansados da *faena*, há quem grite por *las orejas y las patas* como ao fim das corridas de touros. O *apoderado* já deu suas ordens. A corneta soou, estridente, os toques da luta. A tourada vai acabar. É o minuto da verdade. De suas engalanadas butacas vertem-se clamores e *olé salerosos* salpicam o redondel, onde empalidece a claridade do dia. É uma festa de cor, Sr. Presidente, a tourada cívico-patriótica, a fantasmagoria picaresca em que estamos metidos, pálidos de espanto ainda mais do que de apreensão (p. 183).

Como diz Lacerda, da raça de Ícaro, quase não sobra ninguém⁴³¹.

3.1.2 Seus maiores incentivadores

Lacerda, em toda a sua infância e adolescência, conviveu com pessoas que escolhiam estar do lado contrário, fazendo oposição à política vigorante. Sua família, seus tios, seu pai e seu avô eram intensos revolucionários do período que se reuniam para fazer conspirações. No capítulo 3, *Aparição da casa*, Lacerda vai relembrar momentos difíceis que sua família e amigos passaram durante anos de oposição à política vigente da época:

Meu avô mal sabia, ou não sabia de todo o que faziam aqueles rapazes na sua casa apresentados como amigos do meu padrinho, o único de seus três filhos que estava solto, pois meu pai e Paulo, o caçula, há muito nada sabiam de liberdade. Meu pai de cadeia em cadeia, da Casa de Correção à Ilha do Bom Jesus, dali ao quartel dos Borbonos, onde morreu e ressuscitou, e o da Polícia na Rua São Clemente, onde penou sobre os calores da cozinha e do pátio ardente entre cavalos e fedores que mais tarde também conheci e me

⁴²⁹ Palavras de Maria Cristina Lacerda ao presidente Costa e Silva.

⁴³⁰ p. 168.

⁴³¹ p. 184.

trouxeram à boca do estômago, nas sete noites da greve de fome, fantasmas da infância de minhas agonias, privações encobertas vãs expectativas (p. 22-23).

Sebastião Lacerda, o avô homenageado por Lacerda na obra, foi o primeiro da linhagem dos Lacerda a se interessar pela política⁴³². Coursou a faculdade de direito em São Paulo e lutou pelo republicanismo no final da monarquia brasileira. Seu filho, Maurício Lacerda, pai de Lacerda, seguiu os passos do pai: cursou a faculdade de direito e também participava dos debates políticos. Era de opinião forte e Lacerda o comparava a Napoleão Bonaparte, porque ele se propunha “a conquistar o mundo”⁴³³. Maurício Lacerda sempre foi político. A vida inteira, Lacerda ouviu falar de política, em sua “casa era um bom pretexto para matar aula em épocas quentes”⁴³⁴.

Ir para os debates na câmara de vereadores sempre foi um dos seus passatempos favoritos na adolescência. Maurício Lacerda nunca foi um pai presente e Lacerda admitiu que “nas raras mas fascinantes intervenções de meu pai em nossas vidas, quase diria em suas aparições, ele nos trazia notícias do mundo, um livro novo, uma ideia, a descrição de uma cena, o momento culminante de um debate, uma palavra inteligente, uma visão curiosa das coisas e seus personagens, uma boa-fé jubilosa, o gosto pelos seres, não pelas entidades abstratas”⁴³⁵. Essa ausência do pai fez com que Lacerda se aproximasse do avô e deu seu tio Fernando, comunista e de opiniões peculiares, que influenciou os primeiros passos da carreira política de Lacerda.

No último capítulo, *Aventuras de Ícaro*, Lacerda homenageia seus familiares, seja falando de seus grandes feitos, seja falando do avô:

Nascido em 1864, bacharel em Direito em São Paulo na turma de 1884, abolicionista e republicano, organizador do Partido Republicano em 1888, em Vassouras, deputado federal em 94, ministro da Viação e Obras Públicas durante 8 meses e 14 dias no governo de Prudente de Moraes - cito tudo isso para chegar ao fim - saiu da vida pública acabrunhado pela morte da mulher, minha avó. Voltou em 1909 para presidir a Câmara Municipal de Vassouras, entrou nessas lutas municipais ferozes, foi eleito deputado e nomeado Secretário-Geral do Estado do Rio. Em 1912, novamente fora de tudo, o

⁴³² Ele foi membro da câmara legislativa do Rio de Janeiro (1892), deputado federal (1894-1896), secretário da Justiça do seu Estado (1897) e ministro da Viação (1897-1898) no governo do presidente Prudente de Moraes [...]. Tornou-se deputado estadual e secretário-geral do governo do Estado e em 1912 foi nomeado para o cargo vitalício de ministro da Justiça do Supremo Tribunal Federal pelo marechal Hermes da Fonseca, presidente do Brasil (DULLES, 1992, p. 6).

⁴³³ DULLES, 1992, p. 18.

⁴³⁴ LACERDA. **Depoimento**. 1977, p. 27.

⁴³⁵ LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. Cap 1. 2001. p. 25-26.

presidente Marechal Hermes da Fonseca nomeou-o ministro do Supremo Tribunal (p. 182).

Ou ainda mostrando a admiração que sentia pelos seus tios, Paulo e Fernando:

Da mesma casa saiu o castiço médico para o comunismo na Rússia, na prisão e na inabalável fidelidade às ideias de que se impregnou. Dali também saiu aquele homenzinho de alma cândida, puro, a quem revoltava e comovia ver a empregada dizer à sogra finíssima que perguntava quem bateu à porta: “não foi ninguém, não senhora, foi o lixeiro”. Lixeiro é alguém! gritou ele e se levantou da mesa hospitaleira da sogra como se fosse para nunca mais. E foi (p. 182).

Ou ainda comparando seu pai com o deus Ícaro⁴³⁶, que assim como ele, teve seu “vôo” interrompido na metade do caminho:

(...) dali também saiu, como ele próprio conta, para um destino fulgurante que acabou cortado em pleno vôo, essa espécie de Ícaro, esse homem belo e fascinante que disfarçava a sua pequena estatura pisando o chão como um gigante, que foi meu pai. Já que não podia conquistar o mundo tinha a preocupação de conquistar todo mundo - e não lhe faltaram encantados para isso. Foi um precursor tomado pelo socialismo romântico (p. 183).

Quanto mais Lacerda via o pai se afundar em problemas políticos, em situações constrangedoras que deixava sua mãe, Olga Werneck, em um mar de lama, fazia-o prometer à mãe que não seria, de forma algum, político⁴³⁷. Porém, ter nascido em uma família de políticos, teve grande influência em suas decisões, e já na adolescência ele fez suas primeiras aparições políticas, na faculdade de Direito, em 1932, em plena revolução contra o Golpe de 1930 dado por Getúlio Vargas com a ajuda dos militares para abolir a Primeira República (1889-1930), curso escolhido por ele com o intuito de orgulhar seu avô Sebastião Lacerda.

⁴³⁶ Na mitologia grega, Ícaro foi um personagem da Ilha de Creta, que tentou deixar a ilha voando com seu pai. Era filho de Dédalo, importante arquiteto, artesão e inventor ateniense, que trabalhava para o rei Minos de Creta. De acordo com o mito, Dédalo projetou o labirinto do local em que vivia o Minotauro, na Ilha de Creta. Para nunca revelar o segredo do local, o rei Minos prendeu Dédalo e seu filho Ícaro no próprio labirinto. Para fugir, Dédalo projetou asas para ele e para Ícaro. Essas asas foram feitas com penas de gaiivotas e coladas com cera de abelha. O plano de Dédalo deu certo e os dois conseguiram sair voando da ilha de Creta. Porém, Ícaro não deu importância para os conselhos de seu pai e resolveu voar bem alto, como se fosse um deus poderoso. Ao ficar mais próximo do Sol, o calor aumentou, a cera de abelha derreteu e as penas se desprenderam. Ícaro caiu no mar Egeu e morreu afogado. Seu pai nada pode fazer e assistiu a tudo agoniado.

⁴³⁷ “Já escolhi minha profissão. Hei de ser engenheiro agrônomo. Não me meterei na política. Já fiz este juramento. Não defenderei, mas também não atacarei. Sei que isto te desgosta porque foi com esta maldita política que meu pai se perdeu” (DULLES, 1992, p. 17).

Mas, antes disso, ele já havia começado a trabalhar no jornalismo, dom que herdou de seu pai, que escreveu ininterruptamente no *Diário de Notícias*⁴³⁸ na década de 1930, logo após seus irmãos, Fernando e Paulo, serem perseguidos por fazerem parte do Partido Comunista (PCB). Lacerda, desde cedo, aprendeu que naturalmente o jornalismo estava ligado à política, e tinha uma espécie de compromisso importante: “a força de dizer todos os dias, como é que devem ser feitas as coisas e a fazer oposição, acaba-se, de certo modo, comprometido a fazê-las”⁴³⁹. Durante seu período acadêmico, destacou-se como exímio orador e participou ativamente do movimento estudantil de esquerda no *Centro Acadêmico Cândido de Oliveira*. Devido ao grande envolvimento em atividades políticas, abandonou o curso em 1932.

A participação de Lacerda no PCB tem forte influência da obra *ABC do Comunismo*, de Bukharin, de 1920, que despertou seu interesse pelo partido até então ilegal:

Meu breve herói de então caminhava comigo pela chácara como se tivesse a minha idade, me arrasava com uma vara de marmeleiro com que fustigava minhas pernas nuas até eu chorar, mais de raiva do que de dor. Quando falava fazia um bico com os lábios, parecia também que ia chorar, e eu achava graça naquele tio que ficou homem sem ficar adulto e me contava histórias de Batatais, onde foi delegado de polícia logo que se formou (p. 81).

Seu tio Paulo, “um dos heróis de sua infância”⁴⁴⁰, o havia presenteado quando ele ainda era adolescente, e logo depois ele foi para a Rússia. Paulo era um amante do partido e lutava em prol das causas em segredo, mas acabou sendo preso, várias vezes, por conspirações, relatadas no trecho abaixo:

Quanto ao tio Paulo, estava na Ilha Rosa, lá onde tem o farol e nada mais. Em volta do meu padrinho, que era médico, o mais casto possível e também castigo, pois castigava no Camilo Castello Branco e anotava palavras preciosas de português, escrevia “nanja que eu” e quejandos, licenciado da Assistência Pública para cuidar do meu avô, reuniram-se os conspiradores, uma rapaziada que considerava necessário melhorar o país e concentrava sua insatisfação em projetos tais como o assalto à coletoria de Vassouras, a tomada e sequestro do trem pagador, o desembarque de surpresa em Barra do Pirai, ações aparentemente isoladas no contexto revolucionário, mas ligadas ao sonho, sempre adiado, de uma ação militar maciça para redimir o país do seu

⁴³⁸ O *Diário de Notícias* foi um matutino de tamanho standard lançado a 12 de junho de 1930 no Rio de Janeiro (RJ), por três jornalistas egressos de *O Jornal*, dos Diários Associados: Orlando Ribeiro Dantas (o regente da iniciativa e diretor da nova folha), Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel Segundo. Inicialmente era propriedade de uma sociedade anônima presidida por Manoel Magalhães Machado, com Aurélio Silva como secretário, e o periódico surgiu moderno e arrojado, contextualizado na guinada que consolidou a estrutura empresarial na imprensa brasileira (Dados do BNDigital). Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-noticias-rio-de-janeiro-1930/>.

⁴³⁹ LACERDA. **Depoimento**. 1977, p. 28.

⁴⁴⁰ Cap. 9, p. 81.

atraso oligárquico, garantido em nome da ordem, essa velha concubina de privilégios e iniquidade (p. 23).

A situação se agravou e Lacerda lembrou de uma iniciativa de invasão do exército brasileiro na casa do seu avô:

Feito Chefe de Polícia requisitou tropa do exército para cercar a casa do meu avô. (...) Meu avô veio abrir. Ficou na soleira. Que deseja? tenho ordem de revistar a casa (...) Onde está o mandado judicial? Não trouxe. Mas tenho ordens superiores (...) Sem mandado do Juiz o Sr. não entra nesta casa. Primeiro terá que me matar. (...) Algum dos homens fugiram pelos fundos e galgaram o morro atrás da estrada da Aliança, outros vieram parlamentar com o oficial. E se entregaram, na porta da varanda, os conspiradores compungidos, Uns vieram a ser integralistas, outros comunistas, outros continuaram modestamente liberais (...) Não assisti à cena. Quem a viu foi meu irmão mais velho (p. 23-25).

A relação de Lacerda com o Partido Comunista iniciou dentro de casa, influenciado pelo pai e os seus dois tios, Fernando e Paulo, que participaram da Aliança Nacional Liberal⁴⁴¹ e foram membros do PCB. Lacerda, quando entrou na faculdade de Direito, participava dos grupos que se reuniam para estudar o Marxismo⁴⁴² e ainda se associou à *Federação Vermelha dos Estudantes*. Maurício de Lacerda foi um importante membro da ANL no Brasil e participou da primeira luta anti-getulista. Uma onda de perseguição aos membros da ANL vai acabar levando Lacerda e seu pai, em diversos momentos, à prisão, principalmente no ano do golpe do Estado Novo, em 1937, que foi um ano extremamente agitado particularmente para Lacerda, em que sua dedicação ao PCB vai levá-lo à prisão algumas vezes.

Lacerda percebeu cedo que era mais difícil ser político de oposição do que ser político. Mas, o desejo de lutar pela sua pátria e pelos seus princípios fez com que ele não desistisse:

Ainda não plantamos de novo o jasmineiro que perfumava toda aquela banda da casa quando o luar se abria. Aqui, agora, são os andaimes que se armam e se levantam mas parecem, na luz da lua, destroços de um naufrágio na copa escura das árvores que o vento bole. De repente, vem-me à memória o sol. Uma rútila soalheira que berra e assa. Há uma ponta de mangueira a que os filhotes de manga imprimem movimento delicado. Ela se mexe enquanto todo o resto da massa vegetal jaz inerte. Essa fina extremidade do galho, como uma

⁴⁴¹ A ANL, fundada em 1935, foi uma organização formada a partir da resolução do *Comintern* (Internacional Comunista) e tinha como objetivo promover frentes populares antifascistas.

⁴⁴² “[...] Carlos, Ivan Pedro de Martins, Evandro Lins e Silva e Antônio Chagas Freitas reuniam-se para discutir Marx, Engels e o positivismo, quase sempre até o raiar do dia. O professor era convincente. [...] Carlos encontrava-se dentre os que eram persuadidos a entrar para o movimento comunista. Sua primeira missão, de pichar “abaixo o imperialismo, a guerra e o fascismo” numa estátua de Pedro Álvares Cabral, foi um sucesso” (DULLES, 1992, p. 40-41).

antena, tem vida própria; embora lhe venha toda a seiva das entranhas da terra ela parece autônoma, acena, acolhe, dá boas-vindas virentes. Lá estão, da flor crestada pelo frio de junho, transformada nuns pequenos frutos, entre folhas muito macias e verdes, os sinais que a árvore me faz (p. 25).

Algumas vezes fosse necessário ter mais de uma personalidade, para evitar um ataque do inimigo:

Quem disse que a esquizofrenia é uma doença de sangue teve razão. Ela baixa nas veias e neste momento me move, estudante, na direção do galho que me acena, da lua que se entranha em mim, das vigas e ripas que cercam os escombros e lhes dão vida, pois essa ruína em vias de reconstrução me diz muitos segredos, me explica, me decifra, me convida a mergulhar para sempre em seus alicerces e ali deixar meu sangue, meus ossos, as seivas todas do meu ser que começa a se cansar do esforço de viver em vão (p. 26).

3.1.3 Uma tristeza que nunca passava

Em 1976, quando teve seu mandato político cassado, Lacerda teve que lidar com o sofrimento que o afligia. Essa tristeza é notada no capítulo 4, *A dádiva do pobre*, em que ele escreveu uma paródia que narrava essa aflição:

Aqui onde estou, há inverno. Lá de onde vim, nunca. Por volta do que seria inverno, quando florescem as mangueiras, lá existe apenas uma leve bruma que de manhãzinha dá às árvores um aspecto mais evocativo do que concreto. Algo dançante com tendência a voar, nas copas ramalhuda sob as quais circula um vozerio indistinto como se os troncos confiarem uns aos outros seus segredos, em idiomas propositadamente indecifráveis. Nada inclina mais ao delírio do que a longa contemplação da natureza. Essa confiança das árvores que se abandonam é a do verão na beira do grande rio que continua a correr, lá de onde eu vim. (...) Não creio que seja o gosto do sofrimento que me faz caminhar agredido pelo vento gelado das ruas, nos mais duros inverno ao meu alcance, até me dar por vencido e me refugiar no primeiro calor disponível (p. 27).

Nada mais parecia fazer sentido, “como um maestro cansado de manter os braços levantados para reger uma orquestra sem sons”; “o maestro” era Lacerda, que incansavelmente lutou pela sua pátria; “a orquestra sem sons” são os militares que comandavam a ditadura militar, que um dia também foi idealizada por ele, mas que agora não fazia mais sentido. Como insistir em um governo que anula os direitos do povo?

Ao anoitecer, sinto o estremecimento que baixa sobre o vale. Tudo fica branco, as formas se tornam fluidas e meus dedos recolhem-se mais, resistem ao esforço de articular o lápis para estar garatujuas. Aos poucos a alma entra em repouso. Não será um descanso mas uma vida latente, marcada pelas mesmas ansiedades porém mais lentamente compassadas, como um maestro cansado de manter os braços levantados para reger uma orquestra sem sons, um conjunto de instrumentos obstinadamente mudos, roçam arcos sem crina sobre violinos sem corda, a alma partida não dá a caixa a ressonância desejada (...) (p. 28).

A depressão continuava sendo o seu maior problema, acompanhando-o por muito tempo: “Comecei a falar de inverno porque estou em Zurique! Mas esse arrepio, a melancolia no ar, a queda de tantas folhas dentro da alma compassiva, tudo isso tem a ver com o outono. Foi ele que chegou sem avisar” (p. 29).

Escrever sobre solidão era uma tarefa fácil para ele. Em várias partes do livro, Lacerda demonstra o tanto que ele estava sofrendo por ter que lidar com a depressão:

A solidão me fez crescer. Afinal crescer para que? Aí que está. Para que, se o que me sustenta até o fim é a infância que me ficou? Paisagens, vozes, exemplos que me edificaram ou me surpreenderam. Perfis que armei como sombras da mão entre a luz e a branca parede. E demolições, lentas e graves: os sulcos da erosão no barranco desmatado (p. 131).

E a solidão nunca foi uma opção:

A solidão não é aquela que escolhemos, “escolhi a qual quiser, quero uma de vossas filhas, de marré marré de si”, é a única ao nosso alcance, entrecortada de encontros inúteis, penetradas por invasores, tumultuada a tal ponto que já nem a podemos realmente aproveitar. É uma solidão sem grandeza nem resultados, que toma o tempo e nada entrega em troca. Não é a solidão dos píncaros. A do deserto que começa em Hamraset e se cobre de mantas para dormir no colo da noite enregelada. É a dos cubículos, a mesquinha, a estreita dos egoísmos que procuram resolver sozinhos seus problemas no engano de julgá-los solúveis na água morna, sem a quentura do sentimento de uma fraternidade essencial e irredutível, perante a qual toda cólera é provisória e toda prevenção tem algo de afetado e postiço (p. 137).

Chegava a dizer que ele e a solidão eram inseparáveis, dedicando um capítulo inteiro (o capítulo 20, *Inseparável*) para mostrar como se sentia, como seus dias eram difíceis e suas noites prolongadas:

A solidão não é a noite, como pensam os que a confundem com a momentânea sensação de abandono. A verdadeira não é castigo, é vocação. Não tem hora nem temporada. Povo-se não raro de temores. É populosa a noite, visões, suores, estalidos, degraus que rangem, uivos de cão, assobios de vento.

Portanto, a seu modo, é companheira. Já nem falo da presença de terceiros, mas dela própria, perfurada de estrelas refulgentes. A manhã, está nunca, pois surge inevitável e já povoada logo que o galo canta e a criança grita. A solidão poderia estar, quem sabe, no meio-dia estonteado. No seu pasmo, a solidão fulgurante (p. 169).

No capítulo 9, *Coleções incompletas*, Lacerda quis preparar o leitor para conhecer um pouco mais dos seus sonhos, que ficaram incompletos. Ele, mais uma vez, prefere falar em forma de paródia, intitulada *A casa*, e assim parecia mais fácil para exemplificar suas angústias. *A casa* seriam os desejados sonhos:

Restam as casas. Cada casa. Coleciono aquelas pelas quais passei. Achei há pouco, numa velha fotografia, a casa em que nasci. Procuro adivinhar aquela em que vou morrer. Desde que tive de descer pelo elevador uma querida morta que se achava muito cansada de viver, não gosto desse modo de sair dos apartamentos para o condomínio dos velórios, banalização da morte com risco de trocar de “capela” e se enganar de defunto - como já tem acontecido. Será preocupação para outros. Mais me toca o redescobrimento dos tetos sob quais decorre - tão depressa! - minha vida (p. 74).

No caso, o seu maior sonho, aquele que, para ele, esperançosamente, quase foi realizado em 1965/66:

As casas são plataformas de sonhos, catapultas de fantasia. Numa se vegeta, noutras se multiplica. Conheço casas que se desfazem pouco a pouco, com um ruído rouco, como se invisíveis formigas as devoraram. O cupim do tédio rói, implacável, assoalhos e almas. Um são principalmente o leito, noutras sobressai o porão, intenso e palpitante como aquele em que eu me aventurar, num pavor reconfortante, junto aos alicerces da casa da Rua Alice (p. 74).

A desejada presidência da República acabou se desfazendo pouco a pouco, “como ruído rouco, como se invisíveis formigas as devoraram(...) E eu, furtivamente, passeando ali naqueles sonhos esboçados minha angustiada maravilha” (p. 73-74).

No início de 1969 viajou para a Europa e, em maio, seguiu para a África como enviado especial de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde*. De volta ao Brasil, dedicou-se às atividades empresariais nas companhias Crédito Novo Rio e Construtora Novo Rio, e às atividades editoriais na Nova Fronteira e Nova Aguillar, sendo ambas as editoras de sua propriedade. Colaborou ainda em *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal do Brasil*, sob o pseudônimo de Júlio Tavares. Faleceu no Rio de Janeiro em 21 de maio de 1977, e os sonhos também.

Outra grande tristeza foi a morte de seu avô, sendo a parte da obra mais sensível (capítulo 6, *A roda e a folha*). Lacerda, ainda muito jovem, de forma muito detalhada, retrata

um dos momentos mais difíceis da sua vida: “(...) de repente me senti adulto e expulso do paraíso”⁴⁴³, e nada mais fazia sentido, nem a chácara que ele tanto amava, “pode uma casa ser cruel? acho que sim, na medida em que não a tratavam com o respeito que a estima inspira”⁴⁴⁴.

3.1.4 Algumas revelações

No capítulo 7, *Um olhar invasor*, ele traz uma sequência de fatos reveladores, como a relação do seu avô com Pereira Passos (ex-prefeito do RJ). A década de 1920 pode ser lembrada pelas construções de estradas de ferro. O café estava em alta e o transporte mais eficiente e rápido eram os vagões de um trem; portanto, havia a necessidade da construção de grandes linhas ferroviárias para que o café pudesse ser levado de um canto a outro do país e também até os portos para serem vendidos para o exterior. O café era um importante produto para a economia brasileira da época. Lacerda relembra um episódio que lhe marcou sobre a construção dessas estradas de ferro:

Quando os construtores da estrada de ferro chegaram à estação seguinte, chamaram-na de Casal - e aí já não entendi por que deveria receber esse nome o resultado da paz entre os barões. Não me ocorria desmascarar a peta com o fato, visível, de que nenhuma negociação entre os barões e o poder público poderia durar tanto tempo quanto o avanço da construção da estrada de ferro Rio-BH, de Barão de Vassouras ao Casal, passando por Desengano, Concórdia, Comércio e Aliança (...) Meu avô, quando ainda era ministro da Viação, passando num certo carro especial ligado à composição, ouviu do diretor da central essa observação: “foi um custo cortar esta chácara para meter os trilhos Sr. Ministro. Havia aqui um galego duro de roer. E mandou contra a Central um advogado teimoso... Afinal conseguimos. ‘O velho galego era meu pai, e o advogado era eu’ disse meu avô ao moço. O diretor da Central, o moço da conversa, chamava-se Pereira Passos. O mesmo que depois reformou, como prefeito, a cidade do Rio, e trouxe, como veremos, pardais de Paris. Ficaram amigos, apesar do galego, apesar dos pardais (...) (p. 52-53).

A segunda menção a Pereira Passos é no capítulo 14, *O salário do pardal*, em que Lacerda rememora o desapontamento de seu avô com o prefeito do Rio de Janeiro. A Reforma Pereira Passou transformou radicalmente a fisionomia do centro do Rio: em poucos anos, uma nova metrópole nasceria dos escombros da velha cidade. Edifícios suntuosos e de arquitetura variada surgiram para ornamentar as novas avenidas; hábitos considerados incompatíveis com

⁴⁴³ *A casa do meu avô*, p. 42.

⁴⁴⁴ *Ibid.*, p. 44.

os preceitos da higiene pública foram proibidos, novas redes de esgoto e de abastecimento de água foram construídas, assim como novas linhas de bonde, agora eletrificadas, e a iluminação pública, antes fornecida pelos lampiões a gás, começou a ser substituída por postes de eletricidade. Com a remodelação do traçado urbano do centro, o tráfego desafogou, e a cidade se expandia em todas as direções.

Mas, apesar de todas essas melhorias, a reforma teve também o seu lado sombrio e excludente. Centenas de casebres e cortiços foram demolidas por motivos de higiene ou para dar passagem às novas artérias que surgiam em ritmo vertiginoso. Com as demolições, a população que tinha alguma fonte de renda deslocou-se do centro para o subúrbio, enquanto que os mais pobres foram habitar as encostas dos morros, engrossando o contingente populacional das favelas que começavam a surgir. Sebastião Lacerda criticava justamente o lado excludente:

(...) “eu já previa! Quando o Passos cismou de trazer pardais de Paris para o Rio, vi logo que um dia isso ia acontecer. Estamos invadidos! Vamos ser ocupados.” Eu ainda não sabia da existência do tal Pereira Passos, que no começo do século foi o grande prefeito do Rio. (...) “O Passos viu os pardais em Paris comerem na mão das pessoas, achou uma beleza trazê-los para comer na mão de outras pessoas no Rio”, disse. “esqueceu-se que lá chamam de *moineaux* e tem um inverno duro, passam fome se não ficarem mansos. Aqui, tem comida à vontade, não precisam da mão de ninguém. Vieram, e agora estão matando todos os tico-tico.... (p. 111).

Ainda no capítulo 7, Lacerda lembra de como o ex-presidente Artur Bernardes fez mal à sua família, inclusive a seu pai, que estava preso por conta dele:

(...) No quintal, que depois diminuiu porque minha bisavó não tinha como sustentar a casa com tanta gente que comia tanto e vendeu um pedaço do terreno do lado ao “seu” Daudt, o dono da Saúde da Mulher e do Bromil, um gaúcho-alemãozão muito bom que subia no muro de pedra seca e vinha me pirraçar: “grande homem é o Bernardes!” - “Bernardes é a mãe!”, eu gritava, porque meu pai estava preso e a gente tinha horror ao presidente Artur Bernardes, vinha aquele velho elogiá-lo, já se viu que desaforo, eu respondia, ele ria, ria, era o seu modo de adorar crianças (p. 57).

A segunda menção ao ex-presidente Artur Bernardes é no capítulo 15, *A música das águas*, em que Lacerda reporta-o apenas para contextualizar, pois se tratava de um episódio que começou em um comício contrário ao ex-presidente, considerando algo que vai além da conjuntura do tempo (década de 1920): os “viva a república, viva a democracia” pertencia ao contexto, à Ditadura Militar, à falta que ambas faziam para a sociedade brasileira:

Não ficávamos sempre tão à vontade nesta casa onde às vezes havia tanta gente que não cabia nos seus quatorze quartos, como depois de um comício de excursão política contra Artur Bernardes, quebraram com uma pedra a cabeça de meu pai e ele veio de carro especial, ligado ao trem, de Juiz de fora até a estação do Comércio com a cabeça enrolada num pano branco sob um chapéu palheta. (...) Me lembro de um amigo do meu pai que certa vez, num comício no bairro operário do Barreto, em Niterói, começou o discurso: “povo, vós sois a esfinge!” (naquele tempo o povo era chamado de Vós). Mas o povo desandou a gritar: Viva o Maurício de Lacerda! Viva a República! (ainda se dava vivas à República, como se a Monarquia a ameaçasse e não os republicanos). Viva a Democracia! (p. 120-121).

A ditadura militar não foi o primeiro governo autoritário e opressor que o país teve. Getúlio Vargas implantou o chamado Estado Novo em 1937. Lacerda sofreu perseguições do governo, já que era considerado um simpatizante do Partido Comunista e teve que se refugiar em Salvador para tentar escapar da prisão:

(...) achei na casa em que me deram refúgio um vidro vazio enorme, desses de armazenar confeitos em padaria. Tomei-o e fui apanhar na beira do mar os bichos que ali se encontram quando a maré baixa. Na areia cinzenta da vazante os mariscos se abrem, confiantes. Uns são da cor da areia e se disfarçam, outros da cor da pérola, ou do coral, e desafiam. (...) Ao chegar em casa com meu aquário improvisado, portanto aquela fauna minúscula, estavam os homens da polícia para revistar a casa. (...) Levaram-me num saveiro, o mar tinha engrossado, a proa do barco baiano encostava no céu e logo abria uma fenda de espumas no caminho escuro e movediço (p. 180).

O título poetizado do capítulo 12, *O jardim bem desenhado*, não remete ao leitor o que ele realmente vai, de fato, encontrar, pois não se tratava de um simples jardim, mas de governos, no caso o Estado Novo, que havia sido bem desenhado pelo presidente Vargas. Foi um período difícil para os Lacerda, que foram presos por conspiração ao governo:

Muito tempo depois, em 1937, quando foi dado o golpe do Estado Novo, concordou o chefe de Polícia em me soltar, a pedido de um amigo de meu pai, para passar o Natal com minha mãe, na casa de minha tia em Ipanema, mas sob condição, da qual só depois fui informado, de embarcar logo depois para a chácara e de lá não mais sair. Fui ao Natal, bem chocho e desengonçado, doido para acabar, e segui para a chácara, preso “sob palavra”, isto é, com a condição de não sair de lá. Logo depois meu pai veio me ver e também se ver na sua encarnação de Napoleão em Santa Helena (...) mal saía de outra prisão, também bem longa. Esse homem árdego domava seus ímpetos para aturar as prisões que sofreu com exemplar dignidade; esse homem ansioso por tomar todas as liberdades aprendera a sofrer privações que mais lhe pesaria, com a duvidosa compensação do orgulho que o sacrifício lhe trazia (p. 95).

A ditadura já dava sinais de cansaço. Lacerda, ainda muito jovem, engrenando na sua carreira jornalista, conseguiu infringir a censura da DIP a partir da entrevista concedida pelo José Américo de Almeida, em que muitos perderam o medo e os constrangimentos impostos pelos regimes autoritários. De acordo com Jorge Ferreira, sem as limitações impostas pela censura, e a imprensa era majoritariamente hostil a Vargas, os ataques tornariam-se virulentos.⁴⁴⁵ Lacerda continuou sua luta pelo fim da ditadura, fazendo comícios patrocinados pela UNE, no Rio de Janeiro. Vargas passou a ser qualificado pela oposição e na imprensa como “Ditador, tirano, fascista, demagogo, hipócrita, traidor, mistificador e opressor dos operários”⁴⁴⁶:

(...) hoje lá estão de tal modo crescidas que devido à sombra já não há hortaliças como aquela couve flor que um dia vi noticiada no jornal de Florianópolis, quando, em 1938, fui estudar a imigração alemã no vale do Itajaí. Na vitrine da confeitaria do Rio, dizia a notícia, “foi exposta enorme couve flor plantada pelo Sr Maurício de Lacerda, antigo político, na sua chácara de Vassouras”. Era o Estado Novo substituindo a democracia pela horticultura, forçando a vocação desse inquieto e irrealizado Cincinato. (...) Mas, as plantas que vinham eram principalmente rosas. Estas logo cresceram muito. Com o tempo se perderam, devoradas por abandonos e formigas (p. 96-97).

No capítulo 16, *Mão áspera em rosto macio*, Lacerda fala que não teve arrependimentos, e que mesmo “quebrando a cara” lutaria novamente pela sua pátria, faria tudo de novo pelo Brasil:

(...) Não me volto para trás com olhos de arrependimentos por ter andado à frente, e sim, para ver o que ficou - como devem ter ficado em mim as imprevidências e intuições do índio, o banzo do negro, qualquer coisa do ímpeto aventureiro do imigrado, muda de raiz franca, folhas expostas ao sol e ao vento, radículas tão frágeis em busca de uma terra em que se afundem, que penetrem toda com a garra de uma posse e a ânsia de uma fuga (p. 128-129).

(...) A crença no que me diziam foi um abuso de confiança, talvez? mas foi também um ponto de apoio que me poupou o tempo e o desespero de aprender quebrando a cara - “é preciso deixar a gente quebrar a cara sozinho”, me disse um moço uma vez, e quebrou. A minha, também quebrei-a muitas vezes, mas foi melhor quando quebrei junto. Éramos solidários, mesmo quando solitários. O mundo nos interessava porque nos pertencia. A alienação não era um direito, era um privilégio e, como tal desprezível. Aprendemos a nos engajar. Não sei se falo por muitos. Em todo caso, digo por mim. Tudo me interessa porque desde cedo foi assim, a sensação de que estou em tudo e tudo em mim,

⁴⁴⁵ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**. p. 22.

⁴⁴⁶ *Ibid.*, p. 23.

realmente não me é estranho. Posso até dizer até, nada é inesperado, na medida em que me preparei para tudo (p. 131).

Outro período político que Lacerda teve relevante participação foi em 1955. Pela primeira vez ele falava de um grande rival seu na política, o general Lott. Brizola recorreu ao marechal Henrique Teixeira Lott, o mesmo que havia garantido a posse de JK, que o orientou, indicando as pessoas que ele deveria procurar e as medidas emergenciais que ajudariam a resistir ao Golpe Militar. Logo em seguida, o ministro da Guerra mandou prender Lott. Lacerda não aceitava a ideia que um herdeiro do getulismo assumisse a presidência do país, a esperança era de Carlos Luz:

(...) no dia 11 de novembro de 1955, dia do golpe do general Henrique Duffles Teixeira Lott, quando saí de casa para ir ao Palácio ficar junto do presidente deposto, e acabei a bordo do cruzador “Tamandaré”, na frustrada tentativa de desembarcamos com o governo de Carlos Luz no litoral de São Paulo, surpreendi um objeto brilhante no capacho da porta do apartamento. Fiz uma pausa na pressa. Abaixei-me para ver o que era. Era exatamente igual àquela que, toda a vida, babá Clara trouxe pendurada no pescoço, a medalha da Nossa Senhora da Conceição que brilhava no capacho, do lado de fora do apartamento (p. 87).

A guinada de Lacerda para a direita influenciou diretamente o que ele acreditava. As tentativas de restabelecer a democracia, movido pelo ódio e indignação, fez com que abandonasse de vez qualquer relação com a esquerda e fosse em busca de soluções para o governo; conseqüentemente, há o envolvimento de Lacerda com a UDN, que passou a ser sua grande influenciadora nas suas decisões políticas subsequentes. A partir de então, ele faz críticas a ideologias que antes não faria:

(...) Nada empobrece mais as ideias do que as ideologias. Chegou-se a vaticinar o fim destas, em nosso tempo. Antes fosse. Creio que fomos vítimas de um exagero de antecipação. Mais do que nunca dominam o mundo reflexos retardados de doutrinas em vias de extinção - e por isto mesmo são mortíferas, na medida em que carregam a própria morte no seu bojo. O marxismo, por exemplo, é um mastodonte que atravanca a evolução social; impressiona a semicultura de tal modo que os mais ignorantes são precisamente os mais convictos talvez porque são, exatamente, os mais crédulos: estão convencidos da teoria dos ventos da História e do primado do econômico (p. 133).

Lacerda era um dos maiores críticos ao comunismo e acreditava que era o maior mal que uma nação poderia ter:

Eu o vi de perto, quando ele era no Brasil uma aspiração ingênua e um objeto de estudo com afinco, na procura da justiça, da reforma, da transformação ideal do mundo. Hoje ele é mais um mito desfeito. Embora para muitos seja ainda uma mística, o perigo desta é se transformar em uma mistificação como dizia Lenine (p. 134).

3.2 CAPA, CONTRACAPA, PREFÁCIOS E ORELHAS

Lacerda propôs escrever uma autobiografia em tempos de censura no país. Nada, no entanto, poderia sair do padrão governamental em que se vivia. O governo dos militares possuía uma rígida segurança em relação aos intelectuais da época, sendo que as punições aos rebeldes eram atreladas às torturas, exílios e prisões.

A casa do meu avô é um de seus livros que foram dedicados a fazer críticas à política brasileira. Para isso, era necessário ter sensibilidade para compreender as entrelinhas da obra. Foram analisadas as dissimilaridades das edições, inclusive a original (em formato de texto), guardada no AORCL. Observar-se que o corpo do texto (estrutura), titulação, subtítulo, agradecimento (ao irmão Maurício de Lacerda), sumário e orelhas não há alterações. O que acarretou modificações foram capa, contracapa e um único prefácio, que a edição comemorativa (40 anos da editora Nova Fronteira) ganhou, produzido pelo ex-presidente do Brasil José Sarney. A obra não possui posfácio.

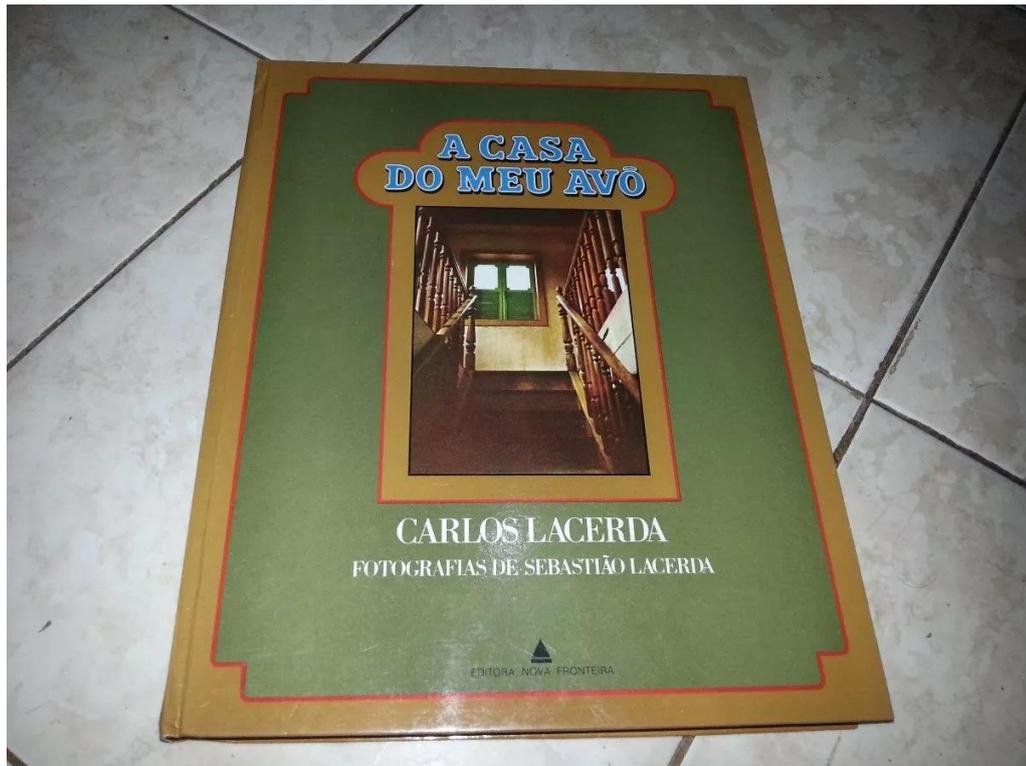
Começa-se pela capa da primeira edição escolhida pelo autor. Como pode ser observada na Figura 5, o livro era caracterizado por ele como “edição especial”, que seria vendida em um valor de C\$600 (moeda que circulava no país na época), e teve 20 fotografias exclusivas da família Lacerda, limitada a 1.500 exemplares e numerada para os membros da Confraria dos amigos do livro, além de capa dura, que remete aos clássicos já existentes.

A cor escolhida para a capa e a contracapa foi o verde musgo e o título da obra era azul claro, caracterizando, assim, a chácara localizada em Vassouras, município próximo ao Rio de Janeiro, que era uma região especial para os Lacerda: “a lealdade da família Lacerda ao município montanhoso igualava-se à lealdade que o povo de Vassoura demonstrava aos Lacerdas” (DULLES, 1992, p. 5). Seu avô morou nessa casa por muitos anos, era um dos lugares preferidos de Lacerda. O verde das árvores e o rio que passava ali perto era um dos atrativos daquele lugar, que era tomado pela calma, quando não havia reunião com políticos amigos locais para propor mudanças no país.

Na primeira edição, Lacerda não colocou na capa o subtítulo da obra, *Pensamentos, Palavras e Obras*, pois preferiu fazer a propaganda das fotografias exclusivas de seu avô,

Sebastião Lacerda. No centro da capa, há uma imagem de uma escada com uma janela antiga, provavelmente tirada na própria casa do seu avô. A capa reporta aos clássicos, fazendo acreditar que a obra seria de ficção, podendo até mesmo contar histórias factuais de seu avô, mas sendo apenas mais um romance, o que não harmoniza com o conteúdo da obra. Trata-se de um livro de memórias, uma autobiografia de um político-escritor que vivia dias custosos dentro do cenário político autoritário da época, proposto pelos militares.

Figura 5 - Capa da primeira edição da obra *A casa do meu avô*, publicada pela Editora Nova Fronteira em 1976⁴⁴⁷.



A contracapa da primeira edição, representada Figura 6, é uma continuação da capa, e a imagem colocada no centro é a mesma utilizada nas outras edições já publicadas da obra, exceto a edição comemorativa dos 40 anos da editora Nova Fronteira. A imagem é explicada pelo autor, no capítulo 6 da obra, intitulado *A roda e a folha*:

Os troncos das jabuticabeiras, gateados de castanho e branco, encaroçados ali onde vão nascer os frutos agarrados ao tronco, com galhos amputados de onde brota, rala, alguma vergôntea maninha, são como pernas de gente velha, seus caroços são varizes, mas são também como serpentes que endureceram no contato do ar e se tornaram cobras de cerâmica, de barro ressecado, cozido ao

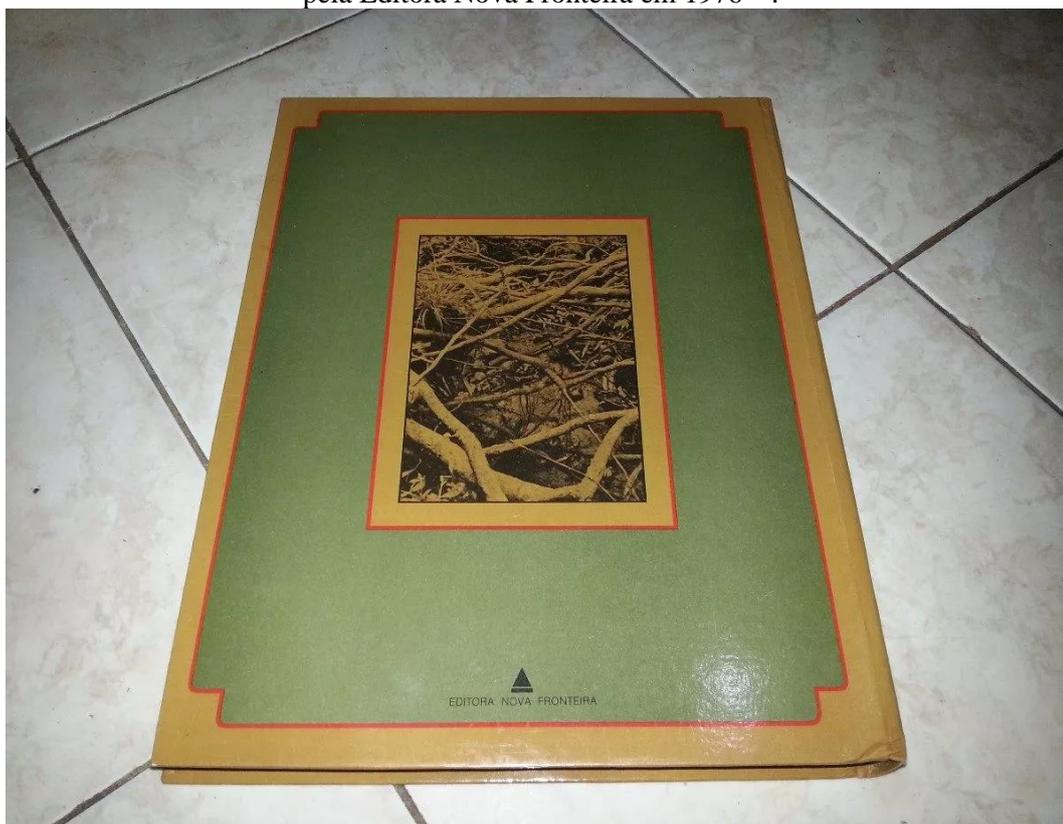
⁴⁴⁷ Foto retirada do site https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-688085372-livro-a-casa-do-meu-av-carlos-lacerda-edico-capa-dura-_JM). Acesso em 07/01/2020.

sol, como as panelas que fazíamos nos pequenos fornos de barro toscamente modelados. Chegamos a cozinhar feijão. E ainda mais extraordinário, conseguimos comê-lo p. 45).

A raiz é o órgão da planta que tem duas funções principais: servir como meio de fixação ao solo e como órgão absorvente de água. Ou seja, é uma das partes principais da planta, junto com o caule, que é o tronco da espécie, sendo, portanto, a base, o sustento daquela planta. Ter essas duas representações atrás do livro faz presumir que Lacerda quer admitir que ele ainda é atrelado a suas raízes, principalmente ao seu avô, e como alguns tipos de pensamentos ainda eram recriminados, Lacerda atribui a seu avô alguns pensamentos que também eram dele.

Quando se olha fixamente para o centro da imagem, há a impressão de ter um homem sendo esmagado por essas raízes e troncos, como se ele estivesse preso a elas, sem ter como sair. Era assim que Lacerda se sentia, “preso às raízes”, sem mobilidade. Isso porque a cassação de seu mandato o impedia de exercer a política e a censura proporcionada pela Ditadura Militar o limitava completamente.

Figura 6 - Contracapa da primeira edição da obra *A casa do meu avô*, publicada pela Editora Nova Fronteira em 1976⁴⁴⁸.



⁴⁴⁸ Foto retirada do site https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-688085372-livro-a-casa-do-meu-av-carlos-lacerda-edico-capa-dura-_JM). Acesso em 07/01/2020.

Nas próximas edições da obra, além da imagem dos troncos e raízes, há uma epígrafe que promete explicar a fotografia, comprovada na Figura 7: “... as veias à mostra de um grande corpo descarnado, o corpo da terra com seus pêlos eriçados na noite, amaciados pelos óleos do luar” (contracapa).

Figura 7 - Capa e contracapa da segunda edição da obra *A casa do meu avô*, publicada pela Editora Nova Fronteira, em 1977.



Fonte: acervo da autora.

Há também a colocação do subtítulo e das orelhas. As orelhas do livro foram produzidas por diferentes pessoas, literatos, pintores, artistas e amigos. Nomes como Carlos Drummond de Andrade e Gilberto Freyre fizeram questão de homenagear o político-escritor. Drummond escreveu:

Seu livro não tem apenas o valor de refletir uma funda emoção que se enriquece de reflexão: é também um despertador de vivências brasileiras, provocando ecos, recordações e revelações em todo leitor que também teve uma “casa do meu avô” e uma infância como parece não se usa mais, porque tudo é massificado ou proibido (inclusive subir na árvore).

Gilberto Freyre engrandece o trabalho de Lacerda: “Chestertonamente jornalista no seu modo de ser escritor - um dos maiores, dentre os modernos e até de todos os tempos, da língua portuguesa”.

Josué Montello foi um jornalista, professor, teatrólogo e escritor brasileiro. Em 1954, foi eleito para a cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras. Até a sua morte, era o integrante mais antigo da Academia, além de ter trabalhado no governo do presidente Juscelino Kubitschek. Luís Forjaz Trigueiros também trabalhou no mesmo período de Montello, sendo um ensaísta, cronista, jornalista e crítico literário português. Ambos disseram, respectivamente, que: “Carlos Lacerda restituiu às letras brasileiras, com “A casa do meu avô”, a arte de bem escrever. Uma obra original, apaixonante e profundamente poética. No quadro aparentemente sereno de uma chácara do interior, as primeiras emoções e sensações, a descoberta da vida e do mundo, os primeiros sonhos e as primeiras realidades”.

Paulo Rónai, dono de vários prêmios internacionais e nacionais da letra, assinou diversos trabalhos com Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, dentre outros, e fez interessantes observações:

Meditação antes que recordação, e depoimento de uma testemunha que é a um tempo um observador e um visionário, de um épico sobrepujado pelo lírico. Observar-se ainda que nalguns capítulos (“o salário do Pardal” e o “O pé de Seu Galvão”) aponta mais outra face de Carlos Lacerda, a de um humorista temível, pince-sans-rire irreverente que sabe rir de si e dos outros como poucos.

Já o escritor Glauco Carneiro comparou a obra ao clássico *Pequeno Príncipe*, que é uma obra literária do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry e que conta a história da amizade entre um homem frustrado por ninguém compreender os seus desenhos, com um príncipezinho que habita um asteroide no espaço. Lacerda, em várias passagens da obra, mostra essa mesma frustração: “Algumas passagens me despertaram a mesma emoção experimentada ao conhecer *O pequeno príncipe*”.

Fernando Pedreira afirma que *A casa do meu avô* é “um livro na linhagem de Romain Rolland⁴⁴⁹”. Maria Lúcia Pinho, uma excelente pianista do século XX, comparou: “... Uma linha melódica a lembrar Brahms em letras de forma”.

⁴⁴⁹ Romain Rolland foi um dramaturgo, romancista, ensaísta, historiador de arte e místico francês, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1915 “como uma homenagem ao elevado idealismo de sua produção literária e à simpatia e amor à verdade com os quais descreveu diferentes tipos de seres humanos”. Ele foi um dos principais apoiadores de Stalin na França e também é conhecido por sua correspondência e influência com Sigmund Freud.

E, por fim, e não menos importante, a pintora Maria Helena Vieira da Silva: “Há na sua maneira de ligar coisas muito distantes, umas às outras, uma forma de pensar que é rara entre os escritores. Existe na música. Gostaria de descobrir na pintura. Mas não há exemplo. Talvez não seja possível?”

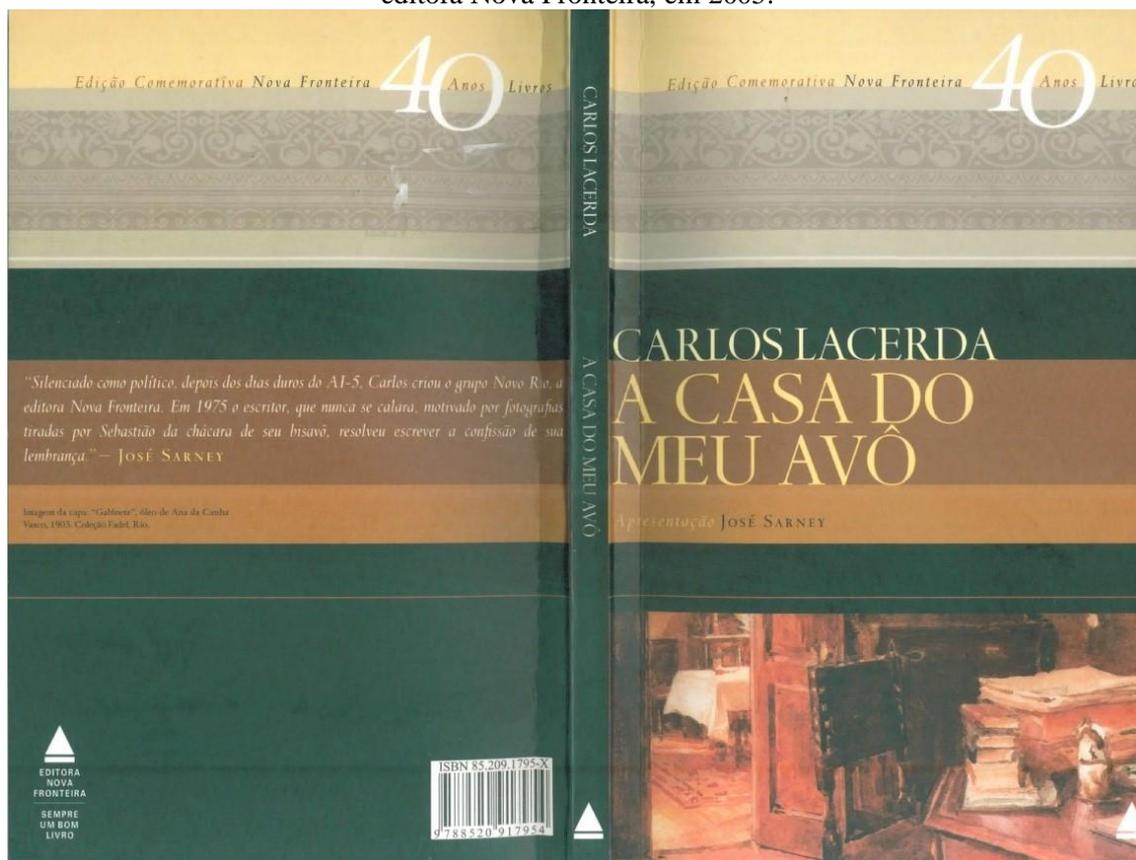
3.2.1 Edição especial: 40 anos da editora Nova Fronteira

A única edição que possui a capa e a contracapa diferentes é a comemorativa de 40 anos da editora Nova Fronteira⁴⁵⁰. A capa e a contracapa diferem-se das demais edições, como se pode ver na Figura 8. Há uma mistura de cores e imagens que deixam o livro com um aspecto mais sofisticado. Ressalta-se que a edição foi publicada em 2005, e há muitas mudanças tecnológicas que proporcionam essas inovações. Embaixo do título há uma pintura que ajuda a caracterizar a obra. Retrata-se uma casa antiga, com móveis e livros já desgastados, e provavelmente é uma arte que representa a antiga casa de seu avô, Sebastião. Na contracapa, em vez da fotografia das raízes e troncos, há um dos trechos relevantes do prefácio escrito pelo ex-presidente do Brasil, José Sarney⁴⁵¹: “Silenciado como político, depois dos dias duros do AI-5, Carlos criou o grupo Novo Rio, a editora Nova Fronteira. Em 1975 o escritor, que nunca se calara, motivado por fotografias tiradas por Sebastião da chácara de seu bisavô, resolveu escrever a confissão de sua lembrança”.

⁴⁵⁰ Informações presentes no final da edição: a obra teve a edição da Isabel Aleixo e Rodrigo Peixoto, a preparação de originais de Rachel Agavino, a revisão de Cecília Bandeira, Hugo Langone, Jancy Medeiros, Liciane Guimarães, a capa e o projeto gráfico de Victor Burton, diagramação da Arte das Letras, e produção gráfica de Lígia Barreto Gonçalves. Essa edição foi impressa em São Paulo, em novembro de 2005, pela Lis Gráfica e Editora, para a Editora Nova Fronteira.

⁴⁵¹ Foi o 31.º Presidente do Brasil, de 1985 a 1990. Durante a ditadura militar brasileira, foi eleito governador do Maranhão pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Em 1984, sai do partido e, junto com outros ex-membros, funda a Frente Liberal. Na eleição presidencial de 1985, Sarney é escolhido como candidato à vice-presidente na chapa encabeçada por Tancredo Neves, que vence a eleição, porém acaba tendo problemas de saúde pouco antes de tomar posse, falecendo em seguida. Desta forma, Sarney acabou assumindo a presidência de maneira definitiva.

Figura 8 - Capa e contracapa da edição especial comemorativa dos 40 anos da editora Nova Fronteira, em 2005.



A edição carrega um prefácio especial escrito por José Sarney. A relação deles era harmoniosa. Em uma entrevista da *Folha de São Paulo*, em 1997, Sarney afirmou que

Carlos Lacerda era diferente. Seu olhar era um raio forte. Tinha voz de barítono, e pronunciava as palavras com uma acentuada cadência grave, que esgotava os sons, articulando todas as sílabas até o fim, como se recitasse. Quando subia à tribuna, tudo parava. Ninguém se atrevia ao menor sussurro. Explodia o vulcão e se transfigurava. Seu olhar passava a ser de fúria, as frases saíam como um arremesso de flechas buscando alvos. Escolhia quem devia apartear-lo, para feri-lo sem piedade. Caso aparecesse algum ingênuo, para tentar interrompê-lo, fazia como fez com um esquecido deputado do PTB do Norte: “Retire-se do meu discurso. Fora. Para fora do meu discurso!...”⁴⁵²

No prefácio Sarney, faz questão de relatar a centralidade de Carlos Lacerda na política brasileira no século XX, fazendo uma contextualização dos fatos mais importantes da vida desse político-escritor. Inicia-se a narração, a partir da sua juventude. Ele considerava que Lacerda vinha do Partido Comunista, “Comunista na juventude, dos mais fanáticos, foi o leitor, com

⁴⁵² Entrevista concedida à *Folha de São Paulo* na sexta-feira, dia 09 de maio de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz090507.htm>. Acesso em 07/01/2020.

Prestes, do Manifesto da Aliança Liberal”, e, em seguida, Lacerda teve papel decisivo na derrubada do Estado Novo, com a publicação no *Correio da Manhã*, da entrevista com José Américo. Finaliza com sua participação ao Golpe Militar de 1964.

Alguns trechos são vultosos, como a forma que Sarney caracterizava o ex-político:

A face do jornalista e a do polemista confundiam-se. A inteligência criadora, que todos lhe reconheciam, fava espaço à permanente e necessária controvérsia. A palavra, escrita ou falada, era uma arma, a famosa “metralhadora giratória”, que atingia a quem estivesse na frente, em feridas terríveis e muitas vezes mortais (p. 8).

Em seguida, Sarney opina em relação a 1964. Acreditava que Lacerda havia sido silenciado como político depois dos dias duros do AI-5, e que a literatura lhe fazia bem. Apesar da censura, ele conseguiu escrever confissões de suas lembranças respectivas a vários períodos de sua vida política. Por último, Sarney faz uma análise da obra:

O avô recita poemas de Castro Alves, recolhe conspiradores (durante o governo de Artur Bernardes) na casa cercada pela tropa, tira da água os cisnes de celulóide, povoa a memória do velho de um outro tempo, inconformado com a presença da ideologia, com o afastamento da civilização cristã, preocupa-se porque “o Passos” - o Pereira Passos - “cismou de trazer pardais de Paris para o Rio”, lia pa a Isaura e o Zé Português os votos que iria proferir no Supremo Tribunal. A tia Colodina, Claudina que fora escrava, emerge da sombra da cozinha de telha vã como quando lhe deixava moer o café. O pai, o “socialista”, o “radical”, Maurício, aparecia em visitas rápidas, contestando a genealogia que os leva ao Forjas, a Dom Afonso, o Sábio, a Dom Fernando de La Cerda, ao Condestável Dom Nuno Álvares Pereira: o avô exercia a profissão de padeiro, e a ascensão do pai ao Supremo Tribunal fora “absolutamente republicana”. A Mãe, Olga, cantava enquanto dedilhava no violão versos de Gonçalves Crespo: Mestiça formosa, de olhar azougado... Movendo-se lentamente na luz que se filtra pelas árvores surge a Casa do meu Avô.... (p. 9).

Observar-se que Sarney também metáforiza as entrelinhas escritas por Lacerda. Ele também acreditava que o fato de Lacerda ter sido calado politicamente o fazia ter vontade de gritar para o povo brasileiro sua decepção em não ter as eleições de 1965, nas quais ele pretendia concorrer à presidência da República através da UDN. A produção literária era um meio de se alcançar a população brasileira. A literatura o ajudaria a ser novamente candidato.

Portanto, *A casa do meu avô* (1977,) pode ser considerada uma autobiografia, um livro memorialístico. Ela ajuda a defender a hipótese de que a literatura *lacerdista* estava sendo feita propositalmente para expor suas concepções sobre a política vigente. Dessa forma, com muito a acrescentar às revelações de um período conturbado da política brasileira, a Ditadura Militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho procurou-se comprovar a hipótese de que a literatura *lacerdista* produzida após o Golpe de 1964, até o falecimento de Carlos Lacerda em 1977, estava sendo feita para expor as concepções do político-escritor sobre a política vigente, mesmo em meio às censuras impostas pelos militares. Entre as obras escolhidas para atestar a referida hipótese, destaca-se a que é considerada o seu último suspiro, *A casa do meu avô*, uma espécie de autobiografia produzida em seu último ano de vida.

A obra carrega o peso de um sujeito que teve seus planos alterados após o Golpe Civil-Militar, apesar de o momento ter contado com sua participação. Lacerda não concorreria mais à presidência da República no ano de 1965/66 pela UDN, após, em um ato de protesto - a renúncia à candidatura -, enfraquecer ainda mais o partido. Suas decepções aumentaram com as restrições impostas por um governo de cunho ditatorial pelos conhecidos Atos Institucionais, que foram acabando com qualquer suspiro democrático ainda existente no país. Lacerda, como outros políticos, teve seus direitos políticos cassados, e é nesse período peculiar da sua vida que ele se propõe a escrever a obra *A casa do meu avô*.

A importância dessa obra se dá por diversos motivos. Era como se, pela primeira vez, ele tivesse conseguido falar tudo aquilo que lhe causava muita inquietação. Mesmo sabendo que correria o risco de ter a obra censurada, ele não deixou de publicá-la. Além disso, não deixou de fazer uma incansável campanha de venda de sua primeira edição. Os chamados “subentendidos” presentes na obra tendem a acrescentar muito ao contexto social e político de toda a sociedade da época. Portanto, ao serem analisados esses “subentendidos”, consegue-se compreender não apenas as suas individualidades, mas todo um período de grande relevância do país.

Evidencia-se que, apesar do Lacerda escritor não ser muito frequente, nem conhecido, é possível concluir que suas produções literárias são consagradas. Não apenas como escritor, mas também como tradutor Lacerda conseguiu ser um intelectual em destaque no seu período. Grandes nomes, como o do literato Carlos Drummond de Andrade, manifestaram suas opiniões e consideravam suas obras admiráveis.

O compromisso de Lacerda com as letras começou muito cedo, quando ele iniciou sua carreira jornalística nos fins dos anos de 1930. Trabalhou em importantes periódicos do país, sobretudo o seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*, que ele conseguiu fazer deste um veículo de exposição e de oposição aos governos, começando pelas críticas a quaisquer possíveis heranças *getulistas* ainda existentes no país.

Como foi visto e analisado, houve significativas mudanças na trajetória política de Carlos Lacerda. Até 1945, atuou no meio comunista. Acreditava que o PCB era uma boa opção para o país, influenciado pelos seus familiares (seus tios Fernando e Paulo e seu pai Maurício), que participaram intensamente do partido, além da ANL. Porém, as inúmeras tentativas de restabelecer a democracia, movido pelo ódio e indignação, que começou após a sua expulsão do PCB (Lacerda havia publicado, em uma notícia, a história do partido pela revista *Observador Econômico e Financeiro*, que havia sido encomendada pela DIP em comemoração ao aniversário do Estado Novo, “divulgando” alguns nomes e levando ainda mais a colapsos o PCB), que fez com que ele abandonasse de vez qualquer relação com a esquerda e fosse em busca de soluções para o governo. Então, ele participou da formação da UDN.

Lacerda foi o único jovem inexperiente no meio de grandes nomes políticos, mas com a fama de ser o “jornalista que conseguiu ultrapassar as barreiras da DIP”, alcunha conquistada após a entrevista concedida por José Américo a Lacerda, considerada como marco da queda do Estado Novo.

Oficialmente, o partido da “eterna vigilância” surgiu em 1945, e passaram a estimular manifestações pelo imediato restabelecimento da democracia. A UDN, portanto, marcou a sua guinada para a direita. Dentro do partido, Lacerda não é mais apenas um jovem jornalista ambicioso, tornando-se um político que tinha um grande espírito de liderança e fazendo jus a essa qualidade. Entretanto, em 1968, Lacerda foi cassado, não podendo exercer qualquer cargo político, como ele mesmo afirmou: “não podia nem mesmo falar de política”, e na necessidade de se restabelecer dedicou-se ainda mais à sua editora, *Nova Fronteira*, e às suas produções literárias, além das traduções.

Suas produções pós-1964, *Desafio e Promessa, o Rio São Francisco* (1964); *Uma Rosa, é uma Rosa, é uma Rosa, é uma Rosa* (1965); *Ideias políticas: Brasil entre verdade e a mentira* (1965); *Palavras e Ação* (1965); *O Cão Negro* (1971), *Em vez* (1975) e *A casa do meu avô* (1977) falam muito de política. Pode-se imaginar que seria inevitável que essas produções não fossem voltadas para críticas à política e aos políticos da época.

É evidente a importância dele para a política brasileira do século XX. Lacerda ficou conhecido como “o corvo” ou o “demolidor de presidentes”, pois teve caráter oposicionista em três importantes governos democráticos brasileiros, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, mas também com a Frente Ampla na Ditadura Civil-Militar. Ele carregava o peso de ter contribuído para o fim da era Vargas, da difamação de JK e da polêmica renúncia de Jânio Quadros, além da contribuição com o golpe que implantou a Ditadura no país e que se estendeu por longos 21 anos. Portanto, ele modificou o cenário político brasileiro.

Suas obras literárias podem ser consideradas manipuladoras, assim como as traduções, os paratextos, prefácios, posfácios e notas de rodapé. Viu-se que até a hora da publicação, as manchetes publicitárias e as entrevistas concedidas eram cronometradas. É compreensível que um grande articulador consiga, mesmo que apenas no inconsciente popular, influenciar aquilo que está sendo entendido. Se ele teve êxito ou não na repercussão das suas publicações, nunca se saberá. Lacerda faleceu antes da sua cassação acabar, e não há como saber se ele conseguiria ser eleito ao maior cargo da política brasileira, a presidência da República.

Dotado de uma inteligência atípica, uma escrita e oratória ímpares, reconhecidas até mesmo pelos seus adversários, Lacerda foi amado e odiado por muitos, e não tinha meio termo. Assim como outros nomes do século passado, teve seguidores fiéis que o idolatravam, independentemente de suas atitudes. Lacerda lutava por uma “democracia limpa”, peculiar. Muitos não o entendiam, assim como hoje. Mas, o que é fato, é que ele faria de tudo para chegar ao poder, e a política não foi escolhida à toa, como ele mesmo afirmou, em palavras encontradas epígrafe dessa dissertação: política é um meio de chegar ao poder. É essa vontade que vai fazê-lo passar por cima de tudo e de todos para conquistar seus planos, que falharam após ele ser “golpeado pelos militares”.

Ironia do destino. Lacerda foi “golpeado” após ter sido fundamental para que ocorresse o Golpe de 1964. De exímio escritor-político a admirador das flores, Lacerda queria ser lembrado e estudado (comprova-se essa afirmação diante dos mais de 60 mil documentos, registros, cartas, cartões, bilhetes, fotos, livros e recordações guardadas por ele e que hoje fazem parte do Arquivo Carlos Lacerda, na UNB, em Brasília). Essa dissertação visou a contribuir para os estudos da política do século XX, sobretudo, ao *lacerdismo*, de maneira peculiar, sobressaindo suas obras literárias, que até o momento possuem pouca relevância e destaque nos estudos dentro da academia brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARNT, Ricardo. **Jânio Quadros** – o prometeu de vida mariana. São Paulo: Ediouro, 2004.
- ARQUIVO de Obras Raras Carlos Lacerda. Brasília: Universidade de Brasília (UDN), Hemeroteca Digital da UnB.
- BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República, de 1961 a 1967**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **A UDN e o Udenismo**. A ambiguidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. **O governo Kubitschek** - desenvolvimento econômico e estabilidade política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BERSTEIN, Serge. **A Cultura Política**. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (Org.). BOJUNGA, Cláudio. **JK, o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva**: as duas almas do Partido Comunista. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Todavia, 2018.
- CONY & LEE, Anna. **O beijo da morte**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Visões do Golpe**. A memória militar de 1964. Rio de Janeiro: FGV/Ediouro, 2004.
- DELGADO, Márcio de Paiva. **O “Golpismo Democrático”** - Carlos Lacerda e o Jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964). Dissertação de Mestrado. UFJF, 2006.
- DELGADO, Márcio de Paiva. **A Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Tese de Doutorado. UFMG, 2013.
- DULLES, John W. F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FERREIRA, Jorge Luís. O carnaval de tristeza: os motins urbanos de 24 de agosto In: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. São Paulo: Relume, 1994.
- FERREIRA, Jorge (Org.). **O imaginário trabalhista**. Getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge (Org.). **O Populismo e sua história, debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Jorge (Org.). CASTRO, Ângela de. **1964 - O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GALBRAITH, John Kenneth. **O triunfo**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.

GASPARI, Elio. **Ditadura derrotada**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LABIN, Suzanne. **Em cima da hora: a conquista sem guerra**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.

LACERDA, Carlos. **A casa do meu avô**. Arquivo original. Guardada no Arquivo de Obras Raras Carlos Lacerda, 1976.

LACERDA, Carlos. **A casa do meu avô**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LACERDA, Carlos. **A casa do meu avô**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

LACERDA, Carlos. **Como foi perdida a paz**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LACERDA, Carlos. **Desafios e promessa: o rio São Francisco**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1965.

LACERDA, Carlos. **Em vez**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LACERDA, Carlos. **Ideias Políticas: Brasil entre verdade e mentira**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1965.

LACERDA, Carlos. **O Cão Negro**. Nova Fronteira, 1977.

LACERDA, Carlos. **Paixão e crime: o processo do Dr. Jaccoud**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1965.

LACERDA, Carlos. **Palavras e ação**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1965.

LACERDA, Carlos. **Rosas e pedras de meu caminho**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

LACERDA, Carlos. **Uma Rosa é uma Rosa é uma Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1965.

LACERDA, Cláudio. **Carlos Lacerda - 10 anos depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LACERDA, Cláudio. **Carlos Lacerda e os anos sessenta: Oposição**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LACERDA, Gabriel. **Meu tio Carlos Lacerda**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017.

MAGALHÃES, Juracy. **O último tenente: um depoimento**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MAGALHÃES, Mauro. **Carlos Lacerda: O Sonhador Pragmático**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **O demolidor de presidentes**. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p. 22.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas Políticas na História: Novos Estudos**. 2 ed. Belo Horizonte: Fino Traço (FT), 2009.

NETO, João Pinheiro. **Carlos Lacerda – um raio sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara de. **O candidato civil do PCB: a Trajetória Política do engenheiro Yêddo Fiúza (1930-1947)**. Dissertação de Mestrado. UFJF, 2012.

PEREIRA, Lauro Ávila (Coord.). **Série: Última Hora - ilustrações**. São Paulo: 1999.

QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo. **Jânio Quadros**. Memorial à História do Brasil. São Paulo: Rideel, 1996.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2 ed. FGV.

RODRIGUES, José Honório. **Carlos Lacerda: Discursos Parlamentares**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RODRIGUES, Leôncio Martins. *O PCB: os dirigentes e a organização*. 1986.

SHAKESPEARE, William. **Júlio César**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castello**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

TRIBUNA da Imprensa. Rio de Janeiro.

ÚLTIMA Hora. Rio de Janeiro.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.